

TESE

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA  
TEUTO-BRASILEIRA EM SÃO LOURENÇO DO  
SUL (DÉCADA DE 1980 ATÉ OS DIAS ATUAIS)

PAULO CÉSAR MALTZAHN

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Tese apresentada ao Programa de  
Pós-graduação em História, como requisito parcial  
para a obtenção do  
Grau de Doutor em História Cultural.

Orientador: Prof. Dr. João Klug  
Co-orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eunice Sueli Nodari

Florianópolis, 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Paulo César Maltzahn

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA  
TEUTO-BRASILEIRA EM SÃO LOURENÇO DO SUL  
(DÉCADA DE 1980 ATÉ OS DIAS ATUAIS)

Tese submetida ao Programa de História da  
Universidade Federal de Santa Catarina  
para a obtenção do Grau de Doutor em  
História Cultural

Orientador: Prof. Dr. João Klug

Co-orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eunice Sueli Nodari

Florianópolis

2011

Catálogo na fonte elaborada pela biblioteca da  
Universidade Federal de Santa Catarina

M261c Maltzahn, Paulo César

A construção da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul (década de 1980 até os dias atuais) [tese] / Paulo César Maltzahn ; orientador, João Klug. - Florianópolis, SC, 2011.

335 p. : il., mapas

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. Alemães - São Lourenço do Sul (RS) - Identidade étnica. 3. Brasileiros de origem alemã. 4. História oral. I. Klug, João. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU 93/99

Paulo César Maltzahn

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA  
TEUTO-BRASILEIRA EM SÃO LOURENÇO DO SUL  
(DÉCADA DE 1980 ATÉ OS DIAS ATUAIS)**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutor em História Cultural”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em História.

Florianópolis, 28 de julho de 2011.

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eunice Sueli Nodari  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. João Klug  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eunice Sueli Nodari  
Co-Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Isabel Cristina Arendt  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

---

Prof. Dr. Marcos Nestor Stein  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná



À minha mãe Iria





## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. João Klug

À banca examinadora

Ao Programa de Pós-graduação em História

À Universidade Federal de Santa Catarina

Aos entrevistados (especialmente)

Ao Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras

Aos meus colegas

Aos meus amigos

À minha família



## RESUMO

Esta tese analisa o processo de construção da identidade étnica teuto-brasileira na cidade de São Lourenço do Sul (RS) entre a década de 1980 e os dias atuais através de histórias de vida. Para essa compreensão, a pesquisa investiga as representações e os sentidos atribuídos pelos depoentes a “ser teuto-brasileiro” em São Lourenço do Sul no que diz respeito a aspectos culturais e sociais objetivos e a elementos subjetivos. A análise da pesquisa utiliza o apoio teórico no eixo etnicidade relacional – estudos sobre identidade étnico-cultural e a metodologia de História Oral. Os sujeitos entrevistados demonstram identificações na igualdade e na diferença, isto é, marcadores de pertença étnica, de um lado, vivenciados individualmente e, de outro lado, compartilhados no coletivo étnico. A definição atual da etnicidade teuto-brasileira em São Lourenço do Sul está relacionada a apropriações simbólicas convencionais e à produção de sentidos que cada depoente vivenciou na família e na comunidade étnica, o que caracteriza permanência e transformação da identidade étnica teuto-brasileira e uma negociação de sentidos individuais e coletivos. A redefinição do conjunto de identificadores étnicos teuto-brasileiros em São Lourenço do Sul está associada ainda, de um lado, ao próprio grupo étnico, ou seja, a auto-compreensão de sua identidade étnica e, de outro lado, à mercantilização da identidade, ou seja, a um apelo político-econômico pelo poder público.

**Palavras-chave:** Identidade étnica - teuto-brasileira - São Lourenço do Sul - História Oral



## ABSTRACT

This study analyzes the process of building a Teutonic-Brazilian ethnic identity in São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul state, from the 1980s to the present day by means of life stories. In this context, this study investigates the representations and senses attributed by the interviewees to what they mean by "being Teutonic-Brazilian" in São Lourenço do Sul concerning objective cultural and social aspects as well as subjective elements. The analysis is based on the theoretical and methodological framework provided by relational ethnicity, ethno-cultural identity and oral history.

The interviewees show identification on equality and difference; that is, markers of ethnicity, on the one hand, lived individually, and, on the other hand, markers shared in a collective ethnic identity. The current definition of Teutonic-Brazilian ethnicity in São Lourenço do Sul is related to conventional symbolic appropriations and the production of meanings that each interviewee experienced in family and ethnic communities. This characterizes the permanence and transformation of an ethnic Teutonic-Brazilian identity and the negotiation of individual and collective senses. The redefinition of the set of ethnic Teutonic-Brazilian identifiers in São Lourenço do Sul is still associated, on one hand, with the ethnic group itself (i.e. the self-understanding of their ethnic identity), and, on the other hand, with the commodification of identity (i.e. a political and economic appeal by the public authorities).

**Keywords:** Ethnic identity - Teutonic-Brazilian - São Lourenço do Sul - Oral History



## ZUSAMMENFASSUNG

In dieser Dissertation wird anhand von Lebensgeschichten die Konstruktion der ethnischen Identität von Deutsch-Brasilianern in São Lourenço do Sul (im Bundesland Rio Grande do Sul) analysiert, und zwar vom Beginn der 1980er Jahre an bis zum heutigen Tag. In diesem Zusammenhang werden von den Befragten gemachte Äußerungen und vorgenommene Begriffsbestimmungen erforscht, die in São Lourenço do Sul der Formulierung "sich als Deutsch-Brasilianer erkennen/verstehen" sowie verschiedenen soziokulturellen und auch subjektiven Aspekten zugrundeliegen. Die Analyse dieser Forschungsarbeit stützt sich auf die *relational ethnicity*-Theorie, auf Studien über ethnisch-kulturelle Identität und auf die Methodologie der *oral history*. Die befragten Personen dokumentierten Identifizierungen sowohl in der Gleichheit als auch in der Differenz, d. h. es gab Anzeichen für ein ethnisches Zugehörigkeitsgefühl, das einerseits von eigenem Erleben herrührte, und andererseits innerhalb der ethnischen Gruppe geteilt wurde. Die aktuelle Definition deutsch-brasilianischer Ethnizität in São Lourenço do Sul hat eine Beziehung zu konventionellen symbolischen Aneignungen und Sinnproduktionen, die von jedem Befragten in der Familie und in der ethnischen Gemeinschaft erlebt wurden. Das kennzeichnet eine Fortdauer und einen Wandel der ethnischen Identität der Deutsch-Brasilianer und ein Verständnis als Ergebnis einer Verhandlung im Bereich des individuellen und kollektiven Sinnes. Die Neudefinition der gemeinsamen ethnischen Identifikatoren der Deutsch-Brasilianer in São Lourenço do Sul ist auf einer Seite noch mit der eigenen ethnischen Gruppe verknüpft, d. h. das Selbstverständnis ihrer ethnischen Identität - und auf der anderen Seite mit der Vermarktung der Identität, d. h. mit dem politisch-ökonomischen Appell seitens der politisch definierbaren Gruppenzugehörigkeit.

**Schlüsselwörter:** ethnische Identität - Deutsch-Brasilianer - São Lourenço do Sul - *oral history*





## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa dos reinos germânicos (476).....	36
Figura 2 – Mapa da Europa Central - “O Império Alemão” (919-1125).....	40
Figura 3 – Mapa da Europa Central – Confederação Alemã (1815-1866).....	48
Figura 4 – Mapa da Europa Central – Alemanha (1945-1990).....	55
Figura 5 – Mapa da Alemanha e da Polônia atuais abrangendo a antiga Pomerânia .....	89
Figura 6 – Mapa Político do Rio Grande do Sul com a localização do município de São Lourenço do Sul.....	91
Figura 7 – Mapa do município de São Lourenço do Sul .....	112
Figura 8 – Grupo de Danças Folclóricas Alemãs <i>Sonnenschein</i> (traje típico pomerano) .....	198
Figura 9 – Programa da 4ª <i>Südktoberfest</i> (1991) (p. 1).....	221
Figura 10 – Programa da 4ª <i>Südktoberfest</i> (1991) (p. 2).....	222
Figura 11 – Programa da 21ª <i>Südktoberfest</i> (2008) (p. 1).....	223
Figura 12 – Programa da 21ª <i>Südktoberfest</i> (2008) (p. 2).....	224
Figura 13 – Roteiro do Caminho Pomerano .....	229
Figura 14 – Chegada ao rio São Lourenço.....	232
Figura 15 – Descendentes de “alemães” e/ou “pomeranos” a bordo do navio .....	233
Figura 16 – Desembarque no cais do rio São Lourenço .....	233
Figura 17 – Chegada à localidade de Picada Moinhos (Coxília do Barão) .....	234
Figura 18 – Programa do Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana (1858-2008) (p. 1) .....	235
Figura 19 – Programa do Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana (1858-2008) (p. 2) .....	236
Figura 20 – Programa da 23ª <i>Südktoberfest</i> (2010) (p. 1).....	241
Figura 21 – Programa da 23ª <i>Südktoberfest</i> (2010) (p. 2).....	242



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>21</b>
<b>1 A FORMAÇÃO DO POVO GERMÂNICO (ALEMÃO) E ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A IDENTIDADE ALEMÃ</b> .....	<b>31</b>
<b>2 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA TEUTO-BRASILEIRA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES</b> .....	<b>58</b>
<b>3 O PROCESSO IMIGRATÓRIO E HISTÓRICO EM SÃO LOURENÇO DO SUL</b> .....	<b>83</b>
3.1 A FORMAÇÃO DO POVO POMERANO E A POMERÂNIA .....	83
3.2 A COLÔNIA SÃO LOURENÇO .....	90
<b>4 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA TEUTO-BRASILEIRA EM SÃO LOURENÇO DO SUL: APROPRIAÇÕES SIMBÓLICAS E PRODUÇÃO DE SENTIDOS</b> .....	<b>114</b>
4.1 A RELIGIÃO LUTERANA .....	124
4.2 A LÍNGUA ALEMÃ .....	136
4.3 A ASCENDÊNCIA ÉTNICA/ORIGEM COMUM.....	164
4.4 O <i>REVIVAL</i> DA ETNIA "ALEMÃ" E/OU "POMERANA" NO CONTEXTO DO PODER PÚBLICO MUNICIPAL .....	193
4.4.1 O Grupo de Danças Folclóricas Alemãs <i>Sonnenschein</i> e a <i>Südktoberfest</i> .....	195
4.4.2 O Caminho Pomerano e o Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana .....	226
4.4.3 O poder público municipal.....	243
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>272</b>
<b>FONTES</b> .....	<b>283</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>288</b>
<b>OBRAS CONSULTADAS</b> .....	<b>303</b>
<b>ANEXO A – Projeto de ensino de língua alemã</b> .....	<b>307</b>
<b>ANEXO B – Projetos do Governo Municipal de São Lourenço do Sul</b> .....	<b>311</b>
<b>ANEXO C – A mensagem do prefeito municipal, a agenda cumprida e os resultados obtidos na viagem à Alemanha (2007)</b> .....	<b>328</b>
<b>ANEXO D – A formalização da parceria Sponheim-São Lourenço do Sul</b> .....	<b>334</b>



## INTRODUÇÃO

Neste trabalho analisaremos facetas da história do grupo étnico teuto-brasileiro, precisamente, a construção e formação da sua identidade étnica, no município de São Lourenço do Sul (RS), no período histórico compreendido entre a década de 1980 e os dias atuais.

O próprio termo “teuto-brasileiro” que permeia toda a análise aqui proposta não apresenta unanimidade na produção historiográfica sobre a construção da identidade étnica teuto-brasileira, sendo assim, cabe desde já discuti-lo. No decorrer da história da imigração alemã no Brasil, o termo “teuto-brasileiro” foi usado como categoria ideológica e sociológica. Para os germanistas (segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX), a palavra “teuto-brasileiro” está ancorada nas ideologias étnico-nacional alemã e do *jus sanguinis e do jus soli* e afirma uma dupla identidade, ou seja, o “teuto-brasileiro” pertence, de um lado, à nação alemã, compreendida como uma entidade étnica, lingüística e cultural e de outro lado, à pátria e ao Estado brasileiros, compreendidos como uma entidade territorial e política.

Enquanto que para Emilio Willems, a palavra “teuto-brasileiro” está fincada em teorias da antropologia cultural norte-americana. Nos estudos de Willems (1940,1946), o termo “teuto-brasileiro” é, portanto, empregado exclusivamente para designar a “marginalidade cultural”, pois segundo esse autor não se pode aplicar a palavra “teuto-brasileiro” aos descendentes de alemães que estão completamente assimilados<sup>1</sup>.

Segundo Roche (1969, p. 167), “é difícil, contudo, determinar o número dos que se chamaram a si próprios teuto-brasileiros, mas que conviria antes chamar ‘brasileiros de origem germânica’<sup>2</sup>.”

<sup>1</sup> Conforme Willems (1940, p. 78), “a própria designação ‘teuto-brasileira’ é confusa, pois ela abrange, indistintamente, a descendência étnica e a marginalidade cultural, fatos esses que, em inúmeros casos não coincidem. Brasileiros há que do alemão apenas tem algumas vagas marcas raciais, ao passo que outros conservam certos traços culturais. Estes seriam, sociologicamente falando, teuto-brasileiros, enquanto que, para aqueles, o termo teuto-brasileiro é tão inexpressivo quanto a designação luso-brasileiro para os descendentes dos portugueses [...]”. Ainda de acordo com esse autor, o termo “marginalidade cultural” expressa essencialmente a tentativa de conciliar a ideologia do *jus sanguinis* com a do *jus soli*. Devemos ressaltar ainda aqui que, segundo Voigt (2007), Willems (1946) reconhece os teuto-brasileiros como um grupo étnico próprio.

<sup>2</sup> Conforme Roche (1969, p. 167), “existem diferenças muito sensíveis entre as cifras propostas pelos diversos autores alemães ou brasileiros, visto que os elementos sobre os quais se apóiam não são nem sempre os mesmos, nem de fácil verificação, por exemplo, os relativos a ‘Kultur’. Convém retomar os algarismo que eles nos propõem, submetê-los a exame crítico e tentar

Na nossa pesquisa, no entanto, aparecem auto-definições mais “gerais”, como “alemão” e “pomerano” até mais “específicas”, a saber: “alemão-brasileiro”, “brasileiro de descendência/origem alemã”, “alemão ou pomerano”, “alemão-pomerano”, “brasileiro de origem pomerana” e “alemão-pomerano-brasileiro”. Assim, para os propósitos deste trabalho usaremos, portanto, o termo “teuto-brasileiro” para referir-se ao descendente de alemães do município de São Lourenço do Sul, cujo pai e mãe são de origem alemã e conservam alguns traços culturais do grupo étnico alemão. Uma “homogeneização” deste termo nos parece melhor, uma vez que os depoentes nunca justificam a categoria escolhida e nem mesmo as categorias mais “gerais” como “alemão” e “pomerano” estão claras para a maioria dos entrevistados, ora se identificando como “alemães”, ora como “pomeranos”, parecendo que tudo é a mesma coisa.

Ao narrarmos facetas da história do grupo étnico teuto-brasileiro, precisamente, a construção e formação de sua identidade étnica, é necessário, primeiramente, remetermo-nos ao povo germânico, a partir do qual o povo alemão se constituiu<sup>3</sup>. A questão em torno da identidade étnica dos imigrantes alemães e seus descendentes no sul do Brasil não é inédita, mas esta discussão ainda não acabou e talvez não acabará tão cedo. O descendente de alemães de São Lourenço do Sul é o foco da nossa análise, isto é, o objeto da pesquisa deste trabalho. O grupo étnico teuto-brasileiro manteve/mantém sua identidade étnica ao longo da trajetória histórica?

Para os germanistas (as lideranças intelectuais e econômicas do próprio grupo étnico) e alguns pesquisadores sobre a identidade étnica teuto-brasileira, os teuto-brasileiros constituíram-se, pelo menos até o período do Estado Novo<sup>4</sup>, em um grupo étnico relativamente homogêneo, mantendo a língua alemã, assim como alguns elementos culturais e sociais do povo alemão, enfim, o modo de vida transmitido pelo imigrante alemão de geração em geração ao longo do tempo, enquanto que, para outros pesquisadores, essa idéia de uma identidade teuto-brasileira homogênea está distante da realidade do processo de construção identitária desse grupo nesse período histórico, portanto,

---

estabelecer, com a maior precisão possível, a contribuição germânica para o desenvolvimento demográfico do Rio Grande do Sul.”

<sup>3</sup> Para os propósitos deste trabalho, o termo “germano” será usado para referir-se ao grupo ou grupos étnicos oriundos da Idade do Bronze que falavam línguas germânicas e ocupavam a chamada Germânia. A partir do período histórico do Reino dos Francos do Leste será empregado o termo “alemão” para designar os habitantes do “Império”.

<sup>4</sup> Para mais informações sobre o Estado Novo, ver Holanda e Fausto (2006) e Gertz (2005).

deve ser relativizada. Considerando o contexto histórico do período do Estado Novo e as transformações sócio-culturais desde então até os dias de hoje, a etnicidade teuto-brasileira se redefiniu, provavelmente, mantendo alguns identificadores étnicos, perdendo ou até transformando outros<sup>5</sup>.

O objetivo do nosso trabalho é o de investigar como uma faixa etária mais jovem, homens e mulheres entre 18 e 44 anos, reconstruem sua identidade étnica ao longo do tempo? Como se diferenciam diante dos “outros”? Quais critérios de pertencimento étnico marcam e são importantes para a sua sobrevivência?

Acreditamos na tese de que a definição mais recente da identidade teuto-brasileira, pelo menos, em uma faixa etária mais jovem, na qual focaremos a nossa análise, pode nos remeter a critérios de pertencimento étnico que, provavelmente, não estejam mais associados ao aspecto básico da etnicidade teuto-brasileira, ou seja, à idéia de ascendência étnica/origem comum.

A partir desta tese podemos então questionar, se uma faixa etária mais jovem de teuto-brasileiros ainda se define ou é definida por outros grupos étnicos como tais, isto é, se a identidade étnica teuto-brasileira ainda pode ser observada em uma faixa etária mais jovem ou este grupo étnico estaria se desintegrando? Para confirmar as questões acima, podemos fazer algumas indagações que envolvam aspectos objetivos e subjetivos, isto é, que envolvam características culturais e sociais objetivamente identificáveis e elemento subjetivos que remetam a um sentimento de vida em comum, a partir dos quais uma pessoa se auto-define ou é definida pelos “outros” como um teuto-brasileiro (ou não) no tempo presente.

O recorte cronológico inicial a partir da década de 1980 refere-se a um evento cultural, que marca, podemos dizer assim, o *revival* da etnia teuto-brasileira em São Lourenço do Sul, a saber: o “Primeiro Festival de Folclore Teuto e Gaúcho”, no ano de 1983. Nesse contexto, exploraremos ainda a questão da “mercantilização da identidade”, ou seja, focaremos nossa análise não só na auto-compreensão do teuto-brasileiro acerca de sua identidade étnica, mas também no olhar externo

---

<sup>5</sup> Para uma revisão bibliográfica sobre o processo de construção da identidade étnica teuto-brasileira, ver Willems (1940, 1946); Seyferth (1994, 1996, 2000, 2003); Gertz (1994, 1998); Tramontini (1997); Grützmann (1999); Meyer (1999); Arendt (2005); Silva (2005); Weber (2006); Witt (2008); Voigt (2009); entre outros. Mais particularmente sobre o processo de construção da identidade étnica “pomerana”, ver Bahia (2000); Droogers (2008); Gonçalves (2008) e Thum (2009).

que se faz desse grupo étnico, isto é, no apelo turístico pelo poder público municipal.

Desse modo, acreditamos existir um fio condutor para o que propomos neste trabalho sobre a construção e formação da identidade étnica teuto-brasileira, isto é, estudarmos facetas da história recente do grupo étnico teuto-brasileiro, em São Lourenço do Sul (RS), no período compreendido entre a década de 1980 e os dias atuais.

O tema e a problemática desta pesquisa nos remeterão a uma discussão não apenas na área da História, pois, pelas suas complexidades, só poderão ser devidamente analisados numa abordagem, até certo sentido, interdisciplinar, que será referenciada ao longo da reflexão analítica sempre que for o caso. Dialogaremos então, neste trabalho, com outros campos do conhecimento como a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia para enriquecer a narrativa histórica.

Conforme Morin (2000, p. 12),

a história deve ser concebida em toda a sua riqueza multidimensional, porque ela não é apenas constituída por acontecimentos, crises, bifurcações, mas também por mentalidades, processos econômicos e costumes, pela vida quotidiana e pelas relações que trava com a morte, o amor, a natureza.

A partir dessa perspectiva utilizaremos um apoio teórico no eixo etnicidade-identidade que concebe a identidade como algo construído na relação com o “outro”. Assim, a análise da nossa pesquisa encontra-se apoiada, preponderantemente, na teoria da etnicidade relacional e em estudos sobre identidade étnico-cultural a partir de autores como Barth (1969 apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998), Oliveira (1976), Conzen (1992) e Hall (1999).

A história do tempo presente, que tem como característica básica a presença de testemunhos vivos, suscita crescente interesse e inúmeros debates, cujos objetivos são o de definir metodologias, fundamentos e princípios desse novo enfoque historiográfico, justificado pela vontade de entender e reagir aos impactos das transformações aceleradas das últimas décadas. “Os marcos constituintes desse presente, no entanto, deverão obedecer à história vivida por cada região, nação, etnia ou grupo social [...]” (MULLER, 2007, p. 26). O centro da análise da nossa pesquisa é a etnia teuto-brasileira, “assim sendo, o *material* e



*social*, termos usados para definir o *real*, deixam a cena para dar lugar a noções embasadas na cultura e em suas diferentes formas de representação.” (MULLER, 2007, p. 27). Nesse sentido, podemos dizer que deslocaremos nosso olhar também para a subjetividade humana.

As facetas da história do grupo étnico teuto-brasileiro narradas no nosso trabalho enquadram-se, sem dúvida, na história do tempo presente, pois o ponto central desta pesquisa se encontra nas últimas décadas e o período estudado não está fechado. O seu grande desafio será o de subsidiar a análise dos depoimentos pessoais dos teuto-brasileiros, pois usaremos como metodologia de pesquisa a História Oral.

Na História Oral não existe um documento pronto. O pesquisador tem que construí-lo e a construção deste documento não é feita só pelo pesquisador. A História Oral pressupõe, em primeiro lugar, uma mudança de enfoque para a reconstrução da história no sentido de se visibilizar aspectos relegados por outras fontes, de se trazer à tona temas do cotidiano, de se fazer de pessoas comuns agentes construtores de história e de se reconstruir uma história multifacetada. Outrossim, usar as fontes orais para encontrar a verdade seria dar uma visão simplista para a complexidade do uso da História Oral. Entendemo-la antes como

uma fonte documental a mais para o trabalho do historiador e, como tal, sujeita aos mesmos cuidados que dedicamos a outros materiais, reconhecendo suas potencialidades e colocando sempre as questões advindas de nossas problemáticas de investigação. (FERREIRA, 1996, p. 20).

Mais do que buscar informações, dados, confrontos de idéias com o fim de verificar os fatos, a análise dos relatos de teuto-brasileiros terá como prioridade identificar e analisar as diferentes versões sobre acontecimentos, de maneira a perceber o impacto desses no indivíduo e através desse na sociedade.

Conforme Thomson (2002), a migração é um dos temas mais importantes para a História Oral, pois possibilita, entre outros aspectos, a abordagem de questões relacionadas tanto com os problemas enfrentados pelos migrantes em suas comunidades de origem quanto com os em suas comunidades de chegada.

De acordo com esse autor,

o testemunho oral e outras formas de histórias de vida demonstram a complexidade do real processo de migração e mostram como estas políticas e padrões repercutem nas vidas e nos relacionamentos dos migrantes individualmente, das famílias e das comunidades. (THOMSON, 2002, p. 342).

Ainda segundo Thomson (2002, p. 348), a História Oral é um meio muito importante para a compreensão do “interjogo complexo entre culturas introduzidas pelas minorias e as práticas dominantes da sociedade principal.” Conforme Ferreira (1994 apud MEIHY, 2002, p. 69), “a história oral nasceu e se desenvolveu extremamente vinculada à problemática dos estudos das identidades.” No que diz respeito à problemática sobre etnicidade, podemos a partir de relatos sobre práticas e traços culturais de imigrantes e descendentes na preservação de identidades, identificar com maior precisão, critérios de identificação étnica. De acordo com Cucho (2002, p. 182), “[...] para definir a identidade de um grupo, importante não é inventariar seus traços culturais distintos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural.”

As principais fontes sobre a questão e para a análise da identidade étnica teuto-brasileira podem ser encontradas, até então, em pesquisas de campo (observações) e na literatura teuto-brasileira (jornais, almanaques, romances, contos, novelas, poesias e na historiografia local). A discussão sobre a identidade étnica teuto-brasileira que apresentaremos no capítulo quatro deste trabalho tem como fonte principal entrevistas de História Oral (histórias de vida).

A História Oral articulando diálogos com outros documentos muito nos auxiliará a compreender as histórias de vida do grupo étnico deste trabalho, isto é, a construção e formação da identidade do grupo étnico teuto-brasileiro de São Lourenço do Sul (RS) da década de 1980 até os dias atuais. Em vista das transformações do processo histórico que envolve os membros dessa comunidade, provavelmente, há elementos culturais e sociais que mudaram e outros que continuam dando unidade ao grupo, que resistem, constituindo-se assim o núcleo da entrevista.

Nesse sentido, podemos dizer ainda que, embora o conteúdo de uma história de vida possa ser multifacetado, é o discurso da população teuto-brasileira avaliando o posicionamento do seu próprio grupo étnico, isto é, as histórias de vida dos teuto-brasileiros entrevistados

expressando uma forma de representação da história de todo um grupo étnico. A população teuto-brasileira de São Lourenço do Sul certamente tem uma história a contar. Uma história que, provavelmente, não é a mesma, pois ela começa em tempos e espaços diferentes no sul do Brasil, isto é, ela acontece em contextos diferentes, mas que certamente nos fornecerá um campo fecundo de pesquisa para problematizar os critérios de identificação étnica através da análise de traços culturais e da produção de subjetividades dos teuto-brasileiros.

De acordo com Meihy (2002), na História Oral a entrevista pressupõe um projeto de pesquisa bem elaborado, “[...] que reconheça sua intenção, determine os procedimentos e a devolução pública dos resultados.” (MEIHY, 2002, p. 89). Além disso, é importante que o pesquisador tenha claro os seus compromissos. Com respeito a isso, Portelli (1997) salienta que os historiadores orais, além de preservarem os princípios de cidadania e acadêmicos, devem ter a responsabilidade de seguir as normas e procedimentos na preparação das entrevistas, respeitando as informações delas provenientes quando as analisa e interpreta. Isso faz com que o autor desenvolva o que chama de ética do trabalho (comportamento do pesquisador), de ética da interpretação (conceito de verdade, relações entre subjetividade/objetividade no processo de transcrição, análise e interpretação das entrevistas) e de ética da restituição (o compartilhar dos resultados do pesquisador com o entrevistado).

No que diz respeito à ética da interpretação, o pesquisador a preserva à medida que reconhece o pluralismo e as múltiplas abordagens à verdade. Na prática, isso se realiza quando na(o) entrevista/texto coexistem a interpretação do pesquisador, do entrevistado e as interpretações que os leitores fazem.

Por fim, para que a História Oral possa ser um meio para a produção de conhecimento, isto é, propiciar o alcance dos objetivos de uma pesquisa, assim como um comprometimento com uma sociedade, é necessário, ainda segundo Meihy (2002), seguir certas regras que lhe são próprias:

A escolha do entrevistado (conhecimento prévio sobre a disponibilidade e interesse dos entrevistados);

O número de entrevistados (como a História Oral privilegia a análise qualitativa, para-se a entrevista quando os entrevistados começam a se repetir);

O estabelecimento de contato (o local deve ser escolhido preferencialmente pelo entrevistado, a entrevista deve ser marcada previamente, o entrevistado deve estar informado do tema e consciente

de seu papel, de que a entrevista será gravada e feita por sessões e de tudo que ele disser só será divulgado mediante sua autorização);

Os instrumentos de trabalho na entrevista (roteiro de acordo com os objetivos, gravador, caderno de identificação do entrevistado, o tempo de duração da sessão deve ser observado pelo rendimento e limites do entrevistado, privilegia-se perguntas abertas, pois evitam direcionar as respostas).

As entrevistas de História Oral (histórias de vida) que serão tratadas no capítulo quatro do nosso trabalho foram realizadas em língua portuguesa, em sua maioria, na residência dos entrevistados, entre maio e outubro de 2008. Os entrevistados, homens e mulheres (12 pessoas), entre 18 e 44 anos, descendentes de alemães, são habitantes da zona urbana do município de São Lourenço do Sul (RS).

Os contatos com os entrevistados foram feitos por nós ou através de nossos conhecidos ou dos entrevistados. Para a seleção dos entrevistados foram estabelecidos três critérios: o primeiro é que o entrevistado fosse de descendência alemã paterna e materna; o segundo é que o entrevistado fosse de gerações mais jovens e o terceiro é que o entrevistado residisse na zona urbana. No que diz respeito ao segundo e ao terceiro critério para a escolha dos entrevistados, acreditamos que teríamos um resultado previsível para pessoas de gerações mais velhas e para aquelas que residissem na zona rural, ou seja, presumimos que “eles” ainda “se sentiriam alemães” e que expressariam isso de maneira já abordada em estudos anteriores. Outrossim, gostaríamos de observar a narrativa das vivências de pessoas que nasceram após o fim da Era Vargas (1954), período político que remonta ao silenciamento efetivo do grupo étnico teuto-brasileiro.

Nesse sentido, podemos dizer que a construção e formação da identidade étnica teuto-brasileira, nesta pesquisa, estão ligadas ao recorte de etnia, gerações e espaços geográficos. Para a escolha da comunidade teuto-brasileira foi estabelecido um critério: que a comunidade teuto-brasileira fosse composta, na sua grande maioria, por descendentes de imigrantes alemães provenientes de uma mesma região da Alemanha, no caso, a Pomerânia<sup>6</sup>.

Na realização das entrevistas, depois de nossa apresentação e do objetivo principal da entrevista, isto é, do que se trata a pesquisa, os entrevistados foram solicitados a contar a história de toda a sua vida, sem privilegiar acontecimentos específicos. No entanto, apresentamos

---

<sup>6</sup> Devemos salientar aqui que o município de São Lourenço do Sul é formado não só por descendentes de alemães, mas também por pessoas de outros grupos étnicos.

ao entrevistado alguns aspectos que pudessem ser norteadores da entrevista, a saber: infância, adolescência, escola, família, amizade, trabalho, lazer, atividades culturais, religião, língua, origem, comida, vestuário, moradia, enfim usos e costumes da tradição alemã. Nós só interviemos quando o entrevistado interrompia a fala ou quando algum ponto importante nos chamou a atenção, de forma que o entrevistado pudesse emergir no tema e discorrer livremente sobre o mesmo.

A análise da identidade étnica teuto-brasileira, nesta pesquisa (capítulo quatro), terá, além das histórias de vida, também outras entrevistas de História Oral (especialistas) que colaborarão como fontes. Nesse contexto, foram entrevistadas autoridades, pesquisadores e historiadores locais, assim como pessoas interessadas nos assuntos relacionados aos temas imigração para São Lourenço do Sul, etnicidade e identidade (09 pessoas). Essas entrevistas foram, na maioria das vezes, mais uma conversa informal discorrida livremente sobre o tema. Em algumas entrevistas, porém, estabelecemos, previamente, alguns pontos pertinentes para o contexto desta pesquisa e que poderiam ser relevantes para a análise, outros pontos foram acontecendo então espontaneamente no decorrer da entrevista.

Chamamos a atenção ainda para outras “vivências” que poderão colaborar para a análise sobre a identidade étnica do teuto-brasileiro desta pesquisa. Nós somos de descendência alemã e oriundos do município de São Lourenço do Sul, onde vivemos até os 18 anos de idade e continuamos mantendo a relação Florianópolis-São Lourenço do Sul. Além disso, precisamos esclarecer que na realização da análise das entrevistas, nós não descartaremos a possibilidade de usar ou comparar o conteúdo das entrevistas com o conteúdo de fontes impressas, por exemplo, com o conteúdo de livros, revistas, jornais e artigos produzidos por pesquisadores da imigração alemã sobre a comunidade de São Lourenço do Sul, quando assim acharmos necessário, isto é, que serão utilizadas como complementos para a análise das entrevistas com o objetivo também de corroborar informações que possam não ter ficado suficientemente claras nas entrevistas. Nesse sentido, salientamos as publicações de Carlos Guilherme Rheingantz, Vivaldo Coaracy e Jairo Scholl Costa sobre o município de São Lourenço do Sul, que, de uma maneira ou de outra, procuram contribuir para a construção da identidade étnica dessa comunidade.

Por fim, documentos públicos não oficiais, como por exemplo, prospectos, folhetos, recortes de jornais, relatórios, brochuras, assim como a constituição do “Caminho Pomerano” (rota histórica rural) em São Lourenço do Sul poderão fomentar e colaborar, até certo sentido,

informalmente, para a análise das entrevistas. Nesse conjunto de fontes, sublinhando que a fonte principal são as histórias de vida, buscamos então analisar a construção e a formação da identidade étnica do teuto-brasileiro em São Lourenço do Sul. Outrossim, acreditamos que a pesquisa empírica, isto é, a análise de histórias de vida da população teuto-brasileira do município de São Lourenço do Sul terá muito a revelar acerca da identidade étnica teuto-brasileira.

O nosso trabalho está organizado em quatro capítulos.

No capítulo 1: **“A formação do povo germânico (alemão) e algumas reflexões sobre a identidade alemã”**, tratamos do povo germânico (alemão), especificamente, fazemos uma breve discussão sobre a sua formação, bem como algumas reflexões sobre o processo de construção da sua identidade ao longo da trajetória histórica. Este capítulo serve de suporte para chegar ao tema de nossa pesquisa sobre identidades construídas historicamente.

No capítulo 2: **“O processo de construção da identidade étnica teuto-brasileira: algumas considerações”**, focalizamos o grupo étnico teuto-brasileiro, especificamente, fazemos algumas considerações sobre o processo de construção e formação da identidade étnica do imigrante alemão e seus descendentes no sul do Brasil, apresentando uma rápida revisão bibliográfica e conceitual da identidade teuto-brasileira no sul do Brasil e procurando mostrar como a definição dessa identidade étnica vem sendo problematizada ao longo do tempo.

No capítulo 3: **“O processo migratório e histórico em São Lourenço do Sul”**, contextualizamos o município de São Lourenço do Sul, enfatizando o processo migratório e histórico nessa comunidade e apresentando o imigrante alemão e seus descendentes que para lá se dirigiram, particularmente, o “pomerano”.

No capítulo 4: **“A construção da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul: apropriações simbólicas e produção de sentidos”**, analisamos o processo de construção da identidade étnica dos teuto-brasileiros provenientes de São Lourenço do Sul através de relatos que eles fizeram sobre sua vida pessoal e social. Para isso, procuramos verificar e evidenciar as representações e sentidos atribuídos pelos entrevistados à sua identidade étnica no que diz respeito a aspectos objetivos e subjetivos, ou seja, os marcadores étnicos que ainda atrelam os teuto-brasileiros ao povo alemão.

## 1 A FORMAÇÃO DO POVO GERMÂNICO (ALEMÃO) E ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A IDENTIDADE ALEMÃ

*Was bedeutet nun Deutsch? [...] Im Ausdruck Hier wird Deutsch gesprochen bezieht sich Deutsch auf eine Sprache, in der Wendung deutsche Frauen, [...] auf ein Volk. Deutsche Lande bezeichnen ein geographisches Gebiet, deutsche Philosophie [...] Ausprägungen einer Kultur. In den Namen [...] Bundesrepublik Deutschland kommt Deutsch als staatlicher und politischer Begriff vor.*

(BERSCHIN, 1979, p. 10, grifo nosso).

Quando estudamos a identidade alemã surge uma questão problemática: o que significa afinal “ser alemão”? Na epígrafe acima, a palavra alemã(o) refere-se à língua, ao povo, ao país (território), à cultura e ao país (Estado-nação). Ao longo da história da Alemanha, esses conceitos aparecem sucessivamente, dentre os quais o mais antigo refere-se à língua<sup>7</sup>.

A palavra “alemã(o)” foi mencionada pela primeira vez no século VIII em latim *theodiscus* transformando-se em *Diutisk* (*Althochdeutsch*) no século XI e mais tarde para *Deutsch* (*Neuhochdeutsch*) com a tradução da Bíblia por Martinho Lutero (século XVI). Do nome da língua *theodisca* veio o nome dado ao próprio povo *theodisci*, isto é, a palavra alemã(o), primeiramente como forma para expressar a língua (*Deutsch*) de um povo (*deutsche Leute*) que habitava um território (*deutsche Lande*). No final do século XVIII através das artes, filosofia e ciência, a palavra alemã(o) tornou-se uma idéia para expressar a cultura alemã. Já não se falava mais de uma literatura bávara, por exemplo, mas alemã. O sentido de Estado como instituição social politicamente organizada foi criado em 1871 com a proclamação do Império Alemão, embora a palavra Alemanha como Estado Alemão aparece somente em 1949 com a criação da República Federal da Alemanha, pois as antigas organizações nacionais alemãs (*das Heilige Römische Reich Deutscher Nation* (768), *der Deutsche Bund* (1815), *das Deutsche Reich* (1871))

<sup>7</sup> Para mais informações sobre uma discussão destes conceitos, ver Berschin (1979).

tinham no nome oficial o nome do povo: *Deutsch* (alemã(o)). Segundo a Constituição Federal Alemã, a República Federal da Alemanha corresponde juridicamente aos estados que outrora compunham o Império Alemão. A tendência, hoje, portanto é de que o povo alemão se identifique como sendo o habitante e cidadão da República Federal da Alemanha. (BERSCHIN, 1979).

Neste capítulo faremos uma breve discussão sobre a formação do povo alemão no decorrer da história e algumas reflexões sobre o processo de construção da identidade alemã à luz dos conceitos acima.

A história da Alemanha começa com a formação do povo alemão no Império Romano. Poderíamos dizer ainda que a história alemã começa com as migrações dos povos germânicos e a queda do Império Romano. Os alemães nasceram do encontro entre os germanos e os romanos. Nesta discussão, que não acabou até os dias de hoje, questionamos constantemente, será que existe o povo alemão?

Na origem do povo alemão estão os povos germânicos. Assim, o povo alemão surgiu num processo que se estendeu por vários séculos até que ele formasse uma nação. Os germanos<sup>8</sup> eram formados por vários povos<sup>9</sup>, organizados em tribos, que falavam uma língua pertencente à família de línguas indo-germânicas e ocupavam uma região ao norte e centro da Europa denominada Germânia<sup>10</sup>.

A maior parte dos historiadores, desde Estrabão até Tácito, classificou as tribos germânicas baseado na origem genealógica, entretanto há divergências tanto no nome das tribos quanto nos grandes

---

<sup>8</sup> As primeiras referências aos germanos são do séc. I a. C.. O imperador romano Julio Cesar em *Commentarii de Bello Gallico*, livro VI, 50 a. C. registrou algumas observações sobre os germanos, mas esse povo foi conhecido, especialmente, pelo historiador romano Cornélio Tácito no séc. II. A obra de Tácito *De origine, situ, moribus ac populis germanorum, A Germânia*, escrita no ano de 98, trata-se de um ensaio geotecnográfico sobre a origem, a vida e os costumes dos povos germânicos dividido em duas partes. A parte geral da obra apresenta uma visão conjunta dos antigos germanos, fornecendo dados sobre a vida e os costumes dos diversos povos germânicos, bem como sobre a região onde viviam - aspectos físicos e psicológicos, caráter, hábitos alimentares, higiene, vestuário, moradia, lazer, divisão e disposição do/para o trabalho, noções de economia, justiça e guerra, crença, casamento, dote e aspectos geográficos da região. A parte especial particulariza suas numerosas tribos. Os povos germânicos documentados na obra de Tácito estavam organizados em comunidades tribais.

<sup>9</sup> Para uma relação dos vários povos germânicos e quais regiões dentro da Germânia eles habitavam, ver Raff (1985).

<sup>10</sup> À Germania os romanos se referiam como uma área geográfica situada além das fronteiras do Império: “Ao oeste da Germânia estava o rio Reno, no sul e no sudeste estendiam-se a cadeia dos alpes e o rio Danúbio. Bem ao leste, situavam-se as estepes polonesas, enquanto que o litoral norte da Germânia era banhado pelo mar do Norte e pelo Mar Báltico.” (OS GERMANOS..., 2002?).



grupos. A historiografia moderna utiliza as categorias geográfica e lingüística para classificar os povos germânicos. Riché (1952) e Lot (1952), adotaram a geografia, mas diferem nas suas classificações. Riché divide os germânicos em três grupos enquanto Lot os divide em dois grupos<sup>11</sup>. A classificação dos povos germânicos desenvolvida pela lingüística, tradicionalmente, divide-se em três dialetos, que atualmente está sofrendo uma nova divisão. A hipótese mais aceita pela historiografia foi formulada por Tácito que vê os povos germânicos como autóctones<sup>12</sup>. Para classificá-los, Tácito partiu da genealogia mítica em antigas canções, a única fonte de história e tradição escrita que existia entre os povos germânicos sobre sua origem.

[...] o deus Tuistão, gerado pela terra, e o filho Mano, como fundadores da nação. A Mano atribuem três filhos, de cujos nomes se originam os dos povos que constituem a totalidade da Germânia: os que ficam próximos ao Oceano chamaram-se ingevões; os do interior, herminões; e os outros, de localidade incerta, istevões. Mas há os que não se contentam com tão pouco e, multiplicando generosamente a capacidade procriadora de Mano, a ele concedem uma quantidade maior de filhos e, por conseqüência, de povos a que deram origem: marsos, gambrivos, suevos e vandilios. Ao certo, nada se pode afirmar. O que se sabe, com visos de verdade, é que o vocábulo Germânia, como designação do país todo, é recente e só há pouco foi adotado. Os que primeiro atravessaram o Reno, expulsando os gauleses, foram os atuais tungros, que então se diziam germanos. Estes constituíam, portanto, apenas uma tribo; e foi o nome dessa tribo que pouco a pouco se impôs, vindo por fim a designar a totalidade do povo e da nação. (TACITUS, 98, p. 12).

Diante disso a formação dos povos germânicos não é uma tarefa fácil para a historiografia. Na Idade do Bronze, por volta de 2000 a. C. formou-se um povo ou grupo de povos ao sul da Escandinávia,

---

<sup>11</sup> A historiografia divide os germanos em três grupos: germanos do leste, oeste e norte, que por sua vez são novamente subdivididos. (MÜLLER; KRIEGER; VOLLRATH, 1990).

<sup>12</sup> Para mais informações sobre o assunto acima, ver Sonsoles Guerra (1987).

incluindo a Dinamarca, e ao norte da atual Alemanha, os germanos, que influenciados, provavelmente, por mudanças climáticas, deslocaram-se a partir do século II a. C. até meados do século V, aproximadamente, mais para o sul, leste e oeste da Europa. As contínuas migrações, provocadas pelo esgotamento de terras, pelo crescimento demográfico e fuga diante dos povos mais poderosos, colocaram os germanos cada vez mais próximos dos romanos. Os primeiros contatos dos germanos com os romanos ocorreram no ano de 113 a. C., quando os germanos penetraram o Império Romano. Apesar dos romanos estarem, neste período, na defensiva contra os germanos, podemos falar em uma relativa relação pacífica entre esses povos.

Ao longo do tempo, novos contatos foram acontecendo. O governo romano estabelecia acordos com os povos germânicos, permitindo-lhes fixar dentro do *limes*<sup>13</sup> do Império Romano, onde recebiam terras para fundar colônias. Algumas vezes, muitos guerreiros eram contratados como mercenários pelos romanos e muitos germanos chegaram a ingressar no exército romano, atingindo inclusive postos de comando. O contato cada vez maior com o Império Romano, levou os germanos, gradualmente, a um afastamento de seu modo de vida tribal e a uma aproximação progressiva da estrutura econômica e administrativa, da hierarquia social, do sistema jurídico, da disciplina militar, da religião católica, da língua latina e da cultura dos romanos. Nesse sentido, as palavras do historiador austríaco Dopsch são relevantes, como observa Anderson (1982, p. 140-141):

O mundo romano foi gradualmente conquistado do interior pelos germanos, que nele foram penetrando pacificamente ao longo dos séculos, assimilaram a sua cultura, e se apoderaram até freqüentemente da sua administração, de tal modo que mesmo a eliminação do seu controle político foi apenas a consequência final de um moroso processo de transformação, como a retificação da designação de uma empresa cujo nome antigo deixou há muito tempo de corresponder aos diretores efetivos da casa... Os Germanos não eram inimigos ávidos de destruir ou aniquilar a

---

<sup>13</sup> O *limes* era uma linha de fortificações (550 km do Reno até o Danúbio) que os romanos construíram no final do século I para conter as invasões germânicas na fronteira. Em torno de 259, os germanos romperam o *limes* e a fronteira do Danúbio. (MÜLLER; KRIEGER; VOLLRATH, 1990).

cultura romana, pelo contrário preservaram-na e desenvolveram-na.

Até o século IV os germanos migraram de forma relativamente pacífica, mas a partir daí, a situação alterou-se, pois não mais desavenças de fronteiras envolveram romanos e germanos. Uma onda de migrações para o sul, leste e oeste da Europa, desencadeada pelo avanço dos Hunos vindos da Ásia Central Europa adentro, teve seu início, isto é, começou o período das grandes migrações dos povos (séculos IV-VI). No ano de 375, germanos de muitas tribos, perseguidos pelos hunos, irromperam em massa e de uma forma violenta para o interior do Império Romano do Ocidente, o que contribuiu para a desintegração desse Império no século V, no ano de 476, que se fragmentou em diversos reinos germânicos. Pouco a pouco, os diversos povos germânicos foram dominando diferentes regiões do Império e organizando-se nos territórios conquistados. Já por volta do século VII, quase todos os povos germânicos estavam estabelecidos em regiões da Europa e organizados em diversos reinos independentes. Estes reinos, entretanto, eram de curta duração, pois viviam em conflito entre si ou com novos invasores, dificultando assim aos povos germânicos constituírem uma nação<sup>14</sup>.

No mapa a seguir, podemos visualizar a distribuição dos territórios na Europa ocupados pelo povo germânico no ano de 476:

---

<sup>14</sup> Para mais informações sobre uma discussão do que seria uma nação ao longo da história, ver Hobsbawm (1991) e Geary (2005).



Figura 1: Mapa dos reinos germânicos (476)

Fonte: MÜLLER, Helmut; KRIEGER, Karl Friedrich; VOLLRATH, Hanna. **Deutsche Geschichte in Schlaglichtern**. Mannheim: Wien: Zürich: Meyers Lexikonverlag, 1990, p. 24.

Por um longo período os germanos e romanos formaram uma estrutura estatal dualista, isto é, conviveram segundo suas próprias leis e instituições. Com o passar dos anos foram se consolidando algumas características e evidenciando uma maior romanização ou germanização. Quanto mais próximos os povos germânicos estavam das regiões fronteiriças, tanto maior era a influência romana sobre os germanos. O resultado final da fusão dos legados romanos e germanos mais tarde, mais precisamente na época carolíngia, foi a formação do feudalismo ocidental.

As evidências, mesmo que não imprimam certeza histórica, nos permitem fazer inferências, tais como a de que as tribos germânicas, das quais o povo alemão nasceu, não teriam construído sua história social, econômica, política, cultural e religiosa sem o seu encontro com os

romanos. Nesse caso, poderíamos até falar de uma romanização, de um lado, ou até de uma germanização, de outro lado.

Os alemães pertencem aos povos germânicos, mas, provavelmente, nunca se tornaram nem bem germânicos, nem bem românicos. Os elementos originais, dos quais a história dos alemães nasceu, provavelmente, nunca foram completamente amalgamados, de modo que alguns elementos podem se sobressair a outros numa luta intermitente de um eliminar o outro. Assim, sempre podem aparecer, culturalmente, duas Alemanhas, uma mais cunhada por Roma e a outra pela Germânia e este hiato na história da Alemanha, certamente, nunca irá abandoná-la.

Nesse sentido, as palavras do historiador francês Gautier são importantes, como nota Freund (1985, p. 5):

Der Limes schneidet noch heute Deutschland in zwei Stücke, in Nord- und Süddeutschland, denen es nur schwer gelungen ist, zueinanderzufinden. Durch alle Jahrhundert seiner Geschichte hindurch hat Deutschland wegen des Limes oder durch den Limes zwei getrennte, einander widersprechende Seelen behalten, die schwierig miteinander zu versöhnen sind. Es hat ihm dadurch an Zusammenhalt, an Gleichgewicht gefehlt. Man könnte in gewissem Sinne sagen, der Limes sei die große Tragödie in der Geschichte Deutschlands<sup>15</sup>.

O movimento de unificação dos povos germânicos começou com a constituição do Reino Franco pelo rei Merovíngio Clóvis no ano 482. Clóvis unificou não só os francos, como também outras tribos germânicas. A unificação política foi acompanhada de uma unificação religiosa, isto é, da propagação do cristianismo. O Reino dos Francos foi assim o sucessor do Império Romano do Ocidente, estabelecia-se assim o que se viria a chamar Império Romano, depois Sacro Império Romano e mais tarde Sacro Império Romano da Nação Alemã<sup>16</sup>.

<sup>15</sup> “O *limes*, ainda hoje, divide a Alemanha em duas partes: Alemanha do Norte e Alemanha do Sul. O encontro de ambas Alemanhas aconteceu somente a muito custo. Ao longo de sua história, a Alemanha conservou duas almas divididas e mutuamente contraditórias por causa do *limes* ou através do *limes*, que dificilmente se reconciliariam uma com a outra. Em certo sentido, poderia-se afirmar que o *limes* é a grande tragédia na história da Alemanha.” (Tradução livre do autor).

<sup>16</sup> A denominação do Império sofreu variações ao longo dos seus 8 séculos (900 anos). O nome do Império era a partir do século XI Império Romano, do século XIII Sacro Império Romano e do século XV Sacro Império Romano da Nação Alemã.

O mais importante rei dos francos foi, no entanto, o Carolíngio Carlos Magno, o Grande, que assumiu o trono no ano de 768 e coroado pelo Papa Leão III como imperador romano no natal do ano 800. Carlos Magno unificou todos os povos germânicos e cultivou os usos e costumes e a língua e a literatura desses povos<sup>17</sup>. Nessa época, surgem os primeiros fragmentos poéticos (épicas) escritos em alemão (dialetos germânicos). A literatura “alemã”, no entanto, teve sua primeira florescência no século XII. A partir de então o latim foi sendo até o século XVIII gradualmente substituído pelo alemão. Como vimos anteriormente, a palavra alemã(o) foi mencionada pela primeira vez no século VIII e se referia aos dialetos germânicos falados na parte leste do Reino dos Francos. Antes que se formasse a língua alemã padrão havia os dialetos destes povos. E o povo alemão surgiu de uma fusão de diversos grupos étnicos, como francos, saxões, bávaros, turíngios, suábios, hesos, e essa é uma divisão geral, pois cada etnia subdividia-se ainda em unidades menores. Aos poucos foi se desenvolvendo e estabelecendo um sentimento de pertença entre os povos da parte leste do Reino.

O nascimento e a consolidação da identidade alemã ao longo da história aconteceram pelo encontro de vários fatores, como a etnia, a língua, a religião, fatos históricos (heróis) e geográficos (paisagens) e o “espírito” nacional (construção de intelectuais dos séculos XVIII e XIX). Alguns historiadores consideram a Batalha da Floresta de Teutoburgo (9)<sup>18</sup>, enquanto outros o Tratado de Verdun (843) como o marco da nação alemã<sup>19</sup>.

<sup>17</sup> O Reino de Carlos Magno abarcava os Pinineus até o rio Elba e de Roma até o mar do Norte. Ele conquistou a maior parte da Europa Central, o norte e o centro da Península Itálica, estendendo assim seu Reino até a Itália setentrional e os territórios de todos os povos germânicos.

<sup>18</sup> *Arminius*, o querusco, que mais tarde foi chamado de *Hermann*, a alemão, por Martinho Lutero vencera em 9 três legiões romanas na Batalha da Floresta de Teutoburgo. O fato de *Arminius*, o príncipe da tribo dos queruscos ter libertado algumas tribos germânicas que tinham se unido a ele nessa Batalha contra os romanos, tornou-se a partir do século XVI um mito, isto é, criara-se o primeiro herói alemão. (WIEGELS, 2009).

<sup>19</sup> Pouco tempo depois da morte de Carlos Magno (814), o Reino começou a se desintegrar devido a partilhas sucessórias. Após disputas entre os três netos de Carlos Magno, o Reino Carolíngio foi dividido formalmente, conforme o Tratado de Verdun, em três partes, ocidental, central e oriental. A divisão, entretanto, não pôs fim às lutas pelo controle do poder, ocorrendo algum tempo depois uma dispersão em vários reinos de uma parte do Reino Central e uma divisão do restante desse Reino entre o Reino Ocidental e Oriental. Mais tarde, aconteceu novamente uma união do Reino Ocidental e Oriental para pouco tempo depois ocorrer a desintegração total do Reino. Depois da morte do último rei Carolíngio do Reino dos Francos do Leste, Luis, O Menino, em 911 rompeu-se com o Reino dos Francos do Oeste. A fronteira política correspondia mais ou menos à fronteira lingüística entre o alemão e o francês, assim da

Nesse sentido, o historiador Wiegels (2009, p. 47) declara que:

Der Aufstand der Germanen war schon deshalb keine nationale Erhebung, weil es kein germanisches Gesamtbewusstsein, keine germanische Nation gab. Die deutsche Geschichte beginnt erst lange nach den Wirren der Völkerwanderung (ca. 375-568) und nach der endgültigen Teilung des Frankenreichs Karls des Großen (843) zu dem unter anderem der größte Teil des heutigen Frankreich und der späteren deutschen Lande gehört hatten<sup>20</sup>.

A partir do Reino dos Francos do Leste desenvolveu-se o Reino Alemão e a Alemanha atual. O “Império Alemão”, termo empregado então ao Reino dos Francos do Leste, fundou-se com a eleição do duque dos francos do leste Conrado I (911), considerado o primeiro “rei alemão”, o seu título oficial era Imperador Franco, mais tarde Imperador Romano<sup>21</sup>.

No mapa abaixo, podemos ver a distribuição dos territórios na Europa Central que formavam o “Império Alemão” no período histórico de 919 a 1125.

---

parte ocidental da França originou-se a França e da parte oriental a Alemanha. (MÜLLER; KRIEGER; VOLLRATH, 1990).

<sup>20</sup> “A revolta dos germanos não foi um levante nacional simplesmente pelo fato de não haver ainda uma consciência nacional germânica. A história alemã começa somente muito mais tempo depois da “confusão” da época das migrações dos povos (aprox. 375-568) e após a divisão definitiva do Reino dos Francos de Carlos Magno, o Grande (843) ao qual pertenceram, entre outras, a maior parte da França atual e dos territórios alemães tardios.” (Tradução livre do autor).

<sup>21</sup> Para mais informações sobre a formação do “Império Alemão”, ver Müller; Krieger; Vollrath (1990) e Haus de Geschichte (s.d.).



Figura 2: Mapa da Europa Central - “O Império Alemão” (919-1125)  
 Fonte: MÜLLER, Helmut; KRIEGER, Karl Friedrich; VOLLRATH, Hanna. **Deutsche Geschichte in Schlaglichtern**. Mannheim: Wien: Zürich: Meyers Lexikonverlag, 1990, p. 24.

Aos poucos, os habitantes do “Império Alemão”, onde a língua falada era o alemão (dialetos germânicos), foram acentuando e solidificando um sentimento de união. A palavra que a princípio denominava a língua (alemã) passou a caracterizar o povo (alemão) que a falava e, depois, a partir de meados do século X, a definir a região, na qual o povo que falava esta língua habitava: o “Império Alemão (Alemanha)”. A partir desse momento, os alemães começaram a sua história, mas não num Estado Alemão, mas sim no Reino dos Francos. Mesmo assim, parece que, a partir de então, a “Alemanha” passou a ter uma história própria<sup>22</sup>. Nesse Império, várias dinastias reinaram, entre as

<sup>22</sup> A fronteira ocidental do Império estabeleceu-se desde então (século X) e permaneceu relativamente estável, já a fronteira oriental do Império foi flexível ao longo dos séculos. No



dinastias carolíngias, otonianas, salianas, foi essa última que levou o Império ao seu ponto culminante no sentido de um governo imperial centralizado, mais especificamente de um Estado germânico unificado.

A partir da dinastia dos Hohenstaufen (século XII) iniciou-se um processo acentuado de divisão territorial que se estendeu pelo reinado das dinastias sucessoras e tornou o Império um arquipélago de incontáveis principados (século XIII). Esse processo atendia aos propósitos desagregadores dos príncipes, isto é, uma oposição à política centralizada dos monarcas. No século XVII, O Império estava fragmentado em centenas de territórios soberanos e segregado por duas religiões. Nesse contexto, a Áustria (século XVII) e a Prússia (século XVIII) surgem então como grandes potências dentro do Império, perdendo, mas também incorporando territórios que não pertenciam ao Império.

Assim, durante a maior parte de sua história, a Alemanha foi o território de pequenos reinos, principados, ducados, condados, bispados, abadias e cidades livres, dos quais a maioria pertencia ao Sacro Império Romano da Nação Germânica. Na segunda metade do século XVIII o Império era uma verdadeira colcha de retalhos, isto é, contava com 340 territórios independentes. Esse Império foi marcado por mudanças sociais, religiosas, econômicas e políticas e por conflitos, rebeliões e guerras que trouxeram para o Império anexações e possessões por um lado, mas também várias divisões e separações por outro lado, como a cessão de territórios à França e à Suécia e a perda da Suíça e dos Países Baixos.

De acordo com Geary (2005, p.31-32),

portanto, durante a Baixa Idade Média e o início da Renascença, a “nação” – assim como a religião, a família, a propriedade e o estrato social – proporcionava um dos meios em comum pelos quais as elites politicamente ativas se identificavam e organizavam ações colaborativas. Entretanto o sentimento de pertencer a uma nação não constituía o mais importante desses veículos.

---

ano 900, ela acompanha mais ou menos os rios Elba e Saale. Nos séculos seguintes, o Império foi ampliado em direção ao leste até o rio Oder, um movimento que só veio a estacionar em meados do século XIV e permaneceu mais estável até a Segunda Guerra Mundial, isto é, a fronteira oriental do Império estabeleceu-se com os povos eslavos. No momento de maior extensão territorial, o Império incluía o que são hoje a Alemanha, Áustria, Eslovênia, República Tcheca, oeste da Polônia, Países Baixos, Bélgica, Lichtenstein, Luxemburgo, leste da França, Suíça e partes da Itália central e setentrional.

Nem mesmo a identidade nacional comum unia o abastado e o necessitado, o senhor e o camponês, em uma forte comunhão de interesses. E os intelectuais e as elites sociais naturalmente não se identificavam pela projeção de suas identidades nacionais no passado remoto do período das invasões bárbaras. Pelo contrário, quando se voltavam para um passado distante em busca de vínculos, identificavam-se conscientemente com a sociedade e cultura romanas. Progressivamente, porém, a partir da Renascença, intelectuais da França, da Alemanha e do Leste Europeu começaram a se identificar com as vítimas da expansão imperialista romana, os gauleses, os germanos ou os eslavos. Essa transformação de identidade se deu em contextos políticos que determinaram seus rumos. [...] Na Alemanha, desde o século IX, alguns autores ocasionalmente aludiam a um povo alemão, mas, não havendo um estado alemão unificado, a identificação de uma tradição cultural alemã não implicava necessariamente uma tradição política correspondente.

A fragmentação territorial através do estabelecimento de Estados territoriais alemães, a Reforma Protestante e a Contra Reforma, isto é, uma Alemanha dividida pela política e pela religião, por outro lado, criaram as bases para uma língua e cultura alemã unificada, mais precisamente, para o nascimento da nação alemã. A língua alemã dividida pelos dialetos regionais derivados das diferentes tribos germânicas foi padronizada por Martinho Lutero através da tradução da Bíblia. A proclamação de novas idéias teológicas e religiosas difundiu ao mesmo tempo o uso e a propagação da língua alemã padrão, ou seja, de uma língua escrita para as diferentes variações dialetais do alemão. A língua alemã padrão, que tem sua origem nos dialetos escritos e falados em diversas regiões, mais especialmente, na região do *Ostmitteldeutsch* (alemão-central-oriental), contribuiu para que a identidade alemã se moldasse em torno de um núcleo. O Reformador Protestante teve certamente influência grande sobre o desenvolvimento da língua alemã padrão, marcando o início de um período importante no processo lingüístico e cultural que se estendeu até o final do século XVIII, quando a língua alemã padrão foi prestigiada pelos escritores, sobretudo, pelos clássicos, Goethe e Schiller. Ela era até então preponderantemente

usada na escrita, pois os alemães preferiam continuar falando seus dialetos regionais e ao mesmo tempo era desprezada pela nobreza e pelos intelectuais que preferiam o francês e o latim respectivamente. (ERNST, 2006).

No início do século XVI ressurgiu **A Germânia** de Tácito no cenário de um humanismo patriótico. O responsável por dar uma visão alemã à obra de Tácito foi o poeta-erudito Conrad Celtis, que em alguma parte afasta-se dela para exaltar as virtudes da floresta germânica. Nessa época, renasce não só a história germânica, mas também a geografia germânica. A floresta alemã era identificada como o cenário nacional autêntico, consolidando a idéia de pátria. Celtis e sua geração reimaginavam a floresta alemã, não como um lugar de barbárie, mas mais humano, “[...] como uma paisagem domesticada, cortada por terrenos cultiváveis e pomares, convivendo pacificamente com as cidades a sua volta [...]”, [ao mesmo tempo ela não perdia] “[...] a sua imunidade às seduções da vida nas cidades ao estilo italiano”, observada por Tácito na obra original. (SCHAMA, 1996, p. 105-106). Os bárbaros germanos transformaram-se então em seres virtuosos na imaginada floresta alemã, onde o cenário e a própria história se confundiam. O culto de *Arminius* e da pátria alemã marcando a origem do povo alemão permaneceu nas gerações seguintes. Muitos artistas movidos pelo Barroco e Rococó (Século XVII e XVIII) retratam a floresta alemã e os heróis germânicos com grandes sentimentos, como amor e fidelidade, em óperas, na literatura e nas artes plásticas. *Arminius* foi considerado o símbolo perfeito da identidade alemã fragmentada por centenas de estados territoriais. A paisagem alemã que arrebatou os humanistas patrióticos do século XVI, como Celtis e seus seguidores durante o século XVII até meados do século XVIII, no entanto, não se concretizou, pois a floresta alemã do passado, devastada pelas guerras (século XVII) e derrubada para a construção naval (século XVIII), só poderia ainda existir na lembrança. Em meados do século XVIII uma nova geração de patriotas entra na cena da vida cultural da Alemanha voltando-se à Germânia para reviver o culto da Batalha da Floresta de Teutoburgo. O poeta Friedrich Gottlieb Klopstock publicou uma trilogia épica inspirada na vida e morte de *Arminius*.

No final do século XVIII alguns intelectuais alemães são movidos por um nacionalismo despertado pelas idéias da Revolução Francesa. Na vida cultural alemã nasce então uma consciência nacional alemã, isto é, a idéia de uma nação alemã que não se tinha até então. “Nie zuvor war das Reich so desolat wie jetzt, im letzten Dritten des 18. Jahrhunderts [...]. Und gleichzeitig waren sie [die Deutschen] wie nie

zuvor auf dem Weg zu sich selbst, zu ihrer Identität als Nation<sup>23</sup>.” (SCHULZE, 1984, p. 212).

Nessa época, a burguesia intelectual alemã, até então um círculo pequeno e sem influência na Alemanha, procura romper com a aristocracia da corte, que segundo ela orientava-se por valores “sociais” da corte francesa em detrimento de valores “espirituais”, que seriam considerados autênticos e individualizariam um povo, nesse caso o povo alemão. A oposição desses dois sistemas de valores é definida pelos burgueses intelectuais alemães pelos termos “cultura” (valores espirituais) e “civilização” (valores sociais). Nesse terreno nasceram então as idéias que demarcaram a cultura alemã. Para esses intelectuais tanto a aristocracia, que era influenciada pelos costumes franceses, quanto mais ainda o povo alemão careciam de cultura, logo era preciso formar, emancipar e glorificar a cultura alemã, começando pela definição de valores culturais que remetariam ao “espírito” e ao “caráter” específico do povo alemão, mas “o que significaria afinal ser alemão”? Para tratar dessa questão começou-se pela promoção da língua alemã, que até então, como já vimos antes, era desprezada pelos intelectuais alemães. A língua alemã encontrou nesse momento um lugar privilegiado, isto é, uma posição acima dos dialetos regionais, do latim e do francês. Nesse contexto Elias (1994) trata dos conceitos de “cultura” e “civilização” a partir dos quais se defronta com significados próprios no contexto alemão, precisamente, no que diz respeito à noção de *Kultur* como uma idéia essencialista e particularista de cultura<sup>24</sup>.

Segundo Elias (1994, p. 25),

[...] o conceito de *Kultur* reflete a consciência de si mesma de uma nação que teve de buscar e constituir incessante e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual, e repetidas vezes perguntar a si mesma: ‘qual é, realmente, nossa identidade?’.

A identidade nacional alemã foi sendo então afirmada e constituída com bases no conceito de “cultura” que valoriza os aspectos intelectuais e artísticos em detrimento de aspectos políticos e

<sup>23</sup> “O Reino nunca esteve tão desolado como no final do século XVIII [...]. E ao mesmo tempo os alemães nunca estiveram como nesse momento no caminho para a sua identidade nacional.” (Tradução livre do autor).

<sup>24</sup> Para mais informações sobre os conceitos de “cultura” e “civilização”, assim como sobre a mentalidade, o comportamento, o espírito, o caráter, o *ethos* nacionalista, o sentimento, as idéias e os valores dos alemães, ver Elias (1994 e 1997).

econômicos. A nação cultural precedeu, portanto, a nação política, pois o povo alemão nesse período ainda estava dividido em múltiplos principados e não tinha uma unidade política. Conforme Cuche (2002, p. 28), “a cultura aparece como um conjunto de conquistas artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio de uma nação, considerado como adquirido definitivamente e fundador de sua unidade.”

O processo de legitimação da unidade alemã consistia, finalmente, na discussão e formulação das idéias da burguesia intelectual acerca de termos como povo, pátria, nação, língua, bem como sobre literatura, teatro e música. A associação entre o povo, o “espírito” e a língua alemã ofereceu então um argumento convincente a favor da cultura alemã. O escritor Gotthold Theodor Lessing afirma

[...] o nacional, a autonomia política e cultural [...] com base na valorização de um *ethos* cultural, de uma fisionomia moral estruturante de um sentido de ‘pertencimento’ que evoca a nação. (apud PAULA, 2008, p. 219-220).

O mais expressivo e influente defensor de uma cultura alemã própria, isto é, a expressão da alma do povo alemão (*Volksgeist*) e de uma memória popular foi o poeta Johann Gottfried Herder que defendia uma cultura enraizada na paisagem natal e na vida autêntica das aldeias, isto é, na essência da história real germânica. Nesse sentido, a literatura e as artes plásticas do fim do século XVIII e início do século XIX transformaram o carvalho num verdadeiro mito.

O Sacro Império Romano da Nação Germânica sucumbiu definitivamente em 1806 quando foi ocupado pelo exército de Napoleão Bonaparte com a renúncia do último imperador Francisco II.

Nesse período, o sentimento de unidade nacional crescia entre os alemães, despertado pelos pensamentos do Humanismo e do Iluminismo e pelas idéias do Romantismo, particularmente por uma acentuada interpretação da noção de *Kultur*. O conceito de nação e pátria faz então parte do horizonte desses intelectuais. A palavra chave que impregnou os patriotas alemães nesta época encontra-se nos versos do poeta Ernst Moritz Arndt: “Was ist des deutschen Vaterland? Soweit die deutsche Zunge klingt!”<sup>25</sup>. Para o poeta todos que falam a língua alemã devem ser reunidos numa mesma nação e numa mesma pátria. Nesse sentido, as idéias do filósofo Johann Gottfried von Herder foram essenciais para o

<sup>25</sup> “Qual é a pátria dos alemães? Até onde a língua alemã soa!” (Tradução livre do autor).

processo de construção da nação alemã, como observa Aguiar e Silva (1968, p. 435): “[...] a nação é um organismo dotado de espírito próprio, espírito que se desenvolve ao longo do tempo, mas que não se modifica na sua essência, e que constitui a matriz de todas as manifestações culturais e institucionais da nação”, assim como também as idéias do filósofo Johann Gottlieb Fichte que dirigiu-se à Alemanha com o ideal: “Das Reich ist der Bund der Freien”<sup>26</sup>, como nota Zettl (1997, p. 46).

Em 1812 os irmãos Grimm começaram a publicar fábulas e contos de fadas que foram reunidos na obra intitulada *Kinder- und Haus-märchen* e em 1813 a obra *Altdeutsche Wälder* (antologias de poesia medieval, lendas e fábulas, historietas, piadas, provérbios, canções, guias do folclore de plantas e flores) acreditando que o conteúdo de suas histórias documentasse a essência da cultura alemã. (SCHAMA, 1996).

Enquanto os românticos buscavam o sentimento de pertença dos alemães a uma nação (a um povo, a uma língua e a uma cultura) através de suas raízes históricas encontradas em lendas e cantos populares, por exemplo, na saga *Nibelungen* (epopéia nacional), os humanistas e iluministas ansiavam por um Estado nacional e liberal com um parlamento e uma constituição contra as potências monárquicas conservadoras.

Além disso, este sentimento de unidade nacional entre os alemães foi estimulado e intensificado pela experiência da ocupação napoleônica e pelas guerras de libertação contra Napoleão (1799-1815), no sentido, não só de cultura original, mas também superior e étnica, isto é, de um povo de mesma origem.

As Guerras de Libertação trouxeram condições favoráveis à disseminação do nacionalismo alemão, que é legitimado pelos patriotas alemães não só na vitória como também na derrota, pois para eles o povo alemão tinha uma falta de sentimento nacional e ainda estava longe de “sentir-se alemão”, logo deveria ser despertado e desenvolvido nele um sentimento patriótico para que ele “se sentisse mais alemão”. No contexto da Guerra, isto é, durante e após a Guerra permaneceu o sonho coletivo: a construção da nação alemã, que renasce na mente dos patriotas alemães na forma de uma idealizada Alemanha baseada numa mesma língua, história e “espírito” comuns. Nesse contexto, clubes esportivos e estudantis tomaram espaço na vida de jovens universitários onde afirmavam o seu “ser-alemão” através de poesias, músicas e discursos nacionalistas (patrióticos) e anti-francês. No entanto, eles

<sup>26</sup> “O reino é a união dos livres.” (Tradução livre do autor).

tiveram pouca influência no resultado final da Guerra que foi vencida pelo Exército Alemão<sup>27</sup>.

A Batalha da Floresta de Teutoburgo como evento que marcou o nascimento da nação alemã e *Arminius* como o herói que libertou e uniu os germanos dos romanos surge então em 1808 por ocasião das Guerras de Libertação. Muitos alemães continuavam a relacionar a história de *Arminius* com nascimento da nação alemã que se tornou uma parte importante do nacionalismo alemão. A ópera intitulada A Batalha de Hermann do poeta Heinrich Von Kleist foi escrita com o intuito de convidar os alemães às armas contra os invasores franceses. Finalmente, o rei prussiano Frederico Guilherme III intimou e mobilizou a população alemã fisicamente e psicologicamente a defender a sua pátria, isto é, a entrar em guerra contra o inimigo francês.

Nesse sentido, o período das guerras de libertação contra Napoleão evidencia que a

[...] national identity is ‘produced’ for the discursive strategies, the process of imparting nationalist thinking and acting, the forms and functions of its cultural practice, but also for the supporters of those national ideas and for their interests.<sup>28</sup> (ECHTERNKAMP, 2005, p. 13).

Após a derrota definitiva de Napoleão Bonaparte, os Estados vencedores reuniram-se no Congresso de Viena (1814-1815) e estabeleceram uma nova ordem na Europa, mas a aspiração de muitos alemães a um Estado nacional ainda não se concretizava. O Sacro Império Romano da Nação Germânica foi substituído pela Confederação Alemã, formada por 39 soberanias territoriais representados na Dieta de Frankfurt am Main sob a hegemonia da Áustria e da Prússia.

No mapa a seguir, podemos ver a distribuição das soberanias territoriais na Europa Central que formavam a Confederação Alemã no período histórico compreendido entre 1815 e 1866.

<sup>27</sup> Para mais informações sobre as guerras de libertação contra Napoleão, ver Echternkamp (2005).

<sup>28</sup> “[...] identidade nacional é ‘produzida’ pelas estratégias de discurso, pelo processo de transmitir o pensamento e a ação nacionalista, pelas formas e funções de sua prática cultural e também pelos adeptos dessa idéia de nação e seus interesses.” (tradução livre de João Veríssimo, aluno do curso de Letras Inglês da Universidade Federal de Santa Catarina).



Figura 3: Mapa da Europa Central – Confederação Alemã (1815-1866)

Fonte: MÜLLER, Helmut; KRIEGER, Karl Friedrich; VOLLRATH, Hanna. **Deutsche Geschichte in Schlaglichtern**. Mannheim: Wien: Zürich: Meyers Lexikonverlag, 1990, p. 144.

As idéias de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa não tinham ainda se consolidado até agora na Alemanha. Monarquias absolutistas ultraconservadoras nos Estados alemães impediam quaisquer tentativas de unificação nacional e desenvolvimento econômico da população alemã. (SCHULZE, 1984).

Os anos entre 1815 e 1848 foram um período marcado por muitos movimentos revolucionários que, apesar de diferenciados, possuíam em comum idéias de unidade e liberdade no campo político, econômico e social. Em 1848 estourou uma revolução nacional e liberal popular que rejeitava a Confederação Alemã e reivindicava um parlamento nacional eleito pelo povo e a elaboração de uma nova constituição para a Alemanha. A unificação alemã, de um lado, era desejada pela burguesia que a ligava ao progresso econômico e social; por outro lado, pelos nacionalistas que a remetiam a laços culturais, étnicos e ao amor a terra alemã. A idéia de nacionalidade alemã atingiu nesse momento sua força mais expressiva. (SCHULZE, 1984).



Para o sociólogo Wilhelm Heinrich Riehl “a *Heimat* é muito mais que um sentimento patriótico: é uma topografia física com costumes e linguajares específicos – em suma, as lembranças próprias da Alemanha, enraizadas em seu solo.” (SCHAMA, 1996, p. 123). A preservação da floresta alemã, ainda que representasse um atraso econômico e social da Alemanha, era fundamental para a vida da nação. O centro da cultura popular alemã encontra-se, pois na floresta e o seu habitante “[...] a personificação da autenticidade étnica, arraigada como as árvores no solo antigo da terra natal.” (SCHAMA, 1996, p. 123). A obra de Riehl: **A história natural do povo alemão** publicada entre 1851 e 1853 é “[...] uma tentativa de inventar uma sociologia do habitat naquele país, numa linguagem admiravelmente poética.” (SCHAMA, 1996, p. 123). A influência de Riehl alcançou vários setores na Alemanha, contribuindo, por exemplo, para instituir a silvicultura como disciplina acadêmica e científica na Universidade de Munique. Após sua morte em 1897, o caminho que abria na floresta alemã se bifurcava em dois. Enquanto em um caminho a floresta alemã era considerada por expoentes da silvicultura estatal, além de uma fonte de renda, um elemento essencial do caráter alemão, no outro, jovens ultranacionalistas nos passos de Riehl, que desprezava o materialismo urbano dos burgueses e exaltava a natureza, ansiavam por “[...] uma comunidade rural idealizada e imutável, que a modernidade industrial não conseguira prostituir.” (SCHAMA, 1996, p. 127).

Apesar do fracasso, pois a unificação da nação pleiteada pelo povo alemão através de laços culturais e étnicos mais uma vez não se concretizava, a Revolução de 1848 deixou claro que as velhas monarquias não correspondiam mais aos ideais e as necessidades dos novos tempos.

Ainda que após a Revolução de 1848 surgiram novas correntes teóricas e movimentos políticos e sociais de caráter liberal que reivindicavam a construção de um Estado alemão democrático, os fundamentos político-culturais da unificação alemã surgiram, no entanto, no contexto de um movimento contra-revolucionário, isto é, conservador.

Otto von Bismarck, então primeiro ministro do Reino da Prússia (1862-1890), assumiu o movimento de unificação alemã, acrescentando ao nacionalismo um matiz político e econômico inspirado em filósofos e historiadores da “Escola Histórica Alemã”, como também em uma geopolítica criada a partir da Obra de Friedrich Ratzel. Bismarck, portanto, não descidia dos humanistas patrióticos, iluministas liberais e românticos idealistas, pois era um aristocrata conservador, autoritário e

favorável a uma monarquia centralizada e que para alcançar a unificação alemã conduziu uma política expansionista, militarista e pró-guerra:

- Em 1864 venceu uma guerra contra a Dinamarca com a finalidade de anexar os territórios (ducados) de Schleswig e Holstein.
- No ano de 1866 derrotou a Áustria, pois rejeitou sua monarquia com muitas nacionalidades.
- Em 1867 dissolveu a Confederação Alemã, em seu lugar surgiu a Confederação Alemã do Norte, que reunia todos os Estados ao norte do rio Reno, logo em seguida essa Confederação foi apoiada, ainda que sob tensão, pelos outros quatro Estados do sul da Alemanha (Confederação Alemã do Sul).
- Em 1871, conquistou o território da Alsácia e da Lorena numa guerra contra a França, depois da qual os Estados do sul da Alemanha uniram-se aos do norte, constituía-se assim o Império Alemão (*II Reich*).

Nesse sentido, conforme o historiador Treitschke (apud FONTANA, 2004, p. 229), “o conceito de estado implica o conceito de guerra, já que a essência do estado é a potência. O estado é o povo organizado em potência soberana.”

Em 18 de janeiro de 1871 o rei Guilherme I da Prússia foi proclamado Imperador Alemão pelos outros príncipes alemães e Otto Von Bismarck presidiu a nova organização política como chanceler imperial (1871-1890). Assim surgiu um Reino poderoso no centro da Europa, que conheceu um grande desenvolvimento industrial, conquistado por Bismarck não com “armas patrióticas”, mas a “sangue” e “ferro”. A unificação da Alemanha, portanto, não resultou da vontade do povo alemão, mas da vontade dos príncipes com a hegemonia do Reino da Prússia, que não correspondia aos grandes ideais de unidade e liberdade e não era a pátria de todos os alemães, pois a Áustria estava excluída, entre outros motivos, por causa de seu multietnicismo. A identidade nacional alemã afirma-se no final do século XIX em um pensamento conservador e agressivo, pois O Império Alemão era um Estado Imperialista e militarista. (SCHULZE, 1984).

A ideologia nacionalista alemã que tem suas raízes fincadas no Romantismo Alemão (nação cultural), mas também no movimento

reacionário ao domínio napoleônico (nação política), ancora-se mais para o fim do século XIX em teorias evolucionistas e raciais<sup>29</sup>.

O culto de *Arminius* e da floresta alemã continuou e cresceu de tal maneira durante o século XIX que podemos falar de uma ressurreição nacional e espiritual. Em 1839 concebeu-se um monumento em sua homenagem, concluído em 1875, portanto quatro anos após a unificação alemã. Na comemoração desse evento “[...] publicou-se um livro oficial, com litografias coloridas e efusivos poemas laudatórios, identificando [...] Guilherme I como o sucessor de *Arminius* [...] o fator da unificação e da liberdade nacional.” (SCHAMA, 1996, p. 121). Guilherme I, o rei que unificou a Alemanha em 1871 foi então considerado o novo *Arminius*, o libertador da Alemanha e a França a nova Roma.

O processo de identificação da nação alemã com o Protestantismo já tinha iniciado antes de 1871, no entanto, foi fortalecido com a constituição do Império Alemão, pois o Imperador definiu-se como protestante e considerava o Catolicismo como antinacional, assim como a maioria da burguesia intelectual, que possuía uma posição privilegiada no movimento nacionalista alemão, acentuado especialmente no período da “luta cultural” (*Kulturkampf*) após 1871. Nesse contexto, devemos ressaltar o culto de Martinho Lutero:

O reformador foi visto e comemorado como herói nacional tendo defendido a Alemanha contra o Papa e o Catolicismo. Nessa perspectiva, a Reforma foi celebrada como pré-história da unidade nacional alemã. Por ocasião do 400º aniversário de seu nascimento, em 10 de novembro de 1883, teriam sido pronunciados quarenta mil discursos na Alemanha sobre os méritos do reformador; foi criada uma Fundação Lutero para financiar os estudos de universitários filhos de pastores e professores e foi construída e inaugurada uma enorme quantidade de monumentos em honra de Lutero. A referência a Lutero e a uma tradição nacional protestante servia também para distinguir, na história e na atualidade, segundo uma construção maniqueísta, os que favoreciam o surgimento da nação e os que se opunham e esse. (HAUPT, 2008, p. 84)

---

<sup>29</sup> Para mais informações sobre este assunto, ver Silva (2005), Seyferth (2003), Hackbarth (2005) e Sousa ([entre 2000 e 2008]).

Ainda que os católicos alemães se encontrassem nessa época em uma situação sócio-cultural e religiosa difícil, pois tinham que ser inseridos em uma tradição nacional definida pelo Império Alemão como protestante, promoveram contra Martinho Lutero o culto de Bonifacio para marcar o nascimento da nação alemã com a introdução do cristianismo.

Bonifacio [...] era celebrado como aquele que, durante o século VIII d. C., recebeu do Papa Gregório II a missão de cristianizar as províncias alemãs. Nessa ação missionária, foi assassinado - segundo a lenda - por pagãos da Alemanha do Norte. A ação missionária e civilizadora e o martírio eram, na perspectiva católica de Bonifacio, um bom exemplo da eficácia e da longevidade da luta católica para a unidade da Alemanha. Uma Associação Bonifacio foi criada em 1849 para apoiar os católicos que viviam em diáspora na Alemanha, e já em 1855 celebrava-se o 1000º aniversário da morte de Bonifacio. Kuhlemann constatou que esse culto do missionário contribuiu, certamente, para aumentar a consciência nacional dos alemães católicos. (HAUPT, 2008, p. 85).

Mais tarde, a Primeira Guerra Mundial contribuiu, certamente, para conciliar os católicos alemães com a nação alemã, mas uma união mais forte entre católicos e protestantes ocorreu, principalmente, após 1918, na Alemanha a partir de “[...] uma definição que remonta até as origens da nação alemã e sublinha a ligação de sangue e raça entre seus membros.” (HAUPT, 2008, p. 90). O nacionalismo alemão que, no entanto, já tinha tomado outra direção no final do século XIX, isto é, formulado-se de maneira exclusiva e definido-se a partir da origem étnica, oferece agora “[...] as armas e [sugere] os inimigos para o nacional-socialismo.” (HAUPT, 2008, p. 90).

Antes e depois da Primeira Guerra Mundial já aparecem em obras de arqueologia e pré-história, “[...] a idéia de uma raça biologicamente pura e inviolada, tão ‘natural’ para o seu solo quanto as espécies autóctones de árvores e flores [...]” (SCHAMA, 1996, p. 127). Em 9 de novembro de 1918 dissolveu-se o Império Alemão e a República de Weimar foi proclamada em Berlim pelo dirigente do partido social-

democrata Friedrich Ebert. Em 11 de agosto de 1919 entrou em vigor a Constituição de Weimar, sendo Friedrich Ebert, o primeiro presidente da República. Nos termos do Tratado de Versalhes em 1919 a Alemanha perdia, entre outros territórios, a Alsácia e a Lorena à França, a Prússia Ocidental e a maior parte da Província Prussiana de Posen à Polónia. (FREUND, 1985). Assim a tão almejada busca pela unidade alemã ainda não tinha sido alcançada.

A República de Weimar foi um Estado frágil e com dificuldades de se manter, pois não tinha sido desejada pela maioria da população e da massa política alemã, que provinham de uma tradição imperial e de uma mentalidade antiga com uma herança autoritária e obediente e aos quais faltava identificação com a instituição republicana com um sistema político de democracia parlamentar. Os alemães se opunham à República, que a viam como uma desordem econômica, confusão e o resultado da perda da Guerra, isto é, com um sentimento de fraqueza, inferioridade, humilhação e hostilidade. A República de Weimar e as fortes sanções econômicas, perdas de territórios e autonomia militar que foram impostas à Alemanha pelo Tratado de Versalhes foram interpretadas como que para dismantelar o Estado alemão. Além disso, crises econômicas, desemprego e miséria levaram movimentos e organizações, tanto na classe dos trabalhadores quanto na classe média, a entrarem em “ação”.

Em 1933, com o apoio da extrema direita, Adolf Hitler foi eleito chanceler. O novo parlamento aprovou a lei dos poderes especiais permitindo a Hitler controlar todos os aspectos da vida alemã e criar o *III Reich*. O desejo da Alemanha de buscar uma revisão do Tratado de Versalhes fez com que os alemães se engajassem contra as imposições desse Tratado e reascendessem a esperança da almejada reconstrução da pátria. Foi estabelecido então a ditadura de Hitler, um estado centralizado e totalitário (*III Reich*), que substituiu a constituição liberal de Weimar. O Partido Nacional Alemão lhes oferecia uma forma de satisfazer sua nostalgia do tempo passado. A população alemã voltou-se então a questão nacional e conceitos de povo e território errigiram-se a partir de uma série de mitos. A nação alemã se confundia com a raça ariana, a qual o povo alemão pertencia. Nas comemorações do cinquentenário do monumento de *Arminius* (1925) milhares de ultranacionalistas marcharam em sua direção “[...] como se estivessem marchando sobre a democracia de Weimar.” O inimigo, dessa vez, era “[...] toda a tradição iluminista do liberalismo humano.” (SCHAMA, 1996, p. 125).

A ressurreição dos elementos da história mítica – *Arminius*, o pai nacional e espiritual – e da floresta natal na tentativa de uma reafirmação germânica culminou após 1933, portanto, na época do nazismo quando invadiram praticamente a vida artística e política alemã associados a um nacionalismo hostil e racista. Os livros **A floresta na cultura alemã** (1934) de Karl Rebel e **Floresta alemã, povo alemão** (1935) de Julius Kober, por exemplo, que consideravam a floresta como a origem do povo e da nação alemã foram lidos por muitos alemães. Nos anos de 1938/1939, a Alemanha anexou ao seu território a Áustria pelo fato de sua população ser de origem germânica, a região dos Sudetos (Boêmia e Morávia), uma região com minoria étnica alemã anteriormente incorporada pela Tchecoslováquia, assim como o resto da Tchecoslováquia

Após seis anos de guerra, a rendição incondicional da Alemanha em 8 de maio de 1945 pôs fim ao *III Reich*. Os aliados reduziram a Alemanha às fronteiras anteriores ao início da contenda e ainda destinaram uma parte de seu território à Polônia, como uma forma de compensar as terras ocupadas pela União Soviética até os rios Oder e Neiß. A Alemanha foi dividida em quatro zonas de ocupação. Em 1948 a Grã Bretanha, os Estados Unidos e a França uniram suas zonas de ocupação e estimularam os alemães a formar um estado democrático. A URSS, por sua vez, criou um estado socialista. Em 1949 foram formados dois estados alemães: A República Federal da Alemanha e a República Democrática Alemã. (MÜLLER; KRIEGER; VOLLRATH, 1990).

No mapa abaixo, podemos visualizar a distribuição dos estados territoriais na Europa Central que formavam a República Federal da Alemanha e a República Democrática Alemã no período histórico entre 1945 e 1990.



Figura 4: Mapa da Europa Central – Alemanha (1945-1990)

Fonte: MÜLLER, Helmut; KRIEGER, Karl Friedrich; VOLLRATH, Hanna. **Deutsche Geschichte in Schlaglichtern**. Mannheim: Wien: Zürich: Meyers Lexikonverlag, 1990, p. 312.

Na Alemanha do pós-guerra a relação entre a memória mítica da floresta alemã e o nacionalismo tornou-se então estremecida. A história antiga e medieval do povo germânico fez parte de assuntos controversos e tabus. A sua lembrança provocara na Alemanha uma angústia espiritual e um sentimento de rejeição. Nessa época, surge então na esquerda a política verde alemã contra o industrialismo desenfreado e os danos causados à floresta pela emissão de dióxido de enxofre. Na década de 1980, o termo “morte da floresta” se tornaria a palavra-chave

do ambientalismo verde. Nesse contexto, vários intelectuais e artistas tocaram nas cicatrizes da Alemanha até abrirem de novo suas feridas. O artista pós-moderno Joseph Beuys afirmou “[...] praticar a *Verwaldung*: o florestamento como redenção” (SCHAMA, 1996, p. 133), o que significaria tornar o mundo, as florestas e os ambientes semelhantes às florestas. O mais expressivo memorialista do mito primordial da Alemanha, o mito de *Arminius* e da paisagem alemã, no entanto, foi o artista plástico Anselm Kiefer, que com seu trabalho envolveu a identidade nacional e a memória coletiva, assumindo um compromisso com o mito nacional e a lembrança do passado germânico numa espécie de exorcismo nazista, embora fosse considerado por alguns intelectuais e artistas ambíguo e ainda hoje seja visto com desconfiança. Por algum tempo, Kiefer retomou várias vezes “[...] a *Hermanns-Schlacht* como símbolo primordial da identidade cultural alemã” (SCHAMA, 1996, p. 137) em sua busca pela lembrança da paisagem alemã.

A Batalha da Floresta de Teutoburgo analisada a partir da revolta dos germanos contra os romanos (século I), da obra de Celtis contra a influência da cultura italiana - mais especificamente no contraste entre Germânia (floresta) e Roma (cidade) – (século XVI), da obra de Herder contra a influência da cultura francesa - mais especificamente contra o modo afrancesado dos alemães - (século XVIII) e do nacionalismo militante de Hitler com o intuito de revitalizar os antigos mitos e tradições germânicas (século XX) evidencia como personagens e fatos históricos são construídos e nacionalizados, isto é, como a história pode ser inventada. Além disso, podemos evidenciar também no contexto acima o papel da memória na criação da identidade nacional.

De acordo com Geary (2005), a idéia de que a “nação” se encontra fundada em um passado remoto e de que existe uma “etnia pura” na Europa não procede. Na obra **O mito das nações: a invenção do nacionalismo** (2005), o autor acima derruba a tese de que os “mitos nacionais” fundamentam o “nascimento das nações européias” e de que os povos europeus teriam se formado durante as grandes migrações, pois para esse autor os povos estão em constante transformação.

O governo da República Democrática Alemã caiu em 9 de novembro de 1989 e em 3 de outubro de 1990 foi dissolvido esse Estado e seu território anexado a República Federal da Alemanha. A Alemanha se reunifica. (TATSACHEN..., 1996).

O povo germânico esteve, portanto, por muito tempo dividido em pequenas e maiores unidades e, por conseqüente, uma definição precisa do conceito de etnia alemã hoje não é uma tarefa fácil. Cada etnia desenvolveu-se historicamente diferenciando-se uma da outra com uma



vida própria bastante intensa. De um lado, estas diversas etnias não se identificam com a população dos diversos estados alemães hoje, pois um estado alemão pode absorver mais de uma etnia germânica. De outro lado, a expulsão de milhões de alemães das regiões do leste europeu após 1945, levou alguns grupos étnicos, como por exemplo, os silesianos, prussianos orientais e pomeranos a viver hoje em meio a outras etnias. Ainda que as diversas etnias germânicas não mais existam na sua concepção original, podemos ainda hoje perceber pelo povo alemão a composição destas etnias através de suas tradições e de seus dialetos, bem como de traços do seu comportamento, por exemplo, o mecklemburguês é considerado fechado, o suábio econômico, o renano alegre e o saxão diligente. (TATSACHEN..., 1996).

No capítulo dois, faremos algumas considerações sobre o processo de construção e formação da identidade étnica do povo alemão no contexto das migrações, mais particularmente, sobre a identidade étnica teuto-brasileira no sul do Brasil.

## 2 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA TEUTO-BRASILEIRA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo abordaremos o processo de construção e formação da identidade étnica do emigrante de origem alemã e seus descendentes no sul do Brasil à luz de uma liderança intelectual e econômica interna ao próprio grupo étnico teuto-brasileiro e de pesquisadores sobre identidade étnica teuto-brasileira.

Os primeiros imigrantes alemães no Rio Grande do Sul foram assentados numa feitoria do Estado situada no vale do Rio dos Sinos em 1824<sup>30</sup>. A fundação da colônia<sup>31</sup> de São Leopoldo, um empreendimento considerado bem sucedido, tornou-se assim o marco da imigração alemã no Brasil. A partir de então, a imigração alemã é feita de modo sistemático e estreitamente vinculada ao sistema de colonização, através da implementação da pequena propriedade agrícola familiar, que tinha por objetivo, além da ocupação territorial (povoamento)<sup>32</sup>, desenvolver a policultura com mão-de-obra familiar voltada para a produção de alimentos. (SEYFERTH, 2000a).

---

<sup>30</sup> As motivações para a imigração alemã no Brasil, em termos bem gerais, encontram-se tanto na natureza sócio-econômica (superpopulação rural, direito de sucessão, impostos altos, fracionamento demorado das terras e industrialização), política (revolucionários de 1848 e minorias teutas do leste europeu), ideológica e religiosa quanto na eficácia da propaganda dos agentes do governo brasileiro e das companhias de colonização pela iniciativa governamental como também mais tarde pela iniciativa privada. (SEYFERTH, 2000a).

<sup>31</sup> A palavra “colônia” tem a princípio dois significados: ela pode referir-se à zona rural (linha/picada) e à pequena propriedade rural de cada colono, mas pode ter ainda um sentido mais abrangente que inclui a zona urbana. Nesse sentido a palavra “colônia” remete à comunidade étnica dos imigrantes alemães e seus descendentes, isto é, à *Heimat*, à pequena pátria alemã construída no Brasil. A denominação colônia alemã, inclusive nos dias atuais, “[...] refere-se às nacionalidades dos fundadores, à formação de sistemas culturais específicos e à persistência subjetiva das identidades associadas à origem nacional.” (SEYFERTH, 2008, p. 250). Do mesmo modo, a palavra “colono” pode englobar tanto uma categoria social, o camponês (o pequeno proprietário rural), como também uma categoria étnica, isto é, qualquer pessoa de origem alemã que pertence à colônia como um todo, incluindo também o cidadão. (SEYFERTH, 2004, 2008). Neste trabalho, a palavra “colônia/colono” poderá ser usada em todos os seus sentidos que serão determinados pelos seus contextos.

<sup>32</sup> A política imigratória no Brasil voltada ao povoamento de terras devolutas (públicas) começou a ser projetada pelo governo imperial também ainda antes da independência do Brasil. Assim, os primeiros imigrantes no Brasil, isto é, para a colonização, foram assentados no regime de sesmarias na Bahia (1818) e no Rio de Janeiro (1819), mas essas colônias não foram bem sucedidas e tiveram uma duração efêmera. O motivo deste fracasso foi atribuído, principalmente, à inadaptação dos europeus ao clima tropical, o que fez o governo imperial direcionar seus projetos para o sul do Brasil, isto é, por motivos geográficos, mas também políticos para as duas províncias meridionais. (SEYFERTH, 2000a).

Os imigrantes alemães eram preponderantemente artesãos e camponeses<sup>33</sup>, porém, encontravam-se também, entre eles, jornalheiros, operários, profissionais liberais, refugiados políticos, mas também os considerados indesejáveis, como presidiários e deficientes físicos.

Numa primeira fase da colonização (1824-1830)<sup>34</sup> cada família recebeu gratuitamente um lote de aproximadamente 75 hectares<sup>35</sup>. Os lotes eram demarcados ao longo de linhas (picadas) acompanhando o curso d'água (dos rios) em áreas de mata a partir do povoado que abrigava a administração colonial. Cada família deveria então residir neste lote e cultivar a terra de preferência com a mão-de-obra familiar, pois com a retomada dos fluxos imigratórios, mais tarde, as províncias proibiram a posse de escravos em núcleo coloniais.

Além da colônia de São Leopoldo, foram fundadas até 1830, as colônias de São Pedro de Alcântara (1829) - marco da colonização alemã em Santa Catarina - e Mafra no estado de Santa Catarina e Rio Negro no estado do Paraná, mas esses empreendimentos não produziram os resultados desejados e dissolveram-se mais tarde. A partir de 1846, com a retomada da imigração os imigrantes continuaram a dirigir-se preferencialmente para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e depois para o Paraná, mas também houve imigrações para o Espírito Santo, São Paulo<sup>36</sup>, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

---

<sup>33</sup> Devemos ressaltar aqui que, na Prússia, os camponeses não tinham acesso à posse de terras que pertencia aos latifundiários (os Junkers), portanto, viviam ainda como servos da gleba. (DREHER, 2008). Esse assunto será abordado ainda no capítulo três deste trabalho.

<sup>34</sup> A imigração alemã foi interrompida em 1830 devido à promulgação de uma lei que proibia despesas com a colonização estrangeira, assim como, devido à Revolução Farroupilha. A imigração foi retomada em 1846 e intensificada a partir de 1850 quando se tornou mais expressiva numericamente, atingindo seu auge na primeira década do século XX e nos primeiros anos da década de 1920. Tendo em vista os interesses da política de colonização, os alemães eram considerados no discurso ideológico do Império, pelo menos no início da colonização, imigrantes ideais para povoar vazios demográficos no regime da pequena propriedade, ressaltando-se suas qualidades como camponeses dóceis, diligentes e produtivos. (SEYFERTH, 2000b, 2000c, 2003).

<sup>35</sup> Com a promulgação da Lei de Terras (Lei 601, de 18/09/1850) e sua regulamentação em 1854, o lote diminuiu de tamanho passando para 25 hectares e passou a ser recebido por compra com um prazo de pagamento de até cinco prestações anuais. A Lei de Terras regulamentou a colonização abrindo espaço para a formação de empresas particulares e para a ação individualizada dos governos provinciais nos assuntos de imigração, isto é, ela regularizou o direito de promover a colonização, embora todos estivessem submetidos à Legislação e ao Ministério da Agricultura. (SEYFERTH, 1999, 2000a).

<sup>36</sup> Devemos salientar aqui que, em São Paulo, o imigrante alemão foi também introduzido como trabalhador na grande propriedade no regime de parceria e depois colonato, pois os grandes proprietários paulistas queriam trabalhadores livres para substituir os escravos. (SEYFERTH, 2000a). Sabemos, pois, que o tráfico de escravos foi, teoricamente, extinto no ano de 1850.

Todas as colônias alemãs que alcançaram proeminência, exceto a colônia de São Leopoldo, foram fundadas na segunda metade do século XIX. Essas colônias foram concentradas, preponderantemente, em algumas regiões do sul do Brasil, entre elas nos vales dos rios Sinos, Jacuí, Caí, nas bacias dos rios Taquarí e Pardo e na região do rio Uruguai (RS); no vale do rio Itajaí e na região noroeste de Santa Catarina (SC) e na região urbana de Curitiba e na região de Ponta Grossa (PR). As colônias alemãs que se estabeleceram no planalto catarinense e paranaense surgiram, na sua maioria, no século XX e grande parte dos colonos migrou das regiões antigas de colonização alemã. Ainda no século XIX, surgiram colônias alemãs no sudeste do Brasil, nos vales superiores dos rios Jacu e Santa Maria da Vitória (ES) e em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais<sup>37</sup>.

A concentração de imigrantes alemães no sul do Brasil ocorreu por algumas razões já mencionadas anteriormente, mas também pelo decreto do Ministro do Comércio da Prússia Von der Heydt de 1859, que proibiu a imigração de cidadãos prussianos para o Brasil. Essa proibição, que foi estendida depois a outros estados alemães como resultado de acontecimentos tumultuosos envolvendo a imigração no Brasil no final da década de 1850 e em especial o regime de parceria e colonato em São Paulo, foi suspensa em 1896 apenas para os estados do sul do Brasil<sup>38</sup>. Os imigrantes alemães, então na sua grande maioria, pelo menos até a Primeira Guerra Mundial, estabeleceram-se no sul do Brasil e ficaram por algum tempo espacial e socialmente distanciados da sociedade brasileira.

No Rio Grande do Sul e Santa Catarina formaram-se então, pelo menos numa primeira fase, colônias alemãs homogêneas<sup>39</sup>, nas quais os grupos étnicos estão ancorados na origem comum e na especificidade

---

<sup>37</sup> As estatísticas indicam que aproximadamente 250.000 alemães chegaram ao Brasil entre 1824 e 1950. As estatísticas, no entanto, são imprecisas, pois, ainda que, sabe-se, aproximadamente, quantos alemães entraram no país, não se sabe quantos deixaram o país nesse período. Além disso, muitos imigrantes de origem germânica, mas com outras cidadanias, como por exemplo, russos, poloneses, austríacos, húngaros, etc., assumiram nas colônias alemãs a identidade étnica alemã. (SEYFERTH, 2003).

<sup>38</sup> Para mais informações sobre as razões da política de colonização para o sul do Brasil e o Rescrito de Von der Heydt, ver Cunha (2003) e Seyferth (2008).

<sup>39</sup> Nesse contexto, considera-se homogênea a colônia, na qual todos os indivíduos são de origem alemã, independente de que regiões da Alemanha vieram. A partir de 1875 acaba a exclusividade da imigração alemã para o Brasil com a chegada de italianos e poloneses. Mais tarde, então, formaram-se também colônias mistas, mas basicamente formadas por europeus. O que não alterou substancialmente a formação étnica e cultural dos imigrantes alemães, pois esses absorviam em grande parte outras etnias européias.

cultural, o que talvez possa ter contribuído para que o imigrante alemão fosse considerado o mais irredutível ao caldeamento e a assimilação<sup>40</sup>.

Os estudos sobre a imigração alemã evidenciam que os imigrantes alemães vieram de várias regiões da Alemanha<sup>41</sup>. Os dois maiores grupos eram procedentes da região montanhosa do *Hunsrück* (do atual estado alemão Renânia Palatinado) e da Província Pomerana da Prússia (da “Pomerânia Oriental” atualmente noroeste da Polônia e “Pomerânia Ocidental” atualmente nordeste da Alemanha) e falavam, além do alemão padrão<sup>42</sup>, seus respectivos dialetos, ou seja, o dialeto da região de onde originavam. (PRADE, 2003). Sendo assim, os dialetos dessas regiões e suas variações dialetais são os mais falados nas colônias de imigração alemã no do Rio Grande do Sul. Mas temos também imigrantes provenientes de outras regiões da Alemanha que falavam seus próprios dialetos em maior ou em menor número.

Os imigrantes alemães eram, portanto, grupos étnicos distintos com diferenças significativas, mas que perante a nova realidade, isto é, assentados em solo brasileiro e confrontados com uma cultura estranha, comparada com a de seus vizinhos de origem “germânica”, desenvolveram entre eles um sentimento comum de pertencimento étnico. Nesse sentido, Fishman (1977 apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 145) ressalta que “[...] imigrantes que se

---

<sup>40</sup> Conforme Lesser (2001, p. 22), “a assimilação (na qual a cultura pré-imigratória da pessoa desaparece por completo) foi um fenômeno raro [entre os imigrantes], enquanto a aculturação (a modificação de uma cultura em resultado do contato com outra) foi comum, mesmo entre aqueles que, de uma forma ostensiva, rejeitavam a sociedade majoritária, permanecendo em comunidades fechadas.” Nesse contexto, devemos salientar que as formulações conceituais atuais para a análise do fenômeno étnico encontram-se apoiadas no conceito de “hibridismo cultural”. Nesse sentido, os estudos sobre etnicidade apontam que o encontro, o contato e a interação entre dois ou mais grupos étnicos é antes um processo de troca e hibridização, tanto no que diz respeito a aspectos objetivos quanto a subjetivos. Para mais informações sobre “hibridismo cultural”, ver Burke (2006).

<sup>41</sup> Nesse contexto, devemos salientar que, no período inicial da imigração para o Brasil, portanto, os imigrantes que vieram antes de 1871, não eram de um país unificado, isto é, que ainda não havia se constituído como Estado-nação. Nas estatísticas imigratórias brasileiras aparecem como alemães todos os imigrantes procedidos de territórios, que de um modo ou de outro, compartilhavam origem, língua e traços culturais comuns. Nas colônias alemães, além dos que vieram de algum Estado alemão e mais tarde do Império Alemão (1871), eram identificados também como alemães cidadãos de origem germânica do Império Russo e Austro-Húngaro e minorias de origem germânica do leste europeu, como por exemplo, os suábios do Danúbio. Para mais informações sobre este assunto, ver Seyferth (1994a, 1996, 1999).

<sup>42</sup> A língua alemã padrão (o *Hochdeutsch*) é a língua oficial, isto é, a língua da comunicação formal, ensinada nas escolas, usada na imprensa, em cerimônias religiosas e repartições públicas. Segundo Fausel (1959 apud TORNQUIST, 1997), a grande maioria dos imigrantes alemães, no entanto, não falava o *Hochdeutsch* (a língua alemã padrão).

identificavam primeiramente com sua aldeia ou sua comunidade local descobriam, depois de sua chegada na América que eram poloneses ou eslovacos.” A idéia de um sentimento comum de pertencimento étnico, pode ser observada entre a grande maioria dos imigrantes alemães no sul do Brasil, exceto, conforme Kolling (2000), no grupo dos pomeranos, que não se sentia pertencente ao grupo germânico. Segundo Droogers (2008, p. 9),

[...] na fase inicial da imigração a identidade dos colonos de descendência pomerana era basicamente pomerana, reproduzindo o estilo de vida da região de origem, [no entanto], o trabalho dos pastores alemães trouxe uma dimensão mais alemã e nacionalista a essa identidade regional.

Uma vez que o foco da nossa análise, ou seja, o objeto da pesquisa deste estudo é o descendente do imigrante alemão oriundo da Pomerânia, averiguaremos o não-enquadramento do pomerano na categorização alemã no capítulo quatro deste trabalho.

A política de colonização do Império<sup>43</sup>, através do sistema de povoamento de terras devolutas (públicas), como também o abandono por parte das autoridades brasileiras<sup>44</sup> contribuíram para o “isolamento relativo” dos imigrantes alemães. O “isolamento” étnico dos imigrantes alemães não decorreu então da sua espontânea escolha, mas da execução da política de colonização do Império<sup>45</sup>. O campesinato e o “isolamento relativo” permitiram então aos imigrantes alemães formarem e organizarem, desde os primeiros anos da colonização, uma sociedade étnica, cultural e econômica própria, isto é, diferente da sociedade brasileira, primordialmente familiar, escolar e religiosa com uma

<sup>43</sup> Os governos imperiais e provinciais, assim como o governo federal após 1889, encaminharam os imigrantes alemães para terras devolutas e limitaram seu espaço à colônia, que deviam cultivar com sua família formando assim um campesinato, estendido ao longo do século XIX até as primeiras décadas do século XX. (ROCHE, 1969).

<sup>44</sup> Conforme Seyferth (1994a, p. 13-14), “na fase pioneira de colonização, os colonos reivindicavam ao Estado (quase sempre sem atendimento) escolas públicas, atendimento médico, assistência religiosa, abertura de vias para facilitar o escoamento da produção agrícola excedente, expedição dos títulos provisórios ou permanentes de propriedade dos lotes, e outros serviços considerados como responsabilidade do poder público. Além disso, reclamavam da má qualidade das terras e das dificuldades de praticar uma agricultura racional em terrenos acidentados e cobertos por florestas.”

<sup>45</sup> Segundo Tramontini (1999, p. 1163), “os colonos organizaram-se, num processo conflituoso, interno e externo, para conquistar espaços na nova sociedade e não se ‘isolar’.”

consciência étnica coletiva, que se intensificou a partir de meados do século XIX. De acordo com Dreher (2008),

A sociedade até aqui descrita não era, contudo, sociedade isolada do restante do Brasil, como muitas vezes se afirmou e se continua a afirmar. [...] Que as sociedades de imigração não foram áreas isoladas, ‘quistos étnicos’ [...] comprovam os arquivos do setor político e jurídico. Os imigrantes souberam muito bem buscar os seus direitos, aprenderam como se conseguia direitos no Brasil, encontraram os canais de que necessitavam. Foi somente quando o totalitarismo tomou conta do Brasil, de 1930 a 1945, é que se acusou as áreas de imigração de serem ‘alienígenas’.

Além disso, durante o Império, a plena cidadania foi negada aos imigrantes alemães, principalmente aos que eram protestantes, como direitos através da naturalização e do *jus soli* (direito ao voto e a cargos públicos, por exemplo)<sup>46</sup>. Segundo Kolling (2000), imigrantes alemães protestantes e seus descendentes só puderam manifestar-se publicamente, isto é, participar da vida política do Brasil a partir da Proclamação da República. Nesse contexto, segundo Waibel (1958), o colono conciliou hábitos e costumes alemães com novas condições ambientais e mudou a cultura material, produzindo assim uma “paisagem cultural” diferenciada nos estados do sul. Entre as especificidades deste novo sistema colonial, destacam-se por sua visibilidade os hábitos alimentares e de moradia.

A família, a escola e a igreja tinham papéis importantes na transmissão de valores étnicos alemães. Conforme Nodari e Vieira (2001, p. 38), “era em torno dessa tríade que girava, em princípio, a vida sócio-cultural e mesmo econômica e política” de uma comunidade étnica alemã. “A família funcionava tanto como unidade social quanto econômica, produzindo bens para o consumo da casa e para o mercado e, ao mesmo tempo, socializava as crianças nos seus papéis culturais.” (NODARI; VIEIRA, 2001, p. 41).

---

<sup>46</sup> O problema da naturalização foi resolvido no início da República (Constituição de 1881), mas em termos de cidadania teve pouco resultado porque o conceito chave para definição de cidadão era assimilação. Assim, nem naturalização e *jus soli* asseguraram cidadania plena para não assimilados (categoria que incluía todos os falantes de língua alemã). Para mais informações sobre os direitos de cidadania, ver Seyferth (1994a, 1999, 2000a, 2003).

Em um estudo dedicado ao jornal *Allgemeine Lehrerzeitung für Rio Grande do Sul*, Arendt (2005, p. 146-147) verificou que a escola tinha como uma das funções essenciais a tarefa de fomentar a germanidade<sup>47</sup> entre a população de imigrantes alemães e descendentes, considerando-a pertencente ao povo alemão. Os jovens “[...] deveriam ser formados no sentido alemão, mantendo e desenvolvendo suas boas características e/ou qualidades.”

Segundo Nodari e Vieira (2001), a igreja como organização religiosa atuava na formação das comunidades com enorme poder de controle sobre a vida de seus membros. Para Kreutz (2003, p. 167), “[...] os valores religiosos e sua expressão normativa tendem a se tornar valores sociais, ou melhor, estes se legitimam através dos valores e normas sagradas.” Nesse contexto, devemos chamar a atenção também para o papel da língua na transmissão desses valores étnicos. Willems (1946) observou que famílias protestantes deram mais valor à conservação da língua alemã do que famílias católicas, pois para aquelas a língua de Martinho Lutero era considerada um símbolo religioso, e nelas, conforme Kreutz (2003), enfatizava-se a alfabetização, visando à leitura da Bíblia.

Segundo Paiva (2003, p. 113), o ensino da língua alemã tendia a ser encarado como uma forma indireta de incentivar o protestantismo. Para esse autor, a igreja católica é organizada em paróquias que podem conter membros de várias etnias, enquanto que “a Igreja Evangélica Alemã atuava exclusivamente no interior da comunidade lingüística.” De acordo com Fausel (1936 apud KOCH, 2003), Rotermond, pastor luterano e editor, constatou que as comunidades evangélicas dedicaram-se desde o início fielmente ao cultivo da língua, dos costumes e do pensamento alemães.

Ainda que muitas características culturais tivessem sido enfatizadas à medida que o grupo étnico alemão demarcava seus limites em relação ao “outro grupo”, não podemos afirmar que se trata de uma etnia alemã no Brasil, pois no decorrer do tempo foi se construindo e formando uma nova identidade étnica, uma vez que se sabe que grupos étnicos em contato se transformam, perdendo alguns e incorporando outros elementos culturais, por meio dos quais os imigrantes deixam de ser “estrangeiros” e, ao mesmo tempo, não se deixam tornar “nacionais”. Garai (1981 apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 149-150) chamou esse fenômeno de “o paradoxo da identidade”, isto é, “quando a sociedade de acolhimento continua a

---

<sup>47</sup> A definição deste conceito será discutida logo a seguir neste capítulo.



tratar como estrangeiros indivíduos que se consideram como assimilados e que seu grupo de origem não reconhece mais como fazendo parte dos seus.” Precisamos, pois, relativizar o conceito acima, uma vez que, já visto anteriormente neste capítulo, a assimilação não foi comum entre os imigrantes alemães.

Conforme Rambo (2005, p. 207),

o encontro e a convivência mais prolongada de duas ou mais tradições, de duas ou mais identidades étnicas [...] terminam num processo de mútua aceitação, de uma recíproca troca de traços culturais e, finalmente numa amálgama que justifica falar-se numa nova identidade étnica.

Nesse sentido, podemos dizer que a construção e a formação de uma nova identidade coletiva tenha se produzido não no maior ou menor isolamento relativo do grupo étnico, embora isso possa ter contribuído muito para a conservação dos valores étnicos alemães, mas sim no encontro e contraste com outras culturas.

Na segunda metade de século XIX e nas primeiras décadas do século XX, uma elite de imigrantes alemães e descendentes (lideranças intelectuais e econômicas do próprio grupo étnico), estabelecida em regiões de colonização alemã economicamente emergente no sul do Brasil, teria influenciado os descendentes de alemães. Essa elite de imigrantes alemães e descendentes era constituída por diversos grupos sociais (padres católicos, pastores luteranos, professores, jornalistas, editores, advogados, políticos, industriais e comerciantes) com interesses distintos, ou seja, ela desempenhava diferentes papéis sociais dentro da comunidade étnica alemã, pois atuava em campos distintos da sociedade e em épocas diferentes.

No entanto, todos tinham uma preocupação central, isto é, defender a identidade étnica do imigrante alemão e seus descendentes, pois para o entendimento dessas lideranças o grupo étnico alemão estaria abandonando elementos fundamentais de sua cultura original e assim perdendo a essência de sua identidade étnica. Nesse caso, seria necessário reverter esse processo, isto é, restaurar a autenticidade da identidade étnica do imigrante alemão e seus descendentes. Essas lideranças construíram então a identidade étnica do seu próprio grupo sobre as bases do *Deutschtum* (germanismo) que denominaram

identidade *deutschbrasilianisch* (teuto-brasileira) <sup>48</sup>. A categoria de identificação teuto-brasileira foi usada no discurso étnico por seus ideólogos para expressar uma identidade dual.

A formulação da etnicidade dos imigrantes alemães e seus descendentes foi o resultado do processo histórico da colonização que apresenta o colono como pioneiro e de alguns pressupostos teóricos sobre unidade étnica do discurso nacionalista alemão do século XIX.

Para as lideranças intelectuais e econômicas do grupo étnico teuto-brasileiro a idéia básica da ideologia étnica teuto-brasileira era o *Deutschtum* (germanidade)<sup>49</sup>. A noção de germanidade trazida para o contexto brasileiro afirmaria uma dupla identidade, isto é, de um lado, o pertencimento à nação alemã, compreendida como entidade étnica, cultural e lingüística; de outro lado, o pertencimento à pátria e ao Estado brasileiro, compreendido como entidade territorial e política, assim como à colônia alemã enquanto comunidade étnica.

Na definição acima, dois conceitos são fundamentais para a noção de germanidade: Nação e Pátria. O conceito de nação remete aos conceitos de *Volkstum* (etnia, caráter nacional alemão) e *Kultur* (cultura, civilização), supondo uma coincidência entre nação, povo, língua e cultura, isto é, uma nação unificada pelo povo, língua e cultura comuns (originais) <sup>50</sup>.

Conforme Grützmann (2003, p. 117),

[...] no nacionalismo étnico alemão a identidade étnica e a nacional estão imbricadas, sendo a primeira o suporte e a constituição da segunda. Nesse nacionalismo, o conceito de povo e nação repousa sobre a idéia de uma comunidade de descendência.

<sup>48</sup> Estes elementos – a identidade alemã e sua representação ou ideologia nacionalista – são denominados pelo mesmo termo – *Deutschtum* – que, para o germanismo desenvolvido no sul do Brasil, engloba também a idéia de “população de origem alemã”. Germanismo (a ideologia étnica), germanidade (identidade, etnicidade, caráter ou essência do povo alemão) e a população de alemães e seus descendentes no Brasil são identificados no discurso germanista pela mesma palavra, que fornece a raiz para a formação de uma especificidade brasileira: *Deutschbrasilianertum* (identidade ou etnicidade teuto-brasileira). (DREHER, 1984) e (GERTZ, 1998).

<sup>49</sup> No final do século XIX passou-se a empregar o termo *Deutschbrasilianertum* para designar essa noção nova de germanidade, que distinguia os teuto-brasileiros tanto dos alemães quanto dos brasileiros.

<sup>50</sup> Para mais informações sobre os conceitos discutidos acima, ver Seyferth (1994a) e Silva (2005).

O conceito de pátria contém dois significados distintos, que se complementam: *Heimat* e *Vaterland*. O conceito de *Heimat* remete ao processo histórico da colonização. Nesse caso, a pátria é a colônia alemã (a selva sul-brasileira transformada em espaço de produção agropecuária) que os imigrantes alemães (pioneiros) construíram com o seu trabalho (o *ethos* do trabalho alemão) e onde preservam um modo de vida “alemão” (civilização), isto é, a construção de uma pátria alemã no Brasil. O conceito de *Vaterland* remete à cidadania brasileira, isto é, a todos os direitos e deveres para com o Estado brasileiro pelo direito de solo.

Parece interessante salientar aqui que, Berschin (1979) diferencia o conceito de Estado do de pátria. Segundo o autor, o primeiro caso está associado à organização política de uma sociedade e a todos os elementos atrelados a essa organização, como registros e documentos oficiais e à noção de cidadania. Já ao segundo caso, associam-se elementos mais emotivos, tais como língua e cultura. Assim, Berschin afirma que ao Estado, as pessoas ligam-se por motivos racionais, enquanto que, à pátria, estão ligadas por laços emocionais.

Os conceitos apresentados acima evidenciam que a ligação do imigrante alemão e seus descendentes com a Alemanha é expressa pelo conceito de nação e com o Brasil pelo conceito de pátria. No entanto, o conceito de pátria precisa ser aqui relativizado, pois a primeira noção de pátria: *Heimat* (a colônia alemã), o lugar onde o imigrante alemão tem seu domicílio e seu descendente nasceu, está localizado no Brasil, mas esta comunidade étnica é imaginária, seu sentido metafórico engloba também as idéias expressas no conceito de nação que apenas se materializam no território brasileiro, isto é, uma recriação da Alemanha no Brasil. A ligação do imigrante alemão e seus descendentes com o Brasil é então expressa praticamente pela segunda noção de pátria: *Vaterland*, pela cidadania brasileira, isto é, mediante sua, teoricamente, integração política, assim como econômica ao estado brasileiro.

O contexto acima expressa a premissa básica da ideologia étnico-nacional alemã, formulada no início do séc. XIX, segundo a qual os alemães seriam sempre alemães, não importando o país em que vivessem, assim como a ideologia do solo e do sangue, em vigor no início do séc. XX na Alemanha, que propunha a vinculação do descendente de alemães a duas concepções de pátria. (ARENDRT, 2005).

Os teuto-brasileiros pertenceriam então ao estado brasileiro, mas manteriam seu vínculo ao povo alemão. Conforme Meyer (1999, p. 87), essa questão se justifica na relação entre nacionalidade alemã e cidadania brasileira, que, na visão dos ideólogos do germanismo,

“deveria ser a ‘relação desejável, produtiva e harmônica de dois entes distintos e complementares’ [ou seja, a nação alemã e a pátria brasileira deveriam gerar] ‘o sujeito e a cultura teuto-brasileira’.” De acordo com Tornquist (1997), os *Deutschbrasilianer* (teuto-brasileiros) se sentem, de um lado, pertencendo ao povo alemão (origem), conservando a língua e a cultura alemã e, de outro lado, pertencendo ao país e Estado brasileiros, isto é, como habitantes e cidadãos do Brasil.

Segundo Rambo (2003, p. 81),

[...] o teuto brasileiro é o cidadão brasileiro assumido em toda a sua plenitude quanto às responsabilidades e aos deveres inerentes a essa condição, e ao mesmo tempo continua falando alemão ou algum dialeto e continua, principalmente, agarrado às suas tradições.

Para as lideranças intelectuais e econômicas do grupo étnico, o elemento mais consistente da etnicidade teuto-brasileira, isto é, o símbolo étnico mais marcante é então a comunidade étnica fundamentada na história comum da colonização (pioneirismo), como também na origem, língua e cultura comuns do povo alemão (*Volkstum*).

No final do Império e na República Velha<sup>51</sup>, as identidades étnicas produzidas pelos diversos grupos de imigrantes, situados dentro e fora do sistema colonial, são então formalizadas,

[...] criaram instituições comunitárias recreativas, culturais, assistenciais, de ajuda mútua, escolares e outras voltadas para os membros das respectivas ‘colônias’ e operando com critérios étnicos bem definidos. A elaboração das etnicidades obedece a códigos culturais relacionados à origem nacional – sistemas simbólicos assinalando pertencimentos primordiais e incluindo a experiência comum da imigração. [...] os alemães ou teuto-brasileiros, [...] construíram sua identidade étnica no Brasil vinculando-a a uma origem comum nacional/racial, mas foram bem mais longe nas reivindicações de pluralismo e possuíam uma imprensa e uma literatura alemã, produzidas no contexto da comunidade étnica, que serviam como veículos para divulgação do *Deutschtum*

<sup>51</sup> Para mais informações sobre a República Velha, ver Holanda e Fausto (2006).

(germanismo ou germanidade). A categoria de identificação hifenizada é uma elaboração de empreendedores étnicos familiarizados com as ideologias demarcadas do nacionalismo alemão desde o romantismo, que também atuavam nos jornais, revistas, escolas, associações culturais, etc. (SEYFERTH, 2000a, p. 95-96).

A comunidade étnica teuto-brasileira formalizada é então caracterizada por um conjunto de elementos concretos e marcada pela seleção de traços culturais que materializam a noção de *Deutschtum* (germanidade), estabelecem a fronteira étnica e buscam identificar as pessoas que a integram, isto é, o pertencimento do teuto-brasileiro ao grupo desta comunidade e não a “outro grupo”. Entre os marcadores da identidade coletiva deste grupo étnico destacam-se: o uso cotidiano da língua alemã; a escola comunitária; a Igreja Católica e Evangélica; a imprensa alemã; as instituições culturais-recreativas, como as sociedades de canto, dança, ginástica, tiro; as características que dizem respeito a hábitos e ao estilo de vida na área social e econômica, como os valores morais, os padrões de casamento, a transmissão do patrimônio, a divisão e disposição do/para o trabalho; o estilo da casa, marcado não necessariamente por um estilo arquitetônico, mas por sua aparência e cuidado, a organização do espaço interno e externo da moradia, marcado por pomares e jardins, por exemplo; o povoamento disperso e alongado em linhas (picadas); os hábitos alimentares, o vestuário, enfim os usos e costumes do país de origem.

Conforme Klug (2003),

o teuto-brasileiro, portanto, é aquele que nasceu no Brasil, mas é de ‘origem’, isto é; tem sangue alemão e cultiva uma forma de ser, considerada alemã e que se expressa de várias formas, como língua, características fenóticas, hábitos alimentares, organização da moradia, espaços de sociabilidade, todos, invocando este pertencimento a uma identidade hifenizada. [...] Segundo a auto-compreensão de seus membros, tratava-se de um jeito de ser alemão diferente ou de um ‘modo de vida alemão’ desenvolvido no Brasil, portanto, recriação de uma realidade.

A imigração no Brasil está então estruturada na concentração dos imigrantes e seus descendentes em colônias na zona rural (linhas) e

urbana (bairros) e em suas características culturais, assim como também no discurso étnico fundamentado na noção de *Deutschtum* (germanidade) divulgado pelas lideranças do próprio grupo étnico através de instituições comunitárias, de instituições culturais-recreativas, da imprensa e da literatura em língua alemã. Kolling (2000) verificou que no período da República de Weimar (1919), ou seja, após a Primeira Guerra Mundial, os imigrantes alemães enviavam donativos e dinheiro aos parentes necessitados que haviam permanecido na Alemanha<sup>52</sup>. Aqui, segundo Kolling (2000, p. 156), não era o sentimento cristão o argumento para a ajuda, mas sim o sentimento de pertença ao mesmo grupo étnico, conforme pode ser visto na afirmação: “devemos ajudar nossos irmãos alemães que estão em estado de sofrimento.”

Esta diversidade, marcada em todos os planos da vida sócio-econômica e político-social dos imigrantes alemães, já na fase pioneira e acentuada pela migração para centros urbanos e pela emancipação de algumas colônias<sup>53</sup>, ainda no período imperial, quando uma elite e uma classe média urbana e rural expressaram seus interesses políticos, transformou-se numa questão nacional durante toda a República Velha que culminou durante o Estado Novo na Campanha de Nacionalização<sup>54</sup>. Muitos elementos definidores do *Deutschtum* (germanidade) produziram diferenças sociais significativas em relação à sociedade nacional. O nacionalismo brasileiro considerou, então, a identidade dupla, marcada pelo binômio nacionalidade-cidadania, por um lado e pela emancipação política das antigas colônias e seu crescimento econômico, por outro

---

<sup>52</sup> Para mais informações sobre este assunto, mais precisamente, sobre o auxílio enviado pelos imigrantes alemães e seus descendentes durante a Segunda Guerra Mundial aos compatriotas que permaneceram na Alemanha, ver Fernandes (2005).

<sup>53</sup> Conforme Seyferth (2000a, p. 93-94), “a emancipação político-administrativa de algumas colônias [...] permitiu que seus habitantes, até então submetidos às administrações coloniais e classificados como ‘colonos estrangeiros’, passassem à condição de eleitores potenciais, desde que nascidos no Brasil ou naturalizados. A passagem de colônia a município, em muitos casos foi marcada por conflitos [...]. O que estava em jogo era simplesmente a ocupação do espaço político aberto com a criação dos municípios: de um lado, brasileiros, muitas vezes ocupantes de cargos públicos nas ex-colônias, pertencentes a famílias de prestígio e poder externo às áreas de colonização; e de outro lado, as lideranças locais com poder econômico e/ou prestígio intelectual, mas insuficientemente brasileiros na visão assimilacionista, disputando os cargos eletivos (de prefeito, vereador e deputado provincial). As elites políticas do Sul preferiam que todos continuassem colonos, porque para isso tinham sido admitidos no país como imigrantes, e quaisquer manifestações de caráter reivindicatório, mesmo aquelas relacionadas diretamente às condições de assentamento nas colônias, eram desqualificadas sob o argumento de que os reivindicadores eram estrangeiros e sem direitos.”

<sup>54</sup> Para mais informações sobre a Campanha de Nacionalização, ver Seyferth (1994a, 2000a) e Campos (1998).

lado, uma ameaça à unidade nacional, isto é, ao processo de assimilação ou abasileiramento<sup>55</sup>.

A idéia do pertencimento étnico dos imigrantes alemães e seus descendentes à nação alemã foi ainda mais intensificada pela propaganda pangermânica<sup>56</sup>, explícita no final do século XIX e início do século XX, que via os teuto-brasileiros como alemães no estrangeiro, assim como também pelas manifestações nazistas no Estado Novo que via os teuto-brasileiros como compatriotas, apesar de serem considerados excessivamente brasileiros, mas que poderiam ser regermanizados. Essa última constatação, podemos observar, no entanto, mais na zona urbana. Tudo isso produziu situações de conflito que marcaram a vida cotidiana dos imigrantes alemães e seus descendentes desde a República Velha até o fim da década de 1940. A Campanha de Nacionalização do Estado Novo gerou a maior crise enfrentada pelos alemães e seus descendentes no Brasil:

A assimilação forçada começou, formalmente em 1937, com a proibição do ensino de língua estrangeira e prosseguiu em 1939, com o fechamento de todas as instituições comunitárias que pudessem remeter a sentimentos de pertencimento primordial às nações de origem. Logo depois houve a proibição do uso de línguas maternas em público e o cerceamento geral das liberdades individuais de todos os que não fossem considerados suficientemente brasileiros. (SEYFERTH, 2000a, p. 92).

A tentativa de assimilação forçada provocou neste período uma volta ao “isolamento” étnico. Precisamos ressaltar que, embora os imigrantes alemães e seus descendentes, neste período, não pudessem expressar publicamente sua identidade étnica e que a sua memória tivesse sido silenciada ou conforme Pollak (1989, p. 3-15) se constituído em uma “memória subterrânea”, não significa que ela não pudesse ter sido rememorada e transmitida de geração para geração na sua clandestinidade.

Conforme Pollak (1989, p. 5),

---

<sup>55</sup> Para mais informações sobre o processo de assimilação ou abasileiramento, ver Seyferth (2000a).

<sup>56</sup> Para mais informações sobre a Liga Pangermânica, ver Seyferth (1994a), Magalhães (1998) e Sousa ([entre 2000 e 2008]).

o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizade, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas.

Por outro lado, Kolling (2000) verificou que a própria Campanha de Nacionalização na Era Vargas criou no imigrante alemão uma extrema expectativa e busca por uma identidade germânica. Nesse contexto, o autor chama a atenção para o fato de que durante este período, por exemplo, foram registrados muitos prenomes, assim como também apareceram muitas lápides nos cemitérios em língua alemã, que além de conterem manifestações de carinho e consolo em relação à família enlutada, possuía também um valor poético como forma de manifestação cultural germânica.

Pollak (1992, p. 206) enfatiza que “quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas [...] os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações [...]” Entretanto, em momentos difíceis ou de mudança, como no caso da imigração, o indivíduo sentindo-se desamparado e desorientado pode então desenvolver um sentimento forte de coletividade, solidariedade e pertencimento ao grupo no sentido de que esse possa proporcionar-lhe segurança e estabilidade.

De acordo com Smolicz (1992 apud TORNQUIST, 1997), há, entre muitos marcadores de pertença étnica como a língua, práticas de culinária e moradia, estrutura familiar e de trabalho, música, dança, alguns que são mais importantes do que outros para a sobrevivência do grupo, especialmente em tempos de perseguições e ameaças.

Segundo Tornquist (1997), a língua é, sem dúvida, um desses importantes marcadores de pertença e identidade étnica. Essa autora vê uma relação de dependência recíproca entre a língua e o grupo, pois conforme Hasselmo (1974 apud TORNQUIST, 1997), é necessário que haja de um lado o grupo para que a língua se conserve e de outro a língua possui uma importância decisiva para a sobrevivência do grupo, e, não só como veículo de comunicação, mas também como meio de transmissão de valores do grupo e entre o grupo étnico. Tornquist verificou, em um estudo realizado com famílias de descendência alemã no interior do Rio Grande do Sul, que valores étnicos trazidos pelos



imigrantes são transmitidos de geração para geração através da língua alemã.

Segundo Koch (2003, p. 198),

A língua alemã, na qual se encontra cristalizada a experiência de gerações, com seus modelos de conhecimento e critérios de julgamento, representa o resultado da história cultural, social e política da respectiva comunidade lingüística; também serve de instrumento de transmissão desta mesma cultura e ordem social.

Os estudos de Meyer (1999) e Grützmann (1999) apontam para a posição central da língua alemã acionada pelos ideólogos do germanismo no processo de construção identitária dos imigrantes alemães e de seus descendentes. O conhecimento perfeito da língua alemã (*Hochdeutsch*) foi considerado então um dever para o descendente de alemão, que devia ser preservado e transmitido de geração para geração. Conservar a língua alemã no Brasil, portanto, era manter o vínculo com a cultura alemã. Conforme Meyer (1999, p. 88), a língua alemã “era a ‘língua da mãe’, que transmitia/construía os valores culturais e a crença religiosa, modulava os sentimentos mais íntimos e os afetos familiares.” Balibar (1995) e Bahia (2001) chamam a atenção para a centralidade da língua no processo de construção de identidade cultural (étnica), salientando que “a defesa de uma cultura cuja identidade, integridade ou criatividade está ameaçada, se dá, sobretudo através da defesa da língua.” (BALIBAR, 1995, p. 185).

Segundo Tornquist (1997), a língua como cerne da identidade étnica alemã continua desempenhando um papel importante para sua conservação, embora a partir das expressões *drüben* (no outro lado) e “*Deutschländer*” - palavras usadas pelo descendente alemão - referindo-se à Alemanha e ao indivíduo que nasce e mora nesse país respectivamente, a autora interpreta um distanciamento entre o Brasil e a Alemanha, assim como entre o descendente de alemão e o cidadão e habitante desse país. Conforme Seyferth (1994), a língua não é mais um marcador incondicional de etnicidade, já que hoje nem todos os descendentes de alemães falam a língua alemã. Essa autora considera como marcadores de pertença étnica, hoje, o estilo de vida próprio dos descendentes de alemães, que pode ser expresso, por exemplo, através da moradia, jardim na frente da casa e cortinas na janela.

Ainda de acordo com Seyferth (1994), mesmo assim, devemos enfatizar a língua alemã, como um dos elementos mais destacados da diferenciação étnica, isto é, como uma forma importante de expressar um modo de vida “alemão”. O seu uso cotidiano foi e ainda é para muitos descendentes de alemão uma eficiente marca de identificação étnica. A língua alemã, que tinha seu ensino formalizado para a maioria da população teuto-brasileira até 1937 e fora proibida durante a Campanha de Nacionalização foi mantida entre muitos teuto-brasileiros e transmitida oralmente de geração para geração até os dias de hoje. Ainda que gramaticalmente incorreta e deturpada por palavras e expressões da língua portuguesa, a língua alemã não perdeu seu sentido étnico para aqueles que a utilizam no cotidiano, principalmente no círculo familiar e de amizade. Além disso, podemos observar, nos dias de hoje, uma revalorização da língua alemã, pois descendentes de alemães que não aprenderam ou não mais falam a língua alemã, procuram o seu aprendizado formal em cursos de língua estrangeira. Nesse caso, a língua alemã pode caracterizar uma marca de identidade étnica ou ter uma função instrumental.

Enfim, conforme os germanistas e alguns pesquisadores, os teuto-brasileiros constituíram-se, pelo menos até o período do Estado Novo, em um grupo étnico relativamente homogêneo, mantendo a língua alemã, assim como alguns elementos culturais e sociais do povo alemão, isto é, o modo de vida transmitido de geração para geração pelo imigrante ao longo do tempo.

Ainda de acordo com os germanistas e alguns pesquisadores, mesmo que alguns princípios ideológicos e elementos culturais objetivos e subjetivos da etnicidade teuto-brasileira tenham desaparecido no período do Estado Novo, a etnicidade teuto-brasileira tenha reconstruído e transformado seus símbolos identitários ao longo do tempo e os teuto-brasileiros tenham se integrado à sociedade brasileira; outros permaneceram, especialmente, aqueles vinculados ao processo histórico da colonização (pioneirismo – *ethos* do trabalho), à descendência ou origem comum e ao *habitus*<sup>57</sup> (ao caráter, à mentalidade e ao espírito empreendedor)<sup>58</sup>.

Nesse sentido, os aspectos da etnicidade teuto-brasileira que supõem uma cultura comum, um modo de vida específico e um comportamento social diferenciado, transmitidos de geração para

---

<sup>57</sup> Para mais informações sobre este conceito, ver Weber (1994) e Elias (1997).

<sup>58</sup> O pensamento do senso comum, assim como o discurso em eventos comemorativos sobre a imigração alemã ressaltam o aspecto da “capacidade inata para o trabalho e o progresso”, no entanto, a esse respeito, podemos observar no cotidiano também evidências contrárias.

geração desde os colonizadores alemães, compõem simbolicamente as marcas distintivas desta etnicidade constantemente reconstruída. Assim, a Campanha de Nacionalização não conseguiu descaracterizar o grupo étnico teuto-brasileiro que somente modificou alguns critérios usados como marcadores de sua identidade étnica.

O entendimento de como a formação da identidade do teuto-brasileiro fora construído é analisado mais tarde por acadêmicos do campo das ciências sociais, isto é, sobre as bases do pensamento antropológico. Nesse contexto, destacamos alguns pesquisadores sobre a identidade dos imigrantes alemães e seus descendentes, como Willems e Seyferth.

Willems analisou os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil a partir de pesquisas de campo realizadas entre 1930 e 1935 nas regiões de colonização alemã do sul e sudeste e de teorias da antropologia cultural norte-americana, isto é, através de conceitos de assimilação e aculturação, principalmente, vinculados às noções de cultura híbrida e marginalidade cultural. Esse autor conclui através de suas observações e desses conceitos e noções e define a construção da identidade étnica e cultural do teuto-brasileiro como um processo sócio-cultural e psíquico e não biológico, embora esse processo seja precedido e acompanhado por processos biológicos de adaptação e aclimação<sup>59</sup>.

Para Willems (1946, p. 574-75),

a cultura dos imigrantes alemães sofreu, em todas as áreas do Brasil colonizadas por eles, mudanças mais ou menos profundas. [...] as comunidades teuto-brasileiras, enquanto puramente agrícolas, permaneceram pouco acessíveis a influências culturais brasileiras. Porém [...] inúmeros pequenos grupos de imigrantes ou mesmo indivíduos [...] na sociedade brasileira do litoral e do planalto [...] se assimilaram à sociedade nativa, as grandes comunidades homogêneas conservaram-se diferentes elaborando, no entanto, aos poucos uma cultura híbrida, que pode ser chamada de teuto-brasileira, embora contenha inúmeras soluções originais [...]. Apesar do insulamento das grandes comunidades homogêneas houve hibridação cultural ou, em outros termos, considerável número de elementos da cultura brasileira foi integrado à nova

---

<sup>59</sup> Para mais informações sobre este tema, ver Willems (1940, 1946).

configuração em *statu nascendi*. [...] Mais tarde, a adoção de uma porção cada vez mais de elementos da cultura brasileira tornou-se uma técnica destinada a quebrar o insulamento das comunidades locais. [...] O paralelismo de urbanização e estratificação apressou o processo de aculturação. Sobretudo nas classes inferiores e superiores. Nestas, a assimilação constitui a *conditio sine qua non* da ascensão social e participação política [...] que não ocorreu sem encontrar sérias resistências e que muitas vezes veio acompanhada de conflitos mais ou menos graves.

Segundo Seyferth (2004), Willems utiliza-se da noção de “cultura híbrida” para sustentar a especificidade cultural teuto-brasileira tentando vencer certos limites dos conceitos de assimilação e aculturação. De acordo com essa autora, o hibridismo cultural compreende um pressuposto dúplice que resulta do contato do imigrante alemão e seus descendentes com o meio ambiente, a sociedade e a cultura brasileiras e se expressa através da categoria teuto-brasileira. Para Willems, o hibridismo cultural resulta da marginalidade caracterizada pelas atitudes ambivalentes de uma população entre duas culturas (alemã e brasileira) que construiu uma terceira, a teuto-brasileira. A ambivalência dos teuto-brasileiros aparece na intenção de conciliar o sentimento germânico com o sentimento nacional brasileiro, uma tentativa de impedir o processo de transição de uma cultura para a outra.

Nesse sentido, conforme Willems, a marginalidade do indivíduo ou grupo, que se encontra dividido entre duas culturas, isto é, sem pertencer a nenhuma delas, produz sentimentos de inferioridade que traz como conseqüência o ressentimento social no descendente de imigrante alemão, tanto em relação a brasileiros quanto a alemães. O descendente de imigrante alemão procura então compensar esse ressentimento social através do “trabalho alemão” e do progresso da colônia, por exemplo. De acordo com Seyferth (2004, p. 190), Willems (1940, 1946) usa a noção de ambivalência no sentido etimológico estrito, apropriada mais tarde por Huber (1979), para mostrar o

‘homem dualista’ teuto-brasileiro, tendo em vista a literatura, não parece suficiente, apesar de ambos perceberem que esse produto de dois sistemas distintos (e opostos) produz um terceiro

– ‘abrasileirado’ ‘aculturado’ ‘híbrido’ [Nesse aspecto, o teuto-brasileiro é um] homem ‘marginal’ (Willems, 1940), ‘um ser dividido’, ‘dual’ (Huber, 1979) entre dois mundos, explicação que supõe um certo antagonismo que, na verdade, não se revela no discurso étnico subjacente à produção literária, nem tampouco nas construções identitárias que transitam no cotidiano<sup>60</sup>.

O conceito de “marginalidade cultural”, porém, atravessa a análise de Willems em ambas as obras como forma de definir o teuto-brasileiro como integrante de uma “sociedade nova”. Segundo Voigt (2007), há uma mudança visível de abordagem conceitual entre seus dois livros. Enquanto no primeiro, observa-se que a “marginalidade cultural” é uma fase transitória de choques culturais somente entre a cultura alemã e a brasileira, no seu segundo, nota-se que esses choques ocorrem entre três culturas, incluindo uma cultura teuto-brasileira<sup>61</sup>. Assim, Willems reconhece, nessa obra, os teuto-brasileiros como integrantes de uma sociedade e cultura próprias e não lhes confere mais o caráter de marginalidade cultural, afirmado no seu primeiro livro.

Se em assimilação, Willems observa vários obstáculos referentes à língua, família, religião, economia, educação, direito, política no processo de assimilação dos imigrantes e descendentes, em aculturação, já os coloca não como obstáculos à assimilação, mas como aspectos da formação dessa nova sociedade teuto-brasileira. (VOIGT, 2007, p. 195).

Conforme Seyferth (1996, p. 17), a maioria dos cientistas sociais que analisaram a imigração alemã não concederia aos teuto-brasileiros a

<sup>60</sup> Segundo Seyferth (2004, p. 151), “cultura híbrida, portanto tem significado bem preciso em meados da década de 1940: é um indicador da ‘cultura marginal’ de descendentes de imigrantes, e suas muitas variações regionais urbanas e rurais são materializadas por padrões de integração grupal que distanciam a maior parte da população teuto-brasileira da sociedade nacional e até mesmo dos imigrantes recém-chegados, identificados pela categoria alemão-novo (*Neudeutscher*).” Para essa autora (2008), as formulações conceituais mais atuais de culturas híbridas usadas por Canclini (2000), por exemplo, problematizam os vínculos entre o mundo moderno e as tradições locais. Para mais informações sobre “cultura híbrida”, ver Hall (1999) e Bhabha (1998).

<sup>61</sup> Para mais informações sobre este assunto, mais precisamente, sobre a “invenção do conceito teuto-brasileiro, ver Voigt (2008).

categoria de grupo étnico, pois seus estudos voltavam-se para fenômenos que eram definidos pelos conceitos de assimilação e aculturação “[...] e viam manifestações de natureza étnica como resíduos ou sobrevivências resistentes à mudança imposta pela sociedade nacional e destinados ao desaparecimento progressivo.” Seyferth analisa os imigrantes alemães e seus descendentes através da produção de identidades como um processo de auto-representação definido por oposição a outros grupos étnicos e um pensamento ideológico.

Segundo Seyferth (2003, p. 59-60),

a identidade étnica teuto-brasileira foi construída etnocentricamente por oposição aos brasileiros. Ela é dada pela origem alemã e se atualiza através da língua, da cultura e de um modo de vida diferente, resultante da experiência da imigração, da conservação de costumes germânicos e do pioneirismo do colono.

Ainda de acordo com Seyferth (1996), a forma de definição da etnicidade teuto-brasileira mais recente apresenta-se através de manifestações classificadas como “folclóricas” e “eventos típicos”, que surgiram em meados dos anos 80 em decorrência da popularidade nacional, obtida pela *Oktoberfest*<sup>62</sup> de Blumenau no estado de Santa Catarina. Para essa autora, têm-se formas de manifestações das diferenças étnicas em ambos os casos, mas elas não são entendidas pela população teuto-brasileira da mesma maneira. A tradição cultural alemã, para uma parte deste grupo étnico, estaria sendo conservada e propagada através da atividade dos diversos grupos folclóricos, que surgiram em várias cidades dos três estados da região Sul. As manifestações folclóricas estariam valorizando aspectos culturais da cultura alemã e marcando uma identidade específica teuto-brasileira através de elementos da cultura popular, como danças tradicionais, culinária e a utilização da língua alemã, por exemplo, ainda que a categoria étnica “alemão” apareça mais na auto-identificação.

As festas “típicas”, como a *Oktoberfest* de Blumenau, por exemplo, não foram organizadas espontaneamente pela população teuto-brasileira, mas surgiram do poder público e do empresariado. Ainda que

<sup>62</sup> Para mais informações sobre o surgimento e o significado da primeira *Oktoberfest* de Blumenau para a população local e as manifestações através de grupos folclóricos como uma forma de marcar a identidade étnica do teuto-brasileiro atualmente, ver Seyferth (1996, 2008) e Wolff (1994).

a maioria desses eventos tenha, provavelmente, como objetivo atrair consumidores para a produção industrial e artesanal, não podem, simplesmente, ser concebidos como uma invenção de prefeitos e industriais. A *Oktoberfest* de Blumenau, por exemplo, só atrai turistas porque ela acontece em uma cidade identificada como de colonização alemã, isto é, que assume um caráter “alemão” atribuído, apesar das críticas, pela própria população local.

Segundo Seyferth (1996), esses eventos possuem, portanto, um artificialismo somente aparente, pois neles, de alguma maneira, celebra-se a colonização alemã, por exemplo. As festas, os grupos folclóricos (danças, canto, música), a culinária e a arquitetura, ainda que um falso enxaimel, assim como o uso da língua, ainda que deturpada ou incorreta, enfim o estilo de vida “alemão”, por exemplo, são símbolos étnicos que marcam diferenças em relação aos demais brasileiros, isto é, que reafirmam uma tradição cultural trazida pelos seus ascendentes da Alemanha, marcando assim a identidade étnica teuto-brasileira.

As festas, a reinterpretação do enxaimel e outros fenômenos similares são parte da dinâmica da cultura e repercutem na sociedade. [...] Muitos elementos destacados nesse modelo de pertencimento cultural estavam presentes, sob outras formas, nas atividades e representações relacionadas aos espaços associativos privilegiados no passado. Se para alguns o que é representado durante a *Oktoberfest*, por exemplo, fica no domínio do artificialismo [...] para outros é a tradução de um passado construído e legitimado através de um ethos do trabalho considerado próprio do colono alemão [...]. (SEYFERTH, 2008, p. 263).

Para essa autora, a etnicidade teuto-brasileira é então recriada e continua a ter um papel importante na vida de uma grande parte da população teuto-brasileira, isto é, cria-se algo novo a partir de elementos culturais que já existiam antes para uma representação da sua tradição. Nesse contexto, precisamos salientar o conceito sobre “tradição inventada” de Hobsbawm (2008, p. 9-10), para quem ela é

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, usam inculcar certos valores e normas

de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. [...] na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. [...] elas são reações e situações novas que ou assumem a forma de referencia a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e as tentativas de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social [...].

O processo de construção da identidade étnica do teuto-brasileiro é tanto para um quanto para outro pesquisador decorrente do contato e da interação deste grupo com o da sociedade receptora como também com outros grupos de imigrantes e do processo de assimilação e aculturação. O teuto-brasileiro é então um sujeito com características de ambos os grupos étnicos e a identidade é constituída na negociação entre esses grupos.

A produção acadêmica sobre a formação da identidade étnica do teuto-brasileiro desses pesquisadores diferencia-se, assim, de algum modo ou de outro, daquele entendimento formado pelos germanistas e por outros pesquisadores.

A etnicidade teuto-brasileira certamente mudou no curso da história. O contexto histórico do período do Estado Novo e as transformações socioculturais a partir da segunda metade do século XX até os dias de hoje provocaram mudanças na etnicidade teuto-brasileira, isto é, ela redefiniu seu conjunto de identificadores étnicos, o que ainda não significa a inexistência de uma etnicidade teuto-brasileira. Alguns identificadores étnicos mantiveram-se, outros se perderam ou até transformaram-se, o que significa que alguns traços culturais marcadores de pertença étnica são mutáveis no tempo e no espaço quando em contato com outros grupos étnicos, enquanto que outros são mais resistentes à mudanças. A partir dessa perspectiva

a etnicidade não é um conjunto intemporal, imutável de ‘traços culturais’ (crenças, valores, símbolos, ritos, regras de conduta, língua, código de polidez, práticas de vestuário ou culinária, etc.), transmitidos da mesma forma de geração



para geração na história do grupo; ela provoca ações e reações entre este grupo e os outros em uma organização social que não cessa de evoluir. (BARTH, 1969 apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 11).

Devemos sublinhar ainda aqui que, o entendimento de que a formação da identidade étnica do teuto-brasileiro fora construída pelas lideranças intelectuais e econômicas do próprio grupo étnico sobre as bases de um movimento intelectual ou uma ideologia étnica, o *Deutschtum* (germanismo), é, no entanto, relativizado por pesquisadores atuais. Para Gertz (1994, p. 31),

[...] mesmo que alguns intelectuais de origem alemã não estivessem tão distanciados do conjunto da população quanto Oberacker, tem-se superestimado o controle das lideranças. Mesmo padres e pastores estavam muito longe de exercer um controle total, como muitas vezes se pensa. As dificuldades que enfrentavam eram muito grandes. Desta forma, deve ser relativizado o conteúdo do discurso desses agentes. Mesmo que um padre ou pastor diga “meus paroquianos se sentem totalmente alemães” [...] não se podem tomar essas afirmações como a realidade, sobretudo como a realidade total.

Nesse sentido, o discurso étnico dos ideólogos do germanismo não deve ter influenciado toda a população teuto-brasileira, assim não se deve considerar este discurso para avaliar o posicionamento de todo o grupo étnico. Gertz (1998) acentua ainda mais a sua posição a esse respeito quando diz que o germanismo teve uma maior aceitação somente no meio urbano e entre os imigrantes e descendentes que tiveram uma ascensão econômica. Silva (2005a, p. 300) também chama a atenção para o fato de que é necessário diferenciar o teuto-brasileiro produzido e propagado pelo germanismo daquele construído pelo processo histórico da colonização e pela “[...] ‘negociação’ na construção de uma identidade hifenizada.”

Nesse contexto, devemos salientar, portanto, que não podemos tomar as concepções discutidas neste capítulo como dados generalizantes, pois as idéias de “isolamento” assim com as de “homogeneização” do grupo étnico teuto-brasileiro são desconstruídas e relativizadas também por outros pesquisadores atuais do campo das

ciências humanas como Tramontini (1997) e Witt (2008) e Grützmann (1999), Meyer (1999) e Arendt (2005) respectivamente, entre outros.

Diante do exposto até aqui, podemos observar, portanto, que no que diz respeito ao processo de identidade étnica do teuto-brasileiro, os pesquisadores compartilham idéias que se encontram, mas também que se afastam.

No capítulo três e quatro discutiremos, respectivamente, o processo imigratório e histórico em São Lourenço do Sul (RS) e a construção da identidade étnica teuto-brasileira nesse município da década de 1980 até os dias atuais.

### 3 O PROCESSO IMIGRATÓRIO E HISTÓRICO EM SÃO LOURENÇO DO SUL

Neste capítulo contextualizamos o município de São Lourenço do Sul, especificamente, discutimos o processo imigratório e histórico e apresentamos o imigrante alemão e seus descendentes nessa comunidade que se situa no sul do Rio Grande do Sul, bem como um breve panorama histórico da Pomerânia.

O processo de imigração desencadeado na segunda metade do século XIX no sul do Brasil é caracterizado pela formação de propriedades agrícolas familiares, visando especialmente à povoação de vazios demográficos (brancos) e o desenvolvimento da policultura nessa região, conforme já referido no capítulo dois.

Nesse cenário histórico, isto é, na sociedade rural é que se formaram as bases para a reconstrução da identidade dos habitantes de origem alemã de São Lourenço do Sul.

Antes de conhecer a história desse município é necessário fazermos uma breve discussão sobre a formação do habitante da Pomerânia ao longo da história e algumas considerações sobre sua identidade étnica como um esclarecimento do lugar da origem de grande parte dos imigrantes de São Lourenço do Sul.

#### 3.1 A FORMAÇÃO DO POVO POMERANO E A POMERÂNIA

Na formação do povo pomerano estão os povos eslavos e germânicos, isto é, os pomeranos têm na sua origem os eslavos (*wenden*)<sup>63</sup>, mas um processo de germanização atingiu-os profundamente, tornando-os “germanos”. Os pomeranos habitavam uma região, no norte da Europa, ao longo do mar Báltico e entre os rios Oder e Vístula, chamada Pomerânia, palavra originada de *po morje* que, na língua eslava (*wende*), significa terra próxima ao mar. Os povos

---

<sup>63</sup> A palavra *wende* que originalmente foi empregada pelos germanos para denominar todos os povos eslavos, passou a designar, particularmente, os povos eslavos ocidentais, ou seja, aqueles povos que se fixaram como habitantes das regiões ao norte e leste da Germânia no século VII. Nos dias de hoje, a palavra *wende* é ainda usada pelos alemães, na maioria das vezes, para referir-se aos eslavos do Elba e, ocasionalmente, aos sérbios. Para mais informações sobre os povos eslavos (*wenden*), precisamente, uma relação das várias tribos eslavas (*wenden*) que povoaram a Pomerânia, ver North (2008).

germânicos já haviam habitado durante muitos séculos essa região, que mais tarde ficou conhecida como Pomerânia, no entanto, na época das migrações dos povos, eles se deslocaram do norte e leste mais para o sul e oeste da Europa, deixando essas terras praticamente desabitadas.

Aos poucos essa região foi tomada por povos eslavos vindos do oriente que avançavam em direção ao ocidente. Os eslavos tomaram, portanto, posse dessas terras na segunda metade do século VII e fixaram-se como habitantes dessa região, formando povoados e dedicando-se à agricultura e à pesca.

A Pomerânia possuía uma situação geográfica privilegiada, isto é, uma região plana com rios, lagos e lagoas, um solo fértil, um clima adequado para o plantio de várias culturas e situava-se na costa do mar Báltico, o que lhe proporcionava a proximidade com grandes portos e o contato com mercados importantes. Essa região começou muito cedo através de suas terras e seus portos a despertar o interesse de povos vizinhos que não demoraram a invadi-la. Dentre eles, os pomeranos tiveram que lutar, no norte, contra os *wikings* e no sul viviam em constantes conflitos contra os poloneses que sempre desejavam uma saída para o mar Báltico. Uma parte do território da Pomerânia foi dominada por três vezes pelos poloneses, mas os pomeranos logo a reconquistaram. Carlos Magno e Otto, O Grande, também tentaram incorporar essa região ao seu Império, mas não tiveram sucesso.

Nos séculos X e XI uma parte da Pomerânia é arrasada numa guerra entre a Dinamarca e Polônia, mas nem os dinamarqueses e nem os poloneses conseguiram dominá-la totalmente. Nesse conflito, porém, a Polônia conseguiu algumas possessões, entre elas, a cidade de Stettin (Szczecin). Diante do fato de que uma dominação dos pomeranos militarmente não seria possível, o duque polonês Boleslaw II empregou a cristianização<sup>64</sup> para dominá-los, isto é, solicitou ao bispo Otto de Bamberg da Baviera que os cristianizasse.

No ano de 1124, o duque pomerano Wartslaw recebeu o bispo Otto de Bamberg e sua comitiva em Pyritz. Os pomeranos aceitaram a conversão, provavelmente, por receio aos poloneses, mas retornaram à sua crença tão logo o bispo Otto de Bamberg deixou a Pomerânia. Diante da ameaça de uma nova invasão militar pelos poloneses, o duque Wartslaw pediu ajuda ao bispo Otto de Bamberg, que em 1128 visitou mais uma vez as terras pomeranas com o mesmo fim, isto é, de

---

<sup>64</sup> Os pomeranos acreditavam em deuses que se manifestavam na natureza (animismo). Além dos deuses maiores - o maior Deus dos pomeranos era Triglaw, cujo templo se situava na cidade de Stettin -, havia também deuses menores que eram adorados através de animais, árvores, matas, riachos e lagos que existem na Pomerânia. (RÖLKE, 1996).

cristianizar novamente o povo pomerano. Nessa viagem, Otto de Bamberg foi apoiado militarmente e economicamente pelo rei alemão Lotário da Saxônia e os poloneses desistiram por ora de invadir a Pomerânia. Por trás desse objetivo estava a idéia de abrir as fronteiras pomeranas para o comércio e a cultura alemã e frear de uma vez por todas a pretensão dos poloneses de invadir e se apossar da Pomerânia.

Nesse sentido, Otto de Bamberg deu o seu primeiro passo na Pomerânia comercializando sal, que na época era um produto difícil de ser encontrado naquela região e caro, mas muito importante para os pomeranos, especialmente para conservar os arenques, um dos principais produtos do seu comércio. Isso trouxe também um crescimento à vida econômica dos pescadores e comerciantes da Pomerânia. O que os poloneses não alcançaram militarmente e nem através da primeira viagem, os alemães alcançaram na segunda viagem de cristianização à Pomerânia, pois a partir de então, os pomeranos, primeiro os nobres e depois todas as tribos pomeranas “renderam-se” aos germanos.

Os pomeranos tornaram-se, assim, de um lado, comercialmente dependentes do Sacro Império Romano da Nação Germânica, e de outro lado, culturalmente e numericamente influenciados pelos alemães, principalmente pela igreja, que na época era a maior condutora da cultura alemã para dentro da Pomerânia. Os que resistiram foram marginalizados e aos poucos foram assimilando a cultura alemã e perdendo sua identidade eslava. O clero e a nobreza alemã, assim como comerciantes, artesãos e camponeses da Baixa Saxônia, Renânia, Westfália e Turíngia foram convidados pela nobreza pomerana a se estabelecerem na Pomerânia para explorarem suas terras. Aos nobres alemães foi prometida inclusive a cessão de feudos e o clero adquiriu terras através da instalação de conventos e mosteiros que por vezes eram verdadeiros latifúndios.

O processo de cristianização e germanização da Pomerânia iniciado em 1128 estendeu-se até 1400, quando a cultura alemã já estava quase que totalmente assimilada pelos pomeranos. No processo de reconstrução da identidade perdeu-se, inclusive, um marcador importante de etnicidade, que é a língua materna de um povo. A partir de então (1400) passou a se falar a língua pomerana, derivada do baixo-alemão<sup>65</sup>, que se tornou num primeiro momento a língua para o comércio

---

<sup>65</sup> Conforme Rölke (1996, p. 16), “o baixo-alemão era falado em todas as regiões banhadas pelo Mar do Norte e Mar Báltico, e se estendia até a foz do Rio Reno. A Baixa Saxônia é vista como região de origem do baixo-alemão. O alto-alemão, como conhecemos hoje, tem sua

e a cultura, mas que logo foi adotada por quase todos os pomeranos<sup>66</sup>. A língua eslava, no entanto, não caiu logo totalmente no esquecimento, pois ainda continuou sendo falada até por volta do ano de 1500 por algumas famílias da velha nobreza na Pomerânia Oriental e até o fim do século XIX pelos *kaschuben*, que habitavam regiões mais altas e isoladas de Bütow, Lupow e Leba<sup>67</sup>.

As evidências, mesmo que não imprimam certeza histórica, nos permitem fazer inferências, tais como a de que os germanos (alemães), de um lado, certamente, foram motivados a se fixarem na Pomerânia pelo fato de assim poderem expandir o seu território e estabelecer uma fronteira fortificada ao leste do “Império Alemão”; os pomeranos, de outro lado, provavelmente, foram levados a acomodarem alemães em terras pomeranas com o interesse de se resguardarem contra as constantes invasões estrangeiras, principalmente, polonesas, que tanto almejavam uma saída para o mar Báltico. Apesar da aliança dos povos germânicos com a Pomerânia, o desejo de outros povos em dominar essa terra não cessou, o que constantemente trouxe-lhe novas guerras.

No século XII, aconteceram 22 guerras na Pomerânia Ocidental contra dinamarqueses e poloneses. Entre os anos de 1348 e 1351, o surto da peste dizimou em torno de um terço da população pomerana. Na segunda metade do séc. XV, o duque Bogislaw X conseguiu ainda trazer relativa prosperidade social e cultural por alguns anos à Pomerânia. Seu governo centralizou sua administração na cidade de Stettin (Szczecin), que se tornou a sua capital. Por ocasião da morte do duque Bogislaw X no ano de 1523 seus filhos assumiram o governo da Pomerânia. A nobreza pomerana, que já vinha enfraquecida por sustentar constantemente guerras contra povos inimigos, por um lado, perde agora poder e influência através de partilhas por heranças e matrimônios, por outro lado.

Além disso, a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos<sup>68</sup>, que já tinha fortificações ainda mais ao leste, nas regiões de Lauenburg e Bütow,

---

origem do alemão que se falava nas regiões da Turíngia e Saxônia e remonta ao Movimento Reformatório desencadeado por Martin Luther a partir do ano de 1517.”

<sup>66</sup> Para mais informações sobre a colonização alemã por camponeses e burgueses no século XII e XIII em territórios eslavos ocidentais e o surgimento de regiões dialetais novas do alemão através da mistura de colonos e do nivelamento lingüístico, assim como o declínio e o desaparecimento dos dialetos eslavos dessas regiões, ver Polenz (1973).

<sup>67</sup> Alguns autores indicam, no entanto, que descendentes de *kaschuben* (noroeste da Polônia) e de sórbios (leste da Alemanha) falam ainda hoje uma língua que conserva elementos originais da língua eslava (*wende*).

<sup>68</sup> A Ordem dos Cavaleiros Teutônicos é um exército e uma ordem religiosa alemã fundada em 1190 por comerciantes alemães e reconhecida pelo Papa em 1199. Os Cavaleiros Teutônicos

começou agora a penetrar a Pomerânia a partir dessas possessões. O principado de Brandenburgo, ao mesmo tempo, penetra a Pomerânia pelo sul. Nesse contexto, a nobreza pomerana assina no ano de 1529 um tratado com a nobreza brandenburguesa que assegura autonomia aos pomeranos, em contrapartida esses devem passar seu território a Brandenburgo após a morte do último duque pomerano.

Na guerra dos trinta anos (1618-1648) entre católicos e protestantes, o imperador alemão ocupa a Pomerânia em 1627 para evitar que a Suécia protestante-luterana viesse em sua defesa, pois a partir de 1530, os pomeranos, primeiro a burguesia, depois a nobreza e com ela automaticamente os vassalos aderiram à reforma religiosa quase que totalmente. A Pomerânia tornou-se luterana através da ação de Johannes Buggenhagen, o “Dr. Pomeranus”.

As tropas do “Império Alemão” confiscaram então todos os alimentos para o seu sustento, o que trouxe miséria para toda a Pomerânia. No ano de 1630, os suecos também a ocuparam e comportaram-se como os alemães, cobrando o seu sustento dos pomeranos, deixando-os a um passo da ruína. A luta das tropas alemães tentando reconquistar a Pomerânia só fez agravarem o conflito que levou a sua destruição.

Além disso, morre em 1637 o duque Bogislaw XIV, o último descendente da dinastia dos Greifen. Segundo o Tratado do ano de 1529, Brandenburgo deveria então tomar posse da Pomerânia, o que não foi permitido pelos suecos, pois esses ainda mantinham suas tropas lá. Em 1648, os suecos cederam então a Pomerânia Oriental a Brandenburgo, mas mantiveram a Pomerânia Ocidental e a capital Stettin (Szczecin) sob o seu domínio. Nessa guerra estima-se que 50% da população pomerana tenha sido dizimada. Entre 1655 e 1660, travou-se uma nova luta em terras da Pomerânia Ocidental envolvendo suecos e poloneses. Brandenburgo então se aproveitou desse conflito para anexar as possessões de Lauenburg e Bütow à Pomerania Oriental.

Somente no ano de 1720, o principado Brandenburgo-Prússia fez valer o Tratado do ano de 1529 e então também a Pomerânia Ocidental passa ao domínio desse principado, exceto ainda algumas possessões ao norte do rio Peene, que permaneceram sob o domínio sueco.

---

começaram em 1229 uma cruzada para converter e pacificar os eslavos pagãos da Prússia e foram estendendo o seu domínio pelos Bálcãs da Polónia, pela Lituânia, Suécia, ao longo do Báltico, do golfo da Finlândia para as margens da Pomerânia, promovendo a colonização dessas terras com alemães. Para mais informações sobre a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos, ver Silva Sobrinho.

Na segunda metade do séc. XVIII, agora sob o domínio da Prússia, a Pomerânia enfrenta novas invasões, primeiro são os russos e depois novamente os suecos, que fizeram estragos em solo pomerano. Quando esses conflitos acabaram, o rei da Prússia, Frederico, O Grande, tentou recolonizar e reconstruir a Pomerânia. Essa terra conheceu então novamente certo progresso, mas em 1806, o exército de Napoleão Bonaparte passa pela Pomerânia em direção à Rússia deixando suas marcas. No ano de 1815, no Congresso de Viena, as grandes potências européias redesenharam o mapa europeu, entre outras decisões, a Suécia teve que entregar as últimas possessões na Pomerânia Ocidental à Prússia. Em 1817 surgiu então a Província Pomerana da Prússia, que na unificação alemã em 1871, foi anexada ao Império Alemão.

Em função da partilha entre os homens poderosos da Europa explodiu em 1914 a I Guerra Mundial. Após o término dessa guerra, conforme o Tratado de Versalhes no ano de 1919, a Alemanha perdeu a maior parte da Província Pomerana da Prússia Ocidental (“Pomerânia Oriental”) para a Polônia, que finalmente conseguiu o tão almejado acesso ao mar Báltico. Em 1939 teve início a II Guerra Mundial e poucos meses antes de acabar essa guerra, o Exército Vermelho da União Soviética invadiu a “Pomerânia Oriental” e muitas cidades foram destruídas, entre elas, Pyritz e Kolberg, que praticamente desapareceram do mapa. Os pomeranos dessa região fogem e refugiam-se na “Pomerânia Ocidental” e em outros estados da Alemanha.

Após a capitulação dos alemães em 8 de maio de 1945, os aliados reuniram-se na Conferência de Potsdam para que, mais uma vez, fosse estabelecida uma nova ordem na Europa. O norte da Prússia Oriental passa a pertencer a União Soviética e o resto dessa região, como a “Pomerânia Oriental”, inclusive a cidade de Stettin (Szczecin), passaram para o domínio polonês, que são mais tarde incorporadas pela Polônia<sup>69</sup>. A população alemã da Pomerânia ao leste dos rios Oder e Neisse foi então perseguida e expulsa de seu território por soviéticos e poloneses e se dispersaram pela parte ocidental da Alemanha. Nessa trajetória morreram em torno de 500 000 pessoas<sup>70</sup>.

Na criação dos dois Estados alemães em 1949 a “Pomerânia Ocidental” é então integrada à Alemanha Oriental. Os rios Oder e Neisse formaram assim a divisa da Alemanha Oriental com a Polônia e

<sup>69</sup> A área total da Pomerânia era de 38.500 km<sup>2</sup>, dos quais 31.301 km<sup>2</sup> passam para o domínio polonês. (RÖLKE, 1996).

<sup>70</sup> No último censo que foi realizado em 17 de maio de 1939, a população total da Pomerânia era de 2.330.445 habitantes, dos quais 1.895.230 moravam na “Pomerânia Oriental” e 435.215 na “Pomerânia Ocidental”. (RÖLKE, 1996).



a “Pomerânia” como um todo deixa de existir. Na reunificação das duas Alemanhas em três de outubro de 1990 a “Pomerânia Ocidental” passou a integrar o atual estado alemão Mecklenburgo-Pomerânia-Occidental da República Federal das Alemanha. Resumindo, de 1186 a 1806, a Pomerânia esteve sob o domínio do Sacro Império Romano Germânico. Em 1815 torna-se parte da Prússia, em 1871 do Império Alemão e em 1945 e 1990, parte da Pomerânia integra a República Democrática Alemã e a República Federal Alemã respectivamente.

No mapa abaixo, podemos visualizar a distribuição do território que formava a antiga Pomerânia e que abrange a Alemanha e a Polônia atuais.

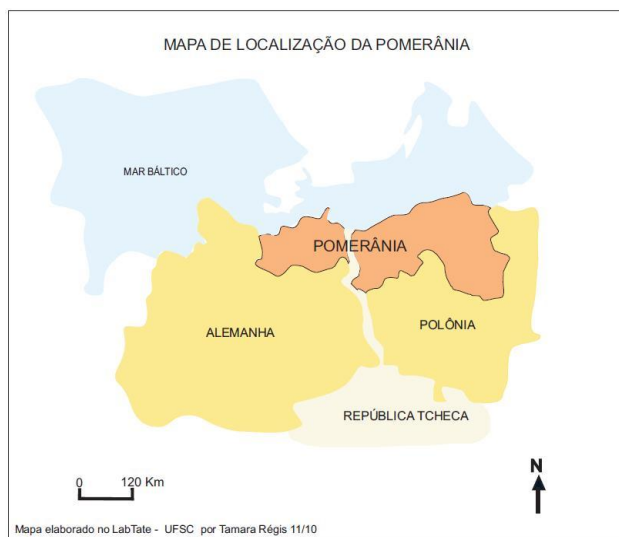


Figura 5: Mapa da Alemanha e da Polônia atuais abrangendo a antiga Pomerânia

Fonte: LabTate, UFSC (2010)

Assim, ao longo dos séculos, a Pomerânia permaneceu sob o domínio de diferentes potências e conviveu com a morte de seu povo e a destruição de sua terra, provocadas por guerras, muitas delas, sem sua participação direta, pois povos estrangeiros entravam e saíam da Pomerânia para, entre si, resolverem seus conflitos particulares.

Achar os pomeranos hoje é algo quase impossível, pois eles se pulverizaram por todo o mundo. Por isso mesmo é de grande importância o registro da língua e dos costumes, aqui no Brasil, antes que tudo, se perca na poeira do tempo. (SALAMONI et al., 1995, p. 12-13).

Em uma retrospectiva histórica, a Pomerânia era, no início da segunda metade do século XIX, uma província da Prússia, portanto fazia parte da Confederação Alemã. Nessa época, muitos “pomeranos”, ou seja, cidadãos da Prússia, emigraram dessa região para o sul do Brasil, em especial, para São Lourenço do Sul (RS). A vinda desses imigrantes está estritamente vinculada à abolição do sistema feudal (servidão da gleba) no começo do século XIX na Prússia. Nessa região, houve então uma reforma agrária<sup>71</sup>, mas como não foram dados aos ex-servos os meios de produção necessários, os ex-senhores feudais readquiriram em pouco tempo a terra aumentando assim seus latifúndios. Na prática, a estrutura sócio-econômica pouco mudou, pois a nobreza continuava como detentora da maior parte das terras e do controle dos meios de produção. As transformações sociais desse fato incidiram preponderantemente na vida dos camponeses (pequenos proprietários de terras) da Pomerânia, que iam se tornando agregados (jornaleiros) da aristocracia rural (*Junkers* - grandes proprietários de terras). Além disso, a emigração para o Brasil foi favorecida pela propaganda feita na Europa, que mostrava o Brasil como uma terra capaz de proporcionar ao imigrante uma vida tranqüila e próspera. Para os camponeses, que viviam excluídos social e economicamente, isto é, quase no limite da sobrevivência, a emigração era o que precisavam no momento.

### 3.2 A COLÔNIA SÃO LOURENÇO

O município de São Lourenço do Sul localiza-se no sudeste do estado do Rio Grande do Sul, às margens da Lagoa dos Patos e do rio

<sup>71</sup> Conforme lei promulgada pelo rei Frederico Guilherme III da Prússia, os ex-servos precisavam pagar com dinheiro ou entregar parte da gleba recebida para se tornarem proprietários. Além disso, mediante o estabelecimento de um imposto à população, os mais pobres deveriam entregar ao Estado “[...] um Groschen por mês, ou seja, o valor equivalente a três dias de trabalho.” Finalmente, a mecanização da lavoura fez com que muitos jornaleiros perderam seu trabalho no campo. (COSTA, 2007, p. 24).

São Lourenço e na Serra dos Tapes, conforme podemos ver no mapa abaixo:

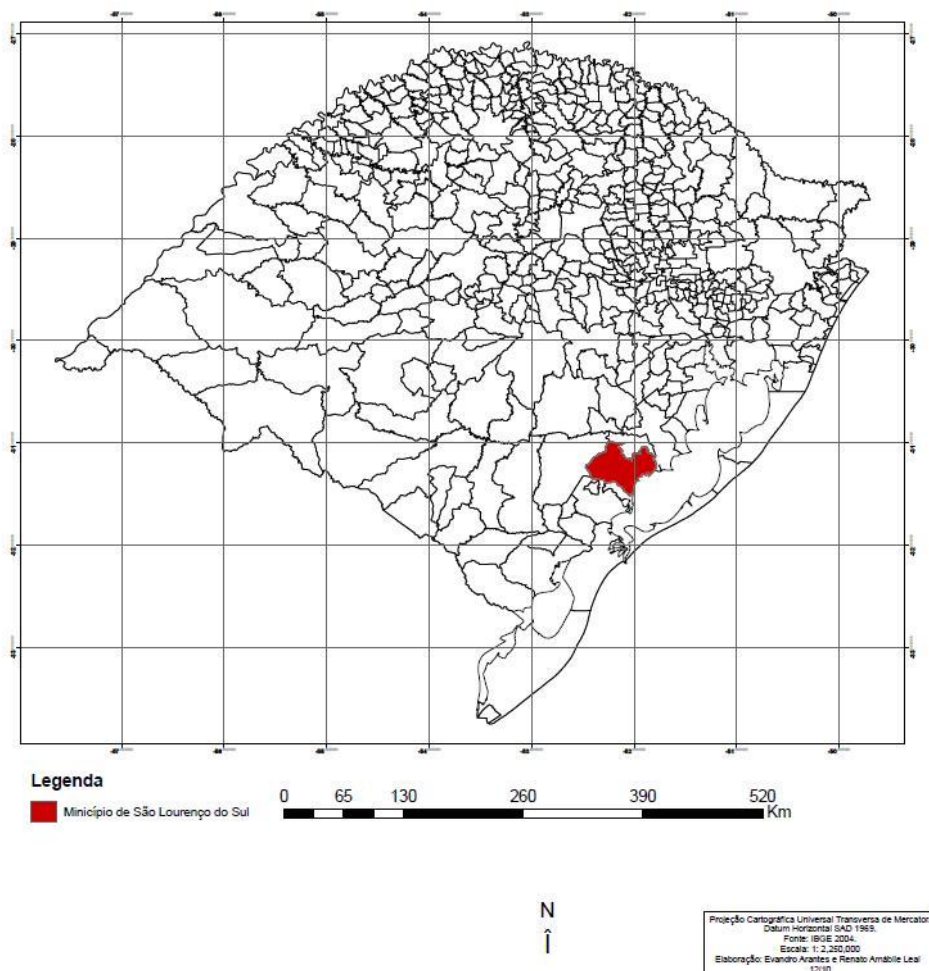


Figura 6: Mapa Político do Rio Grande do Sul com a localização do município de São Lourenço do Sul  
Fonte: IBGE (2004)

O território de São Lourenço do Sul fazia parte da vila de Rio Grande até 1830, quando passou a pertencer à vila de Pelotas até a data

de sua emancipação em 1884. O início do povoamento dessa Região remonta ao final do século XVIII e início do século XIX e está vinculado às sesmarias e às estâncias que se situavam na faixa de terras planas e costeiras da Lagoa dos Patos. Nessas terras, próprias para pastagens, estabeleceram-se, predominantemente luso-brasileiros<sup>72</sup>, que se dedicaram à criação e exploração de gado através das charqueadas. Ao lado dos grandes latifúndios de exploração pecuária que caracterizaram São Lourenço do Sul por quase um século, surge mais tarde, na Serra dos Tapes, as pequenas propriedades de exploração agrícola diversificada. Essa região florestal, que forma grande parte do município de São Lourenço do Sul, mas também dos municípios de Pelotas e Canguçu, permaneceu praticamente devoluta e inculta até o estabelecimento dos primeiros imigrantes alemães em 1858 nas picadas São Lourenço e Moinhos.

À margem da Lagoa dos Patos, na embocadura do arroio São Lourenço, existiam as propriedades dos estancieiros José Antônio de Oliveira Guimarães e Francisco dos Santos Abreu, em torno de cujas residências se erguiam uns poucos e pobres ranchos, dependências dos estabelecimentos e moradia de “peões” e agregados. A isso se chamava o Porto de São Lourenço, que não atingia sequer as proporções de simples povoado. Por trás das duas estâncias, subindo os suaves aclives da chamada Serra dos Tapes, uma sucessão de coxilhas mansas, desdobrava-se a mata virgem sobre um solo rico de humus. Pelas fímbrias da mata, aqui e ali, esparsas, algumas poucas taperas, vestígios abandonados de roças frustras. (COARACY, 1957, p. 37).

Através dessa divisão geográfica e étnica-cultural, São Lourenço do Sul acabou dividido em duas “regiões” distintas com características próprias a uns vinte e cinco quilômetros mais ou menos de distância uma da outra. Segundo Roche (1969, p. 179), São Lourenço “representa uma ilha agrícola numa mancha florestal, no meio de uma zona luso-brasileira de pecuária, na planície.” São Lourenço do Sul encontra assim seu alicerce econômico na pecuária, mas principalmente na agricultura, isto é, na colônia agrícola e no porto de São Lourenço, que foram os propulsores para o nascimento do Município. Segundo Costa (2004, p.

---

<sup>72</sup> Devemos destacar aqui que a população sul-lourenciana foi formada também por outros grupos étnicos, a saber: índios, africanos, espanhóis e italianos. Para mais informações sobre a população sul-lourenciana, ver Iepsen (2008).

44), “[...] o nascimento da colônia alemã, nesta região do sul do Brasil, deu à navegação dos iates à vela um novo alento e prorrogou seus dias de existência, que, do contrário, teriam sido abreviados.”

O intenso progresso da colônia alemã e naturalmente do porto de São Lourenço, pode ser facilmente constatado, pois, no ano de 1858, o porto não tinha qualquer expressão regional. [...] Porém, decorridos apenas três anos da fundação da colônia, ou seja, em 1861, é fundada a capela de São Lourenço [...]. É inequívoco sintoma do surto de desenvolvimento que experimenta o porto em decorrência do progresso da colônia alemã. A determinação legal, que autoriza a instalação da capela, não deixa dúvidas, ou seja, ela deve ser instalada no porto de São Lourenço, o que revela a proeminente posição que o ancoradouro já ocupava na região, em apenas poucos anos. É em torno do porto, que nasce o povoado de São Lourenço, que, no ano de 1901, será elevado à categoria de Vila, vindo, mais tarde, a ser a futura cidade de São Lourenço do Sul<sup>73</sup>. (COSTA, 2004, p. 36-37).

O passo inicial para a fundação da Colônia mais meridional do Brasil e fora do eixo das demais colônias da província do Rio Grande do Sul, precisamente no meio de grandes fazendas de criação de gado, foi quando o empresário alemão Jacob Rheingantz no final de 1856 adquiriu do Governo Imperial “8 léguas de terras devolutas, à razão de ½ real por braça quadrada, com a obrigação de medi-las dentro de 5 anos e povoá-las com colonos agricultores alemães, suíços ou belgas. O seu número não deveria ser inferior a 1440 almas.” (RHEINGANTZ, 1907, p. 8).

A colônia de São Lourenço, que abrangia não só São Lourenço, mas também Pelotas e Canguçu, foi um empreendimento agrário particular projetado, organizado, financiado e administrado pela sociedade entre Jacob Rheingantz e o fazendeiro luso-brasileiro Cel. José Antônio Oliveira Guimarães<sup>74</sup>.

<sup>73</sup> “[...] A sede da Freguesia do Boqueirão transferia-se para a povoação do porto de São Lourenço [no ano de 1874]. [...] A Freguesia de N. S<sup>a</sup> da Conceição do Boqueirão e a Freguesia de São Lourenço emancipam-se de Pelotas [no ano de 1884], num processo que viria a formar o Município de São Lourenço do Sul [...] A localidade de Boqueirão até aquela época, era o mais importante reduto populacional de São Lourenço [...].” (COSTA, 2004, p. 37).

<sup>74</sup> José Antônio Oliveira Guimarães foi sócio de Jacob Rheingantz durante os cinco primeiros anos da empreitada. Esse fazendeiro “[...] havia doado, poucos anos antes, um oitavo de légua de sua estância, [a fazenda de São Lourenço junto ao porto à margem esquerda do rio São

Enquanto Jacob Rheigantz foi buscar e encaminhar na Europa os primeiros imigrantes para esta terra, Oliveira Guimarães preparou os lotes para o assentamento dos imigrantes, contratando os serviços do agrimensor Carlos Knüppeln, providenciando-lhes alojamento, organizando transporte para os lotes coloniais e dotando os imigrantes com animais domésticos para iniciarem suas atividades. Oliveira Guimarães ainda obteve recursos junto a terceiros de modo a financiar o empreendimento, o que foi decisivo para o sucesso da colonização. (COSTA, 2003, p. 35).

A primeira leva de imigrantes alemães (88 pessoas) aportou em 15 de janeiro de 1858 no porto de São Lourenço e no dia 18 de janeiro, portanto, três dias depois, chegaram à Colônia, data que marca a fundação da colônia de São Lourenço<sup>75</sup>. (HAMMES, 2008).

De acordo com Schröder (2003), essas pessoas vieram de várias regiões da Confederação Alemã e, em sua grande maioria, eram artesãos, portanto, não eram apropriadas para uma colônia agrícola. A maioria delas não se adaptou ao trabalho agrícola e abandonou logo a Colônia. Na esteira dessa primeira leva de imigrantes alemães, vieram muitos outros, a maioria deles eram agricultores oriundos da Província Pomerana da Prússia (Pomerânia). Segundo Jairo Scholl Costa,

[...] a maioria dos nossos imigrantes [...] oitenta e nove por cento vieram da Pomerânia e especialmente da Pomerânia Oriental [...]. Mas também vieram alguns de outras regiões da Alemanha, na minoria dos onze por cento substancialmente formados por pessoas da Renânia e do Hunsrück. Nós temos pessoas também que vieram de Hamburgo, de Baden, da Baviera, da Silésia [...]<sup>76</sup>.

Os imigrantes que vieram de outras regiões da Alemanha eram, na sua maioria, artesãos: carpinteiros, marceneiros, ferreiros, padeiros, curtidores, seleiros, pedreiros, moleiros, negociantes, etc. Entre eles,

---

Lourenço] para que fosse assentado o povoado que, mais tarde, evoluiria para freguesia, para vila e, em 1938, para a [...] cidade de São Lourenço do Sul.” (HAMMES, 2008, p. 22).

<sup>75</sup> Os imigrantes alemães chegaram em 15 de janeiro no Rio Grande e no dia 18 de janeiro desembarcaram em São Lourenço. (COSTA; DIETRICH; ALMEIDA, 2008).

<sup>76</sup> Jairo Scholl Costa. Entrevista realizada no ano de 2008 em São Lourenço do Sul.

alguns se tornaram artesãos-agricultores direcionando o artesanato às necessidades agrícolas, enquanto outros, vendo que não tinham condições de desenvolver seu ofício foram abandonando a Colônia ao longo do tempo, pois como já mencionamos acima, a colônia de São Lourenço tinha sido concebida e direcionada para atividades agrícolas e não para o desenvolvimento do artesanato e da mecanização.

Segundo Schröder (2003, p. 121),

após a chegada de mais de 115 pessoas no ano de 1858, os anos posteriores trouxeram elementos mais apropriados: trabalhadores rurais da Pomerânia. Imigraram em 1859 cerca de cem pessoas, em 1860 cerca de duzentos, em 1863 cerca de trezentos, de modo que a população de 1866 abrangia 1637 almas em 430 famílias, e a de 1878 seis mil almas.

A historiografia ressalta o desenvolvimento e o sucesso da colônia de São Lourenço, “de sua instalação até os anos de 1950 [...] baseado em pontos fortes como: boa fertilidade da terra, grande capacidade de trabalho e técnicas de cultivo adquiridas no dia-a-dia<sup>77</sup>.” (COSTA; DIETRICH, ALMEIDA, 2008, p. 25).

Conforme Coaracy (1957, p. 23-24), a colônia particular de São Lourenço,

[...] vencendo as dificuldades e vicissitudes naturais e êste gênero de empreendimento, se desenvolveu, cresceu e prosperou até atingir a autonomia sob a forma de município, única e exclusivamente sob a administração privada, sem que se apresentasse a necessidade de ser encampada pelo governo para evitar que se aniquilasse e desaparecesse. Bastava esta particularidade, quando outras não houvesse, como há, para torná-la credora de especial destaque na história das colônias agrícolas criadas no Brasil com elementos imigratórios de proveniência européia.

A Colônia se estabelece em poucos anos como um centro importante de produção agrícola do sul do Estado. No segundo ano da colonização,

---

<sup>77</sup> No entanto, sabemos que havia colonos que receberam terras menos aráveis, isto é, pedregosas e íngremes. Certamente, o cultivo dessas terras não teve a mesma produtividade e, provavelmente, esses colonos não prosperaram, isto é, viveram no limite da sobrevivência.

[...] a colônia já produzia feijão, milho, batatas, cevada, trigo, centeio, com maior expressão para o milho [...] Em 1878 [...] colhiam-se 43000 sacos de feijão, 100.000 de milho, 110.000 de batatas, 5.000 de cevada, 1.000 de trigo, 50 de lentilhas, 60 de ervilhas, 50 de favas, 5.000 libras de mel, 260 libras de cera, 1.000 arrobas de banha, 3.500 libras de manteiga. A produção de ovos e de galinha era estimada em 6:000\$000 [...] Em 1895, já eram produzidos [...] milho, feijão, batata inglesa, batata doce, ervilhas, favas, cevada, farinha de milho, farinha de trigo, linhaça, cana de açúcar, vinho, lentilhas, galinhas e frangos, ovos, casca para curtume, carvão, caibros e barrotes, linhas e linhotes, tábuas de pinho, tábuas de cedro, pranchões, couros, chifres, banha, toucinho, presunto de porco, carnes de conserva, manteiga, mel de abelha, cera em pano, lenha, seda crioula, presuntos de peito de ganso. Além disso, havia um rebanho de 30.000 reses e 4.000 ovelhas sendo exportadas. (DREHER, 2008).

A produção agrícola da Colônia era transportada pelo próprio colono em carroças até o porto de São Lourenço, onde era vendida a comerciantes e/ou armadores, que tinham se estabelecido no povoado, criado casas de exportação e construído uma frota de barcos mercantes que abastecesse regiões próximas de São Lourenço. Os produtos coloniais eram então escoados para mercados dessas regiões, os centros de Pelotas e Rio Grande, que eram os seus principais consumidores. A colônia de São Lourenço chegou a exportar batata inglesa para o Rio de Janeiro e Montevidéu, que a fez o seu maior produtor do Brasil em torno de 1950.

O porto mercante de São Lourenço é construído num esforço de colonos alemães e marinheiros, já que os primeiros moradores que se estabeleceram são europeus com a finalidade de explorar o comércio de exportação e navegação. O sucesso da colônia alemã e suas riquezas entusiasma muitos alemães, que não imigram para trabalharem como agricultores, mas sim para operarem no comércio, abrindo no porto de São Lourenço, as conhecidas [...] [*Exporthaus*] de produtos coloniais. Terão eles também iates que irão levar esses produtos inicialmente para o porto de rio Grande. [...] Os primeiros estabelecimentos do gênero, no porto de São Lourenço, segundo se recolhe, foram os de Peter Timm, Fernando



Englert e Carlos Ritter. Consta tenham sido também os primeiros moradores do povoado de São Lourenço e logo teriam seus próprios iates<sup>78</sup>. (COSTA, 2004, p. 37).

Chamamos a atenção aqui para o fato de que

[...] ao contrário da colônia, onde a maioria é pomerana, aqui, predominam renanos, saxônios, hessianos [...]. [Em São Lourenço há, portanto dois grupos de imigrantes distintos.] Os que vêm para trabalhar nos lotes coloniais na Serra dos Tapes e os que vêm para o comércio e navegação no povoado do porto [...]. (COSTA, 2007. p. 246-247).

Esses comerciantes e/ou armadores estabelecidos no povoado de São Lourenço formaram então uma classe social distinta.

Era uma sociedade que se comportava verdadeiramente como transplantada da Alemanha. A língua dominante era o alemão, os assuntos que não fossem os negócios da colônia e do povoado, de um modo geral giravam sempre em torno da vida social, política e econômica da Alemanha. A escola que havia no povoado era particular, ensinava matemática, história, geografia, religião e ciências naturais, mas o idioma era o alemão. (COSTA, 2007, p. 356).

A vida social desse grupo de imigrantes alemães e seus descendentes girava, enfim, em torno de piqueniques, passeios de barcos pelo rio São Lourenço e caçadas na mata da região. Eles fundaram uma sociedade de atiradores, a *Schützenverein Germânia*, onde promoviam eventos como bailes e quermesses e praticavam o tiro ao alvo e jogavam bolão<sup>79</sup>.

<sup>78</sup> Salientamos aqui as casas de exportação e navegação de Carlos Helms (1895) e de Roberto Nickhorn (1901). No entanto, devemos ressaltar também que, “embora a colônia fosse de imigrantes alemães e, desta forma, naturalmente, a maioria dos comerciantes do porto fosse desta descendência, a eles juntaram-se na formação do porto e da então Vila de São Lourenço, elementos de outras nacionalidades, especialmente brasileiros natos de origem lusitana. [...] Assim surgiram muitas casas de exportação de formação luso-brasileira ou sociedades na aquisição dos iates [...]. (COSTA, 2004, p.41).

<sup>79</sup> Além dos comerciantes e/ou armadores, faziam parte da sociedade de atiradores [...] ‘caixeiros’, jovens que trabalhavam na administração das firmas [...]. Tinha os capitães de barcos e seus imediatos, via de regra, de origem alemã [...]. Também, eram bem recebidos neste círculo militares e fazendeiros que eventualmente participavam das quermesses ou dos

O crescimento do porto e da navegação lourenciana destacou-se mais intensamente entre os anos de 1870 e 1945, quando dezenas de barcos partiam diariamente do porto de São Lourenço para os mais diversos pontos das Lagoas dos Patos e Mirim. O ponto alto da navegação mercante local “[...] estima-se tenha ocorrido na década de 1930, quando a frota lourenciana tinha mais de cinquenta iates e um considerável número de lanchões [...] lanchas e canoas.” (COSTA, 2004, p. 54).

O desenvolvimento da região serrana somada à posição portuária favorável do rio São Lourenço facilitou a exportação dos produtos coloniais e o fortalecimento do comércio local. Para atender às necessidades do progresso da navegação em São Lourenço surgiram os estaleiros<sup>80</sup>. Na esteira dos estaleiros, vieram profissionais especializados no artesanato naval, os fabricantes de velas e de ferragens náuticas, assim como lenhadores, carroceiros e comerciantes.

No ano de 1895, a vila de São Lourenço contava com onze casas de negócios de fazendas, secos e molhados, ferragens e miudezas; duas ferrarias; duas sapatarias; uma barbearia; dois estaleiros; uma funilaria; uma padaria; duas alfaiatarias; duas carpintarias; dois hotéis e “bilhares”; duas cervejarias; uma olaria e dois açougues. (DREHER, 2008). No início do século XX, o aumento da atividade pesqueira fez surgir a indústria do pescado<sup>81</sup> e o início da plantação de arroz a

---

bailes. [...] Mas, estes participavam raramente, pois faziam sua vida social com mais intensidade nos salões de Pelotas e Rio Grande. (COSTA, 2007, p. 356). As pessoas de origem luso-brasileira que trabalhavam para os alemães e seus descendentes, tanto na terra como no mar, tinham um modo de vida bem diferente, pois uns divergiam dos outros em muitos pontos como na língua, na religião e a maioria desses trabalhadores não tinha o poder econômico dos comerciantes e/ou armadores. Nesse contexto, “[...] havia [ainda] um terceiro círculo que ficava à margem desta sociedade germano-luso-brasileira. [...] Eram os marinheiros pobres, os escravos, os alforriados, os mulatos, trabalhadores rasos dos estaleiros e peões que vinham dos campos e fazendas. (COSTA, 2007, p. 357). Precisamos ressaltar aqui que, após a Primeira Guerra Mundial, no ano de 1920, a *Schützenverein Germânia* passa a se chamar Sociedade Recreativa Sete de Setembro e em 2006, Associação Cultural Sete de Setembro e ao longo do tempo, muitas atividades foram criadas, como o jogo de bocha, o bingo e o futebol de sete e outras que tinham desaparecido foram recriadas, como o tiro ao alvo e o jogo de bolão. Chamamos a atenção aqui ainda para o tiro ao alvo que, atualmente, segundo nossas percepções, não é um marcador étnico teuto-brasileiro em São Lourenço do Sul. Segundo Hélio Falck, existiam poucos clubes de caça e tiro no interior do município, que desaparecem durante a guerra e nunca mais retornaram, portanto, parece que também no interior de São Lourenço do Sul, o clube de caça e tiro não é ou nunca foi um marcador importante de identidade étnica. Nesse contexto, Hélio Falck chama a atenção para o canto coral que também teve um intervalo, mas retornou como um importante marcador de identidade étnica da zona rural de São Lourenço do Sul. Hélio Falck. *Ibid.*

<sup>80</sup> Ressaltamos aqui os estaleiros Buss e Roveré.

<sup>81</sup> Salientamos aqui as indústrias de conservas Wienke, Kraft e Timm.

edificação de engenhos na zona portuária. Desde o seu nascimento até os anos quarenta do século XX,

[...] São Lourenço do Sul viveu a vida típica de uma cidade portuária. [...] A Vila, e mais tarde a cidade, era constituída de um permanente surgimento de casas e edificações, em torno do porto. [...] Desde a administração, colégios, fábricas, bancos, coletorias de impostos, polícia e outros órgãos, não ficavam mais distantes do que duzentos metros do cais. [...] São Lourenço do Sul pojerava vida náutica, fosse na navegação mercante, na construção naval ou na pesca. (COSTA, 2004, p. 124).

Essa prosperidade podemos constatar também nos povoados de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão e de São João Batista da Reserva situados na encosta da Serra. No povoado do Boqueirão havia dez casas de negócio e no da Reserva três casas de negócio, um curtume com fábrica de correias e selas, um moinho, uma olaria, uma ferraria, uma carpintaria, um consultório médico, uma farmácia e uma fábrica de cerveja. Na Colônia, havia vinte e quatro casas de negócio de fazenda, secos e molhados, ferragens e miudezas; oito ferrarias; doze moinhos; quatro carpintarias; quatro curtumes; uma tamancaria e duas cervejarias. (DREHER, 2008).

No que diz respeito à colônia de São Lourenço, particularmente, observamos alguns fatos. Os primeiros anos de formação da colônia de São Lourenço foram difíceis, pois sabemos que plantações frustradas, enfermidades e infra-estrutura precária fizeram parte da vida do colono nessa época.

O Governo Imperial ou provincial não atendeu às necessidades básicas dos colonos como educação, religião, saúde, transporte, entre outras, que ficaram a cargo da administração da Colônia:

[...] abertura de novas picadas, estradas, conservação das existentes, criação de escola, agremiações religiosas, enfim, todas as obras e organizações que havia foram de iniciativa privada, sem contribuição oficial, que nunca demonstrou qualquer interesse em ajudar a nova colônia. (COSTA, 1984, p. 60).

Segundo Coaracy (1957, p. 63-64), concorreram vários motivos para isso: “São Lourenço fica longe, fora do âmbito que a colonização

por iniciativa oficial se esforçava por povoar; São Lourenço era uma colônia particular; São Lourenço estava isolada e prosperava por seus próprios meios.”

Os colonos demonstraram, no entanto, desde os primeiros tempos da colonização um acentuado interesse pela escola e igreja. A educação formal e a fé religiosa foram elementos essenciais por um longo período da história de vida do imigrante. A primeira escola foi criada em 1862 na Picada Moinhos. No ano de 1877 havia 16 escolas particulares e uma pública, que não funcionava por falta de professores. Entre as escolas particulares, apenas duas tinham professores com formação pedagógica, os demais eram leigos, ou seja, colonos sem habilitação para a função<sup>82</sup> e somente dois professores dominavam a língua portuguesa. (FLORES, 1982).

A maioria evangélico-luterana criou sua primeira comunidade em 1863 na Picada Moinhos e realizava os cultos em casas “escolas-igreja”<sup>83</sup>, atendidas por um pastor leigo, isto é, sem formação teológica<sup>84</sup>, mas que possuía autorização do Governo Provincial para o ofício. Ao lado da “igreja” ficava o cemitério, pelo qual os evangélicos tinham um cuidado especial, pois nele, preservavam a memória da comunidade. A primeira capela foi fundada em 1867 pela minoria católica da Colônia também na Picada Moinhos<sup>85</sup>. Os católicos eram atendidos esporadicamente por missionários alemães que visitavam a Colônia até 1900, quando a presença de padres católicos se tornou mais efetiva<sup>86</sup>.

---

<sup>82</sup> Sabemos que, no início da imigração, as aulas eram ministradas nas próprias casas das famílias por pessoas da comunidade que tinham outras atividades, mas com um pouco mais de instrução. Geralmente, os escolhidos pela comunidade para a função de professor era o pastor, que também não tinha formação pedagógica e tão pouco teológica.

<sup>83</sup> No Brasil imperial a religião oficial era o Catolicismo, “[...] mas outras religiões (cristãs) seriam toleradas, mas só poderiam ser praticadas em casas para tanto destinadas, sem forma exterior de templo. Não podiam ter torres, cruzes e sinos.” (DREHER, 2008).

<sup>84</sup> “Pela documentação existente, o mundo protestante foi, inicialmente, atendido por um alfaiate, Schäfer, que exerceu seu ministério até a velhice.” (DREHER, 2008).

<sup>85</sup> A primeira igreja católica, a capela de Nossa Senhora da Conceição, construída no território, que hoje é o município de São Lourenço do Sul, foi fundada, no entanto, em 1830, na então vila do Boqueirão. (COSTA, 1984). Boqueirão, o povoado mais antigo destas terras “nasceu em torno daquela igreja dedicada à Nossa Senhora da Conceição. As terras foram doadas por um estancieiro à Igreja Católica. Os padres conceberam um povoado composto de antigos agregados de fazendas, negros libertos, mestiços de índios e brancos e também vieram pequenos comerciantes, basicamente vendedores e bolicheiros. [...] Algumas famílias de italianos trazidos pela Igreja para plantarem a videira, fazerem vinho [...] [instalaram-se ali] e, também, estavam empenhados em criar o bicho da seda.” (COSTA, 2007, p. 293-294).

<sup>86</sup> As freguesias de São Lourenço, Boqueirão e Reserva eram atendidas até o ano de 1900 por um único vigário. (COSTA, 1984).

Diante do exposto acima, podemos observar que a questão da instrução escolar e do culto religioso na Colônia, embora tivesse sido priorizada, era deficiente no período inicial de formação da Colônia. Disso podemos inferir que praticamente a totalidade da população da Colônia, nesse período, deveria ter uma vida intelectual, religiosa e cultural limitada, assim como desconhecer o idioma português. Mesmo assim, devemos chamar a atenção para o fato de que o ensino e a religião, mesmo que deficientes, podem ter fomentado a criação do primeiro jornal da Colônia intitulado *Der Bote Von São Lourenço* em 1892 pelo pastor e professor Alexandre Leopoldo Voss.

A existência de uma empresa gráfica e jornalística na colônia [...] é o coroamento do sonho acalentado pelo imigrante alemão de ver solidificada na nova pátria a educação e a religião. O binômio funcionava como um cimento místico que possibilitou a união e o desenvolvimento da colônia que veio a ser conhecida em todo Brasil. (COSTA, 1984, p. 65).

Entre outras dificuldades enfrentadas pelo imigrante alemão provocadas por uma infra-estrutura precária no início da colonização, devemos salientar que somente em 1929 foi criado um hospital por meio de uma associação de agricultores na localidade de São João Batista da Reserva, que se tornou na época um dos melhores hospitais da América Latina. Os colonos tratavam as suas doenças até então com meios alternativos, por exemplo, com chás de ervas, práticas de benzeduras e “receitas caseiras”.

Outro fato importante que precisamos notar é que a Colônia não possuía uma autoridade civil e policial que registrasse os nascimentos, casamentos e óbitos e mantivesse a ordem pública. Para isso foi instituído, através de eleições, pelos próprios colonos o cargo de inspetor de picada no ano de 1862. Além disso, o colono sofreu discriminação ou até mesmo exploração, decorrente talvez de sua deficiência lingüística, por parte de outros grupos étnicos da região.

Pelas razões expostas acima, mesmo que não imprimam certeza histórica, nos permitem fazer inferências, tal como a deque a colônia de São Lourenço constituiu-se por muito tempo em uma comunidade “fechada” e manteve seus hábitos, costumes e tradições trazidas do lugar de origem. Enfim, apesar das dificuldades enfrentadas conseguiram manter sua identidade étnico-cultural. Nesse aspecto, sabemos que, além da escola comunitária e da religião evangélica-luterana, a língua falada

(o dialeto), a canção, a música, a gastronomia e a habitação foram características marcantes de sua identidade, assim como as festas das igrejas, os bailes das sociedades e os jogos de cartas nas “vendas” as formas de lazer mais habituais<sup>87</sup>.

Precisamos salientar aqui também o fato de que a Colônia não ficou fora de conflitos agrários desde os primeiros anos que se estenderam até o início do século XX. Jacob Rheingantz teve que adquirir, além das oito léguas quadradas do Governo, terras de particulares para garantir o acesso à Colônia. Mais tarde, comprou ainda mais terras do governo e de particulares para a extensão da Colônia, que veio a abranger uma área de, aproximadamente, 12 léguas quadradas. (COARACY, 1957). A expansão territorial da Colônia trouxe litígios pela posse das terras, que envolveram, por um lado, os colonos e a empresa colonizadora e, por outro lado, a empresa colonizadora, o Governo Imperial e proprietários particulares. Essas disputas estavam vinculadas principalmente ao preço elevado e à demarcação dos lotes coloniais<sup>88</sup>. Além disso, os proprietários particulares contestavam também a medição dessas terras, o que impossibilitou a empresa colonizadora de legitimá-las, mas que mesmo assim foram vendidas aos colonos, resultando no caso de invasão de terras particulares. (KLIEMANN, 1986). Assim, de um lado, o poder dos latifundiários, a administração da Colônia, a autoridade do Império e, de outro lado, a resistência dos colonos geraram relações conflituosas.

No dia 23 de dezembro de 1867 ao redor das 16 horas apareceu diante da casa de Rheingantz um grupo de mais ou menos 200 homens que antes disso haviam atacado e desarmado os policiais. A maioria estava armada e alguns até bêbados. Eles pediam que Rheingantz os recebesse. O pedido não foi aceito e imediatamente foram fechadas as portas e janelas. Seguiu-se uma chuva de balas e pedras contra a casa e a porta principal foi derrubada. Rheingantz havia se escondido no porão e não foi achado imediatamente. Ele somente apareceu quando alguns dos revoltosos ameaçaram incendiar a casa. Rheingantz foi

---

<sup>87</sup> “Capela, escola, cemitério, venda são expressões de vida em comunidade. Na venda as pessoas se reuniam para saber do que acontecia no mundo exterior, recebendo as notícias trazidas pelo [...] caixeiro-viajante [...]. Na venda se faziam negócios, depósitos em dinheiro, planos, política. A venda era o correio. Na venda, após a venda da safra, aconteciam os bailes. Nos bailes, assim como nas caminhadas para a Igreja, os jovens pares se conheciam.” (DREHER, 2008).

<sup>88</sup> Para mais informações sobre a questão dos problemas que envolveram a administração colonial e os colonos, ver Cunha (1995).

obrigado pelos manifestantes a assinar uma declaração por eles ditada. Neste momento ele se comprometia, entre outros, a cobrar somente 200.000 e 250.000 Réis por lote de terra que ele havia vendido e de devolver todo o dinheiro que houvesse cobrado a mais. Além disso, ele deveria prometer que mandaria novamente medir as terras por sua própria conta. Depois disso Rheingantz foi preso na cadeia da colônia. A sua família, o oficial e os policiais foram obrigados a abandonar São Lourenço. A família Rheingantz foi para a cidade de Rio Grande para onde também se mudou, depois que o governo da província tomou o controle da situação. (CUNHA, 1995, p. 188).

Desse caso, mesmo que não imprima certeza histórica, podemos fazer também inferências, tal como a de que os colonos de São Lourenço eram “politizados”, isto é, conscientes de sua situação, interessados e não estavam afastados da política local, assim como de que a Colônia não era tão isolada do restante do Brasil.

A partir do exposto acima, devemos talvez relativizar

a homogeneidade estabelecida pela origem comum, européia, pela identidade de hábitos e costumes, pela coincidência dos interesses e das condições de existência, [...] acentuada pelo isolamento da colônia. Todos estes fatores convergem para robustecer o sentimento de vida em comum, fortalecer a percepção de unidade. (COARACY, 1957, p. 62-63).

Não obstante, esse autor declara mais adiante na mesma obra que no decorrer dos anos,

[...] não foram só os provindos da imigração oficial os elementos estranhos que se misturaram com os povoadores de São Lourenço provindos de outras colônias, de vilas e distritos rurais, de cidades mesmos, aos poucos alguns outros elementos, nem sempre de origem germânica, adquiriram lotes coloniais e tornaram menos homogênea a população. (COARACY, 1957, p. 67-68).

A família de Jacob Rheingantz administrou a Colônia até 1898 quando foi vendida ao imigrante alemão João Batista Scholl que completou o ciclo da implantação da colônia de São Lourenço. João

Batista Scholl expandiu e impulsionou a empresa colonizadora “[...] assentando os novos imigrantes, abrindo novas picadas, fundando escolas, igrejas, sociedades recreativas e culturais.” (COSTA, 1984, p. 73-74).

No fim do século XIX e no início do século XX, podemos notar então o desenvolvimento da vida educacional, religiosa e cultural da colônia de São Lourenço, quando “[...] houve o cuidado de trazer da Alemanha padres e pastores protestantes que, além de exercerem seu ofício religioso, ocupavam-se também de instruir as crianças.” (COSTA, 1984, p. 142). No entanto, precisamos ressaltar que, até meados do século XX, a maioria dos professores da Colônia ainda não possuía formação pedagógica.

No que diz respeito à vida educacional, no ano de 1898 o professor italiano Vicente Di Tolla funda a primeira escola na vila de São Lourenço. A partir dessa época surgiram então outras escolas na Vila, nos Povoados e na Colônia que salientamos aqui: Na vila de São Lourenço foi fundada em 1909, a Escola São Lourenço por irmãos lassalistas, mas mantida pela Intendência Municipal. Essa escola fechou, portanto, quatro anos depois, pois “[...] a contratação de religiosos feria o dispositivo constitucional [...]” (COSTA, 1984, p. 105). Em 1910, foi fundada a escola particular do professor Sinclair Macarthy e a Escola Evangélica Luterana. Devemos ressaltar também a Escola São Lourenço fundada pelo padre Aurélio em 1914 e a escola particular Santa Therezinha pela professora Rosinha Serpa em 1930, assim como a Escola São Lourenço pelos professores Carlos Lorea Pinto e Armando Rodrigues das Neves e a escola particular pela professora Izolina Passos e o Colégio 3 de Maio. O padre José Herbst foi o mentor intelectual da fundação de Escola Nossa Senhora Estrela do Mar pela Congregação de Notre Dame em 1936, do Ginásio Municipal (1951), encampado pelo Estado em 1958, assim como também da Santa Casa de Misericórdia. (COSTA, 1984).

No ano de 1980, “[...] de acordo com a portaria 04662, foi organizada a Escola Estadual Integrada de 1º grau Nedilande Corrêa [...] passando a ser constituída por 4 unidades entre as quais [...]” a Unidade Estadual de Ensino Padre José Herbst, de 5ª a 8ª série (Ginásio Municipal) e as Unidades de Ensino Cruzeiro do Sul (1926), Vicente Di Tolla (1960) e Monsenhor Gautsch (1959), de 1ª a 4ª série. (Costa, 2003, p. 155-156). A Escola Normal foi criada em 1963. Até então o Colégio Estadual (Ginásio Municipal) era o único a oferecer o ensino de 2º grau, mas não para a formação de professores normalistas. Em 1977, a



denominação da Escola passou a ser Escola Estadual de 2º Grau Dr. Walter Thofehn. (COSTA, 1984).

Com relação aos povoados do Boqueirão e da Reserva foram fundadas as seguintes escolas: No ano de 1934, o professor alemão José Balthazar Murrain transferiu da Reserva para o Boqueirão a Escola Internato, fundada em 1929, que recebe o nome de colégio São Luiz, em 1937 o nome de Escola de Comércio e mais tarde de Escola de Comércio Maranhão. Em 1936 foi fundado o Grupo Escolar de Boqueirão, que oferecia o ensino primário da 1ª a 5ª série até 1974, quando passou a oferecer o primeiro grau completo e a partir de 1977 chama-se Escola Estadual de 1º Grau Padre Maximiliano Strauss. No ano de 1902, o padre alemão Augusto Gautsch criou a escola paroquial na Reserva. Pouco mais tarde fundou a Aliança Católica com a finalidade de promover a literatura, o teatro e a música. (COSTA, 1984).

Como já vimos anteriormente neste capítulo, a educação formal na Colônia era deficiente no início da imigração devido à falta de professores habilitados, mas as famílias de colonos não deixaram de lutar por um ensino formal melhor e foram formando associações que agrupavam várias localidades. Surgiram então as escolas comunitárias.

A partir de 1880, as famílias residentes nas Picadas Quevedos, Birkenfeld, Coxilha Negra e Boa Vista fundaram a Sociedade Escolar da Boa Vista, que foi mantida até 1939. De 1935 a 1977 a Sociedade Católica Escolar da Boa Vista manteve a escola particular Padre Manoel da Nóbrega. No ano de 1939, foi fundado o Grupo Escolar da Boa Vista, oferecendo o ensino primário de 1ª a 5ª série até 1974, quando começou a oferecer o primeiro grau completo e a partir de 1977 chama-se Escola Estadual de 1º Grau da Boa Vista. Nos dias de hoje, a Escola oferece também o 2º grau completo. (COSTA, 1984).

Devemos destacar aqui que, no ano de 1935, foi construída uma escola-internato na Picada Moinhos, que oferecia um ensino formal melhor, como por exemplo, disciplinas de “[...] canto, música, noções de contabilidade e outras. [...] o professor Willi Rees era um professor alemão de São Leopoldo e outros vinham de municípios desenvolvidos nas proximidades de São Leopoldo.” (KLUMB, 2008, p. 12). Precisamos lembrar ainda da Escola Agrícola Santa Isabel que foi fundada pelo município em 1958 e encampada pelo Estado mais tarde. A Escola oferece hoje o primeiro grau completo. (COSTA, 1984).

No que diz respeito à vida religiosa, algumas comunidades evangélicas-luterana iniciaram logo um processo de associação para sanar suas necessidades e resolverem seus problemas e já nos primeiros anos de formação da Colônia foram assistidas por pastores com

formação teológica<sup>89</sup>. Mas devido à carência dos meios de sustentação os pastores não permaneciam muito tempo na Colônia e em virtude do aumento contínuo do número de comunidades tornou-se insuficiente o número de pastores formados. Na falta desses pastores muitas comunidades evangélico-luteranas tiveram que ser novamente atendidas por pastores sem formação teológica. As comunidades elegiam geralmente professores, mas também pessoas que tinham outras atividades eram escolhidas para o pastorado. A organização eclesiástica veio, portanto, no ano de 1902, quando os evangélico-luteranos dividiram-se: um grupo foi-se filiando ao Sínodo Riograndense (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)) e outro grupo ao Sínodo de Missouri (Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB))<sup>90</sup>. Outras comunidades permaneceram independentes até os dias de hoje, isto é, formaram comunidades livres (Igreja Luterana Livre). (DREHER, 2008).

No que tange à vida cultural, devemos ressaltar que, a partir das “Comunidades Livres”, foi criada pelas Sociedades Filarmônicas em 1930 na Colônia a Associação União Cultural e Agrícola de São Lourenço do Sul (AUCA)<sup>91</sup>. A Associação tem o objetivo de cultivar o canto a quatro vozes masculinas e proporcionar entretenimento aos associados e seus familiares, como bailes e festas com destaque para o Concurso de Canto Orfeônico realizado anualmente em abril até os dias de hoje<sup>92</sup>. A Associação, que tem no seu repertório canções alemãs, dedicou-se, mais tarde, também à agropecuária, realizando Semanas Ruralistas. No ano de 1978, surgiram junto a comunidades religiosas os corais mistos que também promovem concursos anuais no mês de

<sup>89</sup> “Em 1870, o pastor Gruel [...] veio residir na Picada Moinhos. Ele já consegue relatar que em Feliz foi construída uma igreja. Nas demais picadas, os cultos são celebrados nas escolas.” (DREHER, 2008). Na vila de São Lourenço, a comunidade evangélica construiu sua igreja somente em 1935, até então, os cultos eram realizados nas duas escolas mantidas pela comunidade, que até o ano de 1905 era atendida pelo pastor Mehle. (COSTA, 1984).

<sup>90</sup> A primeira comunidade da IELB foi fundada no início do século XX na Picada Bom Jesus e assistida por pastores com formação nos seminários de teologia da América do Norte. (COSTA, 1984). Daqui por diante as instituições religiosas acima mencionadas serão indicadas neste trabalho como IECLB e IELB.

<sup>91</sup> As Sociedades Filarmônicas fundaram inicialmente o *Sängergau Von* São Lourenço com sede na Boa Vista. Em 1939 o *Sängergau* passou a denominar-se União dos Cantores de São Lourenço do Sul e em 1943, União Cultural e Agrícola de São Lourenço do Sul (UCA). (COSTA, 1984).

<sup>92</sup> Segundo Rui Geri, o Concurso de Corais “só não pode ser realizado durante dois anos. Um pelo motivo do falecimento do presidente que foi praticamente nas vésperas desse evento e outro quando foi proibido durante a Segunda Guerra Mundial que se falasse a língua alemã ou pomerana.” Rui Geri. *Ibid.*

outubro<sup>93</sup>. Na cidade de São Lourenço do Sul, o canto a quatro vozes é cultivado até hoje pelo coral misto Três de Maio da IECLB. Esse coral participa apenas como colaborador do concurso anual de corais de São Lourenço do Sul e tem no seu repertório predominantemente músicas sacras, mas também do folclore gaúcho e nordestino, assim como do cancionário popular alemão e brasileiro. Nesse contexto, chamamos a atenção ainda para a Bandinha da Saudade e para os Irmãos Peglow que se apresentam com um repertório especializado em músicas folclóricas alemães.

No início do século XX, a Colônia contava com 12000 pessoas e vários estabelecimentos industriais: quatorze moinhos, dez serrarias, quatro curtumes, três fábricas de cerveja e duas de refrigerante, três olarias, uma tipografia, dezesseis ferrarias, dezoito fábricas de carroça, vinte e uma marcenarias, três funilarias e nove correarias. Além disso, a Colônia contava também com uma associação agrícola, uma beneficente, seis sociedades de canto, vinte e quatro escolas e seis capelas, três católicas e três protestantes. (COSTA, 1984).

Dreher (2008) destaca a situação escolar da Colônia, elencando oitenta e uma escolas comunitárias fundadas entre 1868 e 1930 e lembrando que “a área da colônia é talvez aquela que maior quantidade de escolas apresenta no contexto do todo das áreas de imigração e colonização alemã.” Costa (1984, p. 142), por sua vez, elenca cento e uma escolas municipais que ofereciam, na sua maioria, o ensino de primeira a quarta série. A primeira escola municipal foi fundada na Picada Bom Jesus “[...] sob decreto de criação número 26 de 19. 06. 1918.” Ao longo do tempo muitas das escolas comunitárias deixaram de existir ou foram municipalizadas. Segundo Klumb (2008, p. 12),

atualmente a nossa colônia é atendida por uma rede de 45 eficientes escolas municipais, sendo destas 4 de ensino fundamental completo. Ainda contamos com três escolas estaduais de ensino fundamental completo, onde destas, duas também oferecem ensino médio e uma desta oferece ensino técnico.

---

<sup>93</sup> Conforme Rui Geri, há muitos corais nos dias de hoje no interior de São Lourenço do Sul, mas somente nove corais masculinos e onze mistos participam do concurso anualmente. Rui Geri. *Ibid.*

Diante do exposto acima, podemos inferir que a Colônia apresentava, além de um acentuado desenvolvimento econômico, também um considerável desenvolvimento sócio-cultural. “Depoimentos referentes a esse período, reforçam a idéia de uma época em que os colonos tinham um maior poder de compra, o que refletia uma economia estável, conseguiam viver com fartura e administrar seus bens de modo satisfatório.” (SALAMONI et al., 1995, p. 29).

A partir da segunda metade do século XX<sup>94</sup>, surgiram, no entanto, alguns fatos que alteraram o desenvolvimento da colônia de São Lourenço. A diminuição da produtividade agravou-se pela falta de terras a serem desmatadas e pela utilização de técnicas inadequadas de plantio. As práticas de cultivo próprias da região plana da Pomerânia que o imigrante alemão trouxe, aplicadas continuamente a terras declivosas e arenosas da Serra dos Tapes, levaram a um rápido empobrecimento do solo, especialmente provocado pela erosão. Além disso, houve muitas divisões das propriedades por questão de herança. (COSTA; DIETRICH; ALMEIDA, 2008).

Devemos salientar aqui que, as pequenas “vendas” surgidas na Colônia tornaram-se nessa época grandes casas de comércio. Essas casas comerciais tinham, portanto, um papel determinante em muitos aspectos da vida do agricultor, por exemplo, muitos agricultores aplicavam suas economias nelas, que tinham a função de banco.

Elas ditavam os preços e as regras da comercialização. Por vezes, acontecia a troca de produtos primários por produtos manufaturados, um duplo lucro para o comerciante. O agricultor passou a depender, em tudo, desses intermediários. (COSTA; DIETRICH; ALMEIDA, 2008, p. 26).

A grande maioria desses comerciantes começou a falir, no entanto, a partir da década de 1970, por ocasião do aparecimento do supermercado na cidade e da atração por produtos industrializados, o que fez com que o colono não comprasse mais nas casas comerciais ou consumisse bens produzidos na Colônia.

O enfraquecimento do comércio e a substituição dos produtos coloniais por produtos industrializados, assim como a diminuição no

---

<sup>94</sup> Segundo Costa (2008), a decadência sócio-econômica da Colônia teria começado no final da década de 1920.

movimento do porto de São Lourenço, provocado pela intensificação do transporte rodoviário, atingiram então a Colônia.

À medida em que melhoravam as estradas de nosso interior, o caminhão ampliava seu raio de atuação, indo à casa dos agricultores e levando seus produtos, diretamente, para as praças de comércio de Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre ou até mais longe. E de lá vinham trazendo, os de que os agricultores precisavam, ignorando, na maioria da vezes, a cidade de São Lourenço do Sul. [...] As longas filas de carroças, que se estendiam por quilômetros através da cidade, rumo ao porto, foram diminuindo até desaparecerem. (COSTA, 2004, p. 144).

Nesse contexto, chamamos a atenção ainda para o desencadeamento de uma ordem de acontecimentos econômicos que determinou o declínio de São Lourenço do Sul. A diminuição da pesca<sup>95</sup> refletiu tanto na indústria do pescado, que fechou suas portas, pois não tinha mais matéria-prima suficiente para garantir produção e rentabilidade, quanto nos estaleiros, que diminuiu a construção de barcos pesqueiro-mercantes. O enfraquecimento da navegação comercial atingiu a maioria dos estaleiros importantes e tradicionais que encerrou então suas atividades.

Em que pese o fim da grande navegação mercante, a diminuição da pesca e a retração dos estaleiros, a alma de São Lourenço do Sul permanecerá para sempre impregnada da vida marinheira. Sua cultura foi formada com elementos dos imigrantes que lavraram o solo e dos marinheiros que tornaram possível a construção desta terra. Pode se dizer que eram lavradores de ondas. (COSTA, 2004, p. 133).

Os estaleiros que restaram passaram a construir então praticamente barcos de recreio<sup>96</sup>. Hoje, assim como no passado, ainda

<sup>95</sup> Para mais informações sobre os motivos que levaram à diminuição da pesca, ver Costa (2004, p. 111-113).

<sup>96</sup> “Nos domingos, o rio São Lourenço e o porto eram procurados pelos lourencianos em suas horas de lazer. Por ali, frequentemente, famílias inteiras pescavam ou navegavam em pequenos barcos ou nas lanchas motorizadas. [...] Uma das primeiras formas esportivas de buscar o rio e a laguna, foi pelo esporte do remo, tendo sido fundado para esse fim o Clube de Regatas ‘Almirante Abreu’, cuja sede foi erguida no cais do porto. Em 1930 [...] deram início a este esporte em São Lourenço do Sul.” (COSTA, 2004, p. 129).

são construídos barcos de iatismo no município de São Lourenço do Sul, “[...] o iatismo<sup>97</sup> veio como o legítimo sucessor das mais caras tradições da arte náutica que um dia esta terra abrigou.” (COSTA, 2004, p. 152).

Na década de 1960, o governo brasileiro privilegia novamente a grande propriedade de exploração agrícola monoculturista, isto é, a produção de grãos para a exportação. Uma parte dos colonos, que havia prosperado um pouco mais, começou a descer a serra e foi à planície nesse período, onde adquiriu terras de pastagens dos antigos fazendeiros. Enquanto alguns agricultores passaram para a cultura do arroz, outros aderiram à cultura da soja e nos dias atuais, encontramos colonos que se tornaram pecuaristas, assim como também muitos pequenos proprietários de exploração agrícola diversificada em terras que foram no passado de exploração pecuária<sup>98</sup>. A prática da monocultura pelos agricultores que ficaram na Colônia, por sua vez, resultou na perda do poder aquisitivo de muitos deles.

O conjunto de fatores expostos acima contribuiu assim para o empobrecimento da colônia de São Lourenço no período entre os anos de 1950 até meados dos anos de 1990.

Nós éramos para estar num estágio agrícola fabuloso, pois a tendência da história é superlatinizá-la e crescer. Mas nós regredimos agricolamente. Não desenvolvemos a parte manufatureira e artesanal da colônia e ainda involuímos agricolamente. Ninguém pode me dizer que plantar soja e fumo é progresso. É um desastre. A colônia, dessa forma, está negando a sua história. Ao mergulhar na monocultura do tabaco e do soja ela renega

<sup>97</sup> “O iatismo, entretanto, somente existiria, oficialmente, a partir do dia três de julho de 1951, quando foi fundado o IATE CLUBE DE SÃO LOURENÇO DO SUL, em vista do razoável número de amantes do esporte que se encontrava nesta terra. [...] Os primeiros iatistas de São Lourenço do Sul praticavam o esporte, em sua maioria, fazendo passeios pela costa ou em excursões para os arroios Corrientes, Caipira, Arroio Grande e o rio Camaquã. [...] Contudo, o fato que iria, decisivamente, desenvolver o iatismo de São Lourenço do Sul, aconteceu no ano de 1967, [quando no carnaval, iatistas de Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas reuniram-se em São Lourenço do Sul]. Essa reunião foi cognominada de ‘ENCONTRO DE VELA’ [...]. Esses encontros passaram a acontecer anualmente no carnaval [e cresceram de tal maneira que alcançaram o Brasil e o exterior, isto é, sediaram eventos nacionais e internacionais]. Na esteira da tradição dos antigos velejadores mercantes do passado, o iatismo segue até nossos dias, cioso da importante herança recebida.” (COSTA, 2004, p. 153-158).

<sup>98</sup> Salientamos aqui que, segundo Loni Tessmer Hax, nas localidades de Santa Isabel, Fazenda Boa Vista e Prado Novo, nas quais habitavam, no passado, famílias descendentes de portugueses como, por exemplo, os Moraes, os Crespo, os Soares (pecuaristas), vivem, hoje, famílias descendentes de alemães, tais como, os Peglow, os Spiering, os Tessmer, que se dedicam ao cultivo do arroz, soja e à pecuária. Loni Tessmer Hax. *Ibid.*

a história da policultura que foi a grandeza dos seus antepassados [...]. (COSTA, [200-]).

A colônia de São Lourenço não apresentava mais perspectivas de mudança e foi abandonada por muitas famílias de colonos que migraram para a zona urbana. Até então a maioria dos habitantes de São Lourenço do Sul estava radicada na zona rural, já no ano de 2007 mais de 60% dos habitantes do Município encontravam-se na zona urbana.

Os agricultores que permaneceram na Colônia precisaram mudar sua mentalidade, seus hábitos de trabalho e buscar novas alternativas de produção. Alguns fatores contribuíram para isso:

O comerciante forte e influente perde a sua força; a partir da fé as igrejas despertam o espírito da cidadania; o agricultor passou participar do seu sindicato; houve a eletrificação rural; houve a aceitação de orientação técnica para o plantio e o manuseio da terra e dos produtos; a produção se tornou mais específica e não tão diversificada; foi dada maior dedicação e técnica à plantação; [várias associações, por exemplo, a Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) e o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA)] passaram a ser acolhidos pelo agricultor; alguns insistiram na cultura do soja, mas com a devida técnica; outros se dedicaram à produção do leite; houve o melhoramento genético do plantel leiteiro. A partir daí, tem início a cultura do fumo e a construção de estufas à base de energia elétrica; [o agricultor obteve financiamentos]. [...] Surgiu a disposição de participar do movimento cooperativista<sup>99</sup>; [...] uma nova visão de vida e mundo veio à tona! Nos dias atuais, São Lourenço do Sul vive um momento de avaliação e de apropriação mais ampla do seu processo histórico. (COSTA; DIETRICH; ALMEIDA, 2008, p. 28).

---

<sup>99</sup> Segundo Rui Geri, há muitas queixas de agricultores contra a Cooperativa Mista dos Pequenos Agricultores da Região Sul Ltda (COOPAR - 1992), que não os estariam incentivando ao plantio de várias culturas. Para Rui Geri, a COOPAR, embora engajada na política agrícola, deveria fomentar a produção diversificada, mas “a gente sabe que o fumo hoje é o sustentáculo do nosso município. Ele dá sustentação total. Se não fosse o fumo o município não estaria mais em pé, vamos dizer assim, economicamente”, ressaltando ainda a produção de arroz na planície, ou seja, na região leste do município. Rui Geri. *Ibid.*

No contexto atual, a divisão geográfica e étnico-cultural do município de São Lourenço do Sul em terras de planície (“lusobrasileira”) e de serra (“alemã”) deve ser relativizada, pois a migração da Colônia para as terras da planície e mais tarde para a cidade certamente modificou a divisão étnico-cultural do Município.

No mapa a seguir, podemos observar o território que forma o município de São Lourenço do Sul. No mapa, temos ainda uma visão da distribuição dos distritos que englobam a zona rural e urbana do município.

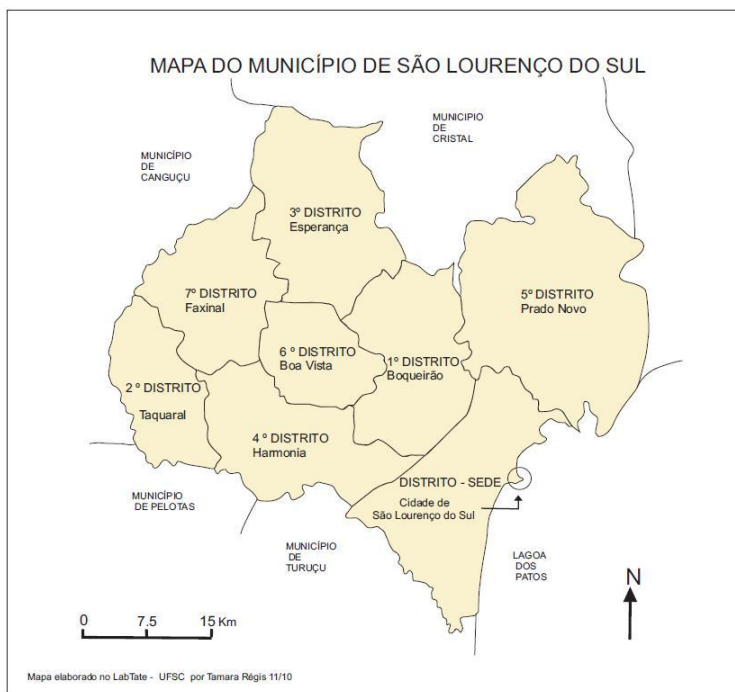


Figura 7: Mapa do município de São Lourenço do Sul

Fonte: LabTate, UFSC (2010)

O processo histórico da colônia de São Lourenço nos permite fazer algumas inferências, tais como a de que o “isolamento” da Colônia esteve relacionado preponderantemente à barreira lingüística. A grande maioria dos imigrantes e seus descendentes não falavam a língua portuguesa, pois como vimos anteriormente, as aulas na Colônia foram



ministradas por muito tempo em língua alemã. O ensino obrigatório da língua portuguesa foi instituído como sabemos por ocasião da Segunda Guerra Mundial, quando então o Estado enviou professores, muitos ainda sem qualificação para essa tarefa.

A partir do aprendizado do português e do casamento interétnico (primeiro na “cidade” e mais tarde também na “colônia”), seguido pela migração do descendente de alemães da serra para a planície e pelas transformações sócio-econômicas, isto é, pelo empobrecimento da Colônia e a migração da zona rural para a urbana, podemos observar nos dias atuais uma integração étnica entre o descendente de imigrantes alemães e outros grupos étnicos que povoam São Lourenço do Sul. “[...] Hoje os vemos como dois volumes de um mesmo livro, em cuja lombada se escreve: povo lourenciano.” (COSTA, 1984, p. 77). Desse contexto, podemos inferir ainda que o descendente de alemães tenha perdido talvez uma parte de sua identidade étnico-cultural.

No capítulo quatro, analisaremos o processo de construção da identidade étnica do teuto-brasileiro a partir da década de 1980 até os dias atuais no município de São Lourenço do Sul através de entrevistas, isto é, verificaremos os marcadores étnicos que ainda atrelam esse grupo étnico ao povo alemão.

#### 4 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA TEUTO-BRASILEIRA EM SÃO LOURENÇO DO SUL: APROPRIAÇÕES SIMBÓLICAS E PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Neste capítulo, analisaremos o processo de construção e formação da identidade étnica do teuto-brasileiro em São Lourenço do Sul (RS), da década de 1980 até os dias atuais, através de critérios de pertencimento étnico. Partimos do pressuposto de que a identidade dos entrevistados é construída na relação com o outro, e poderá ser construída também no *revival* da etnia teuto-brasileira, ou seja, na ação do poder público municipal. Para fundamentar a discussão da nossa pesquisa, portanto, para a análise e interpretação das entrevistas de História Oral, que será discutida neste capítulo, apresentaremos inicialmente algumas considerações e reflexões acerca das concepções e perspectivas teóricas da etnicidade relacional e de estudos sobre identidade étnico-cultural.

O fenômeno étnico está sendo discutido intensamente nas últimas décadas e várias abordagens sobre este fenômeno nos são apresentadas. O conceito de grupo étnico apresenta uma combinação de características que vão desde a cultura comum à identidade étnica construída simbolicamente. A revisão deste conceito a partir de estudos de Cohen (1969) e Barth (1969), por exemplo, trouxe como consequência noções de identidade étnica e etnicidade que apresentaram críticas contundentes à concepção tradicional de grupo étnico, isto é, como uma unidade cultural distinta. Estas noções, por sua vez, também apresentam definições problemáticas, pois resultam de estudos de uma enorme diversidade de casos.

Segundo Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 85),

na maioria dos casos, o termo etnicidade é utilizado mais como uma categoria descritiva que permite tratar um problema de outra natureza (integração nacional, assimilação dos imigrantes, racismo etc.) do que como um conceito sociológico que permite definir um objeto científico.

Mesmo assim, o conceito de etnicidade norteou a redefinição teórica e metodológica dos fenômenos étnicos nas últimas décadas. Na obra **Teorias da Etnicidade**, de 1998, Philippe Poutignat e Jocelyne

Streiff-Fenart informam-nos sobre as discussões teóricas entre os pesquisadores a respeito do conceito de etnicidade na atualidade a partir da obra de Fredrik Barth. De acordo com os autores, o ponto fraco do texto de Barth é que “os conceitos muito gerais de organização e de interação sociais são aplicáveis à análise de todo tipo de identidade coletiva [...] isto é, toda vez que está em causa um limite entre ‘eles’ e ‘nós’.” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 12). Conforme Barth (1969 apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998), os grupos étnicos identificam-se e são identificados pelos outros como pertencentes a dois mundos diferentes, construindo, então, duas identidades num jogo dialético de confrontos e contrastes. Apesar de Barth reconhecer “traços culturais diferenciadores” como marcadores de pertença étnica, não leva em conta quais, uma vez que são mutáveis no tempo e no contato com outros grupos.

Sendo assim, para Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 12) “[...] continua sem resposta a questão de saber o que é especificamente ‘étnico’ na oposição entre ‘eles’ e ‘nós’ e nos critérios de pertença que fundam essa oposição.” A pluralidade de teorias e modelos de descrição e explicação do fenômeno étnico encontrada nessa obra questiona mais do que responde as problemáticas sobre etnicidade. Algumas teorias, por exemplo, não apresentam uma definição explícita ou são vagas, dificultando-nos assim a compreensão de um fenômeno que, talvez se investigado utilizando-se de instrumentos mais apropriados e tratado por diferentes disciplinas, tanto das ciências sociais aplicadas como humanas que permitissem sua validação, pudesse ser definido e explicado com mais propriedade.

De acordo com Hobsbawm (2000, p. 274, grifo do autor),

a etnia, seja qual for sua base é um modo prontamente definível de expressar um sentimento *real* de identidade grupal que liga os membros de ‘nós’, por enfatizar suas diferenças em relação a ‘eles’. O que eles de fato têm em comum, além de não serem ‘eles’, não é muito claro [...].

Williams (1989) considera uma falha comum o fato de não se ter levado em conta ou não se ter dado importância suficiente às vinculações entre etnicidade e nacionalismo. A esse respeito, Weber (1994) já tinha refletido sobre a aproximação entre a idéia do pertencimento étnico e nacional e apontado para a ambigüidade de termos como etnia e nação, assim como para as dificuldades de

conceituá-los sociologicamente. Para o autor comunidades étnicas são formas de organizações que ressaltam ao mesmo tempo o seu aspecto essencialista e político. Dessa maneira, os sentimentos étnico e nacional são definidos por um conjunto de elementos como política, religião, raça, cultura, etc.

Conforme Thomson (1997, p. 57),

nossa identidade (ou ‘identidades’, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e com nossas próprias vivências. Construímos nossa identidade no processo de contar história, para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para outras pessoas, no convívio social.

De acordo com Woodward (2000), construímos nossa identidade na dependência de outra identidade através de reivindicações que podem se fundamentar, por exemplo, em critérios étnicos, em histórias do passado, em marcações simbólicas e/ou marcações reais, empiricamente observadas, tais como a linguagem, hábitos e rituais. Nesse sentido, podemos dizer que os sujeitos constroem suas identidades a partir das diferenças entre “nós” e os “outros”. Por isso não podemos considerar a identidade uma coisa homogênea, pois nas vivências do cotidiano podem surgir conflitos e por conseguinte negociações entre os sujeitos.

Na obra **Identidade Cultural na Pós-modernidade**, Stuart Hall (1999) chama a atenção para o fato de que as nações modernas são compostas de várias etnias. Isso está deslocando ou fragmentando muitos aspectos que caracterizam o pertencimento de um indivíduo a um grupo e conseqüentemente transformando sua identidade pessoal. Conforme esse autor,

a etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de ‘lugar’ – que são partilhados por um povo. [...] Mas essa crença acaba no mundo moderno, por ser um mito. [...] As *nações modernas são, todas, híbridos culturais*. (HALL, 1999, p. 62).

De acordo com Seyferth (1996, p. 18),

uma definição mais ou menos objetiva de grupo étnico deve destacar pelo menos dois aspectos: é um grupo cujos membros têm uma identidade distintiva atribuída, e sua distintividade está baseada numa cultura e história comuns. Seu caráter étnico é dado pela identidade fundamentada na noção de etnicidade – o que significa a classificação categórica dos membros do grupo a partir de um conjunto de critérios de pertencimento que incluem características culturais e sociais objetivamente identificáveis, assim como elementos de natureza simbólica que as vezes remetem à origem presuntiva do grupo ou à sua tradição.

Nesse sentido, podemos dizer que a etnicidade apresenta um conjunto de identificadores culturais e sociais (símbolos étnicos) que vinculam as pessoas a um grupo específico através de critérios de inclusão e exclusão. Esse conjunto de símbolos étnicos, que pode não ser o mesmo para os membros do grupo todo e para os que não pertencem a ele, assim como também se transformar no curso da história, serve então como fundamento da construção da identidade étnica. Daí a importância de nossa pesquisa, mais precisamente, de nossa análise e percepção de como isso aparece nas entrevistas com o grupo étnico teuto-brasileiro em São Lourenço do Sul.

Segundo Seyferth (1996), a identidade étnica do grupo teuto-brasileiro foi construída baseada em critérios étnicos que remetem ao processo histórico da colonização e da formação de uma cultura e de uma sociedade com características próprias, além de um pensamento ideológico. Para a autora, embora os descendentes de alemães, hoje, estejam integrados à sociedade brasileira, isto é, que o caráter do grupo étnico teuto-brasileiro tenha se dissolvido ao longo da história, não signifique que não exista mais uma etnicidade teuto-brasileira, principalmente se for considerado importante o conjunto de símbolos que fundamentam a construção e formação da sua identidade étnica.

Nessa perspectiva, Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 13) apresentam a teoria “[...] da fixação de símbolos identitários que fundam a crença em uma origem comum”, buscados em um passado comum. Esses pressupostos teóricos já se encontram nas reflexões de Weber (1994). Segundo o autor características culturais comuns de uma

comunidade podem atuar como fatores de distinção entre essa e outros grupos, sustentando assim a sua identidade.

Nesse sentido, a identidade étnica teuto-brasileira caracteriza-se pela seleção de traços culturais que são fundados na crença de uma origem e de um passado comuns e se concretizam através da língua, dança, gastronomia, por exemplo. Estes traços culturais identificam então as pessoas que integram o grupo étnico teuto-brasileiro, isto é, eles têm a função de símbolos identitários. Definir o que é “ser teuto-brasileiro” em São Lourenço do Sul é o ponto crucial da nossa pesquisa sobre identidade étnica. Os pontos principais da construção da identidade étnica teuto-brasileira e que ao longo da trajetória histórica são utilizados para definir o que é “ser teuto-brasileiro” são a língua, a religião, a etnia, a cultura, por exemplo. O coletivo teuto-brasileiro, no entanto, não é uma homogeneidade e a sua definição através de categorias gerais é complexa e pode trazer uma compreensão não muito precisa do que é “ser teuto-brasileiro”.

As considerações e reflexões aqui apresentadas nos mostraram que o conceito de etnicidade é complexo, enfim, podemos dizer que são reflexos da complexidade do mundo moderno. Conceitos gerais não definem etnicidade, ou seja, o conceito de identidade étnica está se modificando ou se tornando um conceito relativo e alguns traços culturais marcadores de pertença étnica são mutáveis no tempo e no espaço quando em contato com outros grupos étnicos, enquanto que outros são mais resistentes à mudança. A discussão sobre o fenômeno étnico poderá perdurar ainda por muito mais tempo. É importante salientarmos que nesta pesquisa não trataremos de responder a problemática sobre etnicidade, isto é, explicar sua natureza mais profunda, pois seria pretensioso acreditar que teríamos para ela uma resposta conclusiva, mas sim discutir e compreender o fenômeno étnico a partir de um contexto específico. As considerações e reflexões a seguir procuram então contribuir para a questão de etnicidade dentro deste contexto.

Na produção historiográfica sobre a construção da identidade étnica teuto-brasileira, a obra de Emílio Willems já é considerada um clássico sobre identidade étnica do teuto-brasileiro. Ainda que se reconheça a importância da análise de Willems na construção da identidade étnica teuto-brasileira, afastamos-nos neste trabalho de certos aspectos de sua abordagem antropológica, principalmente no que diz respeito as suas pesquisas de campo, pois suas interpretações não diferenciam e são válidas para os teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul às Minas Gerais. Além disso, a análise de Willems está ancorada sobre

infinitas(os) observações(observadores) anônimas(os), pois, às vezes, não se sabe sua origem, por exemplo: “observadores mais recentes escreveram que entre os imigrantes alemães geralmente não havia cooperação [...]” (WILLEMS, 1946, p. 101).

A abordagem que utilizaremos nesta pesquisa não pretende como Willems, ver a identidade teuto-brasileira somente como o resultado de um processo de assimilação e aculturação, mas antes também como o resultado de um processo de “destruição/reconstrução” tanto de apropriações simbólicas quanto de produção de sentidos ao longo da vida. Nesse sentido, aproximamo-nos antes neste trabalho da obra de Giralda Seyferth.

Nesta pesquisa, procuramos afinal, desenvolver uma abordagem relacional de identidade étnica, isto é, que compreenda a identidade étnica como algo híbrido, mutável, dinâmico, interativo e compartilhado de um processo onde a identidade é sempre construída e negociada nas relações entre o individual e o coletivo. A partir dessa perspectiva, a análise da nossa pesquisa encontra-se apoiada, preponderantemente, na teoria de Barth (1969 apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 11), na qual a identidade étnica “é construída e transformada na interação de grupos sociais através de processos de exclusão e inclusão que estabelecem limites entre tais grupos, definindo os que os integram ou não” e na teoria de Conzen (1992, p. 5), na qual a etnicidade é

[...] a process of construction or invention which incorporates, adapts, and amplifies preexisting communal solidarities, cultural attributes, and historical memories. That is, it is grounded in real life context and social experience<sup>100</sup>.

Ainda conforme essa autora (1992, p. 5), os grupos étnicos no mundo moderno “[...] are constantly recreating themselves, and ethnicity is continuously being reinvented in reponse to changing realities both within the group and the host society<sup>101</sup>.” Apoiamo-nos ainda na teoria de Oliveira (1976, p. 5-6), para quem

<sup>100</sup> “[...] um processo de construção ou invenção que incorpora, adapta e amplia as solidariedades comunitárias, características culturais e memórias históricas preexistentes, ou seja, ela é fundamentada no contexto da vida real e da experiência social.” (Este trecho foi extraído da tradução do artigo de Conzen (1992) feita pela Prof<sup>a</sup> Dra. Eunice Sueli Nodari para a disciplina do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina).

<sup>101</sup> “[...] estão constantemente se recriando e a etnicidade está sendo reinventada continuamente como resposta às realidades inconstantes tanto dentro do grupo como na sociedade anfitriã.”

o conceito de identidade pessoal e social possui um conteúdo marcadamente reflexivo e comunicativo, posto que supõe relações sociais tanto quanto um código de categorias destinado a orientar o desenvolvimento dessas relações. No âmbito das relações interétnicas este código se exprime como um sistema de “oposições” ou contrastes. [...] É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente. No caso da identidade étnica ela se afirma “negando” a outra identidade, “etnocentricamente” por ela visualizada.

Por fim, temos apoio na concepção pós-moderna, em que o processo identitário é construído historicamente e está em constante transformação, e que tem Stuart Hall como um de seus maiores expoentes. Na perspectiva de Hall (1999), a identidade é então algo construído/desconstruído/reconstruído ao longo da vida da pessoa e que essa não possui apenas uma, mas várias identidades, que ela utiliza em momentos diferentes e oportunos.

Essa identidade “múltipla” ou esse sentimento “rasgado” do imigrante alemão e seus descendentes os leva e traz de um “lugar” a “outro”. Isso pode ser observado, pelo menos em uma faixa etária mais velha do grupo étnico teuto-brasileiro, em maior ou menor grau, até os dias de hoje em São Lourenço do Sul (RS).

Ainda que privilegiemos a abordagem relacional que também vai ao encontro da maioria dos pesquisadores atuais e toma conta dos debates acadêmicos nos dias de hoje, mais precisamente, de pesquisas recentes sobre identidade teuto-brasileira em comunidades de população com ascendência alemã no Rio Grande do Sul e - do fato de que o entendimento produzido pelas lideranças intelectuais e econômicas do próprio grupo étnico teuto-brasileiro ancorado no *Deutschtum* (germanismo) na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX não tenha influenciado tanto os teuto-brasileiros, como vimos anteriormente no final do capítulo dois -, não podemos desconsiderar totalmente nesta pesquisa a abordagem essencialista, isto é, que compreenda a identidade étnica como algo natural, fixo, imutável e permanente, pois a análise das entrevistas com teuto-brasileiros em

---

(Este trecho foi extraído da tradução do artigo de Conzen (1992) feita pela Profª Dra. Eunice Sueli Nodari para a disciplina do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina).



São Lourenço do Sul poderá revelar características essenciais da identidade étnica teuto-brasileira.

Precisamos esclarecer aqui, que todas essas reflexões teóricas visam respaldar o universo empírico no qual se baseia este capítulo, o qual é composto por histórias de vida. Esses documentos não somente revelam experiências de vida e visões de mundo como também tratam de aspectos subjetivos. Podemos dizer então que há uma ou mais versões da história de vida de um entrevistado e nenhuma interpretação é totalmente completa, assim nossa análise situa-se também na perspectiva de Pierre Bourdieu (1996) que vê a narrativa histórica como contraditória, descontínua, incoerente, fragmentada e múltipla.

Diante disso, uma ou outra abordagem apresentada aqui poderá ser redirecionada durante a análise das entrevistas. Teoria e empiria apresentaremos então de forma imbricada na narrativa histórica deste trabalho.

Ainda que esta discussão, muitas vezes, possa parecer confusa, incoerente, imprecisa e divergente, não nos trará dificuldade à análise do fenômeno étnico, pois Cohen (1974) chama a atenção do pesquisador para que prevaleça a definição de grupo étnico e etnicidade que ele considere mais utilitário para a análise de determinados problemas teóricos. Acreditamos então que, através de uma análise de traços culturais, fundados empiricamente e teoricamente, analisados e interpretados dentro de um contexto específico, poderemos identificar, com maior precisão, critérios de identificação étnica.

No segundo capítulo vimos que, de acordo com os germanistas e alguns pesquisadores sobre a identidade étnica teuto-brasileira, o grupo étnico teuto-brasileiro permaneceu nas primeiras gerações praticamente fiel à tradição alemã, enquanto que, para outros pesquisadores, essa idéia é desconstruída e relativizada. Vimos também que alguns traços culturais marcadores de pertença étnica modificaram-se quando em contato com outros grupos étnicos na sociedade brasileira, enquanto que outros foram mais resistentes a mudanças.

No decorrer do tempo, o grupo étnico teuto-brasileiro foi reconstruindo e formando, portanto, uma nova identidade étnica que se reelabora e redefine constantemente. Depois de algumas gerações podemos questionar: A identidade étnica teuto-brasileira ainda pode ser observada nas últimas décadas em uma faixa etária mais jovem deste grupo étnico? O que o descendente de alemães entende nos dias atuais quando se autodefine ou é definido pelo “outro” como um teuto-brasileiro? Nesse caso, quais critérios de pertencimento étnico ainda marcam e são importantes para a sua sobrevivência? Ou este grupo

étnico não estaria mais convencido pela comunidade étnica do seu pertencimento ao grupo étnico alemão, mais precisamente, se “sentindo alemão” e estaria se desintegrando?

Analisaremos aqui a identidade étnica do teuto-brasileiro através de histórias de vida, isto é, de relatos que teuto-brasileiros fizeram de sua vida pessoal e social, dos quais foram coletadas informações e impressões acerca de idéias, sentimentos, expectativas, fantasias, frustrações, conflitos, crenças, atitudes, comportamentos, opiniões, interesses, valores, enfim de experiências, “[...] considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade.” (ORLANDI, 1999, p. 16).

Assim, tomaremos como foco norteador para a análise das entrevistas a compreensão de representações (apropriações simbólicas) e de produções de significações (sentidos) pelos entrevistados com relação à construção e formação da sua identidade étnica, isto é, ao que é “ser um teuto-brasileiro”, através de sua fala (do seu discurso).

O objetivo principal da nossa análise será então a verificação da presença de elementos de diferenciação étnica que um grupo étnico emprega para diferenciar-se frente ao “outro”, isto é, marcadores que atrelam os teuto-brasileiros ao povo alemão, por exemplo: hábitos de vida (alimentação, vestuário, moradia), música e dança, festa e cotidiano, regras de comportamento familiar e social, uso da língua no cotidiano, religião, padrões de moralidade (valores, virtudes), formas de conduzir o trabalho, atitudes, sentimentos, usos e costumes, assim como marcadores que podem ser encontrados nos menores detalhes, em expressões do dia-a-dia, em palavras e gestos, na maneira de pensar, ser e organizar a vida, enfim em coisas que conferem à vida um estilo étnico peculiar.

As entrevistas que constituirão este capítulo foram realizadas entre maio e julho de 2008. Os depoentes, reconhecidos por nós, nesta pesquisa, como teuto-brasileiros, são homens e mulheres entre 18 e 44 anos, com formação entre o ensino médio incompleto e universitário completo, de confissão religiosa luterana<sup>102</sup> e residentes na zona urbana do município de São Lourenço do Sul. Entre os entrevistados, a metade veio da zona rural para a urbana com idades variando entre os quatro e vinte e cinco anos de idade, enquanto a outra metade já nasceu na cidade, mas são filhos de pais vindos do interior de São Lourenço do

---

<sup>102</sup> Todos os entrevistados pertencem à IECLB com exceção de uma que pertence à IELB.

Sul<sup>103</sup>, pois como vimos no capítulo três houve migração de colonos do interior do município para a cidade. Os depoentes estão inseridos, assim, no tempo e no espaço do evento que marca o *revival* da etnia teuto-brasileira em São Lourenço do sul, a saber: o primeiro “Festival de Folclore Teuto e Gaúcho” e a criação do “Grupo de Danças Folclóricas Alemãs *Sonnenschein*” no ano de 1983. Nesse contexto devemos salientar ainda a *Südoctoberfest* (1988), a gestão do governo municipal de José Sidney Nunes de Almeida (2005), O Caminho Pomerano (2006) e O Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana (2008)<sup>104</sup>.

Nossa investigação apresentará, no entanto, um momento histórico dos teuto-brasileiros entrevistados que como qualquer outro tem um caráter dinâmico. Assim, o resultado que alcançaremos nesta pesquisa trará também um momento que não acompanhará o movimento constante do grupo étnico teuto-brasileiro.

As histórias de vida dos depoentes que apresentaremos agora dizem respeito a aspectos objetivos e subjetivos e enunciam elementos de identificação étnica singulares e plurais. Para os propósitos desta pesquisa, analisamos e interpretamos declarações de todos os entrevistados e os marcadores atribuídos pelos depoentes à sua identidade étnica que aparecem com mais frequência na sua fala, a saber: a religião luterana, a língua alemã, a ascendência alemã, assim como o Grupo de Danças Folclóricas Alemãs *Sonnenschein*, a *Südoctoberfest*, o Caminho Pomerano, o Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana no contexto do poder público municipal, mas também os que julgamos importantes e significativos para o tema deste trabalho<sup>105</sup>. Devemos salientar ainda aqui que, a divisão deste capítulo em seções, mais precisamente, em categorias gerais, é uma forma de tornar mais fácil a análise e interpretação das entrevistas, pois, por sua vez, todas essas categorias estão ligadas e imbricadas com outros

---

<sup>103</sup> Todos os entrevistados nasceram no município de São Lourenço do Sul com exceção de uma que nasceu na cidade de Porto Alegre e migrou com três anos de idade para São Lourenço do Sul. Devemos destacar aqui que a mãe da entrevistada é natural do interior de São Lourenço do Sul e o pai da cidade de Porto Alegre.

<sup>104</sup> Devemos ressaltar aqui que o primeiro evento organizado no “pós-guerra” na cidade de São Lourenço do Sul com o objetivo de rememorar a cultura alemã foi o *Fritzjantar* (1981) promovido pelo Rotary Clube desta cidade. (HAMMES, 2010).

<sup>105</sup> Precisamos salientar aqui que, além das histórias de vida dos teuto-brasileiros, a fala de “especialistas” sobre o tema imigração para São Lourenço do Sul fundamentarão também a discussão desta pesquisa, mais precisamente corroborarão com os depoimentos dos teuto-brasileiros na análise e interpretação das entrevistas de História Oral. Salientamos ainda que alguns “especialistas” não são descendentes de alemães ou têm descendência alemã de apenas um lado da família.

aspectos relacionados à construção e formação da identidade étnica de cada entrevistado.

#### 4.1 A RELIGIÃO LUTERANA

Uma religião é fundamentada como um sistema cultural que através de símbolos, significados e ritos formula noções de ética e moral e regula a vida de um povo. Nesse sentido, segundo Geertz (1989, p. 104):

Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual, que a visão do mundo descreve, enquanto esta visão do mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem arrumado para acomodar tal tipo de vida.

A idéia de que a religião luterana está vinculada à germanidade foi fundamental para a construção e a preservação da identidade teuto-brasileira, constituindo-se em uma marca importante de sua etnicidade. Segundo Fischer (1922 apud DROOGERS, 2008, p. 25) a igreja e a fé serviam como “uma fonte de força para conservar os costumes e a disciplina alemães na batalha contra as múltiplas tentações que a terra e o povo da nova pátria contêm em si.” As evidências acima permitem nos fazer inferências tais como de que a religião luterana tornava os teuto-brasileiros “alemães mais puros” e livres do risco da assimilação.

Sabemos que a vida religiosa dos imigrantes na fase inicial da imigração era organizada por leigos. Assim, de acordo com Droogers (2008, p. 19), “a devoção pessoal, focada nas bíblias, hinários e devocionários trazidos da Alemanha, deve ter sido a principal prática religiosa nessa época pioneira.” Mais tarde, com a vinda de pastores alemães para as colônias acabaram-se as práticas informais, pois eles, além de conservarem o luteranismo que tinha origem na Alemanha, reforçaram e incluíram elementos alemães e nacionais promovendo e servindo o *Deutschtum* (germanidade) como parte essencial na vida dos imigrantes e seus descendentes. Ainda conforme Droogers (2008, p. 29), “A igreja luterana na Alemanha coincidia virtualmente com a nação

alemã e a maioria dos seus pastores no contexto brasileiro servia os interesses da nação alemã<sup>106</sup>.”

A experiência da Primeira e da Segunda Guerra Mundial assim como novas concepções teológicas foram tornando então a Igreja Luterana mais “brasileira”. Após a Segunda Guerra Mundial foi fundada a faculdade de teologia (IECLB) em São Leopoldo (RS) que nos anos 70 já tinha um corpo docente formado predominantemente por brasileiros. Destacamos aqui as novas conotações que a religião luterana ganhou: “Além das alas da teologia da libertação e *evangelical* da igreja, havia também uma ala confessional luterana, enfatizando as raízes, a teologia e os textos confessionais luteranos.” (DROOGERS, 2008, p. 31).

As abordagens teológicas diferentes trouxeram consigo também missões diferentes da Igreja Luterana na sociedade brasileira, sobretudo pela influência da Teologia da Libertação. “Enquanto a religião luterana havia sido durante muito tempo uma razão para evitar o contato com a sociedade brasileira, ela agora, [segundo a Teologia da Libertação], proporcionava motivos fortes para agir fortemente nela”, de modo que elementos étnico-culturais não faziam parte deste contexto. (DROOGERS, 2008, p. 33). Ainda segundo o autor acima (2008, p. 36), “A mudança, de uma igreja transnacional para uma igreja nacional ainda não terminou, mas está em execução adiantada.” De acordo com nossas percepções, baseadas em nossas entrevistas e vivências pessoais na cidade de São Lourenço do Sul, particularmente, há atualmente uma tendência mais confessional luterana.

Além do exposto acima, o fato dos luteranos estarem divididos desde o início do século XX em dois grupos institucionais (IECLB e IELB) e um “livre” reforça a idéia do que podemos chamar de “luteranismos”. Sabemos ainda que congregações luteranas, inclusive a IECLB, são compostas, nos dias de hoje, também por membros e por pastores de outros grupos étnicos, de modo que a religião luterana não poderia mais ser vista como algo natural e permanente do grupo étnico teuto-brasileiro.

---

<sup>106</sup> Devemos salientar aqui que, no processo de construção da identidade teuto-brasileira, a relação etnicidade-religiosidade, isto é, o pertencimento da etnia teuto-brasileira à Igreja Luterana de origem alemã, foi promovido pela IECLB originada da Igreja Luterana da Alemanha, mais precisamente, do Sínodo Riograndense. A história da IELB, que tem sua origem na Igreja Luterana dos Estados Unidos, mais precisamente, no Sínodo de Missouri, “[...] difere radicalmente da história da IECLB e de seus sínodos iniciais, pois a influência alemã chegava indiretamente e já havia passado por uma reinterpretação estado-unidense.” (DROOGERS, 2008, p. 31).

A forma como os descendentes de alemães de São Lourenço do Sul estão utilizando a religião luterana nos dias de hoje, isto é, o papel da Igreja Luterana no processo da construção de sua identidade étnica será analisado agora.

Uma minoria dos entrevistados concorda com o que dissemos acima. Vejamos então o que um deles afirma sobre a relação entre o luteranismo e etnicidade: “Eu acho que não mais. Eu acho que já foi importante. [...] Hoje, ela [a religião luterana] não tem mais peso forte [...] para os jovens<sup>107</sup>.” E apenas um sujeito declara que não participa do culto religioso, o que podemos observar no seguinte depoimento: “[...] eu vou muito pouco à igreja, quase nunca<sup>108</sup>.” As declarações acima evidenciam que a apropriação da religião luterana dentro do grupo teuto-brasileiro parece não mais marcar sua identidade étnica.

Para a maioria dos depoentes há, no entanto, ainda uma ligação entre religião luterana e identidade étnica, que tem aspectos semelhantes e diferentes.

Ao perguntarmos aos entrevistados sobre as relações entre religião luterana e identidade étnica, alguns sujeitos afirmam que vêm essa ligação no fato de que a igreja luterana foi fundada na Alemanha, isto é, remontam à reforma religiosa por Martinho Lutero. As evidências indicam que a história da reforma religiosa, assim como a figura do reformador da igreja, Martinho Lutero, são apropriadas pelos imigrantes e seus descendentes dentro da religião luterana, de modo que representem para os luteranos um símbolo sagrado, como podemos observar no seguinte relato: “A nossa igreja foi fundada por um alemão, enfim tem toda uma história por trás<sup>109</sup>.”

Outros depoentes vêm essa ligação simplesmente no fato de que foram os imigrantes alemães que introduziram a religião luterana no Brasil e de que a maioria dos membros da Igreja Luterana ainda hoje é descendente de alemães, o que podemos observar no depoimento a seguir: “[...] a origem do luteranismo é a Alemanha. A maioria dos pomeranos de São Lourenço participa da Confissão Luterana e eu acho que tem muito a ver<sup>110</sup>.” Assim como no relato abaixo:

Até hoje, ao menos a comunidade aqui de São Lourenço, a IECLB, ela é uma comunidade basicamente formada por descendentes de

<sup>107</sup> Roselene Radmann. Ibid.

<sup>108</sup> Günther Timm Beskow. Ibid.

<sup>109</sup> Vanessa Wiegand Lockock. Ibid.

<sup>110</sup> Régis Lüdke Frömming. Ibid.

imigrantes [...] é uma religião que foi trazida pelos imigrantes, até onde eu fiquei sabendo, algumas coisas que eu estudei da imigração [...] até hoje, é uma marca muito forte a religião dos descendentes dos imigrantes. Eu vejo assim pelo menos<sup>111</sup>.

Essa afirmação é ainda reforçada e estigmatizada por descendentes de outras etnias que, segundo nossas percepções, preponderantemente por luso-brasileiros e afro-descendentes, consideram a Igreja Luterana como a “Igreja dos Alemães”. Mas isso pode ser observado também por descendentes de alemães católicos como nos relata uma entrevistada:

Todo mundo fala: “isso é a Igreja dos Alemães”, até os próprios católicos [católicos descendentes de imigrantes alemães] [...] as pessoas pensam que é a Igreja dos Alemães. [...] não é que seja [...] acontece que a maioria é de origem alemã e ficou essa identidade forte<sup>112</sup>.

Conforme Ranzi (2000, p. 248), “[...] a religião e o grupo étnico se confundem [para os luteranos], enquanto que para os católicos vem em primeiro lugar a religião, o que não impede, no entanto, a manutenção dos ideais do seu grupo étnico.” A respeito da “Igreja dos Alemães”, Gertz (2001, p. 13) afirma que

na história das confissões protestantes no Brasil a historiografia costuma distinguir três tipos de protestantismo: protestantismo de imigração [...] de missão e [...] pentecostal. Apesar de que a ala do luteranismo que hoje constitui a Igreja Evangélica Luterana do Brasil tenha sua origem na atuação de missionários norte-americanos, que desde o início do século XX sempre de novo enfatizaram que sua atuação nunca visou especificamente à população de origem alemã, chegando, inclusive, a ter comunidades constituídas exclusivamente por afro-brasileiros - a verdade é que o luteranismo, como um todo, continua a caracterizar-se, até hoje, por membros de sobrenome alemão.

<sup>111</sup> Cristian Iepsen. Ibid.

<sup>112</sup> Vanessa Wiegand Iockock. Ibid.

Para outros entrevistados ainda o emprego do termo Igreja Luterana parece não estar suficientemente claro ou não fazer diferença, pois quando perguntados sobre sua confissão religiosa responderam que são evangélicos/protestantes. Devemos ressaltar aqui que esses depoentes pertencem à IECLB. A entrevistada que pertence à IELB responde categoricamente que confessa a Igreja Luterana. Precisamos salientar aqui que, de acordo com nossas percepções, membros da IELB referem-se a membros da IECLB como “evangélicos”. No contexto acima, podemos observar claramente, tanto no que se refere ao grupo étnico quanto à instituição religiosa, que a identidade étnica e religiosa são afirmadas no confronto e no contraste com o “outro”.

Apenas um sujeito declara enfaticamente que pertence à IECLB, ou seja, refere-se à sua religião através do nome da instituição religiosa. Ao perguntar-lhe sobre a associação entre etnicidade e luteranismo afirma:

Eu acredito que sim, porque pelas histórias que eu conheço, pelas pessoas que eu sei que participam, tem alguma coisa a ver, pelo menos o que a gente sabe, até quando eu morava no interior, eu me lembro disso, todo distrito tinha um colégio e uma igreja do lado. Isso aí é uma coisa que trouxeram, então religião e educação vinha, isso nós herdamos dos nossos antepassados [...] se não existe, mas existiu, aqui tem um colégio e aqui tem uma igreja. Então eu acho que tem muito a ver, a religião na época tinha muita força, isso até hoje boa parte das pessoas ainda cultiva<sup>113</sup>.

Na declaração: “[...] herdamos dos nossos antepassados [...] isso até hoje [...]”, percebemos que a religião luterana é passada de geração para geração, isto é, ela é vista pelo depoente como algo natural e permanente, de modo que representa um marcador importante de etnicidade. No texto acima, podemos observar ainda que o entrevistado faz uma referência à importância da educação formal na vida do descendente de alemães. Parece que os vínculos estabelecidos entre religião e escola e a organização em torno desses elementos fundamentais e centrais na construção e na preservação da identidade

---

<sup>113</sup> Gilberto Falck. *Ibid.*



teuto-brasileira no passado, como vimos no capítulo dois e três, ainda encontram eco nos dias de hoje.

No que diz respeito à sua relação com a religião luterana declara:

Outra coisa que me marcou muito da minha infância, eu sempre participava do culto infantil [...] e aprendi muito no culto infantil [...] no meu íntimo eu pensei que se um dia estudasse eu iria ser pastor. Se eu quisesse mesmo estudar a minha finalidade era essa. Eu sempre pensei nessa parte da vida religiosa. [...] eu acredito muito e tenho muita fé. Sou uma pessoa de muita fé e de muita esperança. [...] eu acho que tudo se resume em fé e esperança na minha vida<sup>114</sup>.

A declaração acima evidencia que o depoente segue a religião luterana, ou seja, apropria-se dela para expressar a sua fé cristã, no entanto, em nenhum momento faz uma referência à sua participação na programação da comunidade religiosa, como culto, grupo de casais e grupo de estudos bíblicos, por exemplo, assim como a dois ritos de passagem<sup>115</sup> importantes e suas representações que indica a Igreja Luterana: o batismo e a confirmação.

Com referência ao casamento, no entanto, o entrevistado relata:

Quase toda pessoa tem a sua religião, então eles casam e fazem as festas típicas alemães. Aí entra toda a culinária, entra toda a história [...] começam de manhã e vão até o anoitecer. O dia todo de festa. Então ali a gente vê toda a história. Tanto na comida, como as pessoas se vestem, os costumes, as danças, as músicas [...]. Mas sempre

<sup>114</sup> Gilberto Falck. Ibid.

<sup>115</sup> “Os ritos de passagem são transições para novas etapas da vida, são processos de mudança de *status* na sociedade. Momentos em que as pessoas adquirem novos papéis.” (BAHIA, 2008, p. 24). Salienciamos aqui a confirmação: no ensino confirmatório, isto é, na preparação para o rito da confirmação, que dura em torno de dois anos, são ensinados aos confirmandos, além da leitura da Bíblia, o catecismo menor de Martinho Lutero e a história da Igreja e da doutrina luterana. O rito da confirmação é a passagem do jovem para a vida adulta, ou seja, é o momento que o jovem assume o compromisso com Deus, a comunidade da Igreja Luterana e a vida, pois a partir de então ele possui valores éticos e morais que lhe permitirão fazer escolhas tanto no que diz respeito à sua vida pessoal quanto à profissional. Bahia (2001) analisa material didático do ensino confirmatório da IECLB e encontra evidências do papel da IECLB na construção da identidade étnica teuto-brasileira através da manutenção de elementos étnico-culturais alemães.

começa com o ato religioso e após, a festa e a comida<sup>116</sup>.

Na afirmação acima, parece que o depoente quer reforçar a religiosidade no casamento através da cerimônia religiosa quando nos chama a atenção para o casamento que sempre começa com o ato religioso. Entretanto, podemos observar também que ele ressalta o ato social que segue o ato religioso: a festa do casamento. Segundo o entrevistado, a festa do casamento é um evento que reflete a história reinventada do teuto-brasileiro através de elementos selecionados que lhe é relevante para a constituição de sua identidade étnica. Esses elementos, como a gastronomia, a música e a dança, por exemplo, dão então um sentido de unidade e de pertencimento ao grupo étnico. A festa do casamento é, enfim, o tempo e o espaço onde valores e tradições são reafirmados e a identidade étnica é reconstruída.

A idéia acima corrobora com que Maltzahn (2007, p. 38) nos diz sobre a festa do casamento:

As festas de casamento agem como uma força centrípeta em relações marcadas pela reciprocidade e solidariedade, formando assim uma idéia de unidade. As festas são momentos extraordinários, marcados pela alegria por valores que são considerados positivos por seus membros. Esses rituais são modos de salientar aspectos do mundo diário, pois colocam em evidência os papéis sociais existentes no cotidiano da comunidade, atuando como elementos de reforço da cultura pomerana.

Devemos ressaltar aqui que, segundo nossas percepções, a festa do casamento, como descrita pelo depoente acima, acontece assim nos dias de hoje somente na zona rural. Segundo Hélio Falck, o descendente de alemães ainda conserva a festa do casamento, mas no que diz respeito às tradições e aos costumes, eles são mais conservados no interior do município<sup>117</sup>. No entanto, podemos afirmar que o descendente de alemães da zona urbana vivencia a festa do casamento mencionada acima, pois ele tem ainda sempre um parente ou amigo que reside na zona rural. Bahia (2008, p. 24) destaca entre os ritos de passagem a festa do casamento:

---

<sup>116</sup> Gilberto Falck. Ibid.

<sup>117</sup> Hélio Falck. Ibid.

Este é bastante importante para a reprodução social do modo de vida camponês de origem alemã. No casamento também se discute a divisão de herança, construção de novas unidades de produção e consumo, novas perspectivas de continuidade da vida camponesa e da identidade alemã.

Assim como a festa do casamento também as festas das comunidades luteranas, além de reforçarem a religiosidade dos descendentes de alemães, são momentos e lugares de convivência e de compartilhamento entre eles, que através da comemoração, de atividades, da diversão e de conversas criam um sentimento de pertença étnica e fortalecem a tradição de seus antepassados. Além disso, na festa do casamento assim como também nas festas das comunidades luteranas o ato social, a festa, é precedida do ato religioso, o culto. A festa da colheita, por exemplo, é uma reinvenção que as comunidades luteranas fazem a partir de uma festa alemã, a *Erntedankfest*. Bahia (2000, p. 18) ressalta “a importância da IECLB [...] na reinvenção das festas comunais e dos símbolos da cultura nacional alemã [...]”. As festas das comunidades luteranas como tempo e espaço de encontros e manutenção de aspectos da cultura alemã entre os descendentes de alemães pode ser observada no relato a seguir: “Eu acho que até nessas festas religiosas aqui, das nossas religiões tem muito desses costumes e hábitos dos nossos antepassados. As pessoas se encontram, as pessoas falam sobre a vida de um e de outros acontecimentos<sup>118</sup>.”

Outro exemplo disso, podemos ver no seguinte depoimento:

[...] as comunidades aqui de São Lourenço, a IELB e a IECLB quando fazem suas festas, elas são festas alemãs, a gente pode dizer. Raramente, tu vêes traços nessas festas religiosas que não tenham a música típica alemã, que não tenham jogos germânicos, a dança alemã. Raramente, tu vêes nessas festas da igreja, ao menos da IECLB, que não tenham traços da cultura alemã. Eu vejo a religião de São Lourenço, principalmente a IECLB, como muito forte dos descendentes de alemães<sup>119</sup>.

<sup>118</sup> Gilberto Falck. Ibid.

<sup>119</sup> Cristian Iepsen. Ibid.

No depoimento abaixo, podemos observar outro exemplo em que aparece a relação do entrevistado com a Igreja Luterana:

[...] me batizei, me confirmei, sem entender muito porque eu estava lá, a importância daquela religião e tal. [...] eu comecei a participar do grupo de jovens [...] mas era aquela coisa assim, era um grupo de encontro sem estudos muito aprofundados [...] eu comecei a conhecer melhor então o porquê dessa religião, de não ser simplesmente luterana [...] [através de] uma professora de inglês que me convidou para participar de um curso [...] <sup>120</sup>.

Podemos observar nesse texto que a entrevistada, por um lado, segue a religião luterana, pois participou dos ritos de passagem que indica a religião luterana, o batismo e a confirmação, assim como participa efetivamente do grupo de jovens da comunidade; por outro lado, as evidências indicam que para a depoente o “ser luterana” é atribuído efetivamente antes à sua participação em um “curso”. Diante disso, não fica muito claro se a sua vivência na Igreja Luterana é dada por preceitos religiosos do luteranismo ou ela se apropria da religião luterana para expressar sua fé cristã.

A apropriação do luteranismo para expressar a fé cristã e valores éticos do cristianismo, podemos observar também em outros relatos, como vemos:

[...] a Confissão Luterana [...] é a igreja que eu participo desde pequeno. Só que tinha épocas que eu não gostava [...] o livro que eu mais leio é a Bíblia [...] é um processo que se chama conversão [...]. Quando eu era menor não conhecia a Bíblia. Daí eu comecei lendo em casa e fui mudando de atitude, eu considero assim um novo ato [...] <sup>121</sup>.

[...] participava da juventude também aqui, da Igreja Evangélica, a IECLB, antes já do culto infantil [...] então o pai e a mãe sempre me incentivavam a participar da igreja e hoje freqüento os cultos. Não muito seguido, mas uma

<sup>120</sup> Vanessa Wiegand Lockock. Ibid.

<sup>121</sup> Régis Lüdke Frömming. Ibid.

vez por mês mais ou menos a gente sempre costuma ir para agradecer [...] minha mãe sempre fala, que a vó sempre incentivava ir à igreja [...] agradecer, perdoar, pedir perdão, participar de um grupo de uma comunidade<sup>122</sup>.

Com referência à relação “sujeito-Igreja Luterana”, chamamos a atenção ainda para um relato que diz o seguinte:

[Quando] Os meus avôs maternos nos convidavam para ir [à igreja] era sempre uma festa. [...] nós caminhávamos, atravessávamos uma lavoura que tinha uma trilha. De manhã cedo, podia ser frio, nós já saíamos cantando, rezando, tudo era uma festa. [...] a gente não percebia que já tinha terminado o culto. Quando nós éramos convidados pelos nossos avôs paternos [...] era uma obrigação. Tínhamos que ir. “Então quem é que vai? Não. Só fulano e mais alguém.” [...] a mesma religião. Mas eles faziam a gente ver que nós éramos ordenados [...]. Ir à igreja era por obrigação. Se tu gostavas, se tu não gostavas, se tu acreditavas, se tu não acreditavas, era outro problema, mas tu tinhas que ir. Até para mostrar para os outros que tu te fazias presente, que tu frequentavas<sup>123</sup>.

O texto acima diz respeito ao culto luterano, que para a entrevistada, conforme sua vivência nas casas dos avôs maternos e paternos, tem significados diferentes e antagônicos. A depoente se apropria da Igreja Luterana atribuindo-lhe um sentido próprio para além de aspectos religiosos e culturais, que pode ter sido ou não aderido de preceitos religiosos. A vinculação com a Igreja Luterana apresenta aqui aspectos afetivos e emocionais, pois a entrevistada vive aqui uma religiosidade em família tomada de uma motivação subjetiva. A partir dos termos “festa e obrigação”, podemos evidenciar claramente elementos subjetivos: a palavra “festa” sugere, de um lado, sentimentos positivos como “alegria, felicidade e satisfação”; enquanto que a palavra “obrigação” produz, de outro lado, sentimentos negativos como “coação, constrangimento e descontentamento”. No entanto, não foi

<sup>122</sup> Héber Holz. Ibid.

<sup>123</sup> Roselene Radmann. Ibid.

possível perceber na fala da depoente se sua relação com a Igreja Luterana constituiu-se a partir de relações afetivas e emocionais, pois ela não faz nenhuma declaração ao seu “ser luterana” nos dias de hoje.

Nesse contexto, devemos salientar ainda que a vinculação ao luteranismo, particularmente ao Cristianismo, é mantida por alguns sujeitos também através da música religiosa, precisamente cristã, como podemos ver nos depoimentos a seguir:

“[...] até o ano passado eu participava do nosso coral Treze de Maio [...] é grupo de cantos que canta mais música sacra e música religiosa<sup>124</sup>.”;

“[...] nós temos um grupo de música sacra, que é o Um Lugar ao Sol, a gente até já gravou um CD [...]. A gente participa dos cultos, nós nos apresentamos, vamos às outras comunidades, aí estamos sempre juntos ali na Igreja [Luterana] [...]<sup>125</sup>.”;

“[...] a gente tem uma banda [...] a gente toca música cristã, a gente toca na igreja [...] a gente tem um ideal de tocar não só dentro da igreja, mas também no evangelismo, anunciando através da música a palavra de Deus<sup>126</sup>.”.

Para reforçar, enfim, a relação entre a religião luterana e a etnia teuto-brasileira, vejamos mais dois depoimentos a seguir: Loni Tessmer Hax nos fala que na festa dos “Cento e Cinquenta Anos da Imigração Alemã-Pomerana” (2008) o seguinte fato lhe chamou a atenção:

Eu não cheguei a participar, mas teve uma solenidade protestante luterana e teve uma missa, uma solenidade dos católicos. E a minha filha chegou a ir até lá nos católicos e ela disse: “mãe lá [...] ninguém saiu falando alemão” e na igreja, na solenidade dos luteranos, então todo mundo na frente da igreja estava falando alemão e durante a festa eles montaram um tipo de exposição de cada comunidade, de cada região e a parte luterana era muito forte [...]. Então a conservação da tradição deles [...] com objetos típicos de coisas da colonização, bem alemão, bem pomerano<sup>127</sup>.

Segundo Carla Adriane Lübke, a religião luterana ainda é um marcador étnico forte e agrega os descendentes de alemães, pois

<sup>124</sup> Gilberto Falck. Ibid.

<sup>125</sup> Luis Fernando Bergmann. Ibid.

<sup>126</sup> Régis Lüdke Frömming. Ibid.

<sup>127</sup> Loni Tessmer Hax. Ibid.

eles se identificam muito com essa questão da comunidade. Eles participam ativamente dessas festas [...] da vida na comunidade religiosa. [...] Isso fez com que mantivessem um pouco da cultura também. [...] A cultura se manteve porque a igreja se manteve [e vice-versa]<sup>128</sup>.

Para a depoente acima, isso vale também para os jovens,

porque todos eles têm que fazer o ensino confirmatório. Então conhecer a história da Igreja Luterana é uma premissa básica e conhecendo a história da Igreja Luterana tu vais conhecer um pouco da tua história também<sup>129</sup>.

A partir do exposto nesta seção, podemos afirmar que a religião luterana é fundamental ainda nos dias de hoje para a construção da identidade étnica teuto-brasileira. Como observamos, ela tem um papel importante na preservação da identidade étnica para a maioria dos entrevistados, ainda que eles não façam em nenhum momento referências aos ensinamentos da doutrina luterana e a ritos de passagem importantes, como o batismo e a confirmação.

Nesse sentido, temos dificuldade de definir sua religiosidade no que diz respeito a preceitos religiosos da Igreja Luterana, no entanto, podemos verificar que há uma tendência confessional luterana. Os entrevistados se apropriam do luteranismo antes para professar a fé cristã do que a doutrina luterana. Observamos também que, para alguns depoentes, o pertencimento à religião luterana mantém o grupo identitário unido para além da confissão religiosa. As congregações luteranas têm também o papel de valorizar e preservar aspectos da cultura e da história alemã através de representações que caracterizam o grupo étnico, ainda que reinventadas, como a comida, a música e a dança, por exemplo, que encontramos nas comemorações religiosas, ou seja, nas festas de casamento e das comunidades luteranas. Podemos dizer então que as celebrações e festas religiosas, organizadas pelas congregações luteranas apresentam sentidos tanto no aspecto religioso quanto cultural.

Verificamos ainda que, para outros entrevistados, a ligação com a Igreja Luterana se efetua por meio de laços afetivo-emocionais, assim

<sup>128</sup> Carla Adriane Lübke. Ibid.

<sup>129</sup> Carla Adriane Lübke. Ibid.

como também da música religiosa. Assim, podemos afirmar, portanto, que cada um dos entrevistados vivencia e se apropria da religião luterana de forma particular.

#### 4.2 A LÍNGUA ALEMÃ

Uma língua/dialeto é moldada(o) pelo discurso social de uma comunidade étnica. A participação do sujeito social como membro nessa comunidade é definida então na relação social, ou seja, esse sujeito só será considerado membro dessa comunidade étnica à medida que ele atue nela socialmente. Nesse sentido, de acordo com Bourdieu (2007, p. 112):

[...] a procura dos critérios «objetivos» de identidade «regional» ou «étnica» não deve fazer esquecer que, na prática social, estes critérios (por exemplo, a língua, o dialeto, o sotaque) constituem o objeto de representações mentais – vale dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento, em que agentes investem seus interesses e pressupostos e de representações objetais, coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica tendente a determinar a representação (mental) que os outros podem construir a respeito tanto dessas propriedades como de seus portadores. [Estas características] [...] funcionam como sinais, emblemas ou estigmas, logo que são percebidas e apreciadas como o são na prática. Porque assim é e porque não há sujeito social que possa ignorá-lo praticamente, as propriedades objetivamente simbólicas, mesmo as mais negativas, podem ser utilizadas estrategicamente em função dos interesses materiais e também simbólicos do seu portador.

A partir da aliança entre religião luterana e germanidade, articulou-se outra marca importante de etnicidade, a língua alemã. Assim como no contexto alemão também no teuto-brasileiro, a língua alemã estava estreitamente vinculada a Martinho Lutero e à Reforma



Religiosa, constituindo-se em um símbolo sagrado de identidade étnica, no qual veiculam a sabedoria e a visão de mundo do povo alemão. De acordo com Bahia (2008, p. 23), “[...] o sentido de nacionalidade alemã é pensado a partir do uso da língua alemã pela religiosidade luterana. A Igreja Luterana é quem viabiliza melhor este sentimento de germanidade através do uso do alemão oficial.” Segundo Dreher (1984, p. 20), os pastores provenientes da Alemanha já deram os primeiros sinais de relacionar germanidade e religiosidade em meados do século XIX, mas “[...] o fato, tido inicialmente como algo natural, de que protestantes de ascendência germânica fizessem uso da língua alemã em sua atividade eclesiástica”, foi tratado de forma expressiva e fundamentado teologicamente somente a partir da criação do Reino Alemão (1871). Nesse contexto, afirmava-se “[...] que se deveria levar ‘o Evangelho aos irmãos na fé e aos compatriotas em língua e índole alemães’ e preservar ‘com isso todo o rico tesouro da cultura germânica’.” (DREHER, 1984, p. 20). Assim, a relação intrínseca entre germanidade, religião luterana e língua alemã caracterizou por muito tempo o contexto teuto-brasileiro no Rio Grande do Sul, no qual o luteranismo e a língua alemã constituíram-se em marcadores poderosos da identidade étnica teuto-brasileira.

Nesse sentido, vejamos como um pastor luterano se pronunciou perante sua comunidade:

[...] se vocês perderem a língua [alemã] vocês perdem sua história e com ela qualquer compreensão sobre a Reforma e com isso qualquer noção acerca da verdadeira igreja de Deus; [...] vocês perdem a maravilhosa Bíblia alemã, as músicas que ecoam até o céu, os catecismos que os seus semelhantes não possuem [...] toda a literatura nacional, a espiritual e todas as outras e, por fim, o próprio espírito e o jeito de ser [alemão] [...]. (LÖHE, 1929 apud MEYER, 2003, p. 199).

Para reforçar o que foi exposto acima, ou seja, a idéia de que germanidade, religião luterana e língua alemã caminham juntas no contexto da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul, vejamos o depoimento a seguir:

Porque ela [vó] tinha a Bíblia em alemão e como protestante que era, eles [os protestantes]

aprendem a ler para ler a Bíblia. Isso é uma coisa muito forte. Assim tanto da minha vó quanto da minha mãe. Porque a gente era criança e eu me lembro que ela me sentava [...] na cama e dizia: “agora nós vamos ler a Bíblia.” Então ela aprendeu a ler, a minha mãe aprendeu a ler para ler a Bíblia<sup>130</sup>.

No que diz respeito à língua alemã<sup>131</sup>, devemos sublinhar aqui a importância dos dialetos alemães. Além dos dialetos das várias regiões

<sup>130</sup> Carla Adriane Lübke. Ibid.

<sup>131</sup> Para os propósitos desta seção os termos “língua alemã” e “alemão” não serão usados somente para referir-se à língua padrão, mas também à dialetal e à “língua não-padrão”. Segundo nossas percepções, a maioria dos descendentes de alemães, nos dias de hoje, só fala o dialeto ou a “língua não-padrão”, embora compreendam a língua padrão coloquial. Ainda, segundo nossas percepções, há descendentes de alemães que definem, no entanto, a língua falada na família (“língua alemã não-padrão”) como *Hochdeutsch* (língua alemã padrão). Nomear a até mesmo qualificar, sem incorrer em preconceito lingüístico, esse alemão falado na localidade não é tarefa simples. Trata-se, na realidade, de uma variedade (ou de variedades). Tal qual acontece no português falado no Brasil que, segundo Bagno (2001), também não é um bloco compacto, sólido e firme, mas sim um conjunto de coisas aparentadas entre si, mas com algumas diferenças, também no alemão falado na localidade podemos dizer que se trata de uma variedade. As diferenças no alemão local podem ser de ordem fonética (motivadas pela segunda língua que afinal é o português); de ordem morfológica (trazendo características do alemão oral onde, por exemplo, as marcações morfológicas de caso -en, -em, -er, etc. tendem a ser sempre neutralizadas e com isso, talvez, realmente dar a impressão de que o paradigma formal de marcação de caso esteja sendo “violado”; de ordem sintática (onde a organização sentencial se pareça com a do português, substituindo, por exemplo, a ordem canônica objeto indireto + objeto direto do alemão padrão, por uma ordem objeto direto + objeto indireto, mas o objeto indireto sendo introduzido por preposição, tal qual acontece no português. As diferenças podem ser observadas ainda, e até primordialmente, no campo lexical, onde são observadas inúmeras incorporações do vocabulário do português, que, por sua vez, sofrem ajustes naturais às propriedades fonotáticas do alemão. Esse “alemão não-padrão” (adotando a proposta de Bagno (2001) para fazer a mesma diferença para o português: (português não-padrão) x (português padrão) ), é, afinal, adquirido e transmitido naturalmente, ele parte de uma tradição oral e é falado por classes dominadas e, portanto, marginal e estigmatizado. O “alemão não-padrão” é extremamente funcional e inovador pelo fato de autorizar a eliminação de regras desnecessárias e redundantes. Com a adoção dessa nomeação queremos eliminar nomeações preconceituosas com as que ouvimos de alguns depoentes, quando avaliam sua língua como “alemão incorreto” e outros termos extremamente pejorativos e sem qualquer fundamentação, em termos teóricos, como, por exemplo, “alemão não-gramatical”. O “alemão não-padrão” é também uma língua bem organizada e coerente, passível de ser descrito por ter uma lógica interna perfeitamente demonstrável tal qual defendido para o português não-padrão por Bagno (2001) em sua **novela sociolinguística**. Nesta seção, será usado também os termos “dialeto pomerano” e “pomerano” com referência a uma variação dialetal do *Platdeutsch* (baixo-alemão) e em alguns contextos compreendemos língua alemã no sentido geral do termo, ou seja, também pelo dialeto pomerano. Todos os seus sentidos serão determinados pelo seu contexto. Precisamos salientar que para os propósitos desta seção “a divisão língua/dialeto assim concebida como uma oposição entre uma língua verdadeira e alguma coisa como uma ‘sublíngua’ é absurda. Ela resulta de uma confusão entre as diferentes acepções que conhece a

da Alemanha em maior ou em menor número, o dialeto da região do *Hunsrück*<sup>132</sup> e da Província Pomerana da Prússia são os mais falados na região de colonização alemã no Rio Grande do Sul, como já vimos anteriormente no capítulo dois. Além disso, o contato com a língua portuguesa fez com que a língua alemã falada pelos imigrantes e seus descendentes no Rio Grande do Sul não fosse uma língua homogênea. O alemão falado pelos imigrantes alemães e seus descendentes nas colônias de imigração alemã é, portanto, “de uma forma ou de outra formada por diversos dialetos e misturada com o português.” (VILELA, 2004). Na mistura do alemão com o português temos “[...] a tendência de empregar substantivos em português no meio de frases em alemão, ou a de germanizar verbos da língua portuguesa através do acréscimo da terminação *-ieren* no radical latino.” (PRADE, 2003, p. 86).

Com referência ao ensino formal da língua alemã nas escolas comunitárias da “Colônia São Lourenço”, Loni Tessmer Hax diz que

em sessenta e quatro [1864] já tinha as primeiras escolas. As aulas nessas escolas eram dadas por pessoas da comunidade. Eles escolhiam entre eles. E as aulas eram dadas em língua alemã. Eles falavam e escreviam em alemão. As crianças aprendiam o alemão. [...] em mil novecentos e trinta mais ou menos, quando Getúlio Vargas assumiu, ele terminou com essas escolas e foram implantadas em grandes quantidades as escolas públicas. [...] Algumas pouquinhas ainda continuaram, mas elas foram depois sendo absorvidas pelas escolas municipais, pelo próprio município de São Lourenço do Sul. Aí em cinquenta e poucos extinguiram esse tipo de escola<sup>133</sup>.

---

palavra língua. Se for tomada em seu sentido mais geral de sistema de representação e de expressão vocal, todo ser humano exprime-se em uma língua. O dialeto possui um sistema de sons que, reunidos, formam palavras e essas palavras, unidas uma às outras segundo um sistema de regras, servem para formar frases. Trata-se das características essenciais que definem toda linguagem humana. O dialeto tem, portanto, as características exigidas para que se possa dizer que é uma língua no sentido geral do termo [...].” (LERAY, 2003, p. 120). Para mais informações sobre as mudanças lingüísticas ocorridas nas comunidades de colonização alemã no Brasil, ver Willems (1946, p. 277).

<sup>132</sup> Para mais informações sobre o dialeto da região do *Hunsrück* no Rio Grande do Sul, ver Altenhofen (1996).

<sup>133</sup> Loni Tessmer Hax. *Ibid.*

A Campanha da Nacionalização provocou, como já abordado anteriormente no capítulo dois, um silenciamento da etnicidade teuto-brasileira. O uso da língua alemã, tanto falado quanto escrito, foi proibido no ambiente formal da comunidade teuto-brasileira e em locais públicos, o que certamente criou um conflito na sua população, que foi obrigada a usar a língua portuguesa. Muitos tiveram que aprendê-la de uma hora para a outra, perdendo dessa forma o vínculo com a língua materna. Segundo uma depoente, “quem falava alemão, quem falava pomerano, não interessava, eles não podiam falar. Então eles acabaram falando somente entre eles. Essa língua se manteve assim. Só entre a família. Foi passando de geração em geração<sup>134</sup>.” E conforme outra depoente:

Então o que a minha vó contava [...] que eles eram proibidos de falar o alemão [...] que isso era denunciado até para a polícia. Então eles tinham muito medo mesmo de falar o alemão. [...] Eles acabaram não passando [...] para os filhos e tendo receio até de passar para os netos<sup>135</sup>.

De acordo com os depoimentos acima, podemos observar que para alguns descendentes de alemães a língua alemã foi preservada oralmente no seio da família, enquanto que para outros o alemão não foi mais empregado no convívio familiar.

Devemos salientar aqui que, segundo nossas percepções, os descendentes de “pomeranos”<sup>136</sup> em São Lourenço do Sul, que até a Segunda Guerra Mundial falavam alemão e pomerano, perderam o alemão nessa época. A partir daí, a “geração pós-guerra” de descendentes de “pomeranos” só fala então o dialeto pomerano.

A língua alemã que até a Campanha de Nacionalização era considerada “língua de prestígio” pela função que desempenhava na escola, na igreja, na imprensa e em associações passa a ter sentimentos e valores ambivalentes, por um lado, um positivo, pois muitos descendentes de alemães continuaram/continuam falando o alemão na família e entre amigos, principalmente, na zona rural; por outro lado, um negativo, principalmente, os mais jovens da zona urbana deixaram de falar o alemão.

<sup>134</sup> Mônica Wetzel. Ibid.

<sup>135</sup> Carla Adriane Lübke. Ibid.

<sup>136</sup> A definição de uma etnia “pomerana” será abordada na seção três deste capítulo.

A língua portuguesa tende a se difundir aí cada vez mais e passa a ter um papel importante para os descendentes de alemães vinculado à ascensão social e econômica e à diferenciação entre os urbanos e os rurais. O português é então prestigiado e considerado “língua de *status*” e língua da cidade<sup>137</sup>.

Nesse caso, a língua alemã passou a ser discriminada e foi estigmatizada como “língua de colono” em uma referência ao camponês. Para comprovar essa idéia, vejamos o que afirma um depoente:

[...] lá fora a gente só falava pomerano. Os meus colegas no colégio, os primos que moravam perto, todo mundo só falava pomerano. E daí, quando vim para a cidade tive uma grande dificuldade e te confesso que chorei muito nos primeiros dois anos. [...] eu tive uma grande dificuldade em falar a língua portuguesa. [No colégio] [...] todo mundo [...] começava a rir [...] porque eu tinha o problema no “r”. Então a gente tem esse sotaque de alemão e isso doía muito [...]. Até porque era um dos motivos [o sotaque alemão] que eu tinha vergonha e não gostava que alguém me chamasse de alemão. [...] Alemão é sinônimo de grosso, de colono [...] na adolescência a gente marca muito isso. [...] Isso pra mim fica difícil às vezes até para falar [...]. Eu procurei estudar [...] [e] escutava muito rádio [...]. Eu sempre gostei de ler [...]. Então isso aos poucos foi me ajudando. Não que me acho bom hoje, mas já me defendo melhor na língua portuguesa. [...] para dizer bem sincero, hoje, eu me orgulho de ser ou pomerano ou alemão. Até anos anteriores, eu não tinha este orgulho, mas hoje eu vejo isso no meu trabalho, em qualquer parte aqui, principalmente no nosso município, isso pra mim ajuda muito. [...] eu só aprendi muita coisa com isso tudo de língua e raça<sup>138</sup>.

No depoimento acima, podemos verificar claramente sentimentos negativos em relação ao uso da língua alemã assim como à ascendência

<sup>137</sup> Para mais informações sobre a língua alemã e a língua portuguesa como “língua de prestígio” e “língua de *status*”, respectivamente, em diferentes períodos históricos, ver Rost (2008).

<sup>138</sup> Gilberto Falck. *Ibid.*

étnica<sup>139</sup> num determinado período da vida do entrevistado, ou seja, quando ele migra da zona rural para a urbana e é confrontado com o “outro”. A alteridade é marcada aqui pela pronúncia característica do falante de língua alemã, o sotaque. Os descendentes de alemães foram discriminados e estigmatizados pelo “outro” e motivo de chacota por causa do sotaque, o que provocou neles sentimentos negativos.

Na coletânea **Memória e (Res)sentimentos Indagações sobre: uma questão sensível**, Stella Bresciani e Márcia Navara (2001) informam-nos sobre a temática do ressentimento como componente importante na história de vida dos homens, particularmente, na construção de suas identidades. O significado de ressentimento apresentado nessa obra tem uma conotação negativa, isto é, são sentimentos negativos e mal resolvidos como mágoa, dor, pesar e ódio. Para Ansart (2001, p. 15), a pesquisa sobre o papel do ressentimento nos fatos históricos encontra muitas dificuldades, pois evoca “[...] a parte sombria, inquietante e frequentemente terrificante da história.” Ainda segundo esse autor, os sentimentos que melhor definem a palavra ressentimento são “[...] os rancores, as invejas, os desejos de vingança e os fantasmas da morte”, que podem se manifestar de várias formas e em diferentes intensidades.

Atitudes humanas como o preconceito entre dois grupos étnicos podem levar à frustração que, por sua vez, pode gerar o ressentimento, que pode ser ou não exteriorizado ou expresso de forma violenta. No caso acima, o fato (a chacota sobre o sotaque alemão) do qual o depoente foi vítima e sofreu violência psicológica (mágoa, dor, vergonha, humilhação, inferioridade, sofrimento) provocou ressentimento. Porém, o fato de que o entrevistado tenha aperfeiçoado a língua portuguesa e, provavelmente, perdido ou pelo menos amenizado o sotaque alemão, pode tê-lo prendido menos às lembranças traumáticas do ressentimento. Nesse sentido, recorro à explicação de Ansart (2001, p. 31) sobre “a tentação do esquecimento”:

[...] pode-se afirmar que o indivíduo não esquece os fatos dos quais foi ator ou vítima, mas esquece-se ou, ao menos, aferra-se bem menos às lembranças dos ressentimentos. Os fatos organizados em uma cronologia têm a simplicidade do inelutável, pois já passaram, enquanto os ressentimentos são extremamente mais incertos, quando não mais vividos e sentidos.

<sup>139</sup> O papel de uma etnia “alemã” será discutido na seção três deste capítulo.

Freqüentemente, o indivíduo tem a tendência a evitar seus próprios ódios quando a história os tornou caducos. E, mesmo em se tratando de ódios dos quais foi vítima, o indivíduo experimenta repugnância em conhecer e explorar o ressentimento daqueles de quem foi objeto, a compreender o que é, para ele, irracional. Quando estamos nessa situação, contentamo-nos com alguns julgamentos simples que os permitem não entrar na lógica afetiva de nossos antigos adversários e que nos bastam para condená-los.

No caso acima, não podemos afirmar com que intensidade o entrevistado se apropriou do ressentimento ou se ele ainda se apropria dele atualmente. As evidências, no entanto, indicam que o depoente possa ter superado totalmente seu trauma quando diz que, nos dias de hoje, se orgulha de sua origem étnica, no caso “ou pomerano ou alemão”.<sup>140</sup>

Outro exemplo de apropriação do ressentimento, conseqüentemente da “tentação do esquecimento” e, provavelmente, superação do trauma, podemos observar no seguinte relato:

Um problema na época. Porque o português a gente não conseguia pronunciar direito, então todo mundo ria, debochava da gente. Isso era horrível. Na escola então [...] quando nós viemos do interior pra cidade, começamos a quinta série, era horrível. A gente falava muito pouco. Porque nós tínhamos o sotaque muito forte. Para a cidade: “ah, lá vem o colono, o alemão”, nós éramos vistos assim como [...] aqueles que não tinham valor nenhum, os que não sabem falar. Na época [...] a gente evitava falar [...] porque eu tinha dificuldade. [...] no momento que eu comecei a entrar no Grupo [Grupo de Danças Folclóricas Alemãs *Sonnenschein*<sup>141</sup>] mudou tudo. Tanto que hoje, tu podes ver, na cidade mesmo, meu Deus, o alemão é o mundo. Eu acho que é em função desse trabalho que a gente vinha fazendo no

<sup>140</sup> A confusão com referência ao “ser alemão” ou “ser pomerano” observada em São Lourenço do Sul será discutida na seção três deste capítulo.

<sup>141</sup> O papel do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs *Sonnenschein* será discutido na seção quatro deste capítulo.

Grupo de Dança, houve o reconhecimento disso aí, a valorização<sup>142</sup>.

Nesse contexto, podemos observar que o sotaque alemão ainda nos dias de hoje é um elemento que caracteriza a identidade étnica do teuto-brasileiro. Segundo uma entrevistada, o descendente de alemão continua sendo discriminado e estigmatizado por causa da língua e do sotaque alemão e a língua portuguesa, parece que continua sendo considerada uma língua de prestígio entre os descendentes de alemães, particularmente, para os jovens, como podemos ver no depoimento a seguir:

Meus vizinhos eram do interior, compraram um terreno do lado da minha casa. [...] a família deles, tem uns que só falam em alemão [...]. A guriazinha veio pequena [...]. Ela não sabia o português. Hoje, ela é maior [...] seis ou sete anos se passaram, que eles moram ali, ela não sabe mais uma palavra em alemão. Porque [...] é feio falar em alemão. É feio ter o sotaque alemão. Então eles não querem mais nem saber do alemão. [...] Você vê, por exemplo, uma guria de dezesseis ou dezessete anos que veio do interior pra estudar [...] em São Lourenço, pode ter certeza que vai ter uma piadinha, que nem eles falam, puxando o “r”. Pode ter certeza que ela [...] vai ter vergonha disso<sup>143</sup>.

Segundo Arnildo Becker, porém, aspectos da cultura alemã, principalmente, com referência ao alemão e ao pomerano, não são perdidos na migração do interior para a cidade, e ainda ressalta que os descendentes de alemães estão sendo mais valorizados na cidade do que no interior, o que podemos comprovar através de seu relato:

Acho que não, ao contrário, principalmente no comércio. Quando ele chega no comércio ele é mais valorizado do que lá no interior. Porque normalmente oitenta por cento do nosso município, dos comerciantes aqui da cidade, dependem do nosso agricultor que vem do interior do município. [...] Você pode ver, praticamente

<sup>142</sup> Roselene Radmann. Ibid.

<sup>143</sup> Marilise Bierhals. Ibid.



quase todas as lojas têm um rapaz ou uma moça que atende em pomerano ou alemão. Está saindo até nos anúncios, às vezes na rádio. Então no meu ponto de vista ele está sendo mais valorizado aqui na cidade do que na própria localidade<sup>144</sup>.

Conforme o exposto acima, podemos verificar opiniões contrárias quanto à valorização e preservação de traços da cultura alemã, particularmente, no que diz respeito à língua alemã e ao dialeto pomerano, tanto na zona urbana quanto na zona rural.

No entanto, conforme nossas percepções, hoje, a língua e o sotaque alemães estão menos associados a sentimentos e valores negativos como no passado, mas permanecem sendo uma marca de diferenciação entre a população rural e urbana, ou seja, é antes mais um atributo ao descendente de alemães da zona rural, como podemos verificar nos exemplos a seguir: “[...] A mãe da [...] até tem um sotaque de colono, alemão. Mas eu não sei, eu acho que entre elas não conservam [o alemão], nunca vi, mas acho que não [...]”<sup>145</sup>.” Vejamos mais um exemplo: “O sotaque de falar um pouco puxado, o ‘r’ mesmo, tem vários amigos meus que falam o sotaque da pessoa do interior [...]. Tem o sotaque diferente a pessoa que fala o alemão ou o pomerano. [...]”<sup>146</sup>.”

O “quadro do pós-guerra” refletiu por muito tempo sobre a vida dos descendentes de alemães. No que diz respeito ao uso da língua alemã, precisamente, podemos observar o seguinte: os descendentes de alemães das gerações dessa época, particularmente, os que nasceram e moram na zona urbana, não falam mais o alemão, embora alguns o entendam um pouco. Esse fato podemos comprovar em nossa pesquisa, pois todos os entrevistados que nasceram e que migraram quando crianças em/para a zona urbana não falam o alemão. “Eu não falo alemão. Não entendo alemão<sup>147</sup>.” E apenas dois desse grupo a entendem pouco e muito respectivamente: “[...] eu não falo [alemão], entendo pouquíssima coisa, a minha irmã entende um pouco mais, porque ela trabalha em uma escola do interior, então as crianças [...] chegam falando o alemão principalmente nas séries iniciais [...]”<sup>148</sup> e “[...] a gente

<sup>144</sup> Arnildo Becker. Ibid.

<sup>145</sup> Vanessa Wiegand Iockock. Ibid.

<sup>146</sup> Héber Holz. Ibid.

<sup>147</sup> Vanessa Wiegand Iockock. Ibid.

<sup>148</sup> Marilise Bierhals. Ibid.

está sempre escutando [alemão], só que não sabe falar, até a gente entende bastante, mas falar a gente não fala<sup>149</sup>.”

Devemos salientar aqui que a maioria dos pais dos depoentes do grupo acima, exceto uma mãe e três pais, que nasceu na zona rural e migrou mais tarde para cidade, fala ainda o alemão, com exceção de dois pais, porém, não o transmitiu a seus filhos. Vejamos a seguir três relatos sobre essa situação:

Eu não falo nem o alemão nem o pomerano [...] meus pais nunca tiveram a preocupação de me ensinar a falar alemão e nem pomerano. E naquela época, eu acho que São Lourenço inteiro não valorizava o fato de ser um município colonizado por alemães [...] dos jovens adultos de hoje não falarem, a maioria não falarem o alemão, nem pomerano, eu acho que é um reflexo disso. De um município que não valorizava essa cultura e não se preocupou em fazer com que as novas gerações também conhecessem a língua. Então agora que o município está começando a resgatar isso, a gente vê que muita gente se arrepende, como meus pais, hoje, eles se arrependem de não terem me ensinado a falar alemão, nem pomerano<sup>150</sup>.

[...] tu quer ver uma coisa interessante, eu não fui ensinada a falar alemão e até acho que eu ia ter gostado se tivesse aprendido, muitos amigos meus também não foram ensinados, que eram do Grupo e sentiam vontade de falar. Então quando um sabia: “ai que legal de saber falar.” Como eu queria saber falar, mas ai é mais difícil. É bom quando aprende quando criança, que aquilo assimila mais fácil<sup>151</sup>.

[...] Infelizmente, eu não falo alemão. [...] Segundo minha mãe, quando a minha vó era viva, minha vó falava bastante comigo e com minha mãe em alemão. [...] A gente parou de falar, como meus pais, também entre eles, não falavam [...]. Mas aí a gente, infelizmente, não exercitou mais. [...] Também não fala alemão [a esposa]. [...] isso

<sup>149</sup> Luis Fernando Bergmann. Ibid.

<sup>150</sup> Cristian Iepsen. Ibid.

<sup>151</sup> Vanessa Wiegand Iockock. Ibid.

foi uma coisa ruim, não vamos fazer uma crítica aos nossos pais [...] mas eu acho que teve uma época que a cultura alemã foi tratada de forma pejorativa<sup>152</sup>.

Nos depoimentos acima, podemos verificar sentimentos positivos em relação à língua alemã. Embora os entrevistados não saibam falar o alemão, lamentam que ele não lhes tenha sido transmitido e expressam claramente o desejo de tê-lo adquirido. Para os depoentes esse fato não se deve diretamente à família, mas à “época pós-guerra”, na qual não se valorizava ou silenciava aspectos da cultura alemã, mais precisamente, a língua alemã.

O fato de que a “geração pós-guerra” da zona urbana não fale mais o alemão pode estar associado também ao casamento interétnico, que já é cada vez mais freqüente, mais particularmente, na zona urbana, mas também na zona rural como podemos ver no relato de Hélio Falck: “as famílias já se casaram mais com portugueses, brasileiros como nós chamamos<sup>153</sup>.”

Outro exemplo dessa situação:

[...] os nossos antepassados falavam todos em pomerano ou em alemão. Hoje, os nossos filhos, enfim, tem a irmã minha que já não fala também. Então vai se deixando. Até porque a mistura de raças quando casam, também isso pesa acho que bastante [...]<sup>154</sup>.

Ainda que as gerações mais velhas resistam em aceitar essa relação, elas dificilmente podem controlar as gerações mais jovens a se casarem com pessoas de outros grupos étnicos, pois, atualmente, todos compartilham os mesmos espaços como, por exemplo, igreja, escola, festas, bailes e casa de amigos.

Nos dias de hoje, podemos observar uma revalorização da língua alemã, uma vez que o seu aprendizado formal está sendo retomado aos poucos nas escolas, tanto da zona urbana quanto da rural, nas universidades e em cursos de língua estrangeira.

No que diz respeito ao ensino formal da língua alemã, ou seja, ao ensino nas escolas de São Lourenço do Sul, Loni Tessmer Hax, professora de história, ressalta a sua importância para a comunidade de

<sup>152</sup> Carlos José Tessmer Elias. Ibid.

<sup>153</sup> Hélio Falck. Ibid.

<sup>154</sup> Gilberto Falck. Ibid.

descendentes de alemães nos dias de hoje e nos relata que já teve uma época, há uns treze anos, na qual muitas escolas municipais tinham o alemão como língua estrangeira optativa no seu currículo. Na seqüência da entrevista, a depoente acima nos conta que grande parte dos alunos do interior optava sempre pela língua alemã, mas que no decorrer do tempo, por falta de interesse ou procura, o alemão foi retirado do currículo, mas agora, até por pedido de pais e alunos, o ensino da língua alemã está voltando. Além disso, Loni Tessmer Hax nos fala que atualmente “a professora Gisela Wachholz está começando um trabalho nas escolinhas de educação infantil [na cidade]. [...] Em várias escolinhas, ela faz um dia em cada escolinha<sup>155</sup>.”

Segundo Carla Adriane Lübke, secretária de educação, cultura e esporte, desde os anos noventa havia o ensino do alemão em muitas escolas municipais do interior, em 2005 só duas dessas escolas, uma na localidade da Harmonia e outra na localidade do Canta Galo<sup>156</sup> ainda ofereciam na sua grade curricular a língua alemã. Na cidade, houve uma época que tinha o ensino da língua alemã nas escolas municipais Marina Vargas e na Machado de Assis e por falta de interesse dos alunos acabou. Conforme a depoente acima, este ano (2008) novamente uma escola do interior, situada na localidade de Santa Augusta<sup>157</sup> coloca na sua grade curricular o ensino de língua alemã. A língua alemã é oferecida então nessas três escolas municipais do interior a partir da quarta série até a oitava série do ensino fundamental, precisamente, da quinta à nona série. Ainda de acordo com Carla Adriane Lübke, além dessas três escolas da zona rural, o ensino da língua alemã é oferecido a partir deste ano (2008) também na cidade. Segundo a entrevistada acima, o objetivo é atingir um número maior de alunos de língua alemã. No caso de encontrar dificuldades em atingir adolescentes para o estudo do alemão, pois eles mesmos fazem suas escolhas, começa-se a fomentar a língua alemã entre as crianças. Para desenvolver o gosto pelo

<sup>155</sup> Loni Tessmer Hax. *Ibid.*

<sup>156</sup> De acordo com Carla Adriane Lübke, na localidade de Santa Teresa, o poder público não conseguiu manter o alemão na escola e tão pouco reimplantá-lo, apesar de já ter feito várias tentativas nesse sentido. Para a entrevistada esse fato não é atribuído à comunidade, mas em parte à equipe diretiva, “só que também a gente não pode interferir na autonomia a ponto de dizer, vai de cima para baixo, vamos fazer assim, porque senão não funciona, as pessoas não abraçam. As pessoas tem que abraçar o projeto para ele funcionar.”

<sup>157</sup> Segundo Carla Adriane Lübke, em uma conversa por telefone neste ano (2011), a escola municipal situada na localidade de Santa Augusta oferece nos dias de hoje o ensino oral do pomerano para todas as séries do ensino fundamental.

alemão nas crianças foi desenvolvido um projeto-piloto<sup>158</sup> pela Secretaria de Educação, Cultura e Esporte para a pré-escola. Esse projeto abrange cinco escolas municipais da zona urbana e oferece uma hora-aula semanal de alemão para crianças do jardim, primeira e segunda séries. Conforme Carla Adriane Lübke:

A gente notou que as crianças têm uma aceitação muito boa, que as crianças adoraram a novidade, que os pais estão juntos com a municipalidade, porque eles estão satisfeitos que os filhos em uma pré-escola estão aprendendo uma língua estrangeira. E as crianças cantam, dançam, interpretam com uma propriedade, uma desenvoltura que talvez você não conseguisse formar em um adolescente.

Quando questionada sobre a continuação do projeto-piloto, isto é, de sua implantação progressiva ao longo do ensino fundamental, Carla Adriane Lübke nos diz que o projeto será primeiro avaliado e salienta que ainda há uma deficiência na formação de professores de língua alemã, pois nenhuma universidade próxima a São Lourenço do Sul oferece o curso de Letras-Alemão<sup>159</sup>. No que diz respeito à implantação do ensino formal de língua alemã, a depoente acima nos fala que por enquanto não é uma Lei, mas o objetivo é continuar “ampliando, regulamentando, colocando no currículo [...] [e] fazer com que todas as escolas do município tenham na sua grade curricular o alemão [...]”<sup>160</sup>. Com referência à obrigatoriedade da língua alemã no currículo das escolas no município de São Lourenço do Sul, Rui Geri, vereador do Partido Progressista (PP), nos conta que ela não poderia ser “fomentada” na Câmara dos Vereadores, pois feriria a Constituição Federal, já que em determinadas localidades do município temos os quilombolas,

<sup>158</sup> Para mais informações sobre o projeto-piloto, ver anexo, p. 307-310. No que diz respeito ao projeto-piloto, conforme Carla Adriane Lübke, em uma conversa por telefone neste ano, somente uma escola municipal da zona urbana oferece aula de alemão nos dias de hoje.

<sup>159</sup> Os professores de alemão em São Lourenço do Sul não têm formação em Letras-Alemão. Eles recebem uma formação continuada do IFPLA (Instituto de Formação de Professores de Língua Alemã), ou seja, uma professora do IFPLA vinha a São Lourenço do Sul uma vez por mês, hoje a cada seis meses. Além disso, o *Goethe Institut* Porto Alegre também assiste os professores. Nos dias de hoje (2011) a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) oferece o curso de Letras – Português e Alemão.

<sup>160</sup> Carla Adriane Lübke. *Ibid.*

embora em minoria, precisariam ser “respeitados”, ou seja, que precisariam também ser contemplados<sup>161</sup>.

No que diz respeito ao ensino formal da língua alemã em São Lourenço do Sul e o papel da língua alemã como marcador étnico, Carla Adriane Lübke relata o seguinte:

Sou professora de língua portuguesa. [...] mas na verdade esse ano [...] eu estou na secretaria e não na sala de aula. Nós assumimos a gestão em 2005. [...] quando nós assumimos tínhamos duas escolas ainda com língua alemã. Porque o ensino de língua alemã existe no município desde há muito tempo. Eu acho que nos anos noventa. Eu não sei precisar a data, mas como língua optativa [...] as crianças podem optar ou por inglês ou por alemão. Quando nós assumimos, nós achamos que tínhamos que resgatar alguma coisa. Porque como eu trabalhei no Canta Galo, eu conhecia as crianças e conheci um pouco da visão, desta identidade que as crianças têm com a língua. [...] Eles colocavam para mim que o alemão era uma língua grossa. Que as pessoas debochavam muito deles, porque eles falavam alemão, porque naturalmente quando eles aprendem o alemão, na hora deles falarem o português, eles mantêm o sotaque. [...] Daí o que acontecia. A gente aprende que em alemão “der Kopf” é a cabeça e eles falam o cabeça, o meu cabeça dói, mas “der” é “o” em alemão. Então eles mantinham essa troca, mas em virtude de ter aprendido primeiro o alemão, primeiro o pomerano, no caso. Aqui não é o alemão, aqui é pomerano. Então eles aprendiam o pomerano e mantinham aquela estrutura que eles já tinham com a primeira língua. E as pessoas, talvez por falta de sensibilidade, talvez por falta de propriedade, achavam que isso era um problema. E mantinham aquele preconceito de dizer que quem falava alemão não sabia falar português. A gente vê hoje em dia na lingüística que isso tem um fundamento e que é importante aprender duas línguas. E comecei a conversar com eles e descobri que tinha uma prova que eles

---

<sup>161</sup> Rui Geri. Ibid

faziam de proficiência no IFPLA<sup>162</sup> que dava um certificado básico. Daí nós os inscrevemos, os que faziam alemão, nessa prova. Cem por cento foram aprovados.

Quando questionada sobre a língua falada pelos alunos, no caso, o dialeto pomerano e a sua relação com a língua alemã, a depoente acima nos diz que esse dialeto “[...] na verdade, ele tem muita semelhança. A estrutura é a mesma [...] e o vocabulário é muito semelhante. [...] A estrutura eles já têm. Então só tem que ampliar o vocabulário deles. Isso foi tranquilo.”

Para a depoente acima, a língua alemã padrão e o dialeto pomerano são muitos próximos, parecendo que quem sabe uma língua também sabe a outra e vice-versa. Como já falamos no decorrer desta seção, o pomerano é uma variação dialetal do *Plattdeutsch* (baixo-alemão), portanto um dialeto alemão. Mesmo assim, sabemos que entre a língua alemã padrão e o dialeto pomerano existem muitas diferenças, não tanto no que se refere aos fenômenos sintáticos, mas com relação aos semântico-lexicais. Segundo nossas percepções, o conhecimento de uma língua poderá ajudar na aprendizagem de outra como também trazer algumas vezes dificuldades para a mesma<sup>163</sup>.

Com referência ao ensino formal do alemão em escolas estaduais em São Lourenço do Sul, Carla Adriane Lübke nos diz que havia uma escola estadual na década de 2000 na localidade da Boa Vista, que tinha no seu currículo a língua alemã no ensino médio. Nesse contexto, a depoente acima salienta que

no estado a coisa não é bem assim. [...] Havia uma escola no ensino médio até esse ano que tinha o ensino do alemão. Mas o problema é que o estado não tem concurso para língua alemã na região. Então não se interessam em manter [...]. Esse ano terminou, porque o professor se aposentou. Ele não abriu concurso. Não abriu vaga para contrato.

<sup>162</sup> O Instituto de Formação de Professores de Língua Alemã está integrado à UNISINOS (Universidade do Vale dos Sinos) em São Leopoldo – RS.

<sup>163</sup> Para os propósitos deste trabalho, não discutiremos o processo ensino-aprendizado da língua alemã padrão por falantes de dialetos segundo pressupostos teóricos linguísticos. Precisamos salientar aqui, portanto, que, segundo nossas percepções, um estudo contrastivo entre a língua falada pelo aluno descendente de alemães e a língua padrão ensinada pelo professor poderá ser eficiente desde que não haja uma violação da identidade do aluno. Para mais informações sobre esse assunto ver, Uflacker (2006).

E terminou na escola contrariando a expectativa, no caso, da comunidade que queria manter<sup>164</sup>.

O aprendizado formal assim como o uso da língua alemã, hoje, pode estar tanto associado à recuperação de aspectos da história e à preservação de traços da cultura alemã, isto é, caracterizando uma marca de identidade étnica, quanto pode ser apenas um meio para alcançar um sucesso profissional, ou seja, ter uma função instrumental. Vejamos um exemplo para cada uma dessas situações:

[...] todo mundo que vem de fora [de outro lugar para São Lourenço do Sul] acha muito interessante [...] sair na rua [...] e escutar as pessoas falando em alemão, falando em pomerano nas calçadas [...] [e] o grupo Sonnenschein já recebeu excursões da Alemanha que vem pra São Lourenço entender o que é a cultura pomerana [...] [e] então eles vêm mais pra escutar a língua [...]. E teve um senhor que veio numa dessas excursões [...] esse senhor começou a chorar e disse que o vô dele conversava assim com ele [...] era um senhor de bastante idade, ele disse que ainda lembra o vô dele falando o pomerano na Alemanha. E aí ele [...] se emocionou. Então, a gente vê que São Lourenço ainda preserva isso e eu acho muito importante. E acho que a língua é de extrema importância pra identidade do grupo [étnico]<sup>165</sup>.

Eu até estava agora falando com o meu pai e a minha mãe, que eu quando terminasse a faculdade, eu ia fazer umas aulas de alemão. [...] Mas eu pensei [...] onde é que vou usar a escrita do alemão. [...] E aí a mãe [...] “então eu falo só o pomerano contigo aqui e tu vais falar igual.” [...] eu quero e vejo assim, que eu preciso aprender. Até para lidar com o pessoal [cliente] do SICREDI<sup>166</sup>. [...] Seguido vem um: “Ah! Fala alemão?” e eu não falo [...]<sup>167</sup>.

<sup>164</sup> Carla Adriane Lübke. Ibid.

<sup>165</sup> Cristian Iepsen. Ibid.

<sup>166</sup> O Banco SICREDI é uma cooperativa de crédito agrícola. A agência lourenciana foi criada em 1997.

<sup>167</sup> Héber Holz. Ibid.



No que diz respeito à preservação de aspectos da cultura alemã através da língua alemã e do dialeto pomerano, Carla Adriane Lübke nos diz o seguinte:

[...] nós começamos a verificar que a gente precisava investir no alemão, até porque a gente tem essa identidade cultural. Começou a questão de a gente trabalhar com a tua identificação, com a tua cultura. Preservar a tua cultura. Se nós não preservarmos, daqui a pouco com esse mundo globalizado, vai se perder esse dialeto pomerano. E é importante a gente manter, porque isso é uma característica local. Então a gente tem buscado no trabalho conjunto com a cultura preservar isso. Fizemos exposições de fotos. Fizemos uma série de programações. E esse ano nós tivemos de novo um festival de teatro em língua alemã que reuniu outros municípios. E a gente tem procurado promover ações que sejam voltadas para a preservação da língua pomerana. Porque quando a gente conversa com alguém que é da Alemanha, eles nos dizem, que ela, na Alemanha, já se extinguiu. Que ela lá já não existe mais. E que aqui ela se mantém intacta. Talvez pela cultura mais fechada do pomerano. Porque o pomerano tem uma tendência a fechar em pequenos grupos. Casar entre os pomeranos. Então isso favoreceu a preservação. Porque ainda hoje no interior do município, principalmente na localidade de Bom Jesus, Harmonia, a gente encontra grupos fechados. Então isso favorece a preservação do pomerano. Tanto que na Escola da Harmonia, a Francisco Frömming<sup>168</sup>, é onde a gente tem o maior número de alunos de língua alemã optativamente. Oitenta e oito por cento dos alunos optam por estudar alemão na escola de quinta a oitava série.

---

<sup>168</sup> Segundo Carla Adriane Lübke, a escola Francisco Frömming promove, ao lado do ensino do alemão, ações voltadas à preservação da cultura alemã, “porque se tu não valorizares e disseres que aquela cultura é uma cultura própria deles, que deve ser respeitada, que deve ser preservada, que mantém a identidade deles enquanto pomeranos, eles também não vão ver isso.”

No exposto acima, podemos observar que a entrevistada, ora salienta a língua alemã, ora o dialeto pomerano, parecendo que tudo é a mesma coisa. Com referência ao dialeto pomerano, Carla Adriane Lübke chama a atenção para o fato de que sua preservação é favorecida pelo comportamento fechado do “pomerano”<sup>169</sup>.

Todos os entrevistados que migraram quando adolescentes ou adultos da zona rural para a urbana afirmaram, portanto, que ainda falam o alemão e/ou pomerano ou pelo menos entendem tudo. Quando questionados sobre a aquisição e uso da língua falada, os depoentes relatam o seguinte:

Com a mãe o alemão e com o pai o pomerano. [...] Comprei livros pra minha filha em alemão. De cantigas de roda, de histórias infantis em alemão. [...] Eu não falo com ela, porque eu não tenho o hábito [...]. Porque meu marido não é de falar dentro de casa o alemão. [...] na minha localização, perto do supermercado, eu pego a rodoviária, então os pomeranos, os agricultores, é aqui que eles fazem o “rancho”. Então seguidamente eu atravesso, então eu ouço eles do corredor falando alguma coisa, pedindo e eu chego rindo e [...] digo em pomerano pra eles: ah! Isso é muito bom! Ai eles olham: “ah! Tu falas pomerano”, falo, então eles se sentem realizados. [...] eu tento fazer isso muito na rua. [...] não só aqui, em qualquer lugar eu ouço e digo: tu fala pomerano, eu também falo, Vamos falar?<sup>170</sup>

[...] a gente falava o pomerano em casa [...] [e] falava com as amigas de infância que eu tinha [...] então a gente aprendeu assim, o básico. Não era muito também, mas sabia se comunicar. O Hochdeutsch<sup>171</sup>, eu ouvia a minha vó falar sempre. E a gente, eu entendo bastante, mas mais de ouvir, falar já não consigo o Hochdeutsch. [...] E hoje em dia eu falo bem mais pomerano, porque eu tenho o restaurante ali na rodoviária e eu me

<sup>169</sup> Carla Adriane Lübke. Ibid.

<sup>170</sup> Roselene Radmann. Ibid.

<sup>171</sup> Nesse contexto, o *Hochdeutsch* é usado, provavelmente, para referir-se à “língua alemã não-padrão” e para diferenciar do pomerano.

obriguei a reaprender [...] na época a gente falava, mas acabou esquecendo também<sup>172</sup>.

Sempre pomerano. Desde pequena, a minha língua mãe, vamos dizer assim [...] com o meu pai e a minha mãe sempre pomerano.[...] elas [as filhas] entendem e falam [pomerano] [...] e ele [o marido] entende também e fala tudo, em casa, agora, a gente fala português, minhas filhas agora estão fazendo o curso de alemão [...]<sup>173</sup>.

As declarações acima mostram que o alemão e/ou pomerano é ainda falado pelos depoentes desse grupo em ambientes diversos: na família, no trabalho e em locais públicos.

No que diz respeito ao ambiente da família, podemos verificar que os entrevistados se comunicam em alemão e/ou pomerano somente com gerações mais velhas, os pais, os avós, mas não com os cônjuges, os filhos, embora eles demonstrem certo interesse de que os filhos aprendam o alemão em cursos de língua estrangeira e ouvindo músicas e histórias infantis em alemão. No caso do interesse de que os filhos aprendam o alemão, não podemos afirmar com certeza se o aprendizado da língua alemã representa uma marca da identidade étnica ou cumpre uma função instrumental.

Com referência ao ambiente de trabalho, podemos observar que uma entrevistada reaprendeu o dialeto pomerano para se comunicar com seus clientes no seu local de trabalho. Aqui, o reaprendizado do dialeto pomerano cumpre, provavelmente, uma função instrumental. Nesse contexto, podemos verificar que, atualmente, muitas casas de comércio na cidade de São Lourenço do Sul requisitam que seus empregados falem a língua alemã e/ou o dialeto pomerano, o que podemos ver nos exemplos a seguir: “[...] E aí as pessoas que chegam à lancheria, às vezes pedem coisas em pomerano e aí a gente tem que saber alguma coisa [...]”<sup>174</sup>” e “[...] a exigência das lojas, da maioria, é que o balconista saiba falar pomerano, porque tem gente que, claro, hoje em dia nem é tanto, mas tem gente, a pessoa de idade só fala o pomerano”<sup>175</sup>.”

Vejamos mais um exemplo:

<sup>172</sup> Mônica Wetzel. Ibid.

<sup>173</sup> Beatriz Hellwig Neunfeld. Ibid.

<sup>174</sup> Luis Fernando Bergmann. Ibid.

<sup>175</sup> Mônica Wetzel. Ibid.

Aqui tem muita gente ainda do interior [...] pessoas mais velhas que falam pouco português. Tanto que aqui, é uma característica [...] que atendentes do comércio daqui atendem em alemão. [...] algumas lojas até exigem que tenha alguma pessoa que entenda alemão, porque tem pessoas que se expressam melhor na língua alemã ou até pomerano também<sup>176</sup>.

Na seqüência da entrevista, Mônica Wetzel reafirma que o comércio da cidade está exigindo atualmente o conhecimento do pomerano, inclusive, fazendo propaganda nesse dialeto nos jornais e rádios locais direcionada à população rural:

[...] uma das coisas pra tu conseguir emprego, tu tens que saber falar a língua [pomerano]. Senão a maioria das lojas, dos restaurantes, dos bares nem contratam. [...] eu tenho restaurante, então a gente faz propaganda em pomerano. [...] como a minha clientela, eu acho que oitenta por cento, é descendente de pomerano, então as propagandas do restaurante a gente faz em pomerano. E a partir disso várias outras empresas agora estão fazendo propaganda em pomerano. [...] o comércio de São Lourenço do Sul é, basicamente, puxado pela colônia e ninguém nunca se deu conta, mas se são eles que vêm fazer compras, a propaganda tem que ser direcionada pra eles.

Ao questionarmos a depoente acima sobre o fato de que a “geração pós-guerra” da zona urbana não fale mais o alemão, ela nos conta que a língua alemã não é só conservada no interior do município, mas também por migrantes e filhos de migrantes da zona rural para a urbana, portanto, descendentes de alemães que já nasceram na cidade<sup>177</sup>.

A idéia acima é corroborada pela afirmação de Rui Geri quando diz que descendentes de alemães que moram na cidade, inclusive jovens, falam alemão ou pomerano e ressalta o seguinte:

[...] hoje é uma característica muito forte, muito marcante quando uma empresa, uma loja precisa de um funcionário, eles colocam no currículo que

<sup>176</sup> Carlos José Tessmer Elias. Ibid.

<sup>177</sup> Mônica Wetzel. Ibid.

saibam falar alemão ou pomerano. Então isso é um fator determinante hoje, já os próprios pais têm quase que a obrigação de incentivar quem vai atrás de um emprego, que pensem no currículo e saibam falar o alemão ou o pomerano. Até porque o povo ainda de fora e ainda aqueles mais conservadores que não falam muito português passam a ser atendidos em alemão<sup>178</sup>.

Ora, isso vai de encontro com que já dissemos e tentamos comprovar anteriormente nesta seção, ou seja, os que nasceram ou migraram quando crianças em/para a cidade não falam o alemão. Segundo nossas percepções, os empregados do comércio local que falam o alemão e/ou pomerano provêm, provavelmente, da zona rural. Precisamos salientar ainda que língua alemã é usada aqui certamente para referir-se ao dialeto pomerano.

Arnildo Becker afirma também que a língua alemã e o dialeto pomerano estão sendo revalorizados, ou seja, de que os descendentes de alemães estão perdendo a vergonha de falar o alemão e o pomerano e salienta que isso está acontecendo mesmo na cidade e entre os jovens. “[...] hoje se fala mais o alemão, o pomerano do que há uns cinco, seis anos atrás. As pessoas [...] pareciam que tinham vergonha de falar. Só porque agora a rádio vem fazendo um trabalho em cima disso, aí parece que as pessoas se soltam mais.”

No entanto, o depoente acima relativiza as suas observações e chama a atenção para o fato de que

[...] no futuro, aí é difícil de responder isso aí, porque a gente está sentindo o seguinte: que ainda tem um grupo de jovens, de crianças ainda de quatro ou cinco anos, que há pouco falei, que ainda fala, outros pais já não ensinam mais ou não têm aquela vontade de ensinar ou ao mesmo tempo os filhos não têm vontade de aprender, de repente teria que incrementar alguma coisa a mais, para atraí-los a manterem essa nossa tradição<sup>179</sup>.

Para reforçar a idéia de que o dialeto pomerano está sendo valorizado Loni Tessmer Hax, nos relata o seguinte:

<sup>178</sup> Rui Geri. Ibid.

<sup>179</sup> Arnildo Becker. Ibid.

[...] há uns dez, doze anos atrás, quando eu comecei a dar aulas na colônia, eu sentia que aqueles que falavam o pomerano, os alunos falavam o pomerano até parece mais baixinho, meio com vergonha de dizer as coisas em pomerano. Hoje em dia não. Hoje, ele se sente mais valorizado, talvez com todo trabalho que está sendo feito. Os professores estão trabalhando nessa parte, que a gente sente mais isso, porque a gente está na sala de aula. Eles já não têm mais aquela vergonha de esconder que eles falam pomerano. Isso já passou até para as pessoas mais velhas [...] que vêm, por exemplo, para receber no banco. Eles chegam falando o pomerano. E não têm mais a vergonha que tinham antigamente de falar pomerano<sup>180</sup>.

Ainda que o aprendizado e o uso da língua alemã e do dialeto pomerano na zona urbana seja uma exigência do mercado local e cumpra, provavelmente, uma função mais instrumental, não podemos desconsiderar que esse fato possa ter fomentado a recuperação e a preservação de aspectos da história e da cultura alemã entre os descendentes de alemães ou contribuído para que eles tenham perdido a vergonha de falar o alemão e o pomerano novamente em locais públicos, mais particularmente, entre os da zona rural.

O uso da língua alemã e do dialeto pomerano, nos dias de hoje, pode ser observado, além de no círculo familiar e de amizade, no local de trabalho, também em locais públicos, por exemplo, na rua, como nos relatam os depoentes: “[...] Porque hoje tu vê as pessoas na rua falando [...] alemão, pomerano [...] muito mais pomerano<sup>181</sup>.”

Os grupos, com os quais convivo, onde tem algumas pessoas que falam [alemão ou pomerano], alguns familiares, tem os da minha esposa, que falam bem. Então volta e meia falam [...] em alguns lugares, num jogo de futebol [...] algum tempo atrás, se alguém falasse, talvez fosse olhado de outra forma. [...] É eu acho que era meio debochado<sup>182</sup>.

<sup>180</sup> Loni Tessmer Hax. Ibid.

<sup>181</sup> Roselene Radmann. Ibid.

<sup>182</sup> Carlos José Tessmer Elias. Ibid.

Eu acho que hoje em dia está mais acentuado. [...] Algum tempo atrás, era até vergonha falar pomerano. Eles não falavam por vergonha. [...] Então acho que na questão da língua agora mudou bastante, o pessoal está falando. [...] teve casais que vieram [da Alemanha] pra cá e falavam pomerano. Eles ficaram impressionados como que aqui em São Lourenço falavam pomerano. Eles não conseguiam entender como que se manteve. É porque lá não se manteve o pomerano. Só claro, esporadicamente, se encontra<sup>183</sup>.

Devemos ressaltar aqui que, a revalorização da língua alemã e do dialeto pomerano, mais precisamente, o seu uso em locais públicos, conforme o que depreendemos dos depoimentos desta seção, abrange a população rural de descendentes de alemães quando se encontra na cidade. As evidências, ainda que não imprimam certeza absoluta, indicam que o alemão e o pomerano são usados tanto na zona urbana quanto rural, porém, ele é mais usado na área rural. Para esse fato ficar mais claro, ou seja, de que o uso do alemão e do pomerano em locais de trabalho e públicos se restringe à população rural de descendentes de alemães e não à urbana, vejamos o que diz o seguinte depoimento:

[...] tinha no Grupo de Dança uma [pessoa] que eu sei que falava e entendia [...] que até trabalhava em uma loja, que isso eles levam em consideração aqui [...]. Tenho duas amigas que são primas [...] nasceram lá fora e vieram, não sei com quantos anos, com uns dez ou mais pra São Lourenço [...]. Elas entendem alemão, não sei se falam, acho que talvez pouca coisa [...]. Mas não se comunicam entre elas, eu nunca vi. Amigos meus, eu nunca vi falar entre si. Só quando necessário, sei lá, no trabalho, uma vez a gente estava acampado no camping com o Grupo de Dança e vieram dois alemães que ficaram em São Lourenço [...] e aí teve um amigo meu [...] tentou falar com esses alemães [...] foi a primeira vez que eu vi falando<sup>184</sup>.

<sup>183</sup> Mônica Wetzel. Ibid.

<sup>184</sup> Vanessa Wiegand Iockock. Ibid.

Ao perguntarmos aos entrevistados que falam a língua alemã e/ou o dialeto pomerano sobre a relação entre língua alemã e identidade étnica, uma entrevistada afirma que o fato dela entender alemão e falar pomerano a vincula ao grupo étnico teuto-brasileiro e marca certamente sua identidade étnica: “Com certeza que liga. [...] o que me liga mais a essa cultura é a dança, a língua e a música, principalmente<sup>185</sup>.” Precisamos ressaltar aqui que, a entrevistada acima, como já vimos nesta seção, aprendeu o pomerano quando criança, esqueceu-o e o reaprendeu quando adulta, pois necessitava utilizar-se dele no seu local de trabalho. Nesse sentido, podemos dizer que o dialeto pomerano certamente marcou sua identidade étnica quando criança, hoje, no entanto, parece que ele cumpre antes uma função instrumental, pois a entrevistada referiu-se ao uso da língua somente no local de trabalho.

Outra depoente que também fala o dialeto pomerano nos conta que esse fato a une ao grupo étnico teuto-brasileiro e marca fortemente sua identidade étnica: “Com certeza. Até porque aonde eu for o sotaque me acompanha. Então, claro que marca, acho que marca direto, eu tinha colegas em Canoas que conversando um pouquinho comigo já se davam conta. Então, marca sim<sup>186</sup>.” Nesse caso, a depoente refere-se ao sotaque como se fosse a língua como um todo, isto é, parece que para ela falar a língua e ter o sotaque vem a ser a mesma coisa. Segundo nossas percepções, os descendentes de alemães que falam alemão conservam o sotaque característico de quem fala essa língua, portanto, podemos dizer que assim como a língua também o sotaque pode marcar a identidade étnica.

Ao discutirmos o papel da língua alemã como marcador de identidade étnica com os entrevistados que não falam e não entendem a língua alemã e/ou dialeto pomerano, podemos verificar que, para esse grupo, ainda assim, a língua alemã tem um papel importante no processo de construção de identidade étnica, pelo menos para a metade deles, pois a outra metade não se pronunciou claramente a esse respeito.

Para essa idéia ficar mais clara, precisamos salientar que, ainda que este grupo considere a língua alemã um elemento importante de etnicidade, ela não é um marcador incondicional de sua identidade étnica, já que não falam e não entendem o alemão e/ou pomerano. Nesse caso, a língua alemã e o dialeto pomerano como marcador de identidade étnica se constituem em apenas um traço simbólico. Um entrevistado, que falava o pomerano quando criança, até lamenta o fato de tê-lo

---

<sup>185</sup> Mônica Wetzel. Ibid.

<sup>186</sup> Beatriz Hellwig Neunfeld. Ibid.



desaprendido. Vejamos, além do depoimento de Cristian Iepsen no decorrer desta seção, os exemplos abaixo:

[...] é um elemento muito forte dentro da cultura alemã. Essas pessoas falam, identificam-se, criam um vínculo, acho que isso é importante, isso identifica muito. Mas pra mim, me sinto alemã ou de origem alemã, mas a língua [alemã] não tem muito um papel importante, porque eu não falo, eu não entendo<sup>187</sup>.

Eu entendo muito pouco, mas falar não. [...] Mas quando eu era pequeno, eu não falava o português, falava só pomerano, até uns sete anos. [...] eu sinto como uma perda muito grande. Porque eu acho que seria importante tu falar a língua dos teus antepassados [...] eu vou muito pra fora e lá se fala muito pomerano, onde a minha vó tem a casa dela [...] e quando falam eu me sinto deslocado daquilo<sup>188</sup>.

Ainda no que diz respeito à língua, podemos verificar ao longo das entrevistas que todos os entrevistados reconhecem a diferença entre a língua alemã e o dialeto pomerano. Essa afirmação pode ser observada em muitas falas citadas anteriormente nesta seção. No entanto, chamamos a atenção para o fato de que em algumas entrevistas, essa diferenciação mostra-se clara ao longo da fala do entrevistado, enquanto em outras, apresenta-se confusa, pois, nesse caso, a língua da comunidade de fala, ora é o alemão, ora o pomerano, parecendo que tudo é a mesma coisa. Mas em outras entrevistas ainda, podemos observar, portanto, que essa confusão se esclarece em excertos da entrevista. Para comprovar a afirmação acima, vejamos a seguir o que nos relata um depoente.

Ao questionarmos o depoente sobre se fala alemão, ele nos fala no início da entrevista o seguinte:

[...] Aqui em casa sempre se falou, o pai e a mãe sempre falavam [...] uma tia que morou um tempo aqui conosco sempre falava o alemão. [...] uma vó que ainda mora na colônia [...] quando a gente vai

<sup>187</sup> Vanessa Wiegand Iockock. Ibid.

<sup>188</sup> Günther Timm Beskow. Ibid.

lá visitá-la, aí passam as tardes conversando em alemão [...].

Mas quando perguntamos ao mesmo depoente se para ele há diferenças entre alemães e os pomeranos, ele nos diz no decorrer da entrevista o seguinte:

[...] a gente vê que tem bastante diferença, até na própria língua [...] aqui se fala muito pomerano, o próprio pai e a mãe não sabem falar alemão. Eles falam pomerano. [...] eu não cheguei a estudar [...] a história da Alemanha, da Pomerânia, mas que tem uma diferença tem<sup>189</sup>.

Devemos ressaltar aqui que o dialeto pomerano era discriminado e estigmatizado como “língua inferior”, ou seja, “incorreta” e “impura” pelos próprios “alemães”, portanto, por membros de dentro do próprio grupo étnico. Isso pode ter levado o entrevistado a preferir a língua alemã em detrimento do pomerano num primeiro momento. Esse sentimento negativo em relação ao dialeto pomerano, mas precisamente, ter medo e vergonha de falar o pomerano pode ser comprovado no relato de uma entrevistada:

Ele [o marido] não falava muito pomerano em casa como nós, até porque quando a gente era criança, tinha muito essa coisa, até de vergonha de ser pomerana, porque acho que isso é uma coisa dos alemães, os alemães que falavam então, o alemão então tinha esse tipo de discriminação, assim: “ah! Porque pomerano não é limpo,” então o certo é falar alemão, então as pessoas ficavam com um pouco de receio de falar o pomerano<sup>190</sup>.

Porque o pomerano sempre se considerou inferior. [...] eles eram considerados meio escravos, claro que não eram tratados como escravos [...] Consideravam-se inferiores. Então eu acho que foi esse o problema de não falarem e outra que na guerra, no final da Segunda Guerra eles foram perseguidos também<sup>191</sup>.

<sup>189</sup> Luis Fernando Bergmann. Ibid.

<sup>190</sup> Beatriz Hellwig Neunfeld. Ibid.

<sup>191</sup> Mônica Wetzel. Ibid.

Podemos observar até aqui que, dentre o grupo investigado, somente uma depoente fala o alemão adquirido com a mãe reconhecida como “alemã” e o pomerano adquirido com o pai reconhecido como “pomerano” e três entrevistados falam só o pomerano, ainda que um deles entenda também o alemão. Devemos salientar aqui que os imigrantes “pomeranos” e os descendentes das primeiras gerações, ou seja, aqueles que foram escolarizados até a Campanha da Nacionalização dominavam melhor a língua alemã do que os das últimas gerações, pois até essa época o *Hochdeutsch* (alemão padrão) era a língua empregada nas escolas e na igreja, como também pelos donos de “vendas”. Após esse período, os “pomeranos” não tiveram mais escolarização em língua alemã e foram perdendo o seu domínio, pois não era mais usado, mas conservaram, até os dias de hoje, o pomerano, que era falado em todas as outras situações sociais, particularmente, na família e entre amigos.

No que diz respeito à preservação da língua alemã e do dialeto pomerano, observamos que a língua alemã é falada hoje por uma minoria no município de São Lourenço do Sul, pois, como já destacamos nesta seção, a maioria dos descendentes de “pomeranos” que falavam também alemão até a Campanha de Nacionalização a deixaram após esse momento. A partir daí, os descendentes de “pomeranos” cultivaram somente o dialeto pomerano, a língua falada no seio da família. A língua alemã volta nos dias de hoje no ensino formal e o dialeto pomerano, particularmente, é afirmado tanto no privado como no público. Segundo Rui Geri,

isso é uma questão que ainda me preocupa [...] então através do canto coral [...] como falei antes, é uma coisa inédita que vai acontecer este ano, o concurso do canto a quatro vozes cantado na língua pomerana, ou seja, no dialeto [...] e então há uma preocupação nesse sentido de nós tentarmos resgatar essa língua, esse dialeto [...] então nós também estamos voltados nesse sentido, nessa preocupação de conservar essa língua para que ela não possa simplesmente sumir do mapa. [...] a língua pomerana teria que ser introduzida nessa entidade [AUCA] porque ela se criou assim. Mas ela se fomentou em cima da língua alemã.<sup>192</sup>

---

<sup>192</sup> Rui Geri. *Ibid.*

De acordo com que mostramos nesta seção, podemos afirmar que, ainda hoje, para a maioria dos depoentes, a língua alemã e o dialeto pomerano têm uma importância significativa sobre o descendente de alemães de São Lourenço do Sul no que diz respeito à manutenção de sua identidade. Conforme Carla Adriane Lübke, manter a língua alemã, ou seja, conversar em alemão “[...] faz bem para a gente, para a essência, para a identidade, isto mostra um pouco de onde tu vieste<sup>193</sup>.” Segundo Loni Tessmer Hax,

gente que não falava mais em casa o alemão estão voltando de novo a falar, os mais velhos estão ensinando os mais jovens. Então está voltando de novo [...] as casas de comércio procuram atendentes para trabalhar no balcão que falem alemão, inclusive, hoje eu entrei em uma casa de comércio que abriu pouco tempo aqui e está pedindo pessoas para atender que falem o pomerano. Então isso é marcante<sup>194</sup>.

Devemos salientar, no entanto, que, ainda que a língua alemã e o dialeto pomerano não sejam mais marcadores incondicionais da identidade do teuto-brasileiro, pois muitos não os falam mais, o alemão e o pomerano constituem-se, sem dúvida, em um traço simbólico de sua identidade étnica ou que cumprem ainda, provavelmente, uma função instrumental.

#### 4.3 A ASCENDÊNCIA ÉTNICA/ORIGEM COMUM

A definição de grupo étnico, de acordo com Weber (1994), é fundamentada sobre a crença subjetiva na comunidade de origem e ele existe “realmente” somente por essa crença que todos os seus membros têm em formar uma comunidade e em compartilhar traços culturais

---

Rui Geri chama a atenção aqui para a preservação do dialeto pomerano atualmente no interior do município através de bandinhas e do canto-coral misto que, além da língua alemã, está empregando também o dialeto pomerano no seu repertório.

<sup>193</sup> Carla Adriane Lübke. *Ibid.*

<sup>194</sup> Loni Tessmer Hax. *Ibid.*

comuns e sentimentos de honra específicos. Nesse sentido, o autor acima declara que:

[...] grupos “étnicos” [são] aqueles grupos humanos que, em virtude de semelhanças no *habitus* externo ou nos costumes, ou em ambos, ou em virtude de lembranças de colonização e migração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação de relações comunitárias, sendo indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva. (WEBER, 1994, p. 270).

Weber (1994) ressalta ainda que, a crença subjetiva na origem comum, ou seja, em uma vida em comum e que os fatores, os quais atuam na formação da comunidade étnica, constroem-se baseados nas diferenças que os membros dessa comunidade se apropriam para estabelecer suas “fronteiras” e nas significações que eles lhes atribuem ao longo de suas relações sociais. Isso tudo resulta finalmente na consciência e no sentimento de pertença étnica.

A partir dessas considerações teóricas, antropólogos como Barth e Oliveira definiram identidade étnica como um fenômeno dinâmico e relacional. Segundo Barth (1969 apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 141), “[...] a etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores.” O ponto crucial da concepção teórica dos autores acima, mais precisamente, a definição de grupo étnico é fundada na “fronteira étnica”, ou seja, a pertença étnica é marcada em relação a uma linha divisória entre os que são membros e os que não são membros de uma comunidade étnica. Desse modo, os atores sociais identificam-se e são identificados pelos “outros” no contraste entre “nós” e “eles”, assim, é alemão aquele que se considera e é considerado alemão pelo “outro”.

Barth (1969 apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART 1998, p. 193-194) sublinha a importância da característica da auto-atribuição ou da atribuição por outros a uma categoria étnica:

Uma atribuição categórica é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade [...]. Na medida em que os atores usam

identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional. [...] As características que são levadas em consideração não são a soma das diferenças “objetivas”, mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes. [...] O conteúdo cultural das dicotomias étnicas parecem ser analiticamente de duas ordens: 1. sinais ou signos manifestos [...] tais como o vestuário, a língua, a moradia, ou o estilo geral de vida; e 2. os padrões de moralidade e excelência pelos quais as ações são julgadas. [...] Nenhum desses tipos de “conteúdos” culturais deriva de uma lista descritiva de traços ou de diferenças culturais; não podemos prever a partir de princípios evidentes quais traços serão realçados e tornados organizacionalmente relevantes pelos atores. Melhor dizendo, as categorias étnicas fornecerão um cadinho organizacional dentro do qual podem ser colocados conteúdos de formas e dimensões várias em diferentes sistemas socioculturais. Tais categorias podem ser de grande importância para o comportamento, mas não precisam necessariamente sê-lo; elas podem permear toda a vida social, ou podem ser relevantes apenas para alguns setores limitados de atividade.

No contexto da imigração alemã para o Brasil, como já destacamos anteriormente no capítulo dois deste trabalho, as evidências indicam que todos os imigrantes de origem “germânica” e seus descendentes que compartilhavam origem, língua e traços culturais comuns identificam-se e são identificados como “alemães”. No entanto, na nossa pesquisa, ou seja, ao longo de nossas entrevistas, identificamos dentro do grupo étnico teuto-brasileiro muitas categorias étnicas, que vão desde categorias mais “gerais”, como “alemão” e “pomerano” até mais “específicas”, a saber: “alemão ou pomerano”, “alemão-pomerano”, “brasileiro de descendência/origem alemã”, “alemão-brasileiro”, “brasileiro de origem pomerana” e “alemão-pomerano-brasileiro”.

Segundo nossas percepções, esse leque de categorias étnicas só existe mesmo dentro do próprio grupo étnico teuto-brasileiro, pois para quem é de fora desse grupo são considerados “alemães” todos os

imigrantes alemães e seus descendentes, incluindo aí os imigrantes pomeranos e seus descendentes. Sublinhamos aqui que, para o propósito deste capítulo daqui em diante consideraremos somente as categorias “gerais”, a saber: “alemão” e “pomerano”, pois os depoentes nunca justificam a categoria étnica escolhida. Na nossa pesquisa, “alemães”, são aqueles que dentro e fora do grupo étnico “alemão” se identificam e são identificados como tais. Os “pomeranos” são aqueles que dentro do grupo étnico “alemão” se reconhecem e são reconhecidos como tais, mas que podem também se considerar e serem considerados “alemães”. A distinção entre as categorias étnicas “alemães” e “pomeranos” será feita neste capítulo daqui em diante quando apropriada, ou seja, a categoria “pomerano” será usada quando ela está clara para o depoente ou ele a usa para diferenciar-se da categoria “alemão”. As categorias “alemão” e/ou “pomerano” serão usadas quando o entrevistado usa uma ou outra categoria étnica indiscriminadamente, parecendo que as duas categorias étnicas querem dizer a mesma coisa ou quando ela não está clara para o depoente. De uma maneira ou de outra, os termos “alemão” e “pomerano” serão destacados entre aspas daqui em diante ao longo deste capítulo.

As diferentes categorias étnicas representadas pelos depoentes aqui, portanto, não os coloca em grupos étnicos diferentes, no entanto, há um aspecto objetivo que diferencia “alemães” de “pomeranos”. Para comprovar isso, vejamos o que diz uma entrevistada:

Eu sou pomerana mesmo. Isso é uma coisa interessante, mas eu acho que é assim, os alemães, a ascendência, na verdade, é tudo da Europa. Mas aqui em São Lourenço tem poucos alemães mesmo [...]. E esses que falam alemão, acho que é pela língua mesmo. [...] acho que os costumes é tudo igual. Assim também da própria personalidade do alemão. O alemão é uma pessoa fria, [melhor dizendo], mais reservada. E isso é comum entre os pomeranos e os alemães. É a mesma coisa tudo. [...] então considerados os alemães e os pomeranos são todos do mesmo jeito, reservados e discretos<sup>195</sup>.

Segundo a entrevistada acima, que se reconhece como “pomerana”, o que diferencia “alemães” de “pomeranos” é a língua

<sup>195</sup> Beatriz Hellwig Neunfeld. Ibid.

falada, pois o resto seria tudo igual. Nesse caso, ela destaca aspectos subjetivos da identidade étnica, como o “comportamento reservado e discreto” que, de acordo com a depoente, pode ser compartilhado entre “alemães” e “pomeranos”. A diferença quanto à língua parece que não exclui nem “alemães” e nem “pomeranos” de pertencerem ao mesmo grupo étnico. Essa idéia corrobora com que Weber (1994, p. 272) nos diz sobre o sentimento de pertença étnica. Para esse autor “[...] diferenças de dialeto ou de religião não excluem de modo absoluto os sentimentos de comunhão étnica”, mas sobretudo as diferenças relativas à questão de honra e dignidade.” Vejamos mais um exemplo que comprova a idéia de que “alemães” e “pomeranos” pertencem ao mesmo grupo étnico:

Então eu seria alemão-pomerano [...] é uma mistura, nem eu sei definir direito. Pois é uma coisa complicada [...] mas eu digo que antes de pomeranos eles são alemães. Porque a Alemanha era dividida em vários estados, mas eram todos estados alemães e a Pomerânia era um estado alemão. É a mesma coisa dizer que o gaúcho não é brasileiro. Eu vejo assim. Então eu digo que antes de serem pomeranos, eles são alemães. Então pra mim eles são alemães com características diferentes do resto do país como os gaúchos têm diferenças do resto do Brasil. Mas eu acho que é complicado entender qual é a diferença entre eles. O alemão já é um povo fechado e seco, o pomerano, dizem que é muito mais ainda. Eles falam a língua deles, é um dialeto, tem bastante diferença do alemão. Segundo fiquei sabendo por causa de suas origens eslavas, quando os eslavos foram até o território, onde acabaram formando a Pomerânia. Então é bastante complicado<sup>196</sup>.

O entrevistado acima, que se reconhece como “alemão-pomerano”, ressalta também que é a língua que diferencia “alemães” de “pomeranos” e destaca também elementos subjetivos comuns como marcadores de identidade étnica. Conforme o depoente, “alemães” e “pomeranos” compartilham o mesmo “comportamento fechado e seco” embora esse comportamento seja mais acentuado nos “pomeranos”. Na sua fala, podemos observar ainda que ele tem conhecimentos da história

<sup>196</sup> Cristian Iepsen. Ibid.



da Alemanha e da Pomerânia. Ele afirma que os pomeranos, apesar de terem também os eslavos na sua origem, “tornaram-se ao longo da história alemães”, ou seja, a Pomerânia tornou-se um estado da Alemanha. Desse modo, para o entrevistado, os pomeranos estão ligados à Alemanha por traços de comportamento e por direitos legais. Os imigrantes pomeranos seriam aqueles que vieram da Pomerânia e falavam o dialeto dessa região, ou seja, da Província Pomerana da Prússia, diferenciando-se então no interior do grupo étnico alemão daqueles imigrantes que vieram de qualquer outra região da Alemanha. Para reforçar a idéia anterior, de que alemães e pomeranos pertencem ao mesmo grupo étnico, ou seja, de que ambos estão vinculados à Alemanha, vejamos o que diz o depoente a seguir: “A gente sabe pela história. E também da imigração aqui que eram povos diferentes, povos alemães dentro das diferentes regiões da Alemanha, os pomeranos também<sup>197</sup>.”

Finalmente, parece que alemães e pomeranos integram uma coisa só, pois segundo Hélio Falck, “não tem diferença porque cada região, alguns falam o alemão, que é o correto, o outro o pomerano [...] então eu me sinto como se fosse um. Tanto alemão quanto pomerano<sup>198</sup>.” Segundo Gillis (1994, p. 3), “[...] identidades não são coisas fixas, mas representações ou construções da realidade, fenômenos subjetivos [...].”

No que diz respeito aos aspectos subjetivos, ou seja, ao comportamento de “alemães” e “pomeranos”, destacamos ainda mais alguns elementos subjetivos que são compartilhados, provavelmente, pelas duas categorias étnicas, pois nos depoimentos a seguir não podemos perceber claramente uma diferenciação entre uma categoria e outra. Os entrevistados usam, ora uma categoria étnica, ora outra, parecendo que as duas categorias étnicas são usadas para representar a mesma coisa. Assim não podemos precisar aqui se “alemães” e “pomeranos” são duas categorias étnicas que compartilham os mesmos traços de comportamento ou se “alemães” e “pomeranos” representam a mesma coisa. Enfim, os relatos a seguir caracterizam “alemães” e/ou “pomeranos” como “alegres, fechados, honestos, sinceros e trabalhadores”:

“Eu acredito que a maioria [das pessoas de origem alemã] ainda hoje são pessoas honestas, sinceras. [...] eu acho que tem muita questão religiosa nessa história<sup>199</sup>.”;

<sup>197</sup> Carlos José Tessmer Elias. Ibid.

<sup>198</sup> Hélio Falck. Ibid.

<sup>199</sup> Gilberto Falck. Ibid.

“Eu acho que o povo alemão, nós descendentes de alemães somos pessoas muito alegres. [...] Eu acho que isso é um ponto que marca bem. Aonde a gente vai o pessoal sempre comenta muito que a gente é muito festeiro, muito alegre [...]”<sup>200</sup>”;

“Sempre falam que o alemão é mais fechado [...]”<sup>201</sup>”;

“[...] eu acho que o alemão é muito trabalhador. [...] da pessoa ser honesta também [...] não vou dizer [que são todas], mas acho que a maioria é [...]”<sup>202</sup>”.

Mesmo pertencendo ao mesmo grupo étnico há, portanto, para duas entrevistadas, além da língua, alguns aspectos subjetivos com referência a traços de comportamento que diferenciam os “alemães” dos “pomeranos”. Uma dessas depoentes se reconhece como “brasileira descendente de alemães”, pois, segundo ela, tem mais afinidades com os “alemães”, enquanto que a outra se reconhece como “brasileira descendente de pomeranos e alemã-pomerana-brasileira”, pois, de acordo com ela, tem mais afinidades como os “pomeranos”. Vejamos o que nos relata a entrevistada que se reconhece como “brasileira descendente de alemães”:

Eu sempre vejo a minha mãe como alemã. O meu pai eu vejo como pomerano. [...] No meu ponto de vista é a maneira de vida que eles levam, os meus avós, a família da minha mãe e do meu pai eram muito diferentes. A minha mãe, os meus avós por parte da minha mãe [...] queriam viver a vida, queriam dançar, queriam cantar [...] e não se preocupavam com [...] o financeiro. Tanto que os meus avós por parte da minha mãe eram pessoas extremamente humildes [...] felizes com aquilo que tinham. [...] Essa recordação que nós temos, eu e meus irmãos [...]. E essa é a marca que a gente tem e eu falo com o meu irmão e todo mundo concorda. Ao contrário dos nossos avós paternos. Eles eram extremamente materialistas, não tinham tempo pra brincar, não tinham tempo pra cantar, lazer não podiam ter. Era trabalho, trabalho, trabalho, trabalho. Eram fechados [...] individualistas, preocupados com eles mesmos [...] ao contrário da família da minha mãe. E isso

<sup>200</sup> Marilise Bierhals. *Ibid.*

<sup>201</sup> Régis Lüdke Frömming. *Ibid.*

<sup>202</sup> Héber Holz. *Ibid.*

pra mim é um diferencial. Do pomerano pra o alemão. Da família da minha mãe tudo eu achei positivo. [...] Porque eles valorizavam muito a alegria, tudo era festa, a páscoa era festa [...] não tinham dinheiro pra comprar chocolate, a vó pegava e pintava os ovinhos de galinha. [...] Os nossos avós paternos não queriam nem que fizesse árvore de natal pra não desperdiçar. Não tinham tempo pra essas coisas. Realmente, os avós paternos adquiriram muito mais coisas que nossos avós maternos. Mas as recordações boas que nós temos, não é essa coisa material [...] a gente se recorda de quem? Sempre do lado bom. Dos avós maternos. Da alegria que eles tinham, de viver, das coisas mínimas que se transformavam em coisas importantíssimas pra gente. Pra alegrar a gente e pra agradar a gente. [...] o pomerano, eu acho, sempre com uma visão muito fechada, muito carrancuda. Essa é a visão que eu tenho. Porque eu fui criada, eu e meus irmãos dentro de um ambiente assim. Aonde nós vimos claramente essas diferenças<sup>203</sup>.

A entrevistada que se reconhece como “brasileira descendente de pomeranos e alemã-pomerana-brasileira” nos diz o seguinte:

Porque o pomerano é um povo diferente do alemão. Porque o meu avô por parte de mãe é pomerano e a minha avó era de outra região da Alemanha que falava o Hochdeutsch. E os costumes deles também eram diferentes. O pomerano é mais rude, é diferente, a maneira de lidar com a gente, ele é mais direto. [...] com licença e obrigado, essas palavras não existem. [...] eles são mais brutos, não porque eles não são educados. Eles consideram isso desnecessário. [...] O pomerano é um povo muito fechado também. Mesmo entre eles. [...] eles se ajudam em certas coisas [...]. Embora, às vezes, eles têm umas coisas estranhas, por exemplo, ah, se o meu vizinho está muito bem de dinheiro, eu tenho que correr atrás pra ficar igual a ele. Eles têm uma coisa meio de inveja, que é bem característico do

<sup>203</sup> Roselene Radmann. Ibid.

pomerano. Ambição, mas porque o outro tem, não porque eu quero melhorar. Isso é bem pomerano. Todos que tu conversas: “ah! O fulano está ficando rico”, mas eles não param pra pensar: “ah! Mas ele trabalhou tantas horas a mais do que eu”, ele também tem que correr atrás. [...] Aqui também, porque tem muita gente que veio de fora e colocou comércio aqui. E eu sinto também aqui isso. Eles são muito trabalhadores. Isso é incontestável. Todos, tanto alemão quanto pomerano, eles não têm medo de trabalhar. [...] Infelizmente é um povo [o pomerano] meio triste [...] quando eles se juntam entre eles, eles se soltam. Mas se eles estão na presença de outras pessoas eles se controlam, eles não riem muito alto, eles não falam muito alto [...] mas o alemão eu acho que se solta mais. A minha vó era uma pessoa muito alegre, gostava de música, ela tocava gaita de boca, ela dançava às vezes com a gente<sup>204</sup>.

As depoentes acima compartilham e destacam algumas diferenças e semelhanças que vêm entre “alemães” e “pomeranos”, ou seja, alguns elementos subjetivos que, como podemos verificar, são selecionados a partir de experiências pessoais, vivenciadas, particularmente, na família, mas também nas comunidades “alemã” e/ou “pomerana” e apropriadas segundo valores afetivos e morais. De uma maneira abrangente, elas se referem aos “alemães” como “afetuosos e alegres” e aos “pomeranos” como “ambiciosos e fechados”.

Para reforçar a idéia acima, de que alguns traços de comportamento diferenciam “alemães” de “pomeranos”, vejamos o relato a seguir:

O pomerano aqui eu acho que é um povo mais introspectivo. É mais tímido [...] um pouco mais retraído do que alemães de outras regiões da Alemanha. Isso eu acho que é um traço marcante [...] o fato é que ele é um povo mais frio, um pouco mais recatado<sup>205</sup>.

<sup>204</sup> Mônica Wetzel. Ibid.

<sup>205</sup> Carlos José Tessmer Elias. Ibid.

No entanto, uma das entrevistadas acima ressalta que a capacidade para o trabalho é próprio tanto dos “alemães” quanto dos “pomeranos”. A valorização do trabalho está relacionada com a imigração alemã, isto é, com o imigrante como pioneiro, como já abordamos anteriormente no capítulo dois, assim como com a Igreja Luterana, mais precisamente, com a ética protestante para a qual, conforme Weber (1934 apud WILLEMS 1940), o trabalho profissional se torna um dever religioso. Nesse sentido, ainda segundo o autor acima, a riqueza material é um pecado se ela for usada para o gozo e a ociosidade, mas não se ela for empregada para exercitar o dever profissional, nesse caso, ela não só é permitida, como também ordenada. Parece que a valorização do trabalho associada ao pioneirismo e ao luteranismo, considerando que todos os nossos entrevistados são luteranos, presente na construção da identidade étnica teuto-brasileira desde os primeiros imigrantes alemães, ainda encontra eco nos dias de hoje, o que podemos comprovar no depoimento abaixo:

Esse era o desejo de todos os alemães, todos os alemães-pomeranos, o desejo deles era um só. [...] Ter a nossa terra. [...] E aí quando tinha um pedacinho de terra, geralmente o agricultor, o pomerano, o alemão, ele sabia trabalhar com a terra, produzia, até que eu me orgulho muito de nossa raça alemã ou pomerana que nós fomos o maior produtor de batata inglesa do país. Tem uns que estão esquecidos disso, mas foi sim e para alegria nossa, minha, foram os pomeranos, os alemães. Não foram outros. Então é uma alegria imensa, o maior produtor de batata, de batatinha do país. É fácil de dizer, mas não de realizar, no caso. Então aqui pra mim é um orgulho muito grande de tanta produção que nós tivemos, nós não viemos brigar, viemos produzir<sup>206</sup>.

No entanto, precisamos chamar a atenção aqui para o relato da depoente reconhecida como “brasileira descendente de alemães” (p. 170-171) sobre a família materna reconhecida como “alemã” que, segundo ela não tinha a preocupação com a “riqueza material”, o que parece ir de encontro à ética protestante, ou seja, a valorização do trabalho ligada ao luteranismo.

---

<sup>206</sup> Hélio Falck. Ibid.

As evidências indicam que a maioria das afirmações com referência aos aspectos subjetivos feitas pelos depoentes acima para marcarem a identidade do grupo étnico “alemão” e/ou “pomerano” está mais para positivo “honesto, sincero, afetuoso, alegre, solidário, trabalhador”, considerando que as características “reservado, discreto, seco, fechado, rude, bruto, direto, introspectivo, introvertido, tímido, retraído, frio, recatado, triste” estão mais para neutro do que para negativo. E que somente os traços “individualista, materialista, ambicioso, invejoso” parecem ser vistos como negativo, chamando a atenção aqui para características contraditórias “solidário e individualista”. Dois depoentes destacam a “alegria e o comportamento fechado” como uma marca dos “alemães” e “pomeranos” respectivamente, enquanto que para outros a “alegria e o comportamento fechado” parecem caracterizar tanto “alemães” quanto “pomeranos”.

No que se refere ao comportamento fechado de “alemães” e/ou “pomeranos”, chamamos a atenção aqui para dois aspectos, a saber: O bairro “Sete de Setembro e a Igreja Luterana Livre” que, se não afirmam, ao menos acentuam o comportamento fechado de “alemães” e/ou “pomeranos”. Com relação ao primeiro aspecto, segundo nossas percepções, muitos descendentes de alemães que migram da zona rural para a cidade concentram-se em determinados espaços geográficos. No bairro Sete de Setembro, por exemplo, podemos observar um número significativo de moradores que são reconhecidos como “alemães” e/ou “pomeranos”. Para confirmar essa idéia, vejamos os depoimentos abaixo:

No bairro Sete de Setembro, isso eu tenho como te confirmar, porque é o bairro onde moram meus pais. Então as pessoas vêm de fora, eles querem comprar terreno e construir no bairro Sete de Setembro. Porque tudo é alemão. Agora, eu estou fazendo um trabalho pra uma senhora do interior [...] daí ela disse: “eu já andei olhando lá no bairro Sete de Setembro, porque lá tem muito alemão.” Foi a primeira coisa que ela mencionou. E realmente se tu fores lá, circulares por lá, é um bairro alemão<sup>207</sup>.

No bairro Sete de Setembro é quase só pomeranos. Aquilo que eu te falei, são fechados.

<sup>207</sup> Roselene Radmann. Ibid.

E o pomerano tem uma coisa assim, se tu és pomerano é gente boa, se a pessoa fala pomerano é uma pessoa honesta. [...] eles têm essa crença de achar que quem é pomerano é gente boa, é de confiança. E essa coisa da cidade, deles se reunirem, eu acho que tem a ver com isso. Porque se eu estou morando num lugar onde tem vários outros pomeranos, se eu precisar de alguma coisa, eu sei que se eu bater na porta dele ele vai me ajudar. E a violência também está aí, então eu acho que até é uma certa maneira de se protegerem e se unirem nos seus redutos. Então eu acho que isso é uma coisa inconsciente, as pessoas nem se dão conta, mas eles procuram se agregar àquelas pessoas que são da descendência<sup>208</sup>.

Para reforçar a idéia acima, ou seja, de que o bairro Sete de Setembro está associado ao grupo étnico “alemão” e/ou “pomerano”, Arnildo Becker nos conta que “nós temos, por exemplo, aqui no bairro Sete de Setembro em São Lourenço do Sul, praticamente uma boa parte, ‘ah! eu vou comprar uma casa e morar no bairro Sete de Setembro’.” Loni Tessmer Hax e Carla Adriane Lübke também chamam a atenção para o bairro Sete de Setembro. Vejamos os depoimentos abaixo:

O bairro Sete de Setembro é bem marcante. E se fala muito alemão na rua, tu encontras o pessoal falando alemão na esquina, falando pomerano, tem padaria que faz o pão de milho e que faz comida típica e tu chegas à padaria e eles te atendem em alemão. Então tem isso. E casa de comércio também é bem marcante ali. [...] uma pessoa disse: “eu moro no bairro Sete de Setembro há oito anos e costume sair de casa e deixar a porta dos fundos aberta, que ninguém mexe em nada, porque lá tem só alemão, lá só tem pomerano”, então tem umas coisas assim que eles falam, eles colocam isso aí<sup>209</sup>.

Então ali no bairro Sete de Setembro tem uma concentração bem grande, se tu passares por ali, tu vais perceber que tem aquela questão da casa

<sup>208</sup> Mônica Wetzel. Ibid.

<sup>209</sup> Loni Tessmer Hax. Ibid.

bonitinha cheia de jardinzinho na frente. Que tu vais perceber que tem harmonia, uma coisa diferente, que não tem quando não é [...]”<sup>210</sup>.

Nesse contexto, Loni Tessmer Hax ressalta a “solidariedade” entre os membros do mesmo grupo étnico, quando cita o seguinte: “[...] costume sair de casa e deixar a porta dos fundos aberta, que ninguém mexe em nada, porque lá só tem alemão, lá só tem pomerano.” E Carla Adriane Lübke sublinha o “cultivo do jardim na frente da casa”<sup>211</sup> como um marcador do grupo étnico “alemão”. Na seqüência da entrevista, a depoente diz que São Lourenço do Sul é uma cidade pequena e que cultiva a jardinagem, mas reafirma a idéia de que o jardim da casa de um descendente de “alemães” é diferente, isto é, de que ele o cultiva com uma peculiaridade. Vejamos o que diz a depoente acima:

Se tu passares na frente da casa de uma pessoa que tem descendência alemã, inevitavelmente, vai ter um jardim na frente da casa. Isso as pessoas que vêm de fora comentam direto comigo: “nossa como tem jardim aqui.” De plantar a sua florzinha e de manter aquela questão de afetividade com a flor”<sup>212</sup>.

Com referência ao segundo aspecto, vimos anteriormente no capítulo três, que a organização eclesial na Colônia São Lourenço só aconteceu em 1902, mas muitas comunidades luteranas permaneceram independentes até os dias de hoje, ou seja, Comunidades Luteranas Livres. A formação dessas comunidades, que por muito tempo, restringia-se à zona rural e era assistida por pastores leigos, pode ser observada hoje também na cidade e assistida por pastores com formação teológica. De acordo com Rui Geri, a Comunidade Luterana Livre é um marcador do grupo étnico “pomerano” e na cidade existe uma Comunidade Luterana Livre com cerca de oitenta e poucos associados, que foi fundada há uns doze anos aproximadamente por pessoas vindas do interior. Embora muitos migrantes da zona rural para a urbana se associem à IECLB, “[...] tem pessoas que preservam, são mais

<sup>210</sup> Carla Adriane Lübke. Ibid.

<sup>211</sup> O “cultivo do jardim na frente da casa” como marcador de identidade étnica teuto-brasileira não será discutido no nosso trabalho.

<sup>212</sup> Carla Adriane Lübke. Ibid.



resistentes e querem continuar com a *Freigemeinde* (comunidade livre), então se tentam organizar e fazer uma nova comunidade<sup>213</sup>.”

Segundo nossas percepções, as Comunidades Luteranas Livres não estão vinculadas, indiscutivelmente, à cultura “pomerana”, mais particularmente, ao comportamento fechado do “pomerano”, pois não há evidências da formação de Comunidades Luteranas Livres no estado do Espírito Santo e muito menos em Pomerode (SC), regiões de colonização “pomerana”. No entanto, verificamos através de dois depoimentos algumas evidências que vinculam as Comunidades Luteranas Livres ao “pomerano”.

[...] comunidades livres, é outro movimento interessante que tem aqui no município [...]. Tem uma pessoa ali que entende de teologia e não é vinculada a nenhuma instituição [...]. Aqui na cidade se formam novas, de pessoas que vêm do interior por algumas razões, eu acho que financeiras, não sei, culturais. São luteranas. Poucas, mas eu sei que têm, até poucos dias atrás, eu vi que está se formando mais uma aqui na periferia da cidade, de pessoas, não sei, por algum descontentamento da Igreja, não sei exatamente a situação, mas pode ver que elas se formam, vão lá e contratam um pastor, uma pessoa com conhecimento em teologia, constroem um templo e cada um contribui da sua forma e fazem um igreja independente<sup>214</sup>.

Eu acho que essas comunidades pomeranas foram fundadas porque os pastores que vinham não tinham muito a ver com o pomerano. Eles não sabiam falar o pomerano pra começar [...]. E aí acabaram se dispersando e formaram essas comunidades livres. E às vezes não concordavam também com a maneira, que a Igreja Luterana no início era muito rígida em certas coisas.<sup>215</sup>

No que diz respeito ao *ethos* do trabalho e ao comportamento fechado dos descendentes de “alemães” e/ou “pomeranos” queremos ressaltar ainda a relação espírito empreendedor-desenvolvimento

<sup>213</sup> Rui Geri. Ibid.

<sup>214</sup> Carlos José Tessmer Elias. Ibid.

<sup>215</sup> Mônica Wetzel. Ibid.

econômico no contexto da colonização para São Lourenço do Sul. O progresso econômico de São Lourenço do Sul, mais particularmente, da Colônia São Lourenço pode estar talvez associado a motivos geográficos e culturais, como podemos ver no relato abaixo:

[...] o povo daqui, não sei se isso vem da descendência, mas não é muito empreendedor, eu acho que isso é uma característica daqui. Não sei se porque quando chegou aqui não teve muitas oportunidades, não buscou, claro que existem exceções, mas eu vejo outras regiões de imigração alemã que se desenvolveram de outra forma [...]. Talvez, tenha um pouco do aspecto geográfico, mas aí tu vais ver que outras regiões que foram colonizadas eram pirambeiras, eram serras, eram regiões também difíceis e desenvolveram. Talvez por estarem mais perto de cidades maiores ou da capital [...] é difícil, aí eu não sei responder<sup>216</sup>.

O “pouco empreendedorismo” entre os descendentes de “alemães” e/ou “pomeranos” a que se refere o depoente acima diz respeito, particularmente, ao desenvolvimento tecnológico na agricultura. Para ele há

[...] regiões em que a agricultura se desenvolve bem [...] o pessoal é mais aberto a novas tecnologias, a investir mais e aqui parece que é um pouco pequeno. Vou te dar um exemplo: a cultura da batata inglesa, a batatinha. São Lourenço já foi o município que mais plantou batatinha no país. [...] Tinha muita produção memo. Ficou parada [...] o que se produz aqui é de baixa tecnologia, baixa e média tecnologia, alguns produtores pararam de produzir, porque não quiseram melhorar alguma coisa, então acabaram sendo excluídos, se auto-excluíram por não adotar algumas tecnologias [...] <sup>217</sup>.

O fato da não aceitação de novas tecnologias parece que está associado ao comportamento fechado do “pomerano”. Sendo assim, o “pomerano não é só fechado a sentimentos como vimos mais acima

<sup>216</sup> Carlos José Tessmer Elias. Ibid.

<sup>217</sup> Carlos José Tessmer Elias. Ibid.

nesta seção, mas também a pensamentos, opiniões e atitudes, ou seja, a maneira de pensar e ver o mundo. Para reforçar a idéia de uma mentalidade fechada entre os “pomeranos”, vejamos mais um depoimento:

[...] os costumes como se lida com a terra, por exemplo, como se prepara a terra mudou muito pouco, a não ser pelo trator, mas se veio da Europa com determinada maneira de preparar a terra, de plantar, que até hoje se mantém o mesmo assim. [...] O trabalho agrícola, acho que em geral é o mesmo. Mudou foi, tem trator, tem máquina, tem uma série de implementos que facilitou, mas em si a idéia de como plantar é a mesma<sup>218</sup>.

Pelo exposto acima, ambos os entrevistados ressaltam o “pouco empreendedorismo” associado ao “comportamento fechado” do “pomerano”, no entanto, afirmam que o “pomerano” é “trabalhador”, particularmente, o agricultor, pois eles pararam de plantar batata, mas passaram para a cultura do fumo, por exemplo, que exige um trabalho intensivo. A idéia de que o “pomerano” é trabalhador podemos ver nos relatos abaixo:

[...] como o povo tem esse traço de ser trabalhador, enfrentador [...] se adaptou também a cultura do fumo. Porque ela requer uma mão de obra intensiva, grande, por um período grande do ano. E esse pessoal se dedicou a fazer isso, vai e faz, tanto que os índices aqui são bons de produtividade<sup>219</sup>.

[...] acho que o pomerano sempre foi um povo muito trabalhador. Assim o pessoal que mora pra fora sempre trabalhou muito, acordam muito cedo e trabalham fim de semana sem descansar, acho que isso é uma característica<sup>220</sup>.

Com referência ao espírito empreendedor do imigrante alemão e/ou “pomerano” e seus descendentes, precisamos sublinhar que, desde o início da colonização em São Lourenço do Sul, como já falamos

<sup>218</sup> Günther Timm Beskow. Ibid.

<sup>219</sup> Carlos José Tessmer Elias. Ibid.

<sup>220</sup> Günther Timm Beskow. Ibid.

anteriormente no capítulo três, não lhe foi permitido o desenvolvimento tecnológico na indústria. Esse fato podemos comprovar através do relato de Rui Geri:

[...] a própria indústria, as agroindústrias na época foram proibidas e eles [os imigrantes “alemães” e/ou “pomeranos” e seus descendentes] só podiam fabricar aquilo que era do consumo próprio, ou seja, tamancos, essas coisas que se usam em casa. Não poderia se fabricar algum produto que fosse comercializado, no caso.

Nesse contexto, o depoente acima chama a atenção para os entraves enfrentados pelos moinhos durante a formação e desenvolvimento da Colônia São Lourenço. Segundo Rui Geri, eles foram permitidos a funcionar somente para abastecer a subsistência da Colônia, mais particularmente, dos próprios agricultores. O entrevistado acima lamenta profundamente o fato de que os muitos moinhos existentes na Colônia, com exceção de um, estão hoje desativados<sup>221</sup>.

Pelo exposto até aqui, o fato de que a indústria não tenha prosperado em São Lourenço do Sul, parece que está relacionada com os colonizadores alemães e lusos, mais precisamente, com suas atividades agro-pastoris. No que se refere aos “pomeranos”, na sua maioria agricultores, não lhes foi permitido desenvolver um espírito empreendedor e uma mentalidade voltada para a indústria. Nesse caso, precisamos relativizar a relação “pomerano”-espírito empreendedor-desenvolvimento econômico, pois o contrário também é verdadeiro, vemos, por exemplo, Pomerode (SC), segundo nossas percepções, como uma das cidades mais prósperas do Brasil.

Ao longo de nossa pesquisa, verificamos que para alguns entrevistados, a categoria étnica representada por eles mostra-se precisa, isto é, para alguns ela permanece a mesma durante toda a sua fala, enquanto que para outros, ou seja, para a maioria, apresenta-se ambígua, pois neste caso, os depoentes, ora se reconhecem como “alemães”, ora como “pomeranos”, parecendo que tudo é a mesma coisa.

Para comprovar a afirmação acima, vejamos a seguir o que nos relata uma entrevistada: Ao solicitarmos a depoente a se apresentar, ela nos diz no início da entrevista que é “[...] de origem alemã [...]”. Ao questionarmos a mesma depoente sobre o seu sentimento de pertença étnica, ela nos fala no decorrer da entrevista que se sente

---

<sup>221</sup> Rui Geri. Ibid.

[...] sem dúvida, eu sou de origem alemã [e acrescenta] alemã-pomerana, porque [...] minha família, eles falam pomerano também, consideram-se alemães-pomeranos. [...] eu acho que cada um é o que é, eu não tenho vergonha.

Mas quando lhe perguntamos como ela se definiria no que diz respeito a sua identidade étnica, ela nos conta finalmente que é “[...] brasileira [...]. Eu sou descendente de pessoas da minha família que vieram da Alemanha, eu me considero brasileira, mas com uma ascendência muito forte alemã<sup>222</sup>.”

Outro exemplo, no qual aparece a situação acima, podemos ver no seguinte relato: Quando perguntamos ao depoente se estaria se afastando do grupo étnico “alemão”, ele nos fala no início da entrevista que “de jeito nenhum. [...] eu tenho orgulho de ter o sangue alemão [...].” E reafirma em seguida que, mesmo tendo a “identidade brasileira”, se sente pertencente ao grupo étnico “alemão”. Ao interrogarmos o mesmo entrevistado sobre se sua ascendência étnica é “alemã” ou “pomerana”, ele nos diz em sua fala alguns minutos depois que “[...] nunca me questioneei assim.” Ao questionarmos-lo sobre a relação religiosa luterana-étnica alemã, ele nos diz no decorrer da entrevista o seguinte: “eu acho que sou de origem pomerana, não sei. Eu acho que sou sim. Então eu acho que tem a ver sim. Claro que o alemão ou o pomerano tem essa cultura de participar de uma comunidade, religião.” E reafirma a seguir que se considera “alemão-brasileiro”, explicando: “Eu sou brasileiro porque nasci no Brasil. Agora, a minha origem é alemã, pomerana. Mas eu não posso dizer que sou alemão, porque nasci no Brasil. Então eu vejo que sou alemão-brasileiro.” No final de sua fala conclui então que “[...] até o pessoal, às vezes, me chama de ‘alemão cabeça-branca’ [...] eu ainda sinto orgulho que me chamem de alemão, porque a minha família é descendente de alemães<sup>223</sup>.”

Para explicar essa ambigüidade na categorização étnica recorro ao livro **A Identidade Cultural na Pós-modernidade** de Stuart Hall (1999). Nessa obra, Hall analisa o declínio das velhas identidades, assim como seu desaparecimento, modificação ou substituição, isto é, o surgimento de novas identidades provocado por mudanças estruturais e institucionais, especialmente pelo fenômeno da globalização. Para Hall

<sup>222</sup> Marilise Bierhals. Ibid.

<sup>223</sup> Héber Holz. Ibid.

essas mudanças estão transformando também as nossas identidades pessoais que são formadas e transformadas continuamente, pois

[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 1999, p. 13).

Podemos dizer então que as nossas identidades são definidas historicamente. O indivíduo pós-moderno tornou-se descentrado, móvel e múltiplo com uma identidade aberta, inacabada, contraditória e fragmentada que o empurra em diferentes direções de tal maneira que suas várias identificações são deslocadas continuamente. Enfim, o sujeito pós-moderno “assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas em redor de um ‘eu’ coerente. (HALL, 1999, p. 13).

O fato de uma pessoa apresentar identidades diferentes estar associado ao contexto cultural e sócio-econômico, no qual ela se encontra, assim como aos seus interesses e de sua comunidade, mas precisamente, à situação, na qual uma ou outra identidade é representada, afirmada ou ressaltada, não pode ser comprovado com base nas nossas entrevistas, portanto, ao longo da nossa pesquisa, pois os depoentes nunca justificam a identidade escolhida. Vejamos um exemplo disso: “Alemão, sem pensar. Mas aí depois se a gente fosse conversar mais a fundo eu falaria pomerano<sup>224</sup>.” No entanto, segundo nossas percepções, parece que quando o “pomerano” afirma a identidade “alemã” ele quer/precisa ser reconhecido socialmente pela comunidade local.

De acordo com Loni Tessmer Hax, uma consciência “alemã” ou “pomerana” não está clara para a maioria dos descendentes de imigrantes “pomeranos” de São Lourenço do Sul. A depoente declara que cada um tem que buscar a sua história, cada um tem que fazer a sua história e a da sua família. No que diz respeito aos primeiros imigrantes, segundo Loni Tessmer Hax, “[...] muitos vieram pra cá e não trouxeram nada junto e não procuraram deixar nada escrito.” Embora alfabetizados, tinham pouca escolaridade, isto é, “não dominavam tanto a língua para

---

<sup>224</sup> Günther Timm Beskow. Ibid.

escrever no alemão e não dominavam também o português para fazer um texto.” Nesse sentido,

[...] A minha mãe sempre diz: ‘o primeiro livro, o segundo livro e muito poucos iam para o terceiro livro’. Frequentavam aquele período até os onze ou doze anos, faziam a primeira comunhão e se dedicavam à agricultura e ao trabalho doméstico.

Além disso, muitos pais e avós foram sufocados pela Guerra, mas agora muitos jovens estão buscando uma identificação.

[...] os habitantes de São Lourenço, a maioria se sente alemão-pomerano. Tem alguns no interior [...] em algumas regiões como ali na Harmonia, bem mais pomerano, eles têm aquela linha mais pomerano, tradições mais pomeranas, a cultura, eles preservam mais. Já em outras regiões, como lá no Canta Galo [...] é mais alemão. Na Harmonia [...] é bem marcante o pomerano. Na Santa Teresa, eu senti que é meio dividido alemão e pomerano, mas como houve muito casamento entre os dois não ficou nem uma linha, nem outra, então eu acho que se fundiu muito. Atualmente, está muito fundido<sup>225</sup>.

No exposto acima, podemos verificar que a depoente diferencia claramente o “alemão” do “pomerano” e a forma hifenizada “alemão-pomerano” aqui, para a entrevistada, refere-se a uma fusão entre ambas as “etnias”. Com referência ao casamento “interétnico”, conforme a entrevistada, podemos contestá-la, pois como já destacamos anteriormente no capítulo três, a grande maioria dos imigrantes que vieram para a Colônia São Lourenço eram “pomeranos”, o que, portanto, é confirmado posteriormente, pela depoente acima no decorrer desta seção.

Segundo Arnildo Becker, na questão da ascendência/origem comum, se verificada através de uma entrevista entre os descendentes de “pomeranos” em São Lourenço do Sul, teríamos para a maioria dos entrevistados com toda certeza o seguinte resultado: “eu sou alemão.”

<sup>225</sup> Loni Tessmer Hax. Ibid.

Aqui Arnildo Becker sublinha que, no que diz respeito à língua falada por eles, responderiam então que falam o pomerano<sup>226</sup>.

Mesmo assim, podemos fazer algumas inferências até aqui, tais como as de que o fato da maioria dos entrevistados, aparentemente, com uma definição identitária ambígua, ser sempre “alemão” num primeiro momento, pode estar relacionado à afirmação da identidade “alemã” em detrimento da “pomerana”, pois sabemos que os “pomeranos” eram discriminados e estigmatizados pelos “alemães” que se colocavam em uma posição superior, provavelmente, reportando-se à história. Para comprovar a idéia acima, mais precisamente, o sentimento de inferioridade que o “pomerano” tinha, vejamos o que afirma um depoente:

Eu acho que tem até um pouco de preconceito, pelo que eu ouço falar, as pessoas até pouco tempo atrás tinham até vergonha de dizer que eram pomeranos. Porque o pomerano era um povo muito sofrido e pobre. Então pelo que eu ouço falar as pessoas que eram alemães falavam isso com orgulho, mas quem era descendente de pomerano preferia não ser descendente de nada<sup>227</sup>.

Segundo Thum (2008, p. 17), “o modo de ser alemão socialmente aceito pelo imaginário coletivo como modo superior influenciou muito as perspectivas pomeranas no sul do Brasil.” Ainda conforme o autor acima, a germanização do pomerano no Brasil estava diretamente relacionada à atuação de instituições religiosas e políticas na comunidade pomerana quando ressalta que os pastores e professores alemães, assim como os donos de “vendas” tiveram um papel importante nesse processo. Nesse contexto, Loni Tessmer Hax chama a atenção para o fato de que em São Lourenço do Sul

[...] a maioria é pomerano, de origem pomerana [...] O alemão começou a dominação [...] porque os de origem alemã normalmente já na época da colonização, eles já se dedicavam mais ao comércio. Então começaram a dominar mais a região, a absorver mais a cultura pomerana. Então teve essa dominação um pouquinho mais poderosa, mais avançada dos alemães sobre os

<sup>226</sup> Arnildo Becker. *Ibid.*

<sup>227</sup> Cristian Iepsen. *Ibid.*



pomeranos. Eu acho que isso é uma coisa que aqui se salienta bem, porque normalmente quem tinha comércio, as famílias que tinham comércio antigamente, porque a casa de comércio, o comerciante era o banqueiro, ele era tudo na colônia.

O fato de que a cultura “alemã” tenha dominado a cultura “pomerana” apresenta, conforme Loni Tessmer Hax, dois aspectos: em primeiro lugar, a maioria dos comerciantes estabelecidos na zona rural não era de origem “pomerana”, mas “alemã”<sup>228</sup> e teriam influenciado a cultura “pomerana” e em segundo lugar o ensino formal da língua alemã “[...] foi uma coisa que anulou muito a parte pomerana.” De acordo com a depoente acima, o poder dos comerciantes e o ensino formal da língua alemã influenciaram aspectos no que tange à etnicidade dos “pomeranos”<sup>229</sup>. O fato de que a etnia “pomerana” tenha sido absorvida pela etnia “alemã”, ou seja, de que a cultura “pomerana” tenha sido dominada e influenciada pela cultura “alemã” na Colônia São Lourenço precisa ser aqui relativizada, pois, como já abordamos anteriormente no capítulo três, a assimilação dos pomeranos pelos alemães já começou através dos processos de cristianização e germanização no século XII na Europa. Na época da imigração, a Pomerânia era uma província da Prússia, como já vimos no decorrer deste trabalho, portanto, as evidências indicam que, entre outros aspectos culturais, ao lado do pomerano, falado no seio da família, os pomeranos falavam também o alemão, que era ensinado na escola. Loni Tessmer Hax afirma aqui que os imigrantes chegaram ao Brasil dominando o alemão e o pomerano, o que, como já destacamos no decorrer da seção anterior deste capítulo, permaneceu até a Segunda Guerra Mundial.

Mas no que diz respeito ao dialeto pomerano, segundo Loni Tessmer Hax, ele continuou prevalecendo entre os “pomeranos” na Colônia São Lourenço, onde a língua alemã não era uma língua usada e privilegiada na comunidade “pomerana” local, como em outras comunidades “alemãs”, por exemplo, Santa Cruz do Sul e Estrela.

<sup>228</sup> Segundo Loni Tessmer Hax, na sede do município residiam mais alemães, enquanto que no interior mais pomeranos. No que diz respeito aos comerciantes do interior, esses eram na sua maioria alemães. De acordo com nossas percepções, havia no interior também muitos comerciantes “pomeranos”, a saber, as famílias Klug, Maltzahn, Ziebell, Wetzell, Becker, Lindemann, Bierhals, Hellwig, Griep, Strelow, Waskow, Frömming, Krüger, Treptow, por exemplo. No entanto, não podemos afirmar aqui se todas essas famílias de comerciantes se reconheciam como “pomeranos” ou “alemães”.

<sup>229</sup> Loni Tessmer Hax. *Ibid.*

Conforme a depoente acima, o fato de que a Colônia São Lourenço ficava numa região muito distante de grandes centros de colonização alemã, ou seja, encontrava-se isolada na Serra dos Tapes a diferenciava muito do resto da colonização alemã, então

[...] uma característica nossa aqui é que nós somos um centro de colonização alemã muito isolado. Muito afastado dos outros centros. Porque os outros são de Porto Alegre pra lá, São Leopoldo, Novo Hamburgo e aquela região. E nós ficamos uma região geopolítica no meio de um grupo só de portugueses<sup>230</sup>.

Segundo nossas percepções, a idéia acima, ou seja, o uso do pomerano em detrimento do alemão pode estar relacionado também com o fato de que as escolas comunitárias da Colônia São Lourenço não tinham no início da colonização professores formados. Nesse sentido, chamamos a atenção para Pomerode (SC), comunidade “pomerana” que, situada entre centros mais desenvolvidos, como Blumenau, Jaraguá do Sul e Joinville e com professores capacitados para a função, usou e privilegiou a língua alemã.

Na seqüência da entrevista, Loni Tessmer Hax relativiza, no entanto, a idéia de que o dialeto pomerano tenha sido privilegiado em detrimento da língua alemã e novamente chama a atenção para que esse fato deve-se aos

Comerciantes, pessoas mais influentes em cada região. Porque, por exemplo, se tu soubesses só o pomerano, muitas vezes, tu não conseguirias te comunicar com todo mundo. Agora, se tu dominavas o alemão, tu te comunicavas com todos [...] até com os alemães que moravam na sede do município, as casas de comércio, tudo aqui, a casa Helms, Kroll, todos esses atendiam, falavam o alemão e não o pomerano.

Nesse contexto, segundo Loni Tessmer Hax, dominava o alemão, “às vezes um membro só na família. [...] Era um membro da família normalmente que saía e que negociava. Nem sempre era o homem. Às vezes poderia ser a mulher<sup>231</sup>.”

<sup>230</sup> Loni Tessmer Hax. Ibid.

<sup>231</sup> Loni Tessmer Hax. Ibid.

Para reforçar a questão da ascendência “alemã” e/ou “pomerana” e da afirmação da identidade étnica “alemã” em detrimento da “pomerana” estar associada, provavelmente, a fatores negativos, podemos ver no seguinte depoimento:

Eu sempre me vi como uma descendente de alemães. Nunca pensei na questão do pomerano [...] até porque foi a língua que eu aprendi a falar. Depois aprendi um pouco [...] de alemão. Aprendi e sempre achei muito parecido. E nunca vi muita diferença de um para o outro. [...] o elemento pomerano aparece forte a partir de 2005. Antes a gente não tem isso. Eu não tinha nem noção de que tinha diferença de um para o outro. Até um dia alguém me chamar de pomerano “pé sujo”. Aí eu fiquei olhando, pomerano “pé sujo”, por quê? [...] Começou de dois mil e cinco para cá com a gestão do governo. [...] Até então se falava alemão, mas não pomerano. Isso começou a partir de 2005 quando se começou a contar a história de outro viés. Quando se começou a estudar a história de outra maneira, de valorizar a pessoa que mora aqui. Quando se começou a contar esse viés, a gente modificou esse olhar. Porque eu não tinha muita noção de que tinha uma diferença de um para outro, para mim isso era indiferente. Até o dia que alguém que era alemão me dizer assim: “mas eu falo alemão e não pomerano”, aí eu fiquei olhando e tem diferença de um pra outro? Para mim não tinha<sup>232</sup>.

No exposto acima, podemos verificar que a depoente não diferenciava a língua alemã do dialeto pomerano, ou seja, ela se reconhecia como “descendente de alemães” que falava o pomerano, parecendo, portanto, que tudo era a mesma coisa. Na seqüência da sua fala, a entrevistada ressalta, no entanto, que hoje diferencia o “alemão” do “pomerano”, tanto com relação à etnia quanto à língua. Nesse contexto, Carla Adriane Lübke chama a atenção para o fato de que a valorização do “pomerano”, mais precisamente, a auto-compreensão de “ser pomerano” aparece por ocasião da gestão do governo municipal

<sup>232</sup> Carla Adriane Lübke. Ibid.

atual, isto é, a partir de 2005<sup>233</sup>, mais particularmente, através de uma experiência pessoal, ou seja, quando alguém a chamou de “pomerano pé sujo”. Aqui, podemos observar claramente até então sentimentos e valores negativos em relação ao “pomerano”, isto é, que o “pomerano” era discriminado e estigmatizado pelo “outro”.

De acordo com o exposto até aqui nesta seção, mais precisamente, no que diz respeito ao processo de germanização dos “pomeranos” em São Lourenço do Sul, parece que a cultura “pomerana” sofreu também no Brasil o impacto da “cultura alemã hegemônica”. A idéia acima corrobora com que Thum (2009, 309-311) nos diz sobre o processo de germanização dos pomeranos:

O modo de ser alemão [...] foi disseminado como o padrão a ser seguido e foi ideologicamente sedimentado sobre a cultura local, através da escola e das igrejas sinodais [...]. A idéia de que o pomerano é “menos”, no jogo de forças culturais, antecede ao próprio processo de imigração e, aqui, nos processos de reinvenção cultural vivenciados, referencia a um imaginário coletivo de “mundo migrante”, foi capaz de servir como princípio de irmandade entre os imigrantes. Nesse caso, o mundo pomerano, percebendo que teria ganhos momentâneos ao ser considerado alemão, permitiu, aceitou e assimilou o imaginário alemão, como sua referência cultural diante dos outros grupos. Um escambo. Identificando-se como imigrantes, a ação ideológica da cultura alemã instalou-se como a verdade a ser aceita por todos, germanizando muito das práticas religiosas e sociais dos pomeranos da Serra dos Tapes. Ao mesmo tempo em que esse processo de silenciamento ocorre nos espaços públicos (escolas, igrejas, comércio), a vida cotidiana mantém práticas e reinventa-se, no encontro com as demais culturas locais e sobrevive, silenciosamente, resistindo à invenção permitida aos de fora. [...] Silenciar, contudo, não significa eliminar. O mundo pomerano reinventou-se, na Serra dos Tapes, constituindo-se em um caso específico. Foi reconfigurado pelas trocas

---

<sup>233</sup> O papel do governo municipal a partir da gestão 2005 no processo de construção da identidade étnica “pomerana” será discutido na seção quatro deste capítulo.

assimétricas, pelas apropriações das lógicas das culturas já presente nesses espaços. É possível considerar hoje que, muito mais do que cultura pomerana, há uma cultura local, que apresenta códigos próprios e rituais específicos, capazes de permitir o trânsito das diversas correntes que a condiciona.

Ao discutirmos o papel da ascendência/origem comum como marcador de identidade étnica com os entrevistados, ou seja, a relação que eles têm com a sua origem étnica, podemos verificar que a ascendência étnica tem um papel importante no processo de construção de sua identidade. A maioria dos entrevistados manifestou um sentimento positivo em relação à pertença étnica, mas precisamente, eles sentem orgulho de sua origem étnica. Além disso, chamam a atenção para a valorização, a preservação e a divulgação de aspectos da cultura e da história “alemã” e/ou “pomerana” e sublinham sua vinculação à origem “alemã” e/ou “pomerana” através de aspectos afetivo-emocionais, biológicos e comportamentais (afinidade sangüínea, culto aos ancestrais, traços físicos, alegria, estilo de vida), assim como por culturais e religiosos (festas e cultos).

Os marcadores de pertença étnica estão ligados, provavelmente, a uma história comum construída primeiramente na família e depois estendida a toda a comunidade “alemã” e/ou “pomerana”. Isso, podemos comprovar através dos depoimentos de Gilberto Falck e Héber Holz, já anteriormente abordados no decorrer da seção dois e três deste capítulo, assim como através de excertos das entrevistas a seguir:

“[...] quanta gente já me chamou de ‘alemoa’, eu não me ofendo. Eu sei que sou. Eu acho maravilhoso. Eu sou ‘alemoa’, eu sou mesmo<sup>234</sup>.”;

“É um elemento que vai estar sempre na minha vida, porque sempre vou ser descendente de pomeranos<sup>235</sup>.”;

“[...] todo mundo tem que saber sua história, sua origem, todo povo tem que saber, eu tento passar isso adiante<sup>236</sup>.”

Outros exemplos dessa situação, podemos observar nos seguintes relatos:

<sup>234</sup> Marilise Bierhals. Ibid.

<sup>235</sup> Günther Timm Beskow. Ibid.

<sup>236</sup> Beatriz Hellwig Neunfeld. Ibid.

[...] eu acho superimportante saber de onde tu vens, de onde vem teu nome, [...] tenho muito orgulho de ser descendente de imigrantes, muito orgulho mesmo, tenho orgulho de ter participado do Sonnenschein e fazer um pouquinho pra preservação dessa cultura que eles trouxeram, tenho muito orgulho de saber o que eu sei sobre a história da imigração e eu considero muito importante. Eu acho que todo mundo deveria fazer isso, deveria entender a sua história<sup>237</sup>.

[...] a gente tem uma cara muito forte de alemão. A nossa bagagem é muito forte, claro que isso tem peso [...] meus antepassados vieram da Alemanha. Por isso que eu tenho olho claro. Eu gosto, eu acho bonito e eu acho que tem mais é que valorizar. Porque se a gente não tem o nosso passado pra reconhecer, nós não somos ninguém. [...] eu nasci aqui, fui criada aqui, sou brasileira. Mas admiro e gosto da cultura alemã. Pomerana também, mais alemã. Eu acho mais agradável, mais alegria, alemã é mais alegre, me lembra muita alegria. Muita coisa boa<sup>238</sup>.

Quando eu era menor, eu tinha vergonha, ah! Era muito comum [dizerem pra mim]. Ah! É o alemão, mas eu acho que a grande mudança mesmo aconteceu depois que eu comecei a participar da Igreja. [...] não me importei mais. Não tenho vergonha<sup>239</sup>.

[...] eu não tenho muitos elementos, como culinária, língua, presentes na minha vida, mas eu me sinto orgulhosa por ser de origem alemã. [...] às vezes, a gente fica até pensando, tem muitas pessoas que são brasileiras, mas de origem alemã e o alemão, às vezes, vem mais forte do que o brasileiro. [...] eu tenho orgulho de ser brasileira, eu acho que é um equilíbrio, eu tenho orgulho igual. Eu gostaria até de ter a cidadania alemã. [...] eu nunca senti vergonha de me chamarem de

<sup>237</sup> Cristian Iepsen. Ibid.

<sup>238</sup> Roselene Radmann. Ibid.

<sup>239</sup> Régis Lüdke Frömming. Ibid.

“alemoa” [...] eu sempre gostei muito de ser loira. Enfim, eu gosto dessa coisa, eu me sinto orgulhosa mesmo [...] quando a gente ficava com os guris, por exemplo, eu já pensava na família do guri [...] nem sabia se a gente ia namorar, mas já tinha toda aquela avaliação por trás [...]. E a gente tem essa identidade, porque ele também é de origem alemã, da mesma religião, gosta das mesmas festas, as famílias se conhecem [...]. Eu dou valor pra isso [...]. Eu acho que é um estilo de vida<sup>240</sup>.

Para reforçar a idéia de pertença étnica, ou seja, o pertencimento ao grupo étnico “alemão” e/ou “pomerano”, alguns depoentes chamam a atenção para o modo de vida compartilhado pelo descendente de “alemães” e/ou “pomerano”, ou seja, ressaltam alguns elementos objetivos e subjetivos em comum, assim como a sua importância em compartilhá-los. Nesse contexto, eles sublinham a valorização das relações afetivas de amizade e namoro e de afinidades “naturais” no interior do grupo étnico “alemão” e/ou “pomerano”. Vejamos os exemplos abaixo:

Eu vejo que com o alemão é mais fácil de lidar do que com o próprio brasileiro. Eu vejo assim, o alemão [...] é mais humano. Parece que um carinho maior um com o outro [...] [e] eu consigo conversar muito mais com uma pessoa de origem alemã, pomerana do que com o “tuca”, brasileiro, como se diz. [...] O que me faz sentir bem dentro do grupo alemão, grupo pomerano. Eu acho que é o afeto, a simplicidade. [...] acho que essa parte de pegar junto. De união<sup>241</sup>.

[...] com o meu grupo de amigos daqui de São Lourenço, nem todos são de origem alemã, mas a maioria, eu me sinto mais à vontade, porque a gente tem os mesmos gostos, as mesmas opiniões [...] os nossos amigos [em São Lourenço do Sul] a gente tem os mesmo estilos, eu prefiro bandinha, tipos de comida parecidos [...] [e] na faculdade se conhece uma pessoa e em poucos dias já te chama

<sup>240</sup> Vanessa Wiegand Iockock. Ibid.

<sup>241</sup> Héber Holz. Ibid.

de meu amor, não sei se pode ser verdadeiro esse sentimento, essa facilidade de demonstrar, aqui eu sinto que é diferente, essa coisa demora pra começar. Claro, depois que faz uma amizade forte assim, mas o jeito de demonstrar é diferente [...]. O próprio jeito mais recatado, o jeito de agir [...] principalmente essa coisa de demonstrar o sentimento. [...] O jeito de viver, o lazer. Eu gosto de bailes, de música de bandinhas [...]<sup>242</sup>.

Nos textos acima, podemos verificar claramente a vinculação dos entrevistados ao grupo étnico “alemão” e/ou “pomerano” através de aspectos objetivos e subjetivos. Os depoentes se reconhecem pertencendo ao grupo étnico “alemão” e/ou “pomerano” por meio de sentimentos, virtudes, atitudes, ou seja, através de valores afetivo-emocionais, morais e intelectuais na relação, mais precisamente, no confronto com o “brasileiro”. Nesse contexto, eles ressaltam que a “convivência é mais fácil e se sentem mais à vontade entre pessoas do mesmo grupo étnico”, pois eles são “mais humanos, simples, unidos, recatados” e entre eles existe “maior carinho e afeto” e compartilham os “mesmos gostos e opiniões”, assim como o “mesmo jeito de ser, a mesma maneira de demonstrar os sentimentos, os mesmos hábitos alimentares e de lazer, como bandinha, bailes e música”, enfim uma mesma concepção de vida. Nesse sentido, as idéias acima corroboram com os pressupostos teóricos acerca da identidade relacional que orientam este trabalho. A identidade étnica é um conjunto de crenças fundamentadas no sentimento de pertença e em determinados critérios, tais como, religião, língua, ascendência, cultura, etc. que excluem algumas pessoas e incluem outras. Enfim, a identidade étnica é, segundo Volkan (2004, p. 11),

[...] uma coisa abstrata, subjetiva, fabricada. [...] Quando somos crianças gostamos de uma música, de uma sopa, de uma peça de roupa que pertence a nossa cultura. Estas coisas se tornam muito cedo uma parte de nós. Por isso, sentimos no ângulo quando a etnicidade é abalada. Sob pressão nós nos refugiamos nos nossos antigos sentimentos.

Conforme o observado nesta seção, podemos afirmar que para a maioria dos depoentes, a ascendência/origem comum, o aspecto básico

<sup>242</sup> Vanessa Wiegand Iockock. Ibid.



da etnicidade teuto-brasileira, é valorizada ainda nos dias de hoje. A maioria dos entrevistados se define como “alemães” e/ou “pomeranos” dentro do grupo étnico teuto-brasileiro e reporta à sua origem étnica alguns elementos objetivos e subjetivos importantes (símbolos étnicos) no processo de construção e afirmação da sua identidade étnica.

#### 4.4 O *REVIVAL* DA ETNIA “ALEMÃ” E/OU “POMERANA” NO CONTEXTO DO PODER PÚBLICO MUNICIPAL

A Organização Lourenciana de Ação Comunitária (OLAC) promove o “Primeiro Festival de Folclore Teuto e Gaúcho” no dia 17 de novembro de 1983 em São Lourenço do Sul, no qual se destacou o “Grupo de Danças Folclóricas Alemãs *Sonnenschein*”<sup>243</sup>, fundado pela professora de língua portuguesa Soleni Peres Heiden em 25 de agosto de 1983. A criadora e coordenadora do *Sonnenschein*, Soleni Peres Heiden não é descendente de alemães, mas segundo um depoente ela “[...] se apaixonou pela causa, pela cultura [...]”<sup>244</sup>. Uma outra entrevistada comenta o importante papel que teve Soleni Peres Heiden na formação e coordenação do *Sonnenschein* assim como na organização da *Südktoberfest*:

[...] os méritos do Grupo de Dança, da Festa são dela. Ela [...] fez com que os componentes do Grupo de Dança valorizassem a sua cultura e as suas origens. [...] a gente ainda era visto como “aqueles coloninhos”. [...] o Grupo de Dança começou com ela, a valorização começou com ela, o reconhecimento começou com ela [...]. Ela que juntou os jovens pra começar o Grupo [...]. Ela que moldou todo esse Grupo<sup>245</sup>.

Na afirmação: “aqueles coloninhos”, podemos verificar claramente um sentido pejorativo em relação ao descendente de alemães, isto é, ele era discriminado e estigmatizado pelo “outro” até então. Mas a partir da criação do *Sonnenschein*, o descendente de alemães começa a ser novamente reconhecido, respeitado e valorizado.

<sup>243</sup> Daqui em diante usaremos somente o termo *Sonnenschein* para se referir ao Grupo de Danças Folclóricas Alemãs.

<sup>244</sup> Carlos José Tessmer Elias. *Ibid.*

<sup>245</sup> Roselene Radmann. *Ibid.*

O primeiro Festival de Folclore Teuto e Gaúcho está na verdade inserido no contexto político de São Lourenço do Sul, pois está relacionado com o centenário de emancipação política-administrativa desse município e, de alguma maneira ou de outra, vinculado à divulgação turística dessa cidade, mas, de um certo modo, está relacionado também com a valorização e preservação da cultura teuto-brasileira dessa comunidade. Nesse sentido:

[...] as identidades são construídas dentro e não fora do discurso [...] [e precisamos] compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que do signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna. (HALL, 2000, p. 109).

Segundo nossas percepções, esse evento, ainda que realizado por ocasião das comemorações do centenário de emancipação política-administrativa do município congregou a população de descendência alemã, especialmente, através do *Sonnenschein*, e marcou o *revival* da etnia “alemã” de São Lourenço do Sul<sup>246</sup>. Para comprovar essa idéia,

<sup>246</sup> Devemos ressaltar aqui que, no ano de 1981, o Rotary Clube de São Lourenço do Sul promove o Fritz-Jantar. Esse evento, que teve um intervalo em 2004-2007, foi idealizado pelo casal Edilberto Luiz-Iara Maria Hammes. Esse jantar dançante rememorou pela primeira vez no “pós-guerra” a cultura alemã através de comidas, danças e músicas típicas alemãs com destaque para o *Riewelsback* (bolinho frito de batata ralada), a *Polonaise* e a Bandinha da Saudade. Segundo Loni Tessmer Hax, “[...] é um evento da cidade, surgiu na época para resgatar a cultura alemã. A cultura alemã-pomerana do nosso município, só que ele ficou sempre na cidade, já se pensou em fazer o Fritz-Jantar no interior também. E se resgata bastante, desde a música, sempre toca no Fritz-Jantar uma bandinha, a dança Polonaise, danças típicas, músicas típicas [...] a parte da culinária, a gente procura fazer os pratos bem típicos. O Riewelsback, o bolo de carne típico, a carne de porco [...] o Joelho de porco [...]. É um evento que [...] em 2008 reergueu-se novamente. No que diz respeito à culinária, a depoente acima chama a atenção para alguns pratos típicos, enfatizando o *Riewelsback* quando diz que a comida “[...] mais difundida na colônia é o Riewelsback e o peito de ganso também, é uma coisa que é bem difundida. Mas o Riewelsback é impressionante, tu fazes uma coisa típica alemã, tu vais vender ou tu vais divulgar, a pessoa pergunta: ‘vai ter Riewelsback pra comer?’”

vejamos a seguinte afirmação: “Eu acho que a criação do Grupo de Danças Alemãs *Sonnenschein* foi o início. Depois disso vieram outras coisas. Mas eu acho que o ponto de partida foi esse. Com certeza<sup>247</sup>.”

#### 4.4.1 O Grupo de Danças Folclóricas Alemãs *Sonnenschein* e A *Südoctoberfest*

O *Sonnenschein* foi criado com o objetivo de manter e divulgar aspectos da cultura alemã, particularmente, através da dança folclórica. Ele contava na sua fundação com sete pares de jovens adultos, mas no decorrer do tempo surge o grupo infantil *Frohsinn* (1986), o grupo juvenil *Lichtschein* (1889), o grupo de casados *Wahre Freundschaft* (1990) e o grupo mirim *Sternlein* (1991). O grupo de casados foi extinto e o nome *Sonnenschein* é empregado, atualmente, para todas as outras categorias. O *Sonnenschein* conta hoje com, aproximadamente, oitenta componentes, mas ele já teve cerca de cento e cinquenta pessoas na época que existiam as cinco categorias. A maioria dos componentes do *Sonnenschein* é descendente de alemães, mas participam dele também, embora em minoria, pessoas de outras etnias, já que ele é aberto a toda a comunidade lourenciana, como podemos comprovar no seguinte depoimento: “A maioria é de origem alemã, são poucos ali que não são<sup>248</sup>.”

A escolha do primeiro traje “típico” do *Sonnenschein* foi o *Werktagstracht*, o traje do trabalho diário, que era usado por quase todos os alemães. O segundo traje escolhido e usado pelo *Sonnenschein* é típico da Baviera (Alemanha). As primeiras coreografias e músicas típicas de danças folclóricas alemãs vieram do município de Feliz (RS), onde se concentraram muitos imigrantes alemães oriundos da Westfália (Alemanha). As primeiras apresentações do *Sonnenschein* eram acompanhadas pelo Conjunto Musical Mocidade, mas decorrente dos custos cobrado pela Banda, ele possui, hoje, seus próprios aparelhos eletrônicos. Desse modo, a música instrumental foi substituída pela música eletrônica, o que descaracteriza, de certa maneira, a música

---

E comem muito. O pessoal gosta muito. Isso é uma coisa bem típica. A salada de batatas alemã também é bem típica, a maneira de fazer. Então uma coisa que durante o Fritz-Jantar esse ano mesmo foi bem resgatada e o pessoal gostou muito. [...] Me chamou muito a atenção este ano é que tinha muita gente do interior de São Lourenço [...]. O pessoal veio e valorizou. Inclusive, gente vestida tipicamente.” O Fritz-Jantar inspirou então a realização de outras festas que se desenvolveram mais tarde em São Lourenço do Sul.

<sup>247</sup> Mônica Wetzl. Ibid.

<sup>248</sup> Marilise Bierhals. Ibid.

típica alemã apresentada por uma bandinha. Desde 1986 as coreografias e as músicas apresentadas pelo *Sonnenschein* foram aprendidas em cursos oferecidos pela Associação Cultural Gramado (RS). As músicas são originadas de várias regiões da Alemanha e de países vizinhos, nos quais há uma concentração de pessoas com ascendência alemã.

A exposição acima nos chama a atenção para o fato de que a dança, a música e o traje “típico” apresentado pelo *Sonnenschein* originam-se de várias regiões da Alemanha e não, preponderantemente, da Pomerânia, uma vez que, como já destacamos anteriormente neste trabalho, a maioria dos descendentes de alemães de São Lourenço do Sul provém dessa região. Ao questionar um depoente, componente do *Sonnenschein*, sobre esse fato, ele nos diz o seguinte:

As danças, elas vêm de um livro, é um acervo de danças que eram dançadas antigamente, na época em que a Alemanha ainda era dividida em Estados. Esse livro está na Casa da Juventude de Gramado, onde acontecem todos os cursos de dança, os grupos de danças vão para lá, mandam um ou dois representantes, fazem o curso, voltam e repassam para os grupos essas danças. Então quando tu vais para o curso, tu não escolhes a região da Alemanha que tu vais receber as danças. As danças são um pouco de cada região [...] não existe como ter um grupo que dance só de uma região, da Pomerânia [...] <sup>249</sup>.

O *Sonnenschein* tinha então no seu repertório elementos característicos de diversas regiões da Alemanha, ou seja, do folclore alemão, como por exemplo, do folclore da Baviera. Segundo Arthur Martinez Moraes Netto, a Casa da Juventude de Gramado, onde os integrantes do *Sonnenschein* faziam o curso de dança, ensinava danças de vários grupos folclóricos alemães, assim como não determinava o grupo folclórico de seus alunos. Ainda conforme o depoente acima, o *Sonnenschein*, que até então apresentava ao público um repertório variado, isto é, do folclore alemão, em geral, traz mais tarde também elementos característicos da Pomerânia.

No mês de agosto do ano de 1993, o *Sonnenschein* promove um jantar-baile em comemoração aos 10 anos de sua fundação. A atração principal desse evento foi o Grupo de Canto e Dança Ihna da Alemanha,

<sup>249</sup> Cristian Iepsen. Ibid.

ou seja, do estado de Mecklenburgo-Pomerânia Ocidental. A partir desse acontecimento, especialmente, através desse Grupo de Canto e Dança da Alemanha, podemos verificar que elementos “pomeranos”, como danças, músicas e trajes “típicos” são incorporados pelo *Sonnenschein*, como podemos ver no depoimento e na foto a seguir:

A partir do Ihna que nós começamos a introduzir o elemento pomerano nas danças do grupo *Sonnenschein*. E aí começamos a pesquisar trajes, pesquisar as danças. Quando nós fomos a Gramado nós pedimos preferencialmente que nos fossem apresentadas danças do folclore pomerano, isso aí tem sido até hoje. O pessoal dança outras danças do folclore alemão, mas basicamente é do folclore pomerano que é apresentado. [...] tem uns três ou quatro trajes que eles utilizam ainda hoje [...] mas o Grupo, basicamente, se utiliza de trajes pomeranos. [...] Tem os trajes bávaros ainda que são utilizados, porque [...] tem danças [bávaras] que são apresentadas. Mas o Grupo se apresenta, basicamente [...] como um grupo pomerano, de origem pomerana<sup>250</sup>.

---

<sup>250</sup> Arthur Martinez Moraes Netto. *Ibid.*



Figura 8: Grupo de Danças Folclóricas Alemãs *Sonnenschein* (traje típico pomerano)

Fonte: Rafael Grigoletti (2008)

Para confirmar a idéia de que o *Sonnenschein* incorporou elementos “pomeranos” a partir de 1993 por ocasião da visita do Ihna a São Lourenço do Sul, vejamos o que nos fala Jairo Scholl Costa:

[...] eu me lembro que eles [o *Sonnenschein*] receberam discos, Cds, livros com vestimentas, indumentária de toda a Pomerânia, da Vorpommern, da Hinterpommern, das músicas, das danças [...]. Eles, logo em seguida, começaram a fazer as roupas conforme aqueles figurinos e dançaram as danças da Pomerânia, que estão sendo apresentadas agora nestas festas da Südoctoberfest<sup>251</sup>.

Entre os nossos entrevistados, cinco já participaram e três ainda participam do *Sonnenschein*. Segundo esses depoentes a criação do *Sonnenschein* é considerado o “movimento étnico” que marca o *revival*

<sup>251</sup> Jairo Scholl Costa. Ibid.

da etnia “alemã” e/ou “pomerana” em São Lourenço do Sul. Para ficar mais clara a idéia de que ele é o “movimento étnico” que, através da dança folclórica, marca o *revival* da etnia “alemã” e/ou “pomerana” em São Lourenço do Sul, ou seja, o reconhecimento, a valorização, a preservação e a promoção da cultura “alemã” e/ou “pomerana”, vejamos mais dois exemplos:

Eu participei bastante tempo do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs aqui. Esse foi um movimento, eu acho, em todo o estado e até no Brasil. [...] eu acho que foi um resgate através da dança e da música, isso foi aqui para nós, no ano do centenário do município [...] foi fundado o Grupo de Dança. [...] tinha lugares que a gente ia dançar e era rejeitado [...] e depois foi mudando [...] naquela época bastante gente se envolveu [...]. Eu acho que ajudou até a criançada a gostar também da cultura alemã, a participar e perder essa tal de vergonha que se tinha<sup>252</sup>.

Quando eu vim para cidade comecei a participar do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Sonnenschein que existe até hoje. [...] Nós nos dedicávamos a esse grupo todos os fins de semana. [...] a gente sempre era visto como aquele colono de fora, que não tinha história [...]. Então desde que o nosso trabalho começou, foi valorizado, reconhecido dentro da cidade e fora, nós nos apresentávamos em todos os estados. Promovendo a cultura que, até então nunca, ninguém se preocupou em valorizar e manter. [...] Graças ao Grupo de Danças que se teve o reconhecimento da cultura comumente alemã, basicamente, da cultura pomerana, porque o forte nosso é pomerano aqui na nossa região<sup>253</sup>.

Nos depoimentos acima, precisamente, através das afirmações: “rejeitado, vergonha e visto como aquele colono de fora, que não tinha história”, podemos observar novamente sentimentos e sentidos negativos em relação ao descendente de “alemães” e/ou “pomeranos”, como discriminação, estigmatização e inferioridade, mas que foram se

<sup>252</sup> Carlos José Tessmer Elias. Ibid.

<sup>253</sup> Roselene Radmann. Ibid.

transformando a partir do *Sonnenschein*. Além disso, podemos verificar também que a depoente reconhece e ressalta a cultura “pomerana”, ou seja, a diferencia da cultura “alemã”.

Para reforçar a idéia de que sentimentos e sentidos negativos, como medo e vergonha de ser e falar “alemão” e/ou “pomerano” em relação ao descendente de “alemães” e/ou “pomerano”, particularmente, à população do interior de São Lourenço do Sul, existiam, ou seja, que eles eram estigmatizados e hostilizados pelo cidadão de outras etnias, vejamos o depoimento de Rui Geri:

[...] é bem verdade que anos atrás existia um medo e vergonha, eram aliados, caminhavam juntos nesse sentido. Porque o povo germânico, principalmente de origem pomerana, quando vinha para a cidade era olhado com um olhar diferente: “ali vai o colono”, até na maneira de andar, se vestir, era um pouquinho diferenciado do pessoal da cidade. Mas hoje com essa migração, com esse êxodo rural que enxertou bastante colono alemão na cidade [...]. Porque hoje nós temos em torno de cinquenta por cento na cidade e cinquenta por cento no interior da população desse município. [...] mas hoje eu vejo através da mídia, da própria televisão, do acesso a internet [...] a maneira de vestir já mudou um tanto, a maneira de andar também, então por isso hoje ninguém mais tem vergonha de falar a língua pomerana, uma porque todo mundo hoje sabe que não é mais proibido<sup>254</sup>.

O fato de que o *Sonnenschein* foi um “movimento étnico”, isto é, que valorizou, preservou e promoveu aspectos da cultura dos descendentes de imigrantes “alemães” e/ou “pomeranos” em São Lourenço do Sul, assim como que trouxe de volta o orgulho étnico, é reforçado por um depoente, como podemos observar a seguir:

Com certeza [...] com a criação do Grupo de Danças, os pomeranos, os alemães começaram a se valorizar, o brio deles começou a se elevar, se valorizaram muito mais. Porque até então eles eram muito fechados. E [...] saíram daquele ostracismo [...] e começaram a ficar mais soltos.

---

<sup>254</sup> Rui Geri. Ibid.



Inclusive o Grupo ajudou a formar outros grupos no interior do município, em outras cidades, em Camaquã, em Dom Feliciano [...] a passar danças e levando sempre a cultura de nossa cidade para eles. [...] o interior e a cidade com certeza começaram a ver com outros olhos os alemães depois do Grupo de Dança<sup>255</sup>.

Ao discutirmos o papel do *Sonnenschein* como marcador de identidade étnica com os entrevistados e suas relações com o Grupo de Dança, podemos observar que ele tem um papel fundamental e importante no processo de construção da identidade étnica. Segundo os depoentes, o trabalho dele fez com que muitos descendentes de “alemães” e/ou “pomeranos” conscientizassem-se de sua origem étnica e valorizassem, preservassem e divulgassem sua cultura. O trabalho do *Sonnenschein* fez ainda com que também outros grupos étnicos em São Lourenço do Sul valorizassem e respeitassem os descendentes de “alemães” e/ou “pomeranos” e sua cultura.

O *Sonnenschein* como marcador de identidade étnica, podemos verificar nos relatos de entrevistados que integraram ou ainda o integram. O exemplo a seguir é de uma depoente que ainda participa do Grupo de Dança: “O que mais marca é o Grupo de Dança [...] por ser um grupo de dança alemão. [...] Eu sou alemã, o Grupo de Dança é um grupo de dança alemão, então dentro dele eu me considero, eu me acho<sup>256</sup>.”

Vejamus um exemplo de uma entrevistada que não mais participa do *Sonnenschein*:

[...] a partir do grupo da juventude eu comecei a fazer amizades e esse mesmo grupo que estava na juventude, a maioria deles já fazia parte do Grupo de Danças Alemãs, o *Sonnenschein*. Então [...] eu fui convidada a participar do Grupo de Dança, uma coisa meio que estava junto com a outra pra mim. Porque era o mesmo grupo de amigos que participava da juventude e do Grupo de Dança. Basicamente, as pessoas que estavam tanto na juventude como no Grupo de Danças são de origem alemã. [...] Foi o grupo de amigos que eu conheci na juventude. Não foi o fato de eu ser de

<sup>255</sup> Arthur Martinez Moraes Netto. Ibid.

<sup>256</sup> Marilise Bierhals. Ibid.

origem alemã. Claro que depois que eu comecei a gente se identifica. [...] Me identifiquei, gostava muito de dançar, sofria de alguns outros amigos que não eram do Grupo de Dança um preconceito, pois ficavam falando: “aquelas danças que dão uns pulinhos” e ficavam debochando. Eu defendia muito o Grupo de Dança. [...] eu não sei nem se é por causa da identificação cultural ou do Grupo [...] ai de quem falasse mal do Grupo de Danças<sup>257</sup>.

Nas declarações acima podemos perceber a relação “origem étnica-Grupo de Dança”. Marilise Bierhals, que se reconhece como “alemã” e identifica o Grupo de Dança como “alemão”, reafirma sua identidade étnica dentro desse Grupo. Desse modo, o *Sonnenschein* representa para a entrevistada uma marca de sua identidade étnica. Vanessa Wiegand Iockock não foi motivada a integrá-lo, inicialmente, pela sua origem étnica, mas pelo seu círculo de amigos. No decorrer do tempo, portanto, ela passou a se identificar com ele. Ela chama a atenção para a defesa do *Sonnenschein* diante do preconceito que o mesmo sofria. Mesmo assim, continua não muito claro para a depoente se há uma identificação com aspectos da cultura “alemã” ou com o círculo de amigos. Sendo assim, não podemos afirmar aqui se a relação da entrevistada com o *Sonnenschein* afirma-se pela cultura “alemã” ou pelo grupo de amigos.

Ao longo da entrevista, Vanessa Wiegand Iockock discute novamente o papel do *Sonnenschein* como marcador de identidade étnica, na seqüência de sua fala ela nos diz o seguinte:

[...] a idéia do Grupo de Dança, da criação da Festa<sup>258</sup>, eu acho que é um momento que tu consegues reunir as pessoas que têm essa origem, eu acho que é bem importante. Agora, com o apoio maior da prefeitura, eu acho que está cada vez mais essa identificação, essa importância, essa valorização da tua origem, que antigamente, eu acho, que talvez até tivessem vergonha, tanto que as pessoas ficavam falando, debochando do Grupo, mas acho que agora está sendo mais valorizado com uma importância maior. [...]

<sup>257</sup> Vanessa Wiegand Iockock. Ibid.

<sup>258</sup> O papel da festa, a *Südktoberfest*, será discutido mais adiante nesta seção.

Depois que eu participei do Grupo de Dança isso aflorou mais em mim, eu acho, esse orgulho<sup>259</sup>.

Nesse momento de sua fala, podemos verificar claramente o papel do *Sonnenschein* como marcador de identidade étnica, que para ela congrega os descendentes de “alemães” e traz de volta o orgulho de “ser alemão”. A depoente chama a atenção novamente para o preconceito do qual o *Sonnenschein* sofria, isto é, para a vergonha que se tinha dele, pois ele era motivo de chacota. Nesse contexto, ela ressalta a influência do governo municipal na valorização, preservação e promoção da cultura “alemã”.

Com referência ao trabalho do *Sonnenschein* na preservação e divulgação de aspectos da cultura “alemã”, assim como o respeito e a valorização que ele vem conquistando ao longo do tempo na comunidade lourenciana, podemos observar o seguinte: “É um Grupo que marca sim, porque quando o pessoal quer alguma coisa ligada à cultura alemã, geralmente somos nós que eles procuram [...]”<sup>260</sup>.

A afirmação acima evidencia que o *Sonnenschein* não só preserva e divulga traços da cultura “alemã”, como a dança folclórica, mas é a entidade que trata de todos os aspectos culturais que se relacionam à cultura “alemã”. Nesse sentido, podemos dizer que o *Sonnenschein* se apropria de vários elementos da cultura “alemã” para reconstruir a cultura dos descendentes de “alemães” em São Lourenço do Sul.

Outro exemplo em que aparece a situação acima:

Na minha visão [...] cada ano que passa as pessoas valorizam mais o Grupo [...] [e] o Grupo conquista mais respeito, até pelo trabalho sério. [...] a própria cultura alemã também vai crescendo um pouco mais, vai sendo divulgada, acho que o Grupo tem um papel importante nisso, porque até onde eu sei, foi o primeiro canal de divulgação da cultura alemã em São Lourenço do Sul. [...] O Grupo teve e tem um papel muito importante [...]. O Grupo já fez vários trabalhos em escolas, de divulgar aspectos históricos, de ensinar as crianças uma dança, uma coisa mais de brincadeira, mas para eles entenderem que São Lourenço do Sul é um município que foi fundado

<sup>259</sup> Vanessa Wiegand Iockock. Ibid.

<sup>260</sup> Marilise Bierhals. Ibid.

por alemães. É uma coisa que as escolas não trabalham aqui em São Lourenço do Sul<sup>261</sup>.

No relato acima, podemos verificar o valor e o respeito que o *Sonnenschein* tem junto à comunidade lourenciana e para o entrevistado parece que ele é a “maior expressão da cultura alemã” em São Lourenço do Sul, ou seja, o *Sonnenschein* é a “cultura alemã”. O depoente acima chama ainda a atenção para o trabalho do *Sonnenschein* acerca de aspectos históricos da imigração e colonização “alemã” para São Lourenço do Sul em escolas. No que diz respeito ao trabalho sobre a imigração e colonização “alemã” para São Lourenço do Sul nas escolas, vejamos o depoimento da professora de história Loni Tessmer Hax:

Este ano eu já fiz várias falas em várias escolas. Esses dias eu estive em uma escola aqui na sede, na Padre José Herbst. E fui falar para alunos maiores, de sétima e oitava séries e eles em uma atenção incrível, querendo aprender sobre essa cultura alemã, como é que esse alemão veio pra cá. Esse jovem de hoje questiona muito porque o alemão veio pra cá, se hoje em dia a Alemanha é uma das maiores potências do mundo. [...] Então temos que passar isso pra eles. Acho que isso é muito importante. [...] eu pretendo continuar trabalhando em cima disso aí nas escolas<sup>262</sup>.

Com referência à identidade dos participantes do *Sonnenschein* e de todo o grupo étnico teuto-brasileiro de São Lourenço do Sul, isto é, todos se reconhecem como “alemães” e/ou “pomeranos”, vejamos o seguinte relato:

Pra mim não estava claro [...] eu acho que isso não está claro para o Grupo e muito menos pra toda a cidade. Pra mim eles acham que é a mesma coisa. Alemão e pomerano não tem muita diferença. Só agora que se está falando mais dessa questão de que é diferente o pomerano do alemão. Eu creio que é bem recente<sup>263</sup>. [...] Mas eu não percebia muito essa diferença, agora que eu

<sup>261</sup> Cristian Iepsen. Ibid.

<sup>262</sup> Loni Tessmer Hax. Ibid.

<sup>263</sup> O *revival* da etnia “pomerana” em São Lourenço do Sul será discutido mais adiante nesta seção..

comecei a notar essas diferenças de pomerano para o alemão. Mas até então pra mim era a mesma coisa, eu creio que pra eles e pra grande maioria que não conhece bem a história não tem diferenças<sup>264</sup>.

No depoimento acima, a entrevistada chama a atenção para o fato de que a idéia de diferenciar o “ser alemão” do “ser pomerano” é recente, mas mesmo assim, ela ressalta que essa idéia ainda não está muito clara para muitas pessoas. Esse fato, na verdade, já foi observado e comprovado nas seções dois e três deste capítulo, ou seja, alguns depoentes, ora se reconhecem como “alemães”, ora como “pomeranos”, parecendo que tudo é a mesma coisa.

No que diz respeito ao papel do *Sonnenschein* no processo de construção de identidade étnica, podemos verificar que ao longo do tempo ele se distanciou do objetivo inicial, ou seja, segundo alguns depoentes, o *Sonnenschein* não está mais tão engajado com o trabalho de valorização, preservação e promoção de aspectos da cultura “alemã” e/ou “pomerana”. Segundo uma depoente, ex-integrante do *Sonnenschein*, “[...] o Grupo de Dança está se perdendo na parte cultural. [...] Eu acho que o Grupo teve um papel fundamental nessa parte de trazer essa cultura de novo, mas se perdeu no caminho<sup>265</sup>.” A história do *Sonnenschein* é marcada então por dois períodos distintos, mais precisamente, por duas gerações diferentes, como podemos ver no depoimento de um ex-integrante do *Sonnenschein*: “[...] são épocas diferentes [...]. A gente fez até a pouco tempo atrás um encontro de ex-integrantes do Grupo de Dança. [...] mas é diferente do Grupo hoje em dia, com certeza<sup>266</sup>.”

Para que a afirmação sobre o desvirtuamento do objetivo inicial do *Sonnenschein* fique mais clara, vejamos o relato de uma ex-integrante dele abaixo:

O Grupo, no nosso período, quando nós criamos a Festa o objetivo era manter a cultura alemã e a tradição dos nossos antepassados. Nós não tínhamos o objetivo financeiro. Nós tínhamos o objetivo de arrecadar o dinheiro pra pagar os custos que aquela Festa, aquele evento nosso trazia. Mas sem lucros. Nós não tínhamos o

<sup>264</sup> Vanessa Wiegand Iockock. Ibid.

<sup>265</sup> Mônica Wetzl. Ibid.

<sup>266</sup> Carlos José Tessmer Elias. Ibid.

objetivo de viajar muito, ir pra outras festas, Blumenau, Santa Cruz [...] [e] na época, quando nós estávamos no Grupo de Dança, nós tínhamos uma preocupação tão grande com a história, a cultura, a tradição, que nós fomos pra o interior criar grupos de danças. [...] Nós juntávamos os jovens para eles valorizarem a tradição e a cultura deles como a gente valorizava. Chegava a Festa e nós os convidávamos para se apresentarem. Então não é esse o objetivo de nós estarmos no Grupo de Dança. Hoje, tem um Grupo de Dança [...] que é ensaiado por uma ex-integrante do nosso Grupo na escola Francisco Fömming na localidade da Harmonia. Esse Grupo de fora realmente tem o objetivo que era o nosso objetivo, isto é visível. Porque eles dançam, eles não têm a oportunidade de viajar. Eles se apresentam no interior, nas festas da igreja, festas da comunidade. Eu acho que eles conservam e valorizam realmente o passado. Eu acho bem diferente do Grupo daqui, hoje na cidade<sup>267</sup>.

Nos relatos acima, podemos verificar que os ex-integrantes do *Sonnenschein*, ou seja, aqueles que o integraram desde a sua formação tinham uma preocupação com a valorização, preservação e divulgação da “história, cultura e tradição alemã”. A depoente acima chama ainda a atenção para a *Südoctoberfest* como um evento sem fins lucrativos e ressalta que o *Sonnenschein* fundou outros grupos de danças folclóricas na zona rural com o mesmo objetivo. Desses grupos de danças folclóricas fundados pelo *Sonnenschein* restou apenas um nos dias de hoje. Para comprovar esse fato, vejamos mais um relato:

Infelizmente, esses outros grupos que tinha, que o município tinha outros grupos de dança no interior, eles acabaram. Até por falta de incentivo, como era o *Sonnenschein* que segurava esses grupos, ensaiava, o *Sonnenschein* foi se modificando, os integrantes foram saindo [...]. Hoje em dia, tem um grupo numa escola municipal, que até a moça que ensaia era do Grupo de Dança *Sonnenschein* [...] <sup>268</sup>.

<sup>267</sup> Roselene Radmann. Ibid.

<sup>268</sup> Mônica Wetzel. Ibid.

No que se refere ao objetivo atual do *Sonnenschein* uma ex-integrante dele nos conta o seguinte:

Hoje, o objetivo que a gente percebe, que virou uma preocupação para os ex-integrantes é o objetivo financeiro. Não interessa, se o traje é correto, se a comida é aquela, os objetivos são outros. Arrecadar dinheiro pra viajar, pra se divertir. Esse objetivo nós não tínhamos, nós queríamos mostrar [a cultura alemã] tal qual era. [...] Hoje, o objetivo deles, eu acho, de estarem no Grupo de Dança, é a oportunidade de viajar, conhecer novos lugares e de manter amizades<sup>269</sup>.

No relato acima, podemos verificar que os atuais integrantes do *Sonnenschein* não estariam valorizando e preservando elementos culturais “alemães” e/ou “pomeranos”, por exemplo, o traje e a comida “típicos”, mas preocupando-se mais com viagens, ou seja, em poder conhecer outros lugares através de suas apresentações, assim como também em poder preservar o seu círculo de amigos. A idéia principal acima, ou seja, de que a valorização, a preservação da cultura “alemã” e/ou “pomerana” não seria mais a prioridade dos atuais componentes do *Sonnenschein* é reforçada por uma ex-integrante dele. Para ela o *Sonnenschein* prioriza hoje, portanto, a organização da *Süddoktoberfest*, isto é, dedica-se mais tempo a questões sobre a organização da Festa do que culturais, ou até mesmo à dança. Precisamos salientar aqui que essa entrevistada integrou a segunda fase do *Sonnenschein*, isto é, ela o deixou recentemente, portanto, não pertence à geração dos ex-integrantes mencionada acima.

[...] Aprendi não muita coisa da cultura alemã, aprendi mais as danças mesmo. [...] Aprendi mais como organizar a Festa [...] mas a questão cultural mesmo, eu sinceramente não aprendi muito [...]. Aí depois que eu saí do Grupo [...]. E aí comecei a prestar atenção e tu vêes que o Grupo é muito fechado [...]. E aí acaba que ele não é só em função da cultura [...] como é que eu vou te dizer [...] um querendo aparecer mais que o outro, querendo poder, querendo ser presidente [...].

<sup>269</sup> Roselene Radmann. Ibid.

Ficava muito em função da Festa, essas coisas práticas, quem vai ser da comissão e a própria cultura ficava em segundo plano. Às vezes era mais importante fazer as reuniões pra organizar a festa que os ensaios, se não dá pra ensaiar, pra dança ficar boa, não era o mais importante<sup>270</sup>.

Para reforçar a idéia acima, ou seja, de um desvirtuamento do objetivo do *Sonnenschein*, nos dias de hoje, em detrimento da cultura “alemã”, vejamos o depoimento de Loni Tessmer Hax:

Já houve um crescimento da valorização e preocupação com a cultura alemã, mas agora está diminuindo. Eu acho que tem alguns elementos do Grupo de Danças que participam da dança para fazer shows, viajar, passear e não para tentar recuperar a sua própria identidade. [...] agora de uns dois, três, quatro anos pra cá está se perdendo um pouco disso aí<sup>271</sup>.

O fato de que o objetivo do *Sonnenschein* está hoje vinculado a viagens, isto é, a apresentações em outros locais e à preservação do círculo de amigos, podemos verificar no depoimento de uma entrevistada que ainda participa dele. A depoente confirma em sua fala os objetivos atuais acima mencionados pelos ex-integrantes do *Sonnenschein*, mas também destaca o gosto, o prazer de dançar e o Grupo de Dança como vínculos à sua origem étnica, portanto, para ela o *Sonnenschein* é um marcador de sua identidade étnica, logo, ela não está se distanciando do objetivo inicial dele.

Eu passei por todas as categorias [...] e sempre foi muito bom, viagens, apresentações em outros lugares, gente nova que entra, uns entram e outros saem [...] [e] se eu não tivesse no Grupo de Danças, eu não sei se teria amigos como tenho hoje. [...] O Grupo de Dança traz muito isso. [...] eu gosto de dançar, eu gosto de me apresentar [...] então eu acho que ainda estou no Grupo de Dança por causa disso. Porque meus amigos eu sei que eu não vou perder. Então eu estou no Grupo de Dança, porque realmente eu gosto do Grupo de

<sup>270</sup> Vanessa Wiegand Iockcock. Ibid.

<sup>271</sup> Loni Tessmer Hax. Ibid.



Dança que me liga à minha origem [...]. Aí eu me sinto muito ligada ainda ao Grupo de Dança por causa disso. Não simplesmente pelos amigos que tenho<sup>272</sup>.

A entrevistada acima, no decorrer de seu relato, porém, chama a atenção para o desinteresse e a desmotivação dos integrantes do *Sonnenschein* nos, dias de hoje, em relação à valorização e a manutenção de aspectos da cultura “alemã” e salienta que hoje as pessoas estão no *Sonnenschein* porque gostam de dançar simplesmente. Ela ressalta ainda a preocupação com traços da cultura “alemã” que ele tinha no início, por exemplo, através de aulas e do canto em língua alemã. Quando questionada sobre o motivo do desinteresse e da desmotivação do *Sonnenschein* por aspectos da cultura “alemã”, ela nos diz que todo mundo estuda, trabalha e tem muitos compromissos, como vemos a seguir:

Hoje em dia, eles não estão mais tão interessados. Eles gostam do Grupo de Dança, porque eles gostam de dançar. Antigamente, quando eu era menor e estava no Grupo, a gente tinha aula de alemão, a gente aprendia as músicas, cantar músicas em alemão, a gente tinha outras atividades. Mas hoje em dia não tem mais, porque as pessoas não vão. [...] hoje em dia, o Grupo de Dança é assim, se a gente vai ter uma apresentação, se a gente precisa estudar alguma coisa para aquela apresentação, todo mundo vai ficar sabendo. Agora, se a gente não precisar, eles não vão se preocupar em procurar alguma coisa. Então é nesse sentido que o Grupo de Dança está meio desmotivado. [...] assim no dia a dia estar buscando, deles estarem aprendendo alguma coisa não acontece mais tanto como acontecia em outros anos. [...] Um pouco do desinteresse do pessoal, eu acho que não é pelo Grupo, mas sim porque eles têm muitas coisas fora do Grupo com que eles se preocupam, que eles têm pra fazer<sup>273</sup>.

Com referência ao motivo do desinteresse e da desmotivação do *Sonnenschein* hoje, não obtemos, portanto, comprovações efetivas nesta

<sup>272</sup> Marilise Bierhals. Ibid.

<sup>273</sup> Marilise Bierhals. Ibid.

pesquisa. A mesma entrevistada ainda, no entanto, nos conta que mesmo assim o *Sonnenschein* não está desvinculado do seu objetivo inicial, ou seja, da valorização, preservação e divulgação de traços da cultura “alemã”, pois de uma maneira ou de outra, todos os integrantes do *Sonnenschein* acabam aprendendo e conhecendo alguma coisa sobre a cultura “alemã” e/ou “pomerana”, por exemplo, através da encenação da chegada dos imigrantes “alemães”, da encenação do “casamento pomerano”, como podemos ver no seu relato:

[...] A gente fica conhecendo muitas coisas, a gente faz a encenação da chegada dos imigrantes em São Lourenço e pra tu fazer essa chegada dos imigrantes, alguma coisa tu tinhas que saber. Então querendo ou não aquelas pessoas por menos interessadas que sejam [...] alguma coisa elas aprenderam da cultura alemã. A gente fez a encenação do casamento pomerano. [...] Então querendo ou não, o Grupo de Dança também faz com que as pessoas, que não têm conhecimento do que é a cultura alemã, consigam saber um pouco de como era antigamente, através dessas encenações a gente consegue retratar um pouco de como era antigamente. [...] As danças, a gente faz um estudo aprofundado pra saber alguma dança, pra fazer uma encenação. [...] Então tem um lado bom nisso<sup>274</sup>.

Outro entrevistado, que também ainda participa do *Sonnenschein*, sublinha que a relação dos seus integrantes nos dias atuais está vinculada, preponderantemente, ao lazer, mas também a amizades, à Festa, a viagens, à dança e à cultura “alemã”. Ele salienta também que o integrante do *Sonnenschein* possa ser motivado também pelo convívio social e pelo “exercício físico”. Nesse caso, o depoente chama a atenção para pessoas que entram para o *Sonnenschein* quando crianças. Vejamos o seu depoimento a seguir:

Quando tu és criança e os teus pais te levam pra lá, eles te levam mais, eu acho, pra tu não ficar só no convívio escolar, mais pra tu conviver com outras pessoas também. Acho que por uma forma mais de lazer, até alguma coisa de exercício físico

<sup>274</sup> Marilise Bierhals. Ibid.

que o Grupo até tem. Mas eu acho que é mais voltado à função do lazer. Eu acho que até quando tu entras adolescente, também, eu acho que volta mais pro lado do lazer, raramente, entra alguém que não tem convívio com alguém do Grupo, geralmente, é porque o primo está, o irmão está, o amigo da escola está. E entra, porque sabe que tem as festas, que tem as viagens, basicamente, o pessoal entra por isso. Alguns entram porque acham legal a dança, porque acham legal preservar a cultura, mas é mais, o pessoal entrar no Grupo por lazer<sup>275</sup>.

O entrevistado acima ressalta ainda o fato de que o *Sonnenschein* é a “principal fonte de preservação da cultura alemã” em São Lourenço do Sul, particularmente, através da dança folclórica, o que podemos comprovar através de seu depoimento:

Eu vejo que o Grupo é a maneira mais forte de preservação da cultura, claro que através da dança. O trabalho mais forte do Grupo é a dança. [...] uma entidade que busca continuar preservando, que luta pra continuar preservando a parte até histórica de imigração, eu acho que o Grupo é o único, talvez o poder público municipal também agora eu acho que está começando a trabalhar um pouco mais forte nisso<sup>276</sup>. [...] Mas eu acho que de ter uma entidade específica pra fazer isso é só o Grupo que tem na cidade<sup>277</sup>.

Do mesmo modo como Marilise Bierhals, o depoente acima também não desvincula o *Sonnenschein* do seu objetivo inicial nos dias atuais, isto é, de valorizar, manter e divulgar aspectos da cultura “alemã” e/ou “pomerana”, pois para ele também, de um modo ou de outro, os participantes do *Sonnenschein* aprendem e conhecem, além da dança folclórica, outras coisas sobre a cultura “alemã” e/ou “pomerana”, por exemplo, aspectos históricos da imigração e da colonização “alemã” e/ou “pomerana” de São Lourenço do Sul, como podemos observar no seu depoimento abaixo:

<sup>275</sup> Cristian Iepsen. Ibid.

<sup>276</sup> O papel do governo municipal de São Lourenço do Sul será discutido mais adiante nesta seção.

<sup>277</sup> Cristian Iepsen. Ibid.

Mas eu acho que em função do Grupo, quando tu estás no Grupo tu acabas descobrindo outras coisas, dedicando-te a cultura alemã, fugindo da dança. [...] teve um ano que nós resolvemos fazer uma apresentação da categoria adulta na Südoktoberfest, um casamento pomerano. Então a gente buscou o que é um casamento pomerano. [...] Então começa a descobrir várias outras coisas, fazendo pesquisa pra dança descobre várias outras coisas da cultura que tu não sabias. [...] quando em 2004 o Rio Grande do Sul inteiro comemorou os cento e oitenta anos da imigração no Brasil, a gente pesquisou também muito a imigração em São Lourenço, nós fizemos exposições em alguns lugares da cidade. Então a gente descobre aspectos mais históricos, datas, personagens que até então, se tu não tivesses necessidade, tu não buscarias. Mas quando tu tens a necessidade, tu começa a procurar e descobre. A dança é um trabalho forte do Grupo, mas ela mascara também outras coisas do Grupo<sup>278</sup>.

Nesse contexto, uma ex-integrante do *Sonnenschein* sublinha novamente o papel que professora de português Soleni Peres Heiden representou para o *Sonnenschein*. Vejamos o que ela nos conta:

[...] tenho certeza que falta uma Soleni no Grupo. [...] No nosso período de Grupo de Danças nós tínhamos sempre alguém nos orientando, nos mostrando o caminho pra não errar. Hoje [...] não tem nenhum braço forte dentro do Grupo que diga façam isso, façam assim. Depois, quando ela saiu, nós continuamos, nós já tínhamos aprendido tudo com ela. Ela tinha nos moldado e nos mostrado como deveríamos seguir, como proceder pra não meter os pés pelas mãos. E isso que falta hoje dentro do Grupo. [...] tinha alguém que nós tínhamos que respeitar. E isso hoje não tem mais<sup>279</sup>.

<sup>278</sup> Cristian Iepsen. Ibid.

<sup>279</sup> Roselene Radmann. Ibid.

O fato acima é confirmado e reforçado por uma depoente que ainda participa do *Sonnenschein*, como podemos ver no relato abaixo:

Quando eu entrei no Grupo de Dança [...] a Soleni era a professora, sempre muito rígida [...] esse que errava tinha que dançar tudo de novo. Então ali começou uma certa disciplina, de uma brincadeira, que eu achava que era, acabou se transformando numa coisa séria. [...] Então nesse período fui aprendendo muita coisa. [...] Eu acho que essas pessoas que estão hoje no Grupo de Dança, se a maioria tivesse começado que nem eu desde o início, que a coisa era mais rígida, eu acho que isso continuaria assim. Antigamente, quem ensaiava eram pessoas adultas, pessoas de pulso firme [...]. Hoje, eu sou a mais velha do Grupo. Tanto de idade quanto de tempo de Grupo [...]. Quem ensaia, por exemplo, os pequenos de seis a dez anos são as gurias de dezesseis a dezoito anos. Daí eles não têm por elas o respeito que a gente tinha anos atrás como eu tinha pela Soleni<sup>280</sup>.

Quando perguntamos a duas ex-integrantes do *Sonnenschein* se o fato dele estar, nos dias de hoje, desinteressado e desmotivado em cumprir o seu objetivo fundamental, isto é, em valorizar, preservar e promover traços da cultura “alemã” e/ou “pomerana”, poderá estar atingindo todo o grupo étnico teuto-brasileiro em São Lourenço do Sul, ou seja, se ele estaria perdendo novamente seu orgulho étnico, elas nos responderam o seguinte: “[...] Aquilo que nós conseguimos construir naquele período, eu acredito que isso vai se manter. [...] o trabalho que foi feito, foi muito bem feito naquele período e isso não se apaga<sup>281</sup>.”

Não, eu acho que não vão perder, porque isso é uma coisa que eles redescobriram dentro deles. [...] Porque o pomerano aprendeu a se valorizar de novo. [...] A ter orgulho de sua raça, sua descendência. Não esquecendo que é brasileiro [...]. Mas a gente tem certas coisas na vida [...] dos nossos antepassados<sup>282</sup>.

<sup>280</sup> Marilise Bierhals. Ibid.

<sup>281</sup> Roselene Radmann. Ibid.

<sup>282</sup> Mônica Wetzel. Ibid.

A partir de 1988, o *Sonnenschein*, com o apoio da prefeitura municipal, promove e organiza a *Südktoberfest*, na qual além da dança folclórica, da música e de trajes “típicos”, a cultura “alemã” e/ou “pomerana” é valorizada, mantida e divulgada também através do canto, da gastronomia, de jogos germânicos, assim com do desfile de rua. A *Südktoberfest* torna-se então o “evento de maior expressão cultural de São Lourenço do Sul”, isto é, um marco na vida cultural desse município.

As atividades e atrações da *Südktoberfest* apresentadas aos visitantes são pesquisadas pelo *Sonnenschein* em fontes escritas e orais e procuram mostrar a cultura “alemã” e/ou “pomerana”, mais precisamente, a tradição, os usos e costumes dos imigrantes “alemães” e/ou “pomeranos”, o mais fiel possível. A *Südktoberfest* oferece ao público visitante, além de danças folclóricas, músicas e trajes típicos de algumas regiões da Alemanha, também pratos típicos, como por exemplo, o *Riewelsback* (bolinho frito de batata ralada) e o peito de ganso defumado e jogos germânicos, como por exemplo, tiro ao alvo e o torneio de *Schaffskopf* (tipo de jogo de cartas). No desfile de rua, podemos ver através do desfile temático os usos e costumes da zona rural do município. Desse modo recria-se e se afirma aspectos da cultura “alemã” e/ou “pomerana” trazidos pelos imigrantes “alemães” e/ou “pomeranos”.

No depoimento abaixo, Arthur Martinez Moaraes Netto sublinha três elementos da cultura “alemã” e/ou “pomerana”, a saber: o *Schaffskopf*, a música de bandinha e a dança em pares e quando questionado sobre o fato de a Festa apresentar elementos da cultura “alemã” em geral ou priorizar elementos “pomeranos”, ele nos conta o seguinte:

Ela [a Festa] traz [elementos] de outras etnias germânicas também. Tem [...] os jogos germânicos e dentro dos jogos germânicos tem o *Schaffskopf*, que é um jogo jogado muito no interior. Esse jogo é jogado nas casas nos fins de semana [...] e toda a festa do interior tem o torneio de *Schaffskopf*. [...] é mais um elemento que eles [os organizadores da Festa] não se apropriaram, mas se aproveitaram e começaram, a gente pode fazer um jogo, um torneio também. [...] jogavam só em casa, agora não, eles fazem na comunidade pra toda a comunidade. [...] as bandas quando são contratadas, elas são requisitadas para que no

mínimo oitenta por cento das músicas sejam alemães e que sejam de bandinhas para o pessoal poder dançar. [...] Não ficar só numa festa como se fosse um baile de carnaval. [...] Os pares dançam e fazem voltas no salão para poderem aproveitar realmente a Festa. O pessoal gosta e curte bastante. Tanto no jantar quanto no sábado à tarde, no sábado à noite e no domingo também, então isso é uma coisa que se preserva até hoje também<sup>283</sup>.

No que diz respeito ao *Schaffskopf*, ou seja, a prática desse jogo de cartas pelos descendentes de “alemães” e/ou “pomeranos” na zona rural, Hélio Falck nos relata o seguinte:

Para você ter uma idéia, todos os sábados e domingos têm isso no interior em praticamente todos os comércios, onde tem uma mesa ou duas mesas eles estão jogando cartas. Esse sistema de cabeça de carneiro, *Schaffskopf* como se diz, isso continua e tem gente com dez anos jogando isso hoje. [...] eles ensinam cedo para que depois que os velhos não estão mais, eles sabem que isso existia e existe<sup>284</sup>.

Na seqüência da entrevista, Hélio Falck chama a atenção para outros tipos de jogos que ainda são mantidos no interior e que acontecem “geralmente no comércio e se vão a um lugar de passeio ou em algum evento, tendo as mesas aí disponíveis já estão jogando [...] porque é divertido aquele *Schaffskopf*”<sup>285</sup>.

De acordo com Loni Tessmer Hax, a *Süddoktoberfest*, atualmente, apresenta mais elementos da cultura “pomerana” e quando questionada sobre a autenticidade e credibilidade desses elementos e se eles realmente são vivenciados pela comunidade “pomerana” de São Lourenço do Sul, ela nos relata “que tem muitos elementos que não são realmente vividos no dia-a-dia por eles”, isto é, que se perderam ao longo dos anos no interior, como por exemplo, as bandinhas, principalmente, entre os jovens. No que diz respeito às bandinhas, ela nos conta o seguinte:

<sup>283</sup> Arthur Martínez Moraes Netto. Ibid.

<sup>284</sup> Hélio Falck. Ibid.

<sup>285</sup> Hélio Falck. Ibid.

Eu acho que tem uma bandinha típica só no nosso interior. Tanto que anos atrás a gente fazia festas praticamente só com bandinhas de São Lourenço. Trazia as bandinhas do interior. Hoje em dia, já não tem mais, porque não existe mais a procura, não tem interesse da juventude por isso. Isso está se perdendo<sup>286</sup>.

Segundo Pedro Henrique de Gusmão Caldas, a criação da *Südoctoberfest* nasceu de um equívoco, pois remete a elementos da cultura “germânica” e não a elementos da cultura “pomerana”, já que a grande maioria dos colonizadores de São Lourenço são “pomeranos”, como vemos no relato a seguir:

[...] a Südoctoberfest, ela nasce como já falei de um grande equívoco, de interpretação de alguém que achou que a cultura germânica de São Leopoldo, de Novo Hamburgo e do Vale dos Sinos, em geral, teria algo a ver com a cultura de São Lourenço. Foi criada essa festa, toda a parte visual dela é relativo à cultura germânica, as roupas são relativas às roupas da Baviera, da Renânia, que são regiões ao sul da Alemanha e que o próprio caráter do morador de lá é completamente diverso do nosso morador aqui do interior [...] o perfil do morador da Baviera, da Renânia, um perfil alegre, bonachão, de alguém que vive numa região agradável, que tem sol [...] que não tinha as tremendas dificuldades dos moradores da região setentrional da Alemanha, como era o caso da Pomerânia, uma região fria, quase sem sol [...] e isso incide no perfil psicológico do morador. Ele é mais recatado, ele não é bonachão, as próprias roupas folclóricas são mais sóbrias, não tem coloridos como as do sul<sup>287</sup>.

No texto acima, o depoente chama a atenção para alguns elementos subjetivos que diferenciam bávaros e renanos de pomeranos, como por exemplo, “o jeito alegre e extrovertido de reservado”. Para o depoente parece que cultura germânica e alemã é a mesma coisa e que os bávaros e renanos pertenceriam aos alemães, isto é, seriam “alemães-

<sup>286</sup> Loni Tessmer Hax. Ibid.

<sup>287</sup> Pedro Henrique de Gusmão Caldas. Ibid.



bávaros” e “alemães-renanos”, enquanto que os pomeranos, de acordo com o entrevistado, embora habitantes “[...] da região setentrional da Alemanha [...]” não pertencem ao grupo étnico alemão, mas não deixa claro a que grupo étnico eles pertencem ou se são um grupo próprio. A idéia acima comprova nossas percepções acerca da confusão dos termos “alemão” e “pomerano”, ou seja, a confusão na precisão de “ser alemão” e “ser pomerano” encontra-se também na mente de “especialistas” em temas referentes à imigração para São Lourenço do Sul.

No que diz respeito ao papel da *Südktoberfest* no processo de construção da identidade étnica, podemos observar que também ela, assim como o *Sonnenschein*, está se desviando do objetivo inicial da Festa, ou seja, da valorização, preservação e promoção de aspectos da cultura “alemã” e/ou “pomerana”, como podemos comprovar através do depoimento de uma ex-integrante do *Sonnenschein*:

[...] a Südktoberfest não está seguindo essa coisa cultural mais. Ela está mais comercial do que cultural. Tem grupo de pagode, têm vários outros grupos que não tem nada a ver. Eu acho que foge do objetivo e se tu fores à Festa hoje, tu vais ver que o número de pessoas é reduzidíssimo. [...] As pessoas dizem pra nós que éramos os integrantes da época, que não tem mais graça a gente ir à Festa, porque a gente não sente aquela emoção de ver o Grupo dançando, a gente dançava com a alma. [Hoje], no momento que eles terminam de dançar vão logo tirar o traje, porque eles têm vergonha de andar com aquele traje. [...] E a gente sempre usou durante a Festa, começávamos na sexta-feira com um traje, no sábado colocávamos outro, domingo outro, a gente passava o dia inteiro de traje. A gente gostava de dançar, o Grupo de Dança foi fundado pra dança. A Festa foi uma consequência, pra gente fazer uma coisa maior, nós tínhamos que fazer uma festa, porque a gente conseguia atingir todo mundo. E realmente a gente atingia, porque tinha fila pra entrar na Festa. Às vezes a gente nem conseguia atender tanta gente<sup>288</sup>.

<sup>288</sup> Mônica Wetzel. Ibid.

No depoimento acima, podemos verificar que a entrevistada chama a atenção para a mercantilização da cultura. Nesse sentido, segundo a depoente, atividades, ou seja, aspectos culturais que não se relacionam à cultura “alemã” e/ou “pomerana” estão na programação da Festa, por exemplo, o ritmo musical Pagode. Ela ainda ressalta aspectos subjetivos quando diz: “a gente dançava com a alma e a gente passava o dia inteiro de traje”. Disso podemos depreender que os ex-integrantes do *Sonnenschein* orgulhavam-se de sua origem étnica e tinham o cuidado e a preocupação de valorizar, preservar e promover traços da cultura “alemã” e/ou “pomerana”. Para eles a dança folclórica é um marcador de sua identidade étnica. Na afirmação “no momento que eles terminam de dançar vão logo tirar o traje, porque eles têm vergonha [...]”, evidenciamos que os integrantes do *Sonnenschein*, hoje, não têm afinidades e que conservam certo preconceito com a/em relação à cultura “alemã” e/ou “pomerana”.

Para reforçar a idéia de que a *Südoktoberfest* traz também elementos de outra cultura, ou seja, que não pertencem à cultura “alemã” e/ou “pomerana”, Arnildo Becker nos conta que: “[...] Ela não é dedicada somente à, por exemplo, uma festa alemã [...]. Às vezes trazem shows, por exemplo, até de rock. Então, no meu ponto de vista [...] já seria contra. [...] Vamos dizer assim, seria um gol contra<sup>289</sup>.”

No que diz respeito ao fato de que o ritmo musical Pagode faz parte das atividades da *Südoktoberfest*, podemos dizer que as culturas se transformam e se sincretizam, mais especificamente, se hibridizam, como podemos observar enfaticamente no depoimento abaixo:

Faz alguns anos que também foi criado a cuca com pagode, que acontece no sábado à noite, lá pelas quatro, cinco horas da manhã é servida uma cuca, as meninas vêm com as bandejas com cucas em fatias e vão servindo para as pessoas. E as pessoas estão esperando por aquele momento. Estão tomando seu chope, estão fazendo festa, dançando, param para poder pegar um pedaço de cuca e quando vêm entra a banda de pagode e vai até de manhã. Então é uma aglutinação de pagode, que é uma coisa que não tem nada a ver com a cultura pomerana, mas tem a cuca que se agregou,

<sup>289</sup> Arnildo Becker. Ibid.

criou-se a cuca com pagode que faz sucesso até hoje<sup>290</sup>.

Quando questionamos um depoente sobre o público que freqüente a Festa, ele nos fala que não prepondera o grupo étnico “alemão” e/ou “pomerano”, ou seja, a Festa é freqüentada por todos os grupos étnicos que existem em São Lourenço do Sul e que inclusive são convidados para a Festa grupos de dança folclórica de outras etnias, como podemos ver a seguir:

É bem diversificado, inclusive grupos de dança de outras etnias já se apresentaram, dança folclórica gaúcha, portuguesa, então [...] nem o Grupo é fechado [o *Sonnenschein*] e nem a Festa é fechada também. Ela é aberta para outras apresentações e para outros grupos<sup>291</sup>.

Em contrapartida, a comunidade “alemã” e/ou “pomerana” do interior de São Lourenço do Sul parece que não participa muito da Festa, pois conforme Loni Tessmer Hax esse fato pode ser atribuído talvez a falta de oportunidade, a pouca divulgação do evento e ainda à administração pública, como podemos ver a seguir:

Eu acho que um pouco da própria administração municipal, que naquele fim de semana que tivesse essa Festa não tivesse outro evento no interior. [...] Um ano se conseguiu isso aí, que não tivesse outro evento no interior, nada de festas, inclusive, não teve nem jogo de futebol. [...] Agora, estou sentindo, por exemplo, o pessoal do interior de Pelotas, de Arroio do Padre, de Turuçu, as pessoas estão ligando e estão pedindo informações, como que é, querem vir e ver como é esta Festa [...]<sup>292</sup>.

Ao interrogarmos uma ex-integrante do *Sonnenschein* sobre o período que os objetivos da *Südoctoberfest* começam a ser desvirtuados, ela nos relata que esse fato foi observado por volta do ano 2000, como podemos ver a seguir:

<sup>290</sup> Arthur Martinez Moraes Netto. Ibid.

<sup>291</sup> Arthur Martinez Moraes Netto. Ibid.

<sup>292</sup> Loni Tessmer Hax. Ibid.

Quando nós sentimos, foi acho que há uns sete ou oito anos atrás, na abertura da *Südktoberfest*. Nós sentimos que estavam desvirtuando o objetivo da Festa. Reunimos todos os integrantes [...]. Começamos a ensaiar uma música pra homenagear o atual Grupo de Dança, pra ver se eles se davam conta e valorizassem aquilo que a gente havia deixado. [...] pra esses quinze minutos de apresentação confeccionamos trajes pomeranos. Fizemos uma apresentação, dançamos uma dança. Ai era como injeção de ânimo neles. Só que foi um momento apenas<sup>293</sup>.

Segundo um entrevistado, que ainda participa do *Sonnenschein*, no entanto, “a *Südktoberfest* é uma festa que cada vez cresce mais e que sempre buscou e continua a preservar muito a cultura alemã, não é uma festa que está enfraquecendo [...] ela não está perdendo público<sup>294</sup>.”

Outro exemplo em que aparece a situação acima, podemos observar na entrevista de uma depoente que também ainda participa do *Sonnenschein*:

[...] a gente vive pra *Südktoberfest*. A *Südktoberfest* é o nosso alvo, mais claro que a gente dentro da Festa, a gente também tenta manter os costumes alemães. Primeiro o jantar de sexta. Os pratos sempre típicos. Os jogos germânicos também típicos. As apresentações, o desfile de rua, relembrando como é que era antigamente<sup>295</sup>.

Ainda que tenhamos opiniões contrárias a respeito do desvirtuamento do objetivo da *Südktoberfest* nos dias de hoje, parece que a Festa ainda preserva e divulga aspectos da cultura “alemã” e/ou “pomerana”, ou seja, ela ainda é um marcador de identidade étnica em São Lourenço do Sul. Para confirmar e reforçar essa idéia, vejamos o depoimento de uma entrevistada que nunca integrou o *Sonnenschein*: “Acho que em São Lourenço tem muito a tradição pomerana, tanto é que a festa, a *Südktoberfest*, a gente participa, sempre leva as filhas também pra dançar, pra desfilar, eles gostam [...]”<sup>296</sup>.

<sup>293</sup> Roselene Radmann. Ibid.

<sup>294</sup> Cristian Iepsen. Ibid.

<sup>295</sup> Marilise Bierhals. Ibid.

<sup>296</sup> Beatriz Hellwig Neunfeld. Ibid.

Analisamos então dois programas da *Südoctoberfest*, os programas da quarta (1991) e da vigésima primeira (2008) edições da Festa, correspondendo de acordo com nossas análises ao primeiro e ao segundo períodos do *Sonnenschein* e da *Südoctoberfest* respectivamente. Vejamos os prospectos abaixo que mostram a programação das duas edições da *Südoctoberfest*:

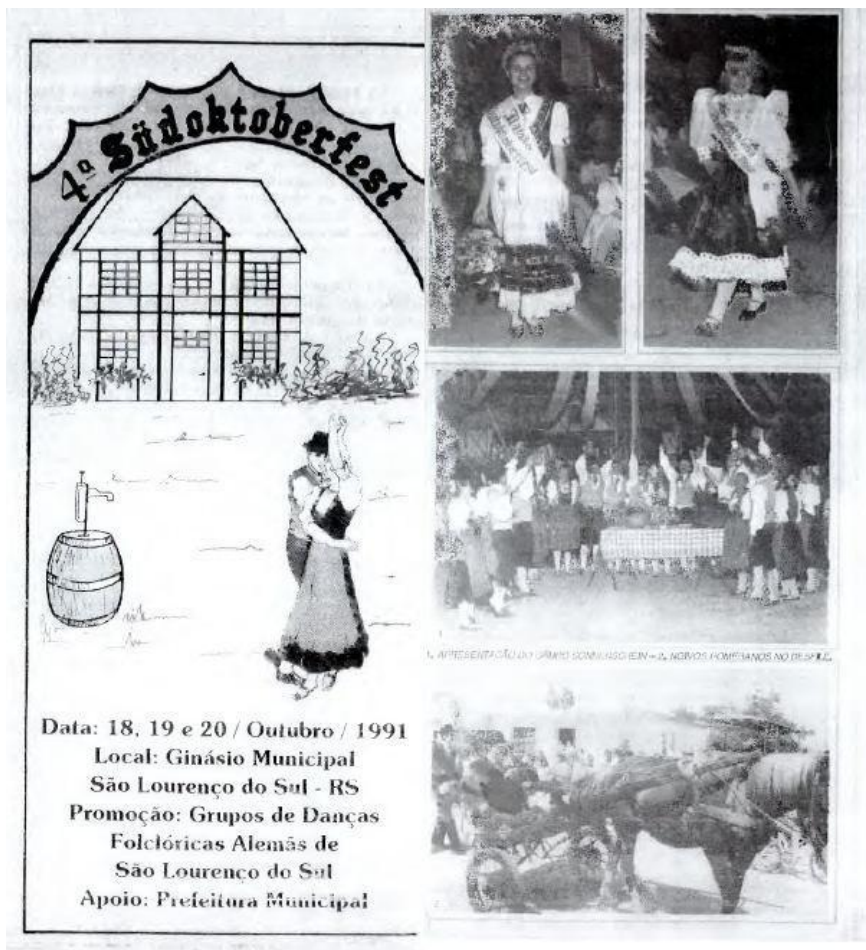


Figura 9: Programa da 4ª *Südoctoberfest* (1991) (p. 1)

4ª SÜDOKTOBERFEST	SÁBADO - 19 DE OUTUBRO	DOMINGO - 20 DE OUTUBRO
<p>"A FESTA ALEMÃ DO SUL", como é chamada, teve sua primeira edição em 1988 junto à Sociedade Recreativa Sete de Setembro. Foi idealizada e promovida pelo Grupo de Danças Folclóricas Alemãs SONNENSCHNEIN, sob a coordenação da professora Solangi Heiden.</p> <p>Entre os objetivos da Cultura e do Folclore Alemão, salientando as peculiaridades da Inauguração Pomranza, prevalecente em nossa região.</p> <p>Ao longo do tempo o "SONNENSCHNEIN" (brilho do Sol), foi se ampliando com a formação de outros grupos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Grupo de Danças Folclóricas Alemãs MLRIM "STERNELEIN" (estrelinha)</li> <li>- Grupo de Danças Folclóricas Alemãs INFANTIL "FROHSIN" (espírito alegre)</li> <li>- Grupo de Danças Folclóricas Alemãs JUVENIL "LICHTSCHEIN" (brilho da luz)</li> <li>- Grupo de Danças Folclóricas Alemãs CASADOS "WAHRE FREUNDSCHAFT" (amizade verdadeira)</li> </ul> <p>Hoje, como fruto do trabalho integrado entre os Grupos Folclóricos, Prefeitura Municipal, Comunidade Lourençiana, São Lourenço do Sul abre as portas para receber você, que com certeza, será o responsável pelo sucesso da 4ª SÜDOKTOBERFEST.</p> <p><b>SEXTA-FEIRA - 18 DE OUTUBRO</b></p> <p>20:30hs - Abertura oficial da IV SÜDOKTOBERFEST pelo Prefeito Municipal.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Jantar típico Alemão (banquete).</li> <li>- Desfile de cortejos e danças da V SÜDOKTOBERFEST.</li> <li>- Apresentação de abertura com os Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de São Lourenço do Sul.</li> <li>- Abertura do baile com a dança da Polonesa.</li> <li>- Baile com o conjunto "OS FUTURISTAS".</li> </ul>	<p>12:00hs - Almoço Típico.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Banda Típica Alemã.</li> </ul> <p>13:00hs - Jogos Germânicos.</p> <p>14:00hs - Apresentação do Grupo de Danças Folclóricas Mirim STERNELEIN.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desfile das candidatas a Miss-Rainha da V SÜDOKTOBERFEST.</li> </ul> <p>16:00hs - Início do Café Colonial.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Início do torneio de Schafskopfl.</li> </ul> <p>17:00hs - Baile com Banda Típica.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Infantil FROHSIN.</li> </ul> <p>22:00hs - Abertura dos bailes com show do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Juvenil LICHTSCHEIN.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Entrega dos troféus aos campeões do torneio de Schafskopfl.</li> <li>- Baile com a "BANDA CAÇULA".</li> <li>- Apresentação dos Grupos Folclóricos Alemães de MONTEVIDEO - URUGUAI.</li> <li>- Baile com o conjunto "OS FUTURISTAS".</li> </ul>	<p>9:00hs - Desfile de rua com saída do centro da cidade.</p> <p>11:00hs - Banda Típica Alemã (Parque da SÜDOKTOBERFEST).</p> <p>12:00hs - Almoço Típico.</p> <p>13:00hs - Jogos Germânicos.</p> <p>14:00hs - Show com o Grupo HEIDELBERG.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Mirim STERNELEIN.</li> <li>- Apresentação do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Infantil FROHSIN.</li> <li>- Show com o conjunto "OS FUTURISTAS".</li> <li>- Apresentação do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Juvenil LICHTSCHEIN.</li> <li>- Apresentação dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de MONTEVIDEO - URUGUAI.</li> <li>- Baile com Banda Típica.</li> <li>- Apresentação do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs de Casados WAHRE FREUNDSCHAFT.</li> <li>- Apresentação do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs de Casados de CAMPO BOM - RS.</li> <li>- Apresentação do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs SONNENSCHNEIN.</li> <li>- Coração da Rainha e Miss-Rainha da V SÜDOKTOBERFEST.</li> <li>- Baile com o conjunto "OS FUTURISTAS".</li> <li>- Baile com a "BANDA CAÇULA".</li> <li>- Encerramento da IV SÜDOKTOBERFEST.</li> </ul>

Figura 10: Programa da 4ª Südktoberfest (1991) (p. 2)

**21ª Südktoberfest**  
10, 11 e 12 de outubro de 2008  
São Lourenço do Sul - RS

Se você perder..  
... tá Fritz!!!

Parque do Ginásio Municipal

*150 anos da imigração  
alemã-pomerana em  
São Lourenço do Sul*

Figura 11: Programa da 21ª Südktoberfest (2008) (p. 1)

The image shows a program for the 21st Südktoberfest (2008) set against a map background. The program is divided into three main sections: **Sexta-Feira 10**, **Sábado 11**, and **Domingo 12**. Each section lists activities with their respective times. There are also sections for **Pavilhão B (Lona)** and **Atividades Permanentes**. The map background includes city names like Leeuwarden, Groningen, Bremen, Mainz, and Freiburg im Breisgau. There are also small illustrations of people in traditional costumes.

## 21ª Südktoberfest

### Sexta-Feira 10

- 20:30 - Abertura Oficial da 21ª SÜDKOTBERFEST com Jantar Típico Alemão
- Exposição de Fotos
- Concurso de Rievelsback (bolinho de batata)
- Homenagem ao Sesquicentário da Imigração Alemã-Pomerana e Apresentação do Musikverein Sponheim da Alemanha
- 22:30 - Desfile das candidatas a Rainha da 22ª SÜDKOTBERFEST
- 23:00 - Apresentação do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Sonnenschein
- 23:30 - Baile Típico com a Banda Mirante

### Sábado 11

- 15:00 - Abertura do Parque da SÜDKOTBERFEST
- Pavilhão A (Ginásio)
- 15:30 - Exposição de Fotos
- 16:00 - Baile da Saudade com a Banda Mirante
- 17:30 - Apresentação do Grupo de Danças da 3ª Idade lustiges Leben
- 20:00 - Baile com a Banda Callendula
- 22:00 - Baile com a Banda Eccos
- 23:45 - Apresentação do G.D.F.A. Sonnenschein Categoria Juvenil
- 24:00 - Baile com a Banda Callendula
- Concurso de Chopp a metro
- 02:00 - Baile com a Banda Eccos
- 04:00 - Cua com Bandinha com a Banda Mirante

### Domingo 12

- 10:00 - Desfile de Rua
- Pavilhão A (Ginásio)
- 12:00 - Almoço Típico Alemão
- 14:00 - Exposição de Fotos
- 14:30 - Baile com a Banda Mirante
- 17:00 - Apresentação do Musikverein Sponheim da Alemanha
- 18:00 - Coroação da Rainha e Mini Rainha da 22ª SÜDKOTBERFEST
- 18:30 - Baile com a Banda Callendula
- Concurso de Chopp a metro
- 21:30 - Baile de encerramento da 21ª SÜDKOTBERFEST com a Banda Eccos
- Pavilhão B (Lona)
- 14:30 - Apresentação de Corais
- 15:00 - Apresentação Infantil (na rua)
- 16:00 - Apresentações do G.D.F.A. Sonnenschein Categorias Mirim, Infantil, Juvenil e Adulto e de Grupos de Danças Convidadas.

### Pavilhão B (Lona)

- 15:30 - Apresentação Teatral da Escola Cruzeiro do Sul
- Recreação Infantil (na rua)
- 15:45 - Apresentação Teatral da Escola Franciso Frömming
- 16:00 - Apresentação do G.D.F.A. Sonnenschein Categorias Mirim e Infantil e de Grupos de Danças Convidados
- 17:30 - Desfile das Candidatas da Rainha da 22ª SÜDKOTBERFEST da 3ª Idade
- Desfile das Candidatas a Mini Rainha da 22ª SÜDKOTBERFEST
- 24:00 - Baile com a Banda Zelta

### Atividades Permanentes

- Café Colonial
- Exposição de Fotos
- Briquetes Infláveis
- Jogos Germânicos
- Tendas de Alimentação
- Tendas de Artesanato
- Tomate de Schaffscopf

Figura 12: Programa da 21ª Südktoberfest (2008) (p. 2)



De acordo com nossas observações, a programação das duas edições da *Südktoberfest* é praticamente a mesma. Ao verificarmos os programas, podemos ver que nas duas edições da Festa, as mudanças se referem à ordem e à troca de algumas atividades culturais por outras, por exemplo, “a dança da *Polonaise*” está no programa da quarta, mas não no da vigésima primeira edição, enquanto que “os concursos de chope a metro e de *Riewelsback*” não aparecem na quarta, mas no da vigésima primeira edição. Com referência às palavras “alemão” e “pomerano”, podemos verificar que, na quarta edição da Festa, é enfatizada a palavra “alemão”: “jantar típico alemão, banda típica alemã e grupo de dança folclórica alemã”, enquanto que a palavra “pomerano” aparece de uma forma discreta na legenda da foto dois do programa e informa-nos sobre “o casamento pomerano”. Na vigésima primeira edição da Festa, a palavra “pomerano”, mais precisamente, a forma hifenizada “alemã-pomerana”, aparece na capa do programa para informar-nos sobre os “Cento e Cinquenta Anos da Imigração Alemã-Pomerana” em São Lourenço do Sul. Precisamos ressaltar aqui que a forma hifenizada “alemã-pomerana” aparece pela primeira vez em janeiro desse ano (2008) por ocasião das comemorações do “Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana” nesse município.

Segundo nossas percepções, o fato de que as atividades da *Südktoberfest* permaneceram praticamente as mesmas ao longo do tempo evidencia que os objetivos iniciais não se distanciaram tanto dos atuais, conforme os depoimentos de alguns ex-integrantes do *Sonnenschein*.

Ao interrogarmos um depoente sobre o porquê do nome *Südktoberfest* e não, por exemplo, “Festa Pomerana”, já que a maioria dos descendentes de alemães em São Lourenço do Sul provém da Pomerânia, como já vimos anteriormente no capítulo três, ele nos diz o seguinte:

Quando o *Sonnenschein* começou a organizar a *Südktoberfest* foi quando eu entrei no Grupo. Eu era criança, não sei o porquê do nome. Mas eu acredito que é um pouco por isso que eu falei antes, do pessoal ter um certo preconceito com a cultura pomerana. Era mais fácil se dizer alemã, talvez mais forte se dizer alemã, talvez a Festa já teria outra imagem tendo um nome alemão, considerando-se uma festa só alemã [...]. Não sei, pode ser. Ou talvez por uma tradição das outras festas, de todas as cidades de cultura alemã terem

as suas Oktoberfeste e aí se colocou o süd na frente por ser do sul<sup>297</sup>.

No depoimento acima, podemos verificar claramente o emprego da palavra “alemão” em detrimento da palavra “pomerano”. O entrevistado chama a atenção para o preconceito contra a cultura “pomerana”. Para ele a idéia de uma “festa alemã” teria então uma imagem mais positiva com também o fato de outras cidades de colonização alemã já terem suas *Oktoberfeste*, o que, provavelmente, garantiria o público da Festa. O emprego do *Süüd* (sul) é empregado, conforme o depoente, para diferenciar das festas que acontecem no norte do estado. Para nós o nome *Oktoberfest* remete, num primeiro momento, ao estado alemão da Baviera, que realiza todos os anos uma festa com esse nome para manter suas tradições.

Quando questionado porque o nome *Süüdoktoberfest* não foi trocado quando se introduziu elementos “pomeranos” no *Sonnenschein*, Arthur Martinez Moraes Netto nos explica que uma troca de nome nesse momento seria difícil, pois a Festa já se tornou conhecida por todos com esse nome:

Para trocar o nome da Festa seria mais complicado, porque é uma coisa que já existe. A Festa já existe há vinte anos, este ano vai ser a vigésima primeira edição da Festa, é complicado tu fazeres a alteração do nome de uma festa que já tem um nome no circuito estadual, todo mundo, os grupos são convidados, então tu fazeres uma alteração de nome seria complicado<sup>298</sup>.

#### 4.4.2 O Caminho Pomerano e O Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana

A partir da décima oitava edição da *Süüdoktoberfest* (2002), segundo Arthur Martinez Moraes Netto, a idéia de “festa pomerana” começa a aparecer nos seus cartazes. Para reforçar a idéia exposta mais acima, vejamos o seguinte relato:

<sup>297</sup> Cristian Iepsen. Ibid.

<sup>298</sup> Arthur Martinez Moraes Netto. Ibid.

Hoje, a Festa já se diz uma festa pomerana [...] alemã-pomerana. Ela vem com o slogan [...] desde a décima oitava edição, a maior Festa pomerana da região, então já começou a se divulgar um pouco mais. [...] por exemplo, nos cartazes das Festas, cada edição tem seu cartaz, às vezes se faz o cartaz com o fundo da bandeira da Alemanha, às vezes com as cores da Pomerânia, porque ninguém tem certeza de uma existência da bandeira pomerana. Mas ela se diz uma festa alemã, uma festa pomerana, preserva as duas coisas, tentando até fazer com que as duas sejam uma só, eu diria que se busca unificar isso mais em São Lourenço, todo mundo, alemães e pomeranos e não ou alemão ou pomerano<sup>299</sup>.

No relato acima, podemos verificar, no entanto, que a idéia de uma “festa pomerana” aparece junto com a de uma “festa alemã”, isto é, o nome “pomerano” que aparece então por ocasião das comemorações da *Südktoberfest* não exclui o nome “alemão”. Na afirmação “[...] uma festa alemã, uma festa pomerana, preserva as duas coisas, tentando até fazer com que as duas sejam uma só, eu diria que se busca unificar isso mais em São Lourenço [...]”, percebemos que não se trata de identificar um ou outro grupo ou até um e outro, mas definir os dois como se fossem um grupo étnico só, isto é, “alemão-pomerano”. Nesse sentido, uma palavra qualifica a outra, ou seja, a palavra “pomerano” qualifica a palavra “alemã”, trata-se então de um “alemão” que é “pomerano”. Assim, não é uma “festa alemã” e “pomerana” ou ainda “alemã” ou “pomerana”, mas “alemã-pomerana”.

A idéia acima, observamos, portanto, que já tinha sido empregada alguns anos antes, ou seja, no evento “Revivendo a Pomerânia”<sup>300</sup> promovido e organizado pelo *Sonnenschein* na noite de 26 de maio de 1990, no qual é recriado e afirmado a história e a tradição da colonização “alemã” e/ou “pomerana” em São Lourenço do Sul através de sua gastronomia, música e dança.

A palavra “pomerano” começa a ser mais enfatizada no ano de 2006, quando a Associação Caminho dos Pomeranos, que hoje conta com cinquenta e seis associados e vinte famílias diretamente ligadas ao

<sup>299</sup> Cristian Iepsen. Ibid.

<sup>300</sup> Segundo Arthur Martinez Moraes Netto, esse evento teve somente duas edições, pois São Lourenço do Sul é uma cidade pequena e não comportaria duas festas anuais no mesmo estilo, “[...] acaba saturando e as pessoas não se agregam, talvez não vão prestigiar [...]”.

itinerário, cria uma rota turística rural. O percurso do roteiro, que dura entre quatro e seis horas ao longo de sete locais de visita<sup>301</sup>, conta a história dos imigrantes pomeranos em São Lourenço do Sul através da tradição, de hábitos e costumes, do artesanato e da gastronomia “típicos” e da agricultura familiar. No primeiro local a ser visitado (Flajoke Arte & Cultura), temos a possibilidade de assistir, por exemplo, a encenação da “noiva de preto”<sup>302</sup> e na Propriedade de Inês Blank Klug, o ritual da “mandala de ervas medicinais”<sup>303</sup>. O roteiro completo permite ao visitante conhecer ainda o artesanato de flores secas, a criação de gansos, a horta ecológica, produtos agroecológicos como *Schmier* e sucos naturais e produtos agroindustriais como queijo e lingüiça, assim como a degustar comidas “típicas”, como, por exemplo, o *Riewelsback* e o peito de ganso defumado. Visualizemos o prospecto abaixo que mostra o roteiro turístico rural do Caminho Pomerano:

---

<sup>301</sup> Precisamos ressaltar aqui que, em uma visita *in loco* (2010), percebemos que, dos sete locais de visita<sup>301</sup> verificados na época da entrevista (2008), apenas três permanecem nos dias de hoje no roteiro, no qual foram acrescentados outros dois novos locais.

<sup>302</sup> Segundo a tradição pomerana, destacamos a interpretação mais propagada, ou seja, as noivas casavam-se de preto em sinal de protesto contra o senhor feudal, com o qual eram obrigadas a passar a noite de núpcias.

<sup>303</sup> Nesse contexto, chamamos a atenção para o “remanescer do animismo” entre os “pomeranos”, pois observamos *in loco* (2010) em um dos locais de visita<sup>303</sup> do Caminho Pomerano que a sua proprietária, Inês Blank Klug, convida os visitantes a fazer uma oração junto à mandala das ervas medicinais invocando e louvando a natureza.

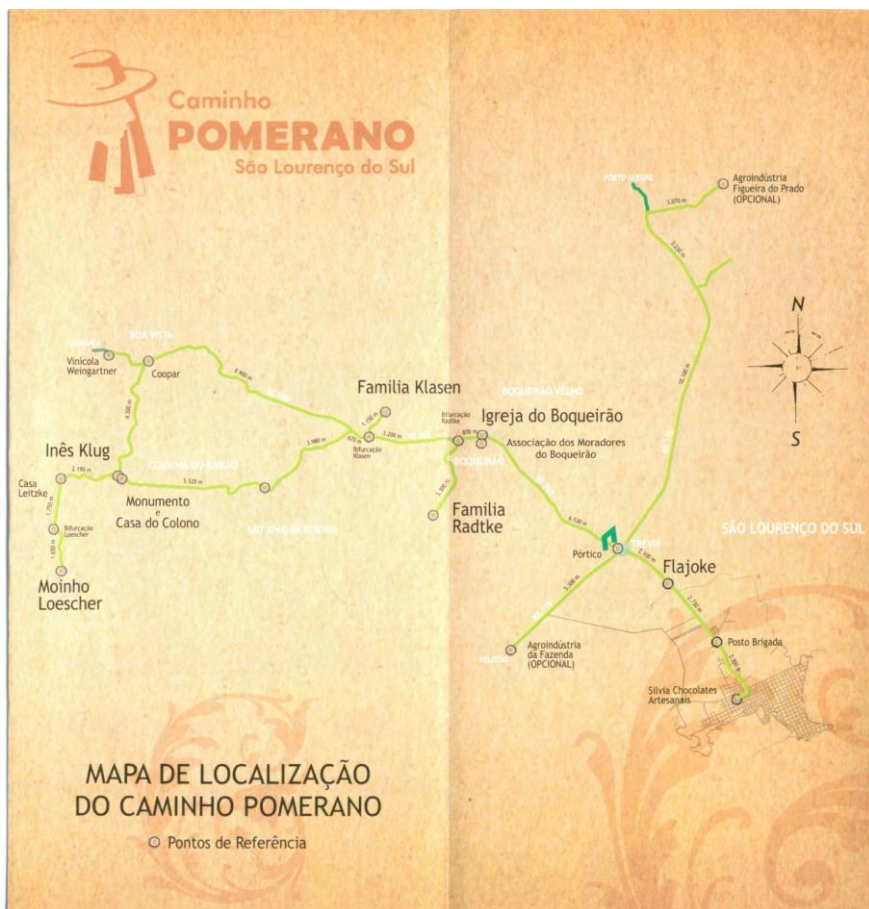


Figura 13: Roteiro do Caminho Pomerano

O termo “pomerano”, mais precisamente, a forma hifenizada “alemão-pomerano” é essencialmente enfatizada, no entanto, por ocasião das comemorações do “Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana” em São Lourenço do Sul (2008), como podemos ver no depoimento abaixo.

Quando o Grupo de Dança criou a primeira edição da Südoctoberfest existia o “Fritzjantar”, então era o Rotary que promovia, mas o Grupo de Dança participava junto. Depois, o Grupo criou

alguns outros eventos. Criou o “Revivendo a Pomerânia”, que era um jantar, muito antes de se falar de imigração pomerana, que virou um assunto badalado pelos cento e cinquenta anos [...] [mas] vamos dizer assim, badalada a etnia pomerana foi mais recente. O que reascendeu foi o fato dos cento e cinquenta anos, então começou a se noticiar, começou a se ver na imprensa, historiadores, professores que conhecem isso começaram a comentar, foi lançado um livro<sup>304</sup> sobre isso e aí eu acho que todo mundo viu de uma forma diferente. [...] O comportamento das pessoas hoje, a forma como eles vivem no interior e na cidade, ou seja, onde for na sua comunidade [...]”<sup>305</sup>.

O evento que comemorou o “Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana” em São Lourenço do Sul parece que marca afinal definitivamente o *revival* da etnia “pomerana” nesse município, como podemos verificar na entrevista acima. E para reforçar essa idéia, vejamos o que o mesmo entrevistado nos diz na seqüência do seu depoimento sobre a encenação que abriu as comemorações do “Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana” em São Lourenço do Sul:

[...] nós participamos da encenação da chegada dos imigrantes [...] exatamente na data, foi dezoito de janeiro. A data da chegada da primeira leva de imigrantes. Eu e minha esposa participamos e as pessoas que ficaram ali assistindo e para nós que participamos foi muito emocionante. [...] eu lembro que tinha pessoas idosas ali que choraram, tocou muito. [...] a iniciativa pública teve esse mérito de proporcionar isso. Poderia ter passado quase despercebido essa data, mas eles mexeram

<sup>304</sup> Precisamos ressaltar aqui o lançamento do romance histórico **O Pescador de Arenques** de Jairo Scholl Costa (2007). O livro conta a história de Peter Kampke desde a Pomerânia até o Brasil. “O personagem Peter Kampke, seus familiares e amigos, como também determinados diálogos com personagens históricos, cenas e situações por eles vividas são imaginários, embora pudessem facilmente ter existido. Mas somente eles são frutos da imaginação, pois o desenrolar de suas vidas é feito através de uma história e geografia reais. As datas, vultos, locais, aspectos geográficos, batalhas, acontecimentos, culturas, questões políticas, sociais, econômicas são rigorosamente verdadeiros. (COSTA, 2007, p.15).

<sup>305</sup> Carlos José Tessmer Elias. *Ibid.*

com a emoção das pessoas, eu tenho certeza. [...] foi uma coisa simples, mas foi emocionante pra quem assistiu, tenho certeza e pra quem participou mais ainda. Então eu acho que foi um resgate mesmo. E hoje, eu acho que todo mundo fala disso de uma forma diferente. Como eu já falei antes, chegou a ter um sentido pejorativo, o pomerano, o colono. Hoje, é diferente, hoje, o pessoal respeita como sendo um grupo étnico, que chegou também, com todas as suas dificuldades, diferenças e características, achou o seu espaço e fez o seu trabalho<sup>306</sup>.

De acordo com o exposto acima, o “pomerano”, que até então tinha um sentido pejorativo, passa a ter, a partir de então, outra conotação, ele é visto agora de outra maneira pelos lourencianos que descendem de outros grupos étnicos, ou seja, ele é agora reconhecido, respeitado e valorizado por todos. Nesse contexto, o depoente reconhece o “pomerano” como um grupo étnico e chama a atenção para o papel da imprensa, historiadores e professores, assim como do poder público no reconhecimento e na valorização da etnia “pomerana”. Por fim, ele ainda sublinha que esse fato atingiu toda a comunidade “pomerana”, pois as comemorações do “Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana” “[...] mexeram com a emoção das pessoas [...]”

No dia 18 de janeiro de 2008, oitenta e oito figurantes (descendentes de “alemães” e/ou “pomeranos”) reconstruíram a saga dos oitenta e oito imigrantes “alemães” e/ou “pomeranos” que chegaram há cento e cinquenta anos atrás no porto do rio São Lourenço, através de uma encenação naval que partia de dentro da Lagoa dos Patos até as margens do rio São Lourenço. O navio para a encenação da chegada dos primeiros imigrantes “alemães” e/ou “pomeranos” foi construído com as mesmas características da embarcação da época especialmente para a encenação do evento. A encenação da chegada foi acompanhada por uma narração histórica que tinha no fundo a música *Heimweh*. Após o desembarque no cais do rio São Lourenço, os oitenta e oito figurantes, trajados “tipicamente”, fizeram o mesmo trajeto realizado pelos imigrantes pioneiros há cento e cinquenta anos atrás, ou seja, do desembarque às margens do rio São Lourenço até à Picada Moinhos (Coxília do Barão), o local de onde partiram e onde foram distribuídos

---

<sup>306</sup> Carlos José Tessmer Elias. Ibid.

os lotes coloniais, através de um desfile a pé e em carroças. Os figurantes acompanhados por muitos lourencianos e visitantes vindos de outras cidades do estado margearam o rio São Lourenço e percorreram as avenidas principais da cidade até o Parque Rural próximo ao final do perímetro urbano. Então seguiram para o interior, ou seja, passaram pelas localidades de Boqueirão, da Baixada dos Ramm, da Reserva até a Picada Moinhos (Coxília do Barão), onde ocorreu a abertura oficial do evento. A representação da chegada dos primeiros imigrantes “alemães” e/ou “pomeranos” emocionou o povo lourenciano independente de sua origem étnica. Nas fotos abaixo, podemos ver alguns momentos da encenação - reconstruída pelos descendentes de “alemães” e/ou “pomeranos” - que comemorou o “Sesquicentenário da Colonização Alemã-Pomerana” em São Lourenço do Sul.



Figura 14: Chegada ao rio São Lourenço  
Fonte: Rafael Grigoletti (2008)





Figura 15: Descendentes de “alemães” e/ou “pomeranos” a bordo do navio  
Fonte: Rafael Grigoletti (2008)



Figura 16: Desembarque no cais do rio São Lourenço.  
Fonte: Rafael Grigoletti (2008)



Figura 17: Chegada à localidade de Picada Moinhos (Coxília do Barão)  
 Fonte: Rafael Grigoletti (2008)

As evidências indicam que, o sentido pejorativo que tinha o termo “pomerano”, usado, muitas vezes, como sinônimo de “grosso, rude e tacanho”, começa a ganhar novas conotações. O colono “pomerano” começa então a ser respeitado e visto como um “grupo étnico” pelo “outro”. Para o descendente de “pomeranos” o fato de poder reviver uma parte de sua história os alegrou e lhes trouxe de volta o orgulho de “ser pomerano”.

A forma hifenizada “alemã-pomerana”, ou seja, a identidade hifenizada, aparece então, pela primeira vez, no prospecto do evento que comemorou o “Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana” em São Lourenço do Sul no dia 18 de janeiro de 2008, assim como no prospecto da *Südoktoberfest* do mesmo ano e em todo tipo de anúncios, cartazes e reclames relacionados às comemorações e eventos que aconteceram no ano do “Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana” em São Lourenço do Sul. Observemos o prospecto abaixo que mostra a programação do “Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana”:

Sesquicentenário  
da Colonização  
Alemã-Pomerana

1858 - 2008  
São Lourenço do Sul - RS  
Brasil

Dias 18, 19 e 20  
de Janeiro

Encenação da chegada dos imigrantes  
Alemães-Pomeranos no Arroio São Lourenço

Desfiles de Carroças  
Apresentações Artísticas  
Cantos  
Dança  
Cultura Alemã-Pomerana  
e muitas atrações!

Faça parte dessa história!

Exposições Permanentes

Amostra de fotografia "180 anos Imigração  
alemã no RS" - Casa Rheingantz: acervo de  
objetos antigos

Templos (católico e evangélico) exposições  
histórico-eclesiásticas

Barracas de cultura.

Exposição contando a história da batata  
EMATER

CEPPAD - Centro de Educação Popular,  
Pesquisa, Assessoria e Documentação.

Emocione-se!

Figura 18: Programa do Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana (1858-2008) (p. 1)

<p><b>DIA 18 DE JANEIRO</b></p> <p>08 h - Badalar de sinos em todos os templos.</p> <p>Prainha - 8h - Encenação da chegada do barco dos imigrantes na margem do Rio São Lourenço com narração histórica pelo sr. Roberto Eigel, tendo como fundo a música HEIMWEH (Saudades).</p> <p>Desfile de carroças com os figurantes e carros alegóricos do arroyo até o Parque da Rural, acompanhados pelos Cavaleiros da Costa Doce.</p> <p>Trajetória: Avenida Santos Albreu, Sete de Setembro, Avenida São Lourenço, Pto. Ferreira, Gal. Osório, descendo a Alfredo Born, Avenida Coronel Nonato Centeno, até a Rural.</p> <p>Boqueirão - reinício 11 h - concentração na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão e desfile até a baía da dos Rann.</p> <p>São João da Reserva - reinício 13h - concentração no campo de futebol do Reservense e na Comunidade Evangélica, com desfile geral em direção à Coxilha do Baía.</p> <p>Coxilha do Baía - 17 h - Abertura oficial com o Grupo Instrumental de Picada Café (focará os hinos nacionais do Brasil e da Alemanha) e a Banda Marcial do Exército de Pelotas (focará os hinos do Rio Grande do Sul e de São Lourenço do Sul).</p>	<p><b>Ato Ecumênico</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Acolhida e Coral Pomerano</li> <li>2) Salmo responsivo</li> <li>3) Oração</li> <li>4) Coral Pomerano</li> </ol> <p>5) Mensagem em língua alemã, pomerana e portuguesa.</p> <p>6) Orações de intercessão / Pai Nosso / Bênção. (máximo 35 min.)</p> <p>Lançamento do carimbo alustivo ao Sesquicentário da Colonização Alemã-Pomerana.</p> <p><b>DIA 19 DE JANEIRO</b></p> <p>10 h - na Coxilha do Baía - Picada Moimhos</p> <p>- Virme das Comunidades Evangélicas História, exposição de objetos.</p> <p>- Ato religioso</p> <p>- Canto coral (Comunidades Feliz, Bom, Jesus II, Santa Galo)</p> <p>- Teatros de grupos de jovens, grupos da OASE</p> <p>- Apresentações musicais</p> <p>- Palestra com o historiador Dr. P. Martin Dreher</p> <p>Uníssono diálogo sobre a história</p> <p>- Grupo de Danças Promenade</p> <p>Paróquia Evangélica de Boa Vista .</p> <p>- Matizada</p> <p>- Apresentação do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Sommenschein categoria mirim</p> <p>- Grupo de Danças Folclóricas Alemãs</p> <p>Compassos da Vida de São Leopoldo.</p>	<p><b>DIA 20 DE JANEIRO</b></p> <p>Picada Moimhos</p> <p>10 h - Ato religioso.</p> <p>- Apresentação de Corais da UCA</p> <p>11h - Ato cívico comemorativo; desceramento da placa do Sesquicentário da Colonização Alemã-Pomerana.</p> <p>- Música itinerante - Mairo Voss e companheiros.</p> <p>12 h - Almoço com bufê (sob encomenda).</p> <p>- Café colonial a partir das 15 h.</p> <p>- Desfile de carros alegóricos sobre a cultura lourençana.</p> <p>- Banda Municipal Luís Carlos Colvara de São Lourenço do Sul.</p> <p>- Apresentação do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs do Projeto Conviver Lausten Leben</p> <p>- Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Lustige Volkstanzgruppe Bergtal - Nova Petrópolis</p> <p>- Apresentação do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Sommenschein - categoria adulto.</p> <p>- Apresentação do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs</p> <p>Lustige Fremde da Escola Francisco Frömming</p> <p>- Baile de encerramento com a Super Banda Chloppão, de Montenegro.</p>
---	--	--

Figura 19: Programa do Sesquicentário da Imigração Alemã-Pomerana (1858-2008) (p. 2)

Para mostrar outros exemplos da forma hifenizada “alemã-pomerana” no contexto do “Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana” e do *revival* da etnia “pomerana” em São Lourenço do Sul, analisamos o seu emprego em alguns artigos publicados no jornal **O Lourenciano** e um artigo no jornal **Zero Hora**, que são os jornais de maior circulação em São Lourenço e no Rio Grande do Sul respectivamente. Aqui destacamos três edições de **O Lourenciano** e uma edição de **Zero Hora** por ocasião do evento acima mencionado. Na nossa análise, verificamos que as palavras “alemã” e “pomerana” aparecem indiscriminadamente nos títulos, nos textos e nas legendas das fotos, ou seja, temos os termos, ora “alemã-pomerana”, ora “alemã”, ora “pomerana” e ora “alemã e pomerana”, os quais serão destacados aqui em negrito. Para comprovar a afirmação acima, citamos o título e o subtítulo, assim como legendas de algumas fotos da folha de rosto do encarte especial em homenagem aos 150 anos da Imigração Alemã-Pomerana de **O Lourenciano** publicado em 23 de janeiro de 2008, Vejamos os exemplos:

“Muitas lágrimas, fortes emoções e alegrias marcaram as comemorações do Sesquicentenário da Imigração **Alemã-Pomerana** em São Lourenço do Sul.”;

“**Alemães** de São Lourenço, da Zona Sul e também do Estado prestaram sua homenagem [...] aos 150 anos da chegada dos 88 imigrantes **pomeranos** [...]. Este encarte é uma homenagem do jornal **O Lourenciano** aos **alemães-pomeranos** [...].”;

“[...] antes da abertura oficial do Sesquicentenário da Imigração **Alemã-Pomerana.**”;

“Jovens descendentes dos imigrantes **pomeranos** prestaram sua homenagem [...].”;

“Descendentes **pomeranos**, emocionados, cantaram na Coxília do Barão [...].”

Na página dois do encarte especial de **O Lourenciano** mostramos alguns trechos de artigos, ou seja, de entrevistas dadas a esse jornal por algumas autoridades por ocasião do evento acima mencionado. Nesses textos, podemos observar mais alguns exemplos do emprego das palavras “alemã” e “pomerana”:

“O ministro do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel, ressaltou a importância da imigração **alemã** na história do país. ‘certamente uma das histórias [...] mais singelas em nosso país é a colonização **alemã-pomerana**, feita de desafio e sofrimento, mas também de muitas vitórias’ [...].”;

“O historiador e assessor da cultura do município, Jairo Scholl Costa, ressaltou que [...] ‘a Colônia **alemã** que aqui começou a ser formada por 88 imigrantes foi a mais isolada e austral das colônias de **alemães** do Brasil [...]’”;

“Com um discurso emocionante sobre a história dos imigrantes **alemães-pomeranos** que formaram São Lourenço do Sul, o prefeito José Nunes realizou o descerramento da placa que homenageia os 150 anos da colonização do município [...] mas principalmente da cultura da população que conta com mais de 80% de descendentes **alemães e pomeranos**.”

Para reforçar as observações acima, analisamos mais duas edições de **O Lourenciano** no que diz respeito às comemorações dos “150 anos da Imigração Alemã-Pomerana” em São Lourenço do Sul, uma anterior e outra posterior ao evento, ou seja, uma edição do dia 16 de janeiro 2008 e outra do dia 16 de abril do mesmo ano.

Na contracapa da edição de 16 de janeiro é feita uma chamada para a reportagem completa no encarte especial sobre o evento acima mencionado através de uma foto com legenda. Enquanto no título da foto é ressaltada a palavra “pomerano”: “São Lourenço do Sul relembra e comemora os 150 anos da chegada dos **pomeranos**”, na legenda da foto é sublinhada a forma hifenizada “alemã-pomerana”: “[...] os sinos das igrejas de nossa cidade irão anunciar ‘a chegada dos imigrantes **Alemães-Pomeranos**’ no porto local.”

Vejam os seguintes exemplos que aparecem no encarte especial com referência às comemorações do “Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana” na edição do dia 16 de janeiro. Na primeira página, no título do encarte especial temos: “Os 150 anos da Imigração **Alemã-Pomerana** em São Lourenço do Sul” e em um título de artigo: “A vida religiosa dos **Pomeranos**”. Na página dois dessa edição, no artigo: “Encenação terá barco de 18 metros”, podemos observar o seguinte: “[...] às margens do Arroio São Lourenço, o povo **pomerano** deu início a formação da colônia [...]”. E no artigo: “150 anos de colonização **Alemã-Pomerana** em São Lourenço do Sul: resgate da história com olhos no futuro”, podemos notar o seguinte: “O prefeito José Nunes é um dos mais entusiastas na comemoração” [e diz que] ‘A mão-de-obra **alemã** diversificou a produção agropecuária [...] Comemorar os cento e cinquenta anos da colonização **alemã-pomerana** é valorizar nossa história.’”

Ainda no encarte especial dessa edição, na página três, no artigo: “Encenação da chegada dos imigrantes **alemães** marca os 150 anos da Colonização Alemã-Pomerana em São Lourenço do Sul”, podemos

verificar o seguinte: “Às 8 horas, às margens do rio São Lourenço, um barco [...] reviverá a chegada do povo **pomerano** à região.” E na página quatro, no artigo “Considerações sobre São Lourenço do Sul”, podemos observar o seguinte: “com a imigração **alemã e pomerana** [...] ocorreu uma mudança radical na estrutura agropecuária [...]”.

Na edição d’**O Lourenciano** de 16 de abril na página oito destacamos mais alguns exemplos do uso das palavras “alemã” e “pomerana” no contexto das comemorações do “Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana” em São Lourenço do Sul. No título geral temos: “São Lourenço do Sul comemora os 150 anos de Imigração **Alemã-Pomerana**”. Vejamos mais alguns exemplos extraídos da página oito da edição acima. Enquanto o título de um artigo diz: “Colonização **Alemã e Pomerana** em São Lourenço do Sul”, na legenda da foto do mesmo artigo aparece: “descendentes de **pomeranos** revivem seus antepassados no último dia 18 de janeiro [...]”. No artigo: “As causas da Imigração **Alemã**”, chamamos a atenção para a seguinte frase: “Antes de 1871, portanto, não existem ‘**alemães**’ nem ‘cidadania **alemã**’, mas sim prussianos, bávaros, renanos, westfalianos, **pomeranos**, austríacos, boêmios, cidadãos de diversos reinos que tinham uma coisa em comum: a língua alemã.”

Com referência à edição do dia 17 de janeiro do jornal **Zero Hora**, observamos na página vinte o seguinte: no título do artigo lemos: “150 anos de colonização **pomerana** no Estado”, já no primeiro parágrafo do texto aparece: “[...] celebração dos 150 anos da colonização **alemã-pomerana** [...]”, enquanto no segundo parágrafo temos: “O sesquicentenário da chegada dos **pomeranos** é motivo de orgulho para o município [...]”. Nos parágrafos três e quatro podemos verificar novamente somente a palavra “pomeranos”, como podemos ver nos exemplos a seguir: “[...] quando os primeiros **pomeranos** chegaram. [...] coube aos **pomeranos** colonizar o interior do município [...]”.

Na análise a respeito do uso da palavra “alemã” e “pomerana” na imprensa escrita local e regional feita acima, verificamos que nos títulos gerais, isto é, naqueles que indicam ou fazem referência ao evento como um todo é usado, preponderantemente, a forma hifenizada “alemã-pomerana”. Segundo nossas percepções, os termos “alemã” e “pomerana” que compõem a forma hifenizada “alemã-pomerana” não estão claros, pois podemos ter aqui “dois sentidos”. A forma hifenizada “alemã-pomerana” pode referir-se, por um lado, a uma “mesma etnia”, isto é, a palavra “pomerana” pode qualificar a palavra “alemã”. Nesse caso, todos são “alemães”, mas que podem ser ao mesmo tempo também “pomeranos”, por analogia teríamos, por exemplo, “alemã-renana” e

assim por diante. A forma hifenizada “alemã-pomerana” pode referir-se também, por outro lado, a duas “etnias diferentes”, ou seja, trata-se então de “alemães e pomeranos”.

Nos títulos dos artigos, assim como nos textos aparecem as palavras “alemã”, “pomerana”, assim como os termos “alemã-pomerana” e “alemã e pomerana” no contexto da imigração para São Lourenço do Sul. Nesse caso, podemos fazer inferências, por um lado, de que “alemã” e “pomerana” significa a “mesma coisa”, isto é, são palavras sinônimas, pois ora se usa uma palavra e ora se usa a outra, indiscriminadamente, para referir-se à imigração para São Lourenço do Sul; por outro lado, percebemos que em alguns títulos e textos é usado “alemã-pomerana” e “alemão e pomerano” para referir se à imigração para São Lourenço do Sul, ou seja, as duas palavras ligadas, ora por um “hifem”, ora pela conjunção “e”. No primeiro caso, como já analisamos no parágrafo anterior, pode significar uma “mesma etnia ou duas etnias diferentes”, já no segundo caso, trata-se certamente de duas “etnias distintas”. Nesse caso, podemos dizer que São Lourenço do Sul foi colonizado por “alemães e pomeranos”, portanto, por dois “grupos étnicos distintos”.

No que diz respeito ainda à palavra “pomerano”, chama nos a atenção ainda o fato de que na vigésima terceira edição da *Süddoktoberfest* (2010) a palavra “pomerano” aparece expressivamente no programa da Festa, ou seja, a palavra “alemã” é então substituída pela palavra “pomerana”. Vejamos o prospecto abaixo que mostra a programação da vigésima terceira edição da *Süddoktoberfest*:



# 23ª Súdoktoberfest

Dias 08, 09 e 10 de outubro de 2010  
São Lourenço do Sul - RS

*Festa, Dança, Chope e muita Alegria*

*Se você perder tá fritz!!!*

Promoção:  @omnischein

Informações: [www.sudoktoberfest.com.br](http://www.sudoktoberfest.com.br)  
[contato@sudoktoberfest.com.br](mailto:contato@sudoktoberfest.com.br)



Figura 20: Programa da 23ª Súdoktoberfest (2010) (p. 1)

**A Südktoberfest mostra aspectos da cultura pomerana, como: culinária, dança, música, jogos, trajes típicos, café colonial e bandas.**

**Atividades previstas:**

**Sexta-feira – Dia 08**

Abertura Oficial - 20 h 30 min  
 Jantar Típico Pomerano  
 Desfile das Candidatas a Rainha da 24ª Südktoberfest  
 Apresentação do G.D.F.A. Sonnenschein  
 Baile com Banda Típica

**Sábado – Dia 09**

Abertura do Parque - 14 h 30 min  
 Apresentação de Corais  
 Oficinas: Dança, Culinária e Artesanato  
 Desfile das Candidatas a Rainha e Minirrainha da 24ª Südktoberfest  
 Apresentação de Grupos de Dança  
 Apresentação do G.D.F.A. Sonnenschein  
 Concurso de chope a metro  
 Show e Bailes

**Domingo – Dia 10**

Desfile de Rua (carros temáticos) - 10 h  
 Abertura do Parque - 11 h 30 min  
 Almoço Típico  
 Recepção com Banda Típica  
 Apresentação do G.D.F.A. Sonnenschein  
 Coroação Rainha e Minirrainha da 24ª Südktoberfest  
 Concurso de Chope a metro  
 Show e Bailes

**Atividades Permanentes**

Feira do Colonizador  
 Café Colonial  
 Jogos Germânicos  
 Fotos Temáticas  
 Torneio de Schafskopf



Figura 21: Programa da 23ª Südktoberfest (2010) (p. 2)

Ao observarmos o programa da vigésima terceira edição da Festa, vemos que a *Südktoberfest* mostra agora aspectos da cultura “pomerana” e não da cultura “alemã” e que o jantar “típico” que abre as comemorações da Festa passa a ser agora “pomerano” e não mais “alemão”, como já verificamos anteriormente nos programas da quarta e vigésima primeira edições da Festa nesta seção.

Com referência ao uso expressivo e enfático da palavra “pomerano” em lugar da palavra “alemão”, as evidências, mesmo que não imprimam certeza efetiva, nos permitem fazer inferências, tais como a do fato de que o processo de construção e afirmação da identidade “pomerana” esteja de um lado, relacionada ao próprio grupo étnico “pomerano”, isto é, a uma auto-compreensão de sua identidade étnica e de outro lado, associado à mercantilização da cultura, ou seja, a um apelo político-econômico (turístico) pelo poder público municipal.

#### 4.4.3 O Poder Público Municipal

Ao discutirmos o papel do governo municipal no processo de construção e afirmação da identidade étnica “alemã” e/ou “pomerana”, em São Lourenço do Sul, verificamos que a gestão atual do poder público tem um papel importante nesse processo, como podemos observar no depoimento abaixo:

Quando eu falei que na décima oitava edição da Südktoberfest [2006] começou a se buscar um pouco mais a função de divulgar a cultura pomerana e se começou a usar o slogan de festa mais pomerana da região foi também em função do poder público municipal começar a resgatar a cultura pomerana, a valorizar isso, divulgar que São Lourenço é uma cidade pomerana, tentar atrair turismo em função disso. Claro, entidades e poder público, todo mundo começou a buscar mais, conhecer melhor a cultura pomerana do município. [...] Quando a prefeitura tem algum evento, o Grupo está presente. Quando o Grupo tem algum evento a prefeitura está presente, assim como outras entidades, como os corais da

colônia<sup>307</sup>. O canto é uma coisa forte da cultura alemã e da cultura pomerana. Então, hoje já se tem um grupo muito maior de pessoas que buscam valorizar essa cultura [...]. Eu acho que desde dois mil e cinco<sup>308</sup>, se eu não me engano, que o poder público começou a buscar e valorizar a cultura pomerana, outras entidades começaram também a se dar conta disso. Não vamos mais ter vergonha

<sup>307</sup> Como já abordamos anteriormente no capítulo três a Festa dos Cantores, na qual se destaca o concurso de canto-choral orfeônico, é promovida pela Associação União Cultural e Agrícola (Auca) com o apoio da prefeitura municipal e realizada anualmente em abril (coral masculino) e em outubro (coral misto) no interior de São Lourenço do Sul. Rui Geri salienta ainda mais dois eventos anuais de canto-choral com o objetivo simplesmente de confraternizar os cantores-choralistas. Um evento reúne os corais do norte do município e o outro os do sul do município. Segundo Rui Geri, embora os concursos de canto-corais tenham alcançado sucesso até os dias de hoje, observa-se uma decadência, ou seja, os corais, que são mantidos, principalmente, por seus associados, vêm sofrendo uma diminuição de novos sócios. Nesse sentido, as Sociedades Filarmônicas de canto orfeônico correm o risco de acabar. O entrevistado acredita que esse fato seja atribuído a migração de jovens para a cidade em busca da educação formal. No entanto, ele ressalta que o canto-choral ainda é um importante marcador da identidade étnica alemã de São Lourenço do Sul, particularmente, da identidade étnica pomerana da zona rural do município, onde, conforme ele, oitenta por cento são de origem pomerana. Salientamos aqui os nomes de dois cidadãos lourencianos que muito contribuíram para o coral masculino e misto respectivamente, o médico Walter Thofehrn e o professor Rodolfo Bersch. Conforme Carla Adriane Lübke, a AUCA “[...] é uma sociedade bem pomerana. É fechada. É difícil da gente se inserir lá, a gente consegue participar das coisas, mas a gente não consegue saber muito bem como ela funciona. Porque ela tem vida própria. E também eu acho que nem é válido a gente interferir. Entendo que não é válido a gente interferir, porque é a maneira que eles encontraram de preservar a cultura deles. Se o poder público começar a interferir, daqui a pouco vai modificar alguma coisa.” Carla Adriane Lübke lamenta, por um lado, não poder se aproximar mais da Associação para estudá-la e vê-la como funciona, mas por outro lado, ela considera isso positivo, pois a Associação se fechou para poder preservar a sua cultura. Para Rui Geri, a intensidade da relação do canto-choral e do Grupo de Dança Folclórica Alemã *Sommenschein* com a identidade étnica é a mesma, portanto com uma diferença, a dança representa a cidade e o canto-choral o interior. O canto-choral, portanto, não será analisado nesta pesquisa, que tem como seu objeto o descendente de alemães, que vive na zona urbana do município. Nesse contexto, devemos salientar ainda como importantes marcadores de identidade étnica de São Lourenço do Sul a Festa do Colono, que se realiza anualmente no dia 25 de julho, dia do colono, desde 1934 na localidade de Picada Moinhos (Coxília do Barão), assim como o Instituto Cultural Educacional Casa da Imigração (ICECI) criado em 2008 para executar o projeto “Museu Casa da Imigração” situado na mesma localidade. O prédio do museu, que foi a casa do fundador da Colônia, Jakob Rheingantz, será, conforme Arthur Martinez Moraes Netto, uma casa para a memória de São Lourenço do Sul, ou seja, para valorizar e preservar a história, a cultura e a identidade étnica, não só de imigrantes alemães, mas de todos os imigrantes e seus descendentes que vieram para São Lourenço do Sul. Segundo Carla Adriane Lübke, no entanto, o Museu enfatizará elementos da história e cultura pomerana, pois para a depoente, “a meta maior é resgatar essa memória do colonizador pomerano, porque ele foi um desbravador aqui na região.”

<sup>308</sup> Chamamos a atenção aqui para o fato de que a gestão do governo municipal atual começou em 2005.

de ser pomerano. Acho que o município está entrando nessa onda, assim de alemão-pomerano. Acho que não está mais só alemão<sup>309</sup>.

No exposto acima, podemos observar que o entrevistado sublinha a valorização e promoção da cultura “alemã”, enfatizando a cultura “pomerana, através de entidades e do poder público municipal a partir de 2005.

Ao perguntarmos ao depoente acima sobre a relação entre o *Sonnenschein* e o poder público municipal ao longo do tempo, ele declara que o *Sonnenschein* teve sempre o apoio da prefeitura para a organização da Festa. Nos dias de hoje, conforme o entrevistado acima, o governo municipal atual não está só apoiando entidades que valorizam e divulgam aspectos cultura “alemã” e/ou “pomerana”, mas também está tendo um papel importante no processo de construção e afirmação da identidade étnica, isto é, na preservação e promoção da cultura “alemã”, mais enfaticamente da cultura “pomerana”, como podemos observar a seguir: “Ele está buscando preservar, tanto que hoje a prefeitura tem historiadores que trabalham em cima disso. Então, eu vejo que o poder municipal está buscando preservar, divulgar, não só apoiar quem fazia e faz isso<sup>310</sup>.”

Quando questionado sobre se o fato do poder público municipal estar atuando diretamente na preservação, valorização e divulgação de aspectos da cultura “alemã” e/ou “pomerana” não seria uma estratégia política, o mesmo entrevistado nos fala o seguinte:

Acho que é política turística, digamos assim. Ao meu ver a prefeitura quer turismo em cima disso. Acho que é certo. Mas eu acho que é uma estratégia política para manter o turismo, incrementar o turismo em São Lourenço do Sul. Além das belezas naturais, valorizar um pouco mais os aspectos históricos<sup>311</sup>.

A idéia de que valorizar, manter e a promover traços da cultura “alemã” e/ou “pomerana” em São Lourenço do Sul, atualmente, está associada à mercantilização da cultura através do turismo, podemos comprovar através da fala de outro entrevistado, como vemos a seguir: “Hoje eu vejo que a iniciativa pública aqui no município criou algumas

<sup>309</sup> Cristian Iepsen. Ibid.

<sup>310</sup> Cristian Iepsen. Ibid.

<sup>311</sup> Cristian Iepsen. Ibid.

coisas, o Caminho Pomerano, por exemplo, a Secretaria do Turismo, acho que começou a se engajar bastante nisso<sup>312</sup>.”

A valorização, preservação e divulgação de aspectos da cultura “alemã” e/ou “pomerana”, mais precisamente, a mercantilização da cultura através do turismo, podemos comprovar também através da fala de Jairo Scholl Costa, assessor de cultura da Secretaria de Educação, Cultura e Esporte de São Lourenço do Sul. Vejamos o que ele nos conta:

O que acontece aqui em São Lourenço é o seguinte: houve um acordar [...] essa identidade cultural tinha que ser preservada. [...] São Lourenço é uma colônia mais isolada, mais distante, mais ao sul das colônias alemãs do Brasil. Formada por pomeranos, que não são muitos nesse país, são poucas as colônias. Então vamos ver o que tem de importante e vamos transformar em um produto turístico. Esse foi o objetivo do Caminho Pomerano. Foi o resgate ou o revival transformar em alguma coisa que atraísse turista, que gerasse renda auxiliar ou completasse a renda do pequeno agricultor<sup>313</sup>.

No exposto acima, podemos verificar claramente a idéia de uma mercantilização da cultura, isto é, a promoção e comercialização de marcadores étnicos, mais precisamente, de produtos coloniais, através do Caminho Pomerano, como um meio para atrair turista e gerar renda para o pequeno agricultor do município de São Lourenço do Sul. Na seqüência de sua fala, Jairo Scholl Costa confirma o apoio do governo municipal na formação do Caminho Pomerano, como podemos observar a seguir:

Ele incentivou a formação da Associação do Caminho Pomerano, que são [...] pequenos produtores rurais de origem pomerana que se integram a esse Caminho produzindo produtos característicos da pequena propriedade, de descendência alemã-pomerana no município, no caso Schmier, peito de ganso defumado [...] lingüiças defumadas, pães caseiros, cucas, bebidas como o Maischnaps [tipo de cachaça] [...] hoje ela

<sup>312</sup> Carlos José Tessmer Elias. Ibid.

<sup>313</sup> Jairo Scholl Costa. Ibid.

é engarrafada comercialmente e trabalhando com a área do esoterismo<sup>314</sup>, entre aspas<sup>315</sup>.

Segundo Pedro Henrique de Gusmão Caldas, São Lourenço do Sul deve valorizar e preservar, sobretudo, a cultura “pomerana” e ressalta que tanto o *revival* da etnia “alemã” quanto da “pomerana”, que aconteceu nos anos 80 e está acontecendo nos dias de hoje respectivamente, atende ao apelo turístico. Além disso, ele chama a atenção para o fato de que hoje as atividades turísticas estão sendo criadas e desenvolvidas por pessoas que não pertencem à comunidade “pomerana” local, portanto, sem a participação dos “pomeranos”:

[...] talvez noventa por cento dos imigrantes que vieram para São Lourenço do Sul não tinham cultura germânica. Eles eram da etnia pomerana. Então se tivesse que valorizar uma cultura, os elementos do folclore de um povo, deveria ter sido resgatada então os elementos da cultura pomerana e isso não acontece. Lá pelos idos de mil novecentos e oitenta, quando começou a haver esse pseudo resgate da cultura germânica local fez-se uma festa, criaram-se grupos de danças com nenhuma identidade histórica com a comunidade aqui apresentada. Isso foi criado, possivelmente, com a intenção de exploração de um evento, de exploração turística [...] na época atual, está acontecendo de alguma forma em relação também a um possível resgate do que seria a cultura pomerana. Esse resgate, ao meu ver, está sendo feito no sentido de criar elementos para desenvolver uma atividade turística. Está sendo criado de cima para baixo, de fora para dentro, ou

---

<sup>314</sup> Nesse contexto, Jairo Scholl Costa chama a atenção para o remanescer do animismo entre os pomeranos através da mandala de ervas medicinais: “[...] no caso seria um animismo das mandalas, aquelas pessoas que estão ligadas à natureza que não mostraram isso em preocupação com os pastores evangélicos luteranos e hoje falam. Para mais informações sobre práticas místicas com base nos ensinamentos do mundo da natureza através de chás, unguentos e rezas em São Lourenço do Sul, ver Thum (2009). Devemos ressaltar aqui que, embora Thum tenha verificado em seu trabalho que essa situação expressa um silenciamento pela instituição religiosa, isto é, uma proibição pelos pastores luteranos, não podemos observar o mesmo em nossa pesquisa, pois nenhum de nossos depoentes manifestou-se expressamente sobre esse tema ou fez alguma alusão a esse tipo de prática espiritual. Ao longo da nossa pesquisa, ou seja, na seção um deste capítulo, podemos comprovar, no entanto, que a religião luterana tem um papel fundamental para nossos entrevistados.

<sup>315</sup> Jairo Scholl Costa. *Ibid.*

seja, alguém que não pertence à comunidade, no caso, pomerana, desenvolver uma série de atividades, onde o mote seria a valorização da cultura pomerana<sup>316</sup>.

Nesse sentido, Pedro Henrique de Gusmão Caldas afirma de que a maioria dos pontos turísticos ao longo do Caminho Pomerano não tem nenhuma relação com a cultura “pomerana”, como por exemplo: “[...] uma loja de chocolate na cidade, uma igreja construída por luso-brasileiros na antiga vila de Boqueirão, um moinho de uma antiga família de alemães na colônia [...]”. Na seqüência de sua entrevista, o depoente acima salienta que “[...] está sendo usado o nome, o mote cultura pomerana para estabelecer uma rota turística que na verdade não traz nenhum resgate do que é a cultura pomerana e o que é pior, tem mínima participação do que seria a comunidade pomerana.”

No que diz respeito à “loja de chocolate” e à “igreja construída por luso-brasileiros”, concordamos com o entrevistado, pois realmente não são marcadores étnicos “pomeranos”. Precisamos ressaltar aqui que, quando percorremos o Caminho Pomerano em 2010, a “loja de chocolate” não fazia mais parte do Caminho Pomerano e a “igreja construída por luso-brasileiros” não é visitada pelo turista. O guia turístico apenas a menciona quando passamos ao seu lado durante o percurso do Caminho Pomerano por ser a igreja mais antiga de São Lourenço do Sul. Com referência ao “moinho”, não concordamos com o entrevistado, pois, ainda que o depoente diferencie “alemães” de “pomeranos”, segundo nossas percepções, trata-se aqui também de um marcador étnico “pomerano”. Esse local de visitação, embora não faça mais parte do Caminho Pomerano, está situado na propriedade da família Loescher na localidade da Picada das Antas. A família Loescher, ainda que não seja descendente de “pomeranos”, mas de “renanos”, integra, portanto, o grupo étnico teuto-brasileiro em São Lourenço do Sul.

Para justificar a idéia de valorização e promoção da cultura “alemã” e/ou “pomerana” através do turismo, ou seja, de uma estratégia política do poder público de São Lourenço do Sul, o entrevistado acima nos fala desse fato estar associado, de um lado, à ordem econômica e, de outro lado, à ordem política. No primeiro caso, podemos dizer que se trata de uma mercantilização da cultura, pois o governo municipal utiliza-se da verba concedida pelos governos federais e estaduais para

---

<sup>316</sup> Pedro Henrique de Gusmão Caldas. Ibid.



promover, por exemplo, o turismo rural através da cultura local, enquanto que no segundo caso, o governo municipal utiliza-se de sua simpatia pela cultura local para promover-se politicamente, como podemos ver no seu relato abaixo:

Mais recentemente em função de projetos do governo federal para o desenvolvimento do turismo, de novas rotas de turismo. E também [do governo] estadual surgiu então a possibilidade e foram colocados à disposição recursos bastante elevados [...] para a criação e o incentivo à atividade turística. A nossa região não querendo ficar de fora, nosso município saiu a cata desses recursos, levando esse projetos, que eu digo mais uma vez, leva o nome da etnia pomerana, pressupõem que haja um resgate da cultura pomerana, mas na verdade é só uma motivação para ter acesso aos recursos disponíveis para esses projetos. Porque de fato até o momento não se tem visto um trabalho mais efetivo de resgate da cultura em si [...] e a outra motivação que eu vejo é uma motivação de ordem política [...] de angariar a simpatia do morador do interior no sentido de que ele veja [que] alguém está fazendo algo em nome da comunidade pomerana, está destacando o nome da comunidade pomerana. Então eu vejo essas duas motivações, a de ordem econômica no sentido de aproveitar recursos e em propor um novo caminho turístico [...] e a motivação de ordem política<sup>317</sup>.

Para reforçar a idéia de apoio e influência do poder público municipal na preservação e divulgação da cultura “alemã” e/ou “pomerna”, Arnildo Becker confirma que é uma estratégia política e enfatiza o fato de que a comunidade “alemã” e/ou “pomerana”, que seria a mais interessada na valorização e na preservação de sua cultura, não teria sido convidada a participar do *revival* da etnia “alemã” e/ou “pomerana”, como podemos ver a seguir: “O governo municipal está divulgando muito a tradição do pomerano, do alemão, no caso a divulgação do Caminho Pomerano, mas vamos dizer assim, não muito natural, meio artificial no meu ponto de vista, precisa de mais tempero.”

<sup>317</sup> Pedro Henrique de Gusmão Caldas Caldas. *Ibid.*

Nesse contexto, Arnildo Becker ressalta que um elemento importante que uniria e marcaria o grupo étnico “alemão” e/ou “pomerano” teria que ser um evento que partisse deles: “[...] eu acho que teria que de repente promover um evento, nem que seja anual, específico para eles [...] para unir realmente a família novamente, para eles se considerarem e sentirem-se em casa<sup>318</sup>.”

No que diz respeito à valorização, preservação e promoção da identidade étnica e sua relação com a cultura, educação e turismo, Carla Adriane Lübke nos diz que o poder público, através desses setores, tem o papel de fomentar, ou seja, de reafirmar e construir a identidade étnica através de seus elementos identitários, ou seja, de seus marcadores étnicos, como podemos ver no depoimento abaixo:

Que tudo isso é uma cadeia, a gente começa a fomentar uma parte e percebe que o outro precisa também e a gente foi trabalhando e percebendo que precisava do apoio das secretarias, como no caso do turismo. Então a gente foi vendo que precisava trabalhar outras áreas. Que a cultura tem que andar junto. O turismo tem que andar junto. A educação tem que andar junto. [...] Um sozinho não consegue fomentar essa questão da identidade. Então a gente buscou resgatar, desde 2005 a gente vem trabalhando nesse resgate [...] A gente tem que se unir, porque senão a gente não preserva. A globalização vem e entra e realmente aniquila e uniformiza e nos transforma [...]. E a gente acaba igual. Não preserva a peculiaridade. Então isso, essa peculiaridade vem se mantendo em virtude desse trabalho. De reforçar a minha identidade. Seja com a língua, seja com a cultura, seja com o turismo, seja com Grupo de Danças, ela só se preserva se a gente, como poder público, fomentar isso. Se o poder público abandonar isso a partir de agora, vem outra pessoa e ocupa esse espaço. Então eu acho que eles estão ocupando espaço. Isso realmente modificou a cidade<sup>319</sup>.

Na seqüência da entrevista, Carla Adriane Lübke, ressalta a importância que o trabalho do poder público tem na questão da

<sup>318</sup> Arnildo Becker. Ibid.

<sup>319</sup> Carla Adriane Lübke. Ibid.

identidade étnica, no entanto, salienta que o poder da comunidade étnica também tem importância nesse contexto, como podemos ver a seguir:

A gente tem que legitimá-lo, quem chegar aqui, seja quem for, não possa colocá-lo abaixo. Não possa terminar com ele. Porque a comunidade vai exigir. Então esse é o trabalho que a gente tem buscado fazer. Que ele deixe de ser projeto e passe a ser programa. A comunidade quer e é por isso que a gente está implantando. E agora por enquanto é um desejo nosso, é um projeto nosso, que a gente está buscando apoio da comunidade para poder colocar ele na prática. Mas daqui a pouco tem que ser a comunidade que estará querendo e não a gente<sup>320</sup>.

Carla Adriane Lübke chama a atenção ainda aqui para alguns projetos do governo municipal a partir de 2005 que estão fomentando a cultura “alemã” e/ou “pomerana”<sup>321</sup>, como o “Projeto Conhecer” que, por exemplo, com o Caminho Pomerano, conta a história dos “pomeranos” através de alguns elementos identitários. No que diz respeito ao Caminho Pomerano, a depoente acima descreve a sua rota completa, a qual já foi analisada na seção anterior deste capítulo. Como já vimos também nesta seção, a rota turística rural do Caminho Pomerano modificou-se ao longo do tempo, pois alguns pontos caíram fora e outros foram acrescentados. Carla Adriane Lübke descreve alguns pontos que não fazem mais parte do seu percurso, no entanto, salientaremos e comentaremos aqui alguns desses pontos por acharmos pertinentes para esta pesquisa. A rota turística rural descrita por Carla Adriane Lübke começa pela localidade do Boqueirão, marco da colonização portuguesa em São Lourenço do Sul. Nessa localidade é contada então um pouco da história do imigrante português. Ainda no Boqueirão os visitantes “[...] são recepcionados com artesanato e culinária típica dos alemães-pomeranos na Associação dos Moradores do Boqueirão, porque há ali a presença de pomeranos, eles foram vindo mais para o litoral.” Em seguida, os visitantes conhecem a propriedade

<sup>320</sup> Carla Adriane Lübke. *Ibid.*

<sup>321</sup> Nesse contexto, sublinhamos ainda os seguintes projetos do governo municipal: o Projeto MusicArte e o projeto Memória. Para mais informações sobre os projetos mencionados aqui ver anexo, p. 311-327. Segundo Carla Adriane Lübke, o projeto do canto-coral teve uma aceitação maior nas localidades de Harmonia, Canta Galo e Santa Teresa. Nessa última localidade, portanto, como vimos na seção dois deste capítulo, o ensino da língua alemã não foi bem aceito.

agroecológica da família Radke, onde podem ver como funciona uma pequena propriedade de produtos hortifrutigranjeiros produzidos ecologicamente<sup>322</sup>. Depois, pode-se visitar a casa da família Klasen que produz queijos artesanalmente, peito de ganso defumado e cultiva flores secas. Mais tarde, na Coxília do Barão, os visitantes são recepcionados pela professora Inês Blank Klug que trabalha com plantas medicinais com destaque para o controle de pragas feito ecologicamente, ou seja, quando planta-se uma planta do lado da outra uma protege a outra de ervas e animais daninhos. Por fim, pode-se fazer uma trilha ecológica na propriedade da família Loescher na localidade da Picada das Antas<sup>323</sup>. Ainda na rota do Caminho Pomerano Carla salienta as agroindústrias.

No Caminho Pomerano, Carla Adriane Lübke ressalta ainda o trabalho em torno da “economia solidária”, assim, além da relação da identidade étnica com a cultura, a educação e o turismo, desenvolve-se nesse contexto o setor sócio-econômico, isto é, despertar no descendente de “alemães” e/ou “pomeranos” a questão da identidade étnica e de uma vida saudável e justa.

Então tem todo um trabalho de turismo voltado para a economia solidária, porque além de tu desenvolveres o turismo e a cultura tu desenvolves aquela região economicamente para que o pequeno produtor fique ali e produza na sua propriedade e tenha com isso condições de viver dignamente. [...] a gente vai trabalhando sério com a questão da economia solidária, com a questão de fomentar essa questão da produção agroecológica, de fomentar uma qualidade de vida no interior<sup>324</sup>.

Segundo Carla Adriane Lübke, despertar a identidade étnica e a qualidade de vida no descendente de “alemães” e/ou “pomeranos” é um processo longo, mas de acordo com ela

[...] onde tem um alemão tem um jardinzinho [...] um pomarzinho. [...] E isso a gente está procurando manter, porque houve uma época com a cultura do fumo que não se tinha mais um

<sup>322</sup> Precisamos salientar aqui que este ponto turístico não faz mais parte do Caminho Pomerano nos dias de hoje (2010).

<sup>323</sup> Devemos ressaltar aqui que este ponto turístico também não faz mais parte do Caminho Pomerano nos dias atuais (2010).

<sup>324</sup> Carla Adriane Lübke. *Ibid.*

jardinzinho [...] o pomar. Não se tinha nem uma hortinha do lado da casa<sup>325</sup>.

No que diz respeito a uma consciência étnica e cultural “pomerana” em São Lourenço do Sul, Jairo Scholl Costa afirma que ela já tinha sido despertada através de um encontro entre cidadãos alemães e lourencianos descendentes de “pomeranos”, proporcionado por ele no ano de 1993:

[...] pomeranos que saíram da Pomerânia Oriental e foram para Lübeck [Alemanha] e vieram a São Lourenço por duas oportunidades [...] tivemos contatos muito amplos com a comunidade, o interior. Eles passaram claramente a idéia de que eles eram um povo a parte dentro da Alemanha. Tanto que eles têm o jornal “Pommersche Zeitung” que diz assim: “por uma Pomerânia livre, mas unida à Alemanha”. Eles têm uma idéia ainda de reconquistar o território na Polônia. [...] E pra alimentar esse sonho, eles reforçam a identidade pomerana [...]. Esse pensamento foi de certo modo, não com tanta clareza como estou te dizendo aqui, mas passou pra dentro da comunidade lourenciana<sup>326</sup>.

No exposto acima, podemos observar que, de um lado, há uma reafirmação da identidade “pomerana”, mas, de outro lado, há também uma ligação com a Alemanha, o que não desvincularia um do outro, portanto, poderíamos falar aqui de um “alemão-pomerano”, no sentido de um “alemão” que é ao mesmo tempo também “pomerano”. Com referência à reafirmação da identidade “pomerana”, Jairo Scholl Costa ressalta o fato de que a identidade étnica “pomerana”, tanto na Alemanha como aqui, é reforçada no processo de exclusão, como podemos ver no seu depoimento:

[...] isso começou a ser reforçado a partir do momento que os pomeranos se sentiram excluídos. Lá na Alemanha e eles acharam também que passaram a ser excluídos aqui. Eles começaram a entender que havia um processo de exclusão na Alemanha em função da Guerra,

<sup>325</sup> Carla Adriane Lübke. Ibid.

<sup>326</sup> Jairo Scholl Costa. Ibid.

perderam suas terras e aí eles achavam que aqui também estavam excluídos, de algum modo, eles estavam vivendo uma vida difícil, sempre mais abandonados no interior [...]. Então eles passaram a se reafirmar um pouco mais pomeranos<sup>327</sup>.

A idéia de exclusão acima abordada, podemos observar, nesta pesquisa, também através do relato de Arnildo Becker:

A pouco nós até conversamos, o pomerano é só um dialeto, não tem escrita, então você aprende através do seus pais, dos seus avós e você vai aprendendo para ensinar para os seu filhos [...] [e] nós pomeranos fomos uma classe muito excluída, muito sofrida. Então por causa disso até hoje nós somos muito desconfiados<sup>328</sup>.

No decorrer da entrevista, Jairo Scholl Costa ressalta então o *Sonnenschein* como o precursor da valorização e promoção da cultura “pomerana”, como podemos observar a seguir:

Eu acredito que tem algum mérito, que quem primeiro absorveu essa idéia de pomerana, que era uma etnia que valeria a pena estudar, que era bonita, as roupas eram bonitas, as danças eram bonitas, as canções eram bonitas foi o *Sonnenschein*<sup>329</sup>.

No texto acima, o depoente faz uma alusão ao evento que festejou os 10 anos de fundação do *Sonnenschein* em 1993 e conseqüentemente na apropriação de elementos “pomeranos” pelo *Sonnenschein* através do seu encontro com o Grupo de Canto e Dança Ihna por ocasião do evento acima mencionado.

Em seguida, Jairo Scholl Costa nos fala que a preocupação do *Sonnenschein* em valorizar e promover a cultura “pomerana” começou a ser notada precisamente há dez anos na *Südktoberfest* (1998) e ressalta que a Alemanha era vista como um todo, sem privilegiar um ou outro grupo étnico, como podemos ver no seu depoimento:

[...] tem se observado que quando ela [a *Südktoberfest*] iniciou não havia a preocupação

<sup>327</sup> Jairo Scholl Costa. Ibid.

<sup>328</sup> Arnildo Becker. Ibid.

<sup>329</sup> Jairo Scholl Costa. Ibid.

em relação aos grupos étnicos. A Alemanha era a Alemanha e todo mundo vestido de tirolês, de bávaro [...]. De uns anos pra cá, eu noto que começou haver uma preocupação [...]. Sem naturalmente esquecer as demais etnias. Eles [o *Sonnenschein*] se têm mostrado mais preocupados [...] abrindo mais espaço para o pomerano. É possível que aí outras etnias sejam prejudicadas à medida que não tenham tanta expressão em São Lourenço do Sul. [...] um cantor do tirol austríaco, o que ele tem a ver com São Lourenço do Sul. Pouco, quase nada. A não ser [...] que faz parte do mundo germânico. [...] E eles [o *Sonnenschein*] procuram mais, então mais e mais prender-se ao pomerano e isso tem crescido muito, ajudado muito a esse renascer dessa cultura que estava praticamente desaparecendo aqui também<sup>330</sup>.

No contexto de uma consciência étnica e cultural “pomerana”, Jairo Scholl Costa sublinha algumas situações que aconteceram por volta de 2001, nas quais podemos verificar a reafirmação e visibilidade da identidade étnica e cultural “pomerana”:

Eu noto, por exemplo, que quando foi fundada a Cooperativa dos Pequenos Agricultores aqui na Boa Vista, o feijão já nasceu com a marca pomerana. O primeiro produto que eles comercializaram foi os saquinhos de um quilo de feijão com o nome pomerano<sup>331</sup>. Eu acredito que faz mais ou menos uns sete anos, seis anos, por aí. E aí que vem crescendo muita coisa pomerana. Aí de repente as rádios começam a vincular programas voltados para a colônia de São Lourenço. [...] Canções pomeranas ou alguém

<sup>330</sup> Jairo Scholl Costa. *Ibid.*

<sup>331</sup> Ressaltamos aqui que, quando percorremos o Caminho Pomerano na altura da localidade da Boa Vista, observamos na fachada de um prédio o letreiro: “Alimentos Pomeranos”. No entanto, podemos observar também que, ao longo do Caminho Pomerano, aparecem palavras em língua alemã para marcar a identidade “pomerana”, como por exemplo, o *Maischnaps*, a cachaça engarrafada por uma agroindústria da Associação do Caminho dos Pomeranos e a Casa da *Schmier*. Chamamos a atenção, no entanto, para o fato de que muitas palavras são iguais em ambas as línguas e que a palavra *Schmier*, tipo de doce que se passa no pão, embora do vocabulário alemão, não é usada neste contexto na língua alemã padrão.

aqui vai falar em pomerano, nós vamos dar um recado em pomerano<sup>332</sup>.

No que diz respeito aos programas de rádio voltados à comunidade “pomerana”, ou seja, transmitidos em dialeto pomerano, vejamos o relato de Arnildo Becker, radialista da rádio São Lourenço:

Isso foi no ano de 1998, aproximadamente há uns dez anos atrás que eu comecei na rádio o programa em pomerano. Então deu um impacto muito grande e [...] pessoas procuraram até advogados querendo me processar para dizer que não poderia falar o pomerano no ar. Eu já sofri isso na pele. Mas aí [...] centenas de pessoas me apoiaram e uma pessoa até disse o seguinte: “Arnildo você fez uma coisa, parecia uma sopa que a massa estava toda no fundo do tacho e você pegou e revirou aquilo ali.” [...] Então várias pessoas comentam, principalmente para mim, não sei se para você vão dizer a mesma coisa, que a rádio tem uma grande força para incentivar isso, que graças a Deus eu fui um dos pioneiros aqui da região, que comecei em noventa e oito, eu comecei um programa sempre misturando o português e o pomerano aqui na região<sup>333</sup>.

Quando solicitado a falar sobre o seu programa na rádio São Lourenço, isto é, sobre o que é feito em português e em pomerano, Arnildo Becker nos conta o seguinte:

Por exemplo, a gente homenageia o aniversariante em pomerano, a gente manda um alô para a dona de casa que está preparando o almoço [...] e assim a gente vai intercalando aquilo ali. [...] a gente conta uma piada em pomerano, depois a gente até a traduz. Então, pessoas ligam pra gente e pedem que contem uma piada. [...] o trabalho que a gente tem feito também de incentivar, por exemplo, principalmente, o produtor do nosso município, que nós estamos no município que basicamente depende da agricultura e a nossa indústria é a agricultura. Então, o que a gente procura também

<sup>332</sup> Jairo Scholl Costa. *Ibid.*

<sup>333</sup> Arnildo Becker. *Ibid.*



incentivar, fazer entrevistas com técnico agrícola para orientar o produtor, atendendo em pomerano para dizer como é que ele vai, antes dele plantar, incentivá-lo a fazer uma análise de solo. Então, é esse tipo de trabalho que a gente presta através do rádio<sup>334</sup>.

Na seqüência da entrevista, Jairo Scholl Costa chama a atenção novamente para a valorização da identidade étnica “pomerana”, mais precisamente, para a auto-compreensão e auto-estima dentro do grupo étnico “pomerano”. Enfim, o *revival* da etnia “pomerana” que é marcado então definitivamente, isto é, que culmina por ocasião das comemorações do “Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana”.

Passou a se ver de repente que eles eram um povo que tinham feito a colônia de São Lourenço em sua maioria. [...] Aí se deram conta que tinham sido um povo corajoso, tinham vencido todas as adversidades e aí veio uma pontinha de orgulho. Sai de repente daquela situação em que a pessoa se sente vexada. Em admitir que é pomerano, que de repente pode ser considerado como um indivíduo rude, grosseiro, ignorante e ele se refugia lá no mundo alemão [...]. Bom, ninguém questiona mais [...] antes de ser alemão eu sou pomerano e aí começa toda essa movimentação que eclode dentro dessa Associação do Caminho Pomerano, da formação do caminho Pomerano e de todo esse trabalho [...] revival dos usos e costumes e tradições que ainda sobraram aqui em São Lourenço. E hoje, a gente chega a ver o orgulho ao ponto de chegar aos cento e cinquenta anos da imigração. Todos os anos se comemorou a imigração alemã, este ano, sesquicentenário da imigração alemã-pomerana em São Lourenço do Sul<sup>335</sup>.

<sup>334</sup> Arnildo Becker. Ibid. Na época da entrevista (2008) Arnildo Becker tinha dois programas ao vivo na rádio São Lourenço, um programa ia ao ar de segunda a sexta-feira no horário de 1:30 as 2:30 e o outro programa aos domingos das 8:30 as 11:30. Segundo Arnildo Becker, no programa de domingo cinquenta por cento era no dialeto pomerano com a participação de pessoas no ar também de municípios vizinhos como, Pelotas, Canguçu e Cristal. Sabemos que Arnildo Becker transferiu-se mais tarde para a rádio Litoral Sul e atualmente trabalha na rádio Nativa no município vizinho, na cidade de Pelotas. Hoje, portanto, não temos conhecimento de nenhum programa dirigido à comunidade “pomerana” em São Lourenço do Sul.

<sup>335</sup> Jairo Scholl Costa. Ibid.

No exposto acima, o depoente sublinha o fato de que o “pomerano”, até então, se identificava como “alemão”, pois como “pomerano” era considerado uma pessoa “rude, grosseira e ignorante”, mas que a partir de então se orgulha de sua origem étnica. Na expressão “[...] antes de ser alemão eu sou pomerano [...]”, no entanto, parece que Jairo Scholl Costa relativiza a afirmação acima, ou seja, o “pomerano” também se considera “alemão”. A idéia de “*revival* da etnia pomerana” nos dias de hoje, mais particularmente, do ponto de vista dos descendentes de imigrantes, isto é, daqueles que se sentem pertencentes ao grupo étnico “alemão” e/ou “pomerano”, é reforçada por Arthur Martinez Moraes Netto, que a exemplifica através do trabalho feito no Museu Casa da Imigração:

com certeza [...] estou trabalhando com a criação do Museu. Então a gente vê o olho deles brilharem, do interesse que eles têm de valorizar a própria cultura, de botar para fora o que estava guardado por muito tempo. [...] está muito aflorado isso aí, está muito explícito esse interesse. Eles têm mais vontade de ver suas raízes e a sua etnia sendo mostrada, o que não acontecia anteriormente<sup>336</sup>.

Para reforçar a idéia acima, isto é, de uma efetiva auto-compreensão e uma elevada auto-estima do “pomerano”, Carla Adriane Lübke afirma que o “pomerano” era estigmatizado e inferiorizado, como podemos ver a seguir: “Havia isso sim. De que o pomerano era grosso.” Nesse contexto, a depoente acima nos relata, por exemplo, o trabalho feito na escola municipal Francisco Frömming:

E a gente então tem procurado mudar isso. Procurado trabalhar com que é positivo. Que é a produção de cultura do tipo o “Stiepa<sup>337</sup>” que está completamente perdido. Essas coisas que a gente tem procurado resgatar com eles, para que eles valorizem a própria linguagem. Hoje, a gente vê

<sup>336</sup> Arthur Martinez Moraes Netto. Ibid.

<sup>337</sup> *Stiepa* “é um folguedo popular realizado no sábado de páscoa, constituído de um grupo de pessoas da comunidade que, fantasiados, visitam as casas anunciando a páscoa.” (Thum, 2009, p. 63). Ainda, de acordo com esse autor, não há uma grafia única para essa palavra, sendo assim, grafamos *Stiepa* conforme a sonoridade dada pela entrevistada. Para mais informações sobre o *Stiepa*, ver Thum (2009).

que eles têm orgulho de dizer: “eu sou descendente de pomerano.” [...] Então o que a gente conseguiu com isso. Resgatar a auto-estima e fazer com que a pessoa busque sua identidade, eu sou isso mesmo<sup>338</sup>.

No contexto escola municipal-identidade étnica, Carla Adriane Lübke salienta o trabalho que professores e alunos da escola municipal têm feito, ou seja, em fomentar e manter o cultivo do jardim, da horta e do pomar na escola e na comunidade. Aqui, a depoente chama a atenção para a produção alternativa, isto é, o cultivo sem agrotóxicos e salienta que isso tem que ser encabeçado e fomentado pelo poder público. Para a depoente acima “é um trabalho para muitos anos, mas a gente tem a certeza do que a gente começou a população não quer mais volta.”

E nessa busca pelo reconhecimento e reafirmação da identidade “pomerana”, Carla Adriane Lübke ressalta ainda o Caminho Pomerano como um meio pelo qual o aluno é confrontado com a cultura local, ou seja, com a cultura “pomerana”.

[...] ele sai de sua escola e vai estudar a sua história fazendo o Caminho Pomerano que os pomeranos fizeram, aprendendo coisas sobre a cultura pomerana, sobre a culinária, sobre o modo de vida deles<sup>339</sup> [...]. Então tudo é valorizado. É mostrado na escola como uma coisa boa. Como uma coisa positiva. [...] Fazer esse trabalho para que as pessoas digam, eu tenho orgulho de ser pomerano. Eu tenho orgulho de saber mais uma língua. [...] Isso a gente está procurando manter. Esse receio de falar alemão, esse receio de se identificar, esse receio de dizer, que bom que eu tenho essa cultura, que bom que eu falo uma segunda língua<sup>340</sup>.

<sup>338</sup> Carla Adriane Lübke. Ibid.

<sup>339</sup> Nesse contexto, é enfatizado a propriedade rural e o trabalho agrícola e o seu papel sócio-econômico e cultural na comunidade “pomerana” de São Lourenço do Sul. Devemos ressaltar aqui que, tanto o trabalho feito no Museu Casa da Imigração, citado mais acima por um entrevistado, quanto o na Escola Francisco Frömming e em outras escolas municipais do interior e o no Caminho Pomerano, são marcadores de identidade étnica do descendente de alemães da zona rural. Sendo assim, isso não será analisado nesta pesquisa, que tem como seu objeto de estudo o descendente de alemães da zona urbana.

<sup>340</sup> Carla Adriane Lübke. Ibid.

No que diz respeito à auto-compreensão e auto-estima da origem étnica “pomerana”, Pedro Henrique de Gusmão Caldas, no entanto, ressalta que a comunidade “pomerana”,

[...] não se vê representada nisso, até porque ela não foi chamada a participar disso, então, vou dar um exemplo. Nesse ano foi comemorado os cento e cinquenta anos da imigração [...] então houve uma comitiva aqui em São Lourenço, de autoridades e outras pessoas que foram no ano passado à Alemanha, supostamente para convidar e divulgar essa festividade e nessa comissão não teve nenhum elemento representante da comunidade pomerana que fosse participar dessa viagem e ter contato com as autoridades da Alemanha. E nesses pontos do Caminho Pomerano [...] me consta que apenas num deles teria uma família que seria de origem pomerana, que estaria participando e a grande maioria, noventa por cento dos pontos, não tem nada a ver com cultura pomerana [...] por exemplo, um grupo de danças pomeranas, não tem, uma representação, enquetes teatrais da vida do colono pomerano, não tem nada disso, então o que tem para mostrar da cultura pomerana. Aí vão dizer que o peito de ganso defumado, mas isso é da cultura germânica. Tem algo que diz que é uma coisa, mas que na verdade não é. Falta um acento na realidade a partir da própria participação da comunidade<sup>341</sup>.

No exposto acima, podemos verificar que Pedro Henrique de Gusmão Caldas contesta o fato de uma auto-compreensão e auto-estima da comunidade “pomerana” quando diz que ela foi excluída de participar da divulgação das comemorações dos “Cento e Cinquenta Anos da Imigração Alemã-Pomerana”. Além disso, salienta que a maioria dos pontos turísticos do Caminho Pomerano não teria nenhuma relação com a etnia “pomerana” e sublinha, por exemplo, que o peito de ganso defumado não é um marcador étnico “pomerano”. Nesse caso, o depoente acima está equivocado, pois, segundo nossas percepções, o peito de ganso defumado era uma iguaria na Pomerânia que os imigrantes dessa região trouxeram consigo. Chamamos a atenção aqui,

<sup>341</sup> Pedro Henrique de Gusmão Caldas. Ibid.

mais uma vez, para a confusão, mesmo entre os “especialistas” em imigração alemã para São Lourenço do Sul, com referência em saber o que é especificamente “germânico, alemão e pomerano”.

No que diz respeito à viagem à Alemanha, que Pedro Henrique de Gusmão Caldas se refere acima, sabemos o seguinte: Ela foi realizada pelo prefeito José Sidney Nunes de Almeida e comitiva<sup>342</sup> entre os dias 30 de agosto e 11 de setembro de 2007. O Departamento de comunicação da Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul divulga aos lourencianos uma entrevista coletiva sobre as principais agendas cumpridas e os principais resultados obtidos nessa viagem à Alemanha no dia 14 de setembro de 2007 no gabinete do prefeito. Vejamos uma mensagem do prefeito municipal José Sidney Nunes de Almeida:

O resultado desta viagem de intercâmbio superou nossas expectativas, tanto no aspecto de cooperação internacional, como nas tratativas de projetos de desenvolvimento tecnológico, econômico e turístico. Mas o que mais nos chama a atenção e emocionou a nós e aos alemães e pomeranos, foi a aproximação do povo de São Lourenço do Sul com suas verdadeiras origens. Sentimo-nos orgulhosos de, depois de 150 anos da chegada deste povo, estabelecemos estes vínculos fraternos com nossa história mais autêntica<sup>343</sup>.

No exposto acima, podemos observar claramente que, para o prefeito municipal, São Lourenço do Sul foi colonizado por dois grupos étnicos distintos, ou seja, “alemães e pomeranos”. Ao questionarmos Rui Geri, vereador do Partido Progressista (PP), sobre se teria havido uma discussão dos objetivos dessa viagem à Alemanha na Câmara de Vereadores, ele nos diz o seguinte:

Não, simplesmente pra nós aqui na Câmara veio o pedido de afastamento do prefeito para fazer esta

<sup>342</sup> A comitiva do prefeito municipal José Sidney Nunes de Almeida era composta pelo secretário de turismo, indústria e comércio Zelmute Oliveira, pela presidente da Associação Pró-desenvolvimento do Turismo (ADETUR) Cleusa Vilela, pelo assessor da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto Jairo Scholl Costa, pelos senhores Detlef Thiel (arquiteto) e Silvio Luis Pinto de Oliveira (eletrotécnico). Os sobrenomes dos membros da comitiva indicam que apenas duas pessoas seriam descendentes de alemães, pois levam o nome alemão, o que confirma a observação de Pedro Henrique de Gusmão Caldas de que “[...] nesta comissão não tivemos nenhum elemento representante da comunidade pomerana [...]”

<sup>343</sup> A mensagem do prefeito municipal e as principais agendas cumpridas e os principais resultados obtidos, ver anexo, p.328-333.

viagem, isto sim e que foi concedido, mas não foi discutido para que fim fosse dentro da Câmara, e nem quais eram os propósitos do mesmo, eu em uma conversa particular com o prefeito, aí sim eu obtive fontes, que ele estaria indo atrás de recursos para a área cultural, onde inclusive nós oferecemos os Dvds, que eu falei antes, para mostrar um pouquinho do que nós ainda estamos fazendo no nosso município. Eu acho que deveria ter tido uma conversa dentro da Câmara com o legislativo pra até comentar, sugerir. Ideias diferentes, pois através da diversidade muitas vezes se constrói [...] <sup>344</sup>.

No que diz respeito ainda a essa viagem à Alemanha, salientamos a assinatura do termo oficial de cooperação entre os municípios de Sponheim <sup>345</sup> e São Lourenço do Sul. Segundo Edilberto Luiz Hammes, o primeiro contato entre São Lourenço do Sul e Sponheim foi estabelecido em 1991 por ocasião de sua visita a esse município com o objetivo de conhecer a localidade de nascimento de dois de seus bisavôs. No ano de 1994, um ano após a primeira visita de um grupo de alemães de Sponheim a São Lourenço do Sul, fundou-se no município alemão uma organização não governamental, o *Freundeskreis von São Lourenço* (Círculo de Amigos de São Lourenço) com o objetivo de manter o vínculo amistoso iniciado em 1991 e ajudar entidades filantrópicas de São Lourenço do Sul. De acordo com Edilberto Luiz Hammes, neste ínterim, ou seja, entre 1991 e 2007 <sup>346</sup>, houve da parte de Sponheim várias tentativas frustradas de firmar uma relação para além da amizade, ou seja, de oficializar uma relação entre os dois municípios através de suas prefeituras. A formalização dessa parceria aconteceu finalmente na gestão do atual prefeito municipal por ocasião de sua viagem em 2007 à Alemanha, quando o vínculo amistoso iniciado em 1991 foi selado oficialmente entre ambos os municípios <sup>347</sup>. Sponheim e

<sup>344</sup> Rui Geri. Ibid.

<sup>345</sup> O município de Sponheim, terra natal de Jacob Rheingantz, situa-se no estado alemão Renânia-Palatinado.

<sup>346</sup> Entre os anos de 1991 e 2007, mais precisamente entre 1991 e 2005, quando começa a gestão do governo municipal atual, três cidadãos lourencianos ocuparam o cargo de prefeito municipal, a saber, por ordem cronológica: Sergio Becker Lessa, Jorge Alberto Duarte Grill e Dari Pagel. Precisamos salientar aqui que, embora todos os prefeitos mencionados acima tenham um nome alemão, sobretudo o último, que como sabemos, tem sua origem materna e paterna na “Colônia São Lourenço”, parece que não demonstraram muito interesse na valorização, preservação e divulgação da cultura alemã em São Lourenço do Sul.

<sup>347</sup> A formalização da parceria Sponheim-São Lourenço do Sul, ver anexo, p. 334-335.

São Lourenço do Sul tornam-se então “cidades-irmãs”. Edilberto Luiz Hammes sublinha aqui o interesse e o apoio do atual prefeito municipal José Sidney Nunes de Almeida.

No ano de 2008 em São Lourenço do Sul, conforme Edilberto Luiz Hammes, foi fundado por sua iniciativa o Círculo de Amigos de Sponheim, oficialmente Associação de Amigos de Sponheim<sup>348</sup> como uma forma de retribuir a criação do Círculo de Amigos de São Lourenço em Sponheim, preponderantemente, de estreitar e manter os laços amistosos entre os dois municípios. Além disso, Edilberto Luiz Hammes ressalta que a entidade estimulará o intercâmbio entre os dois municípios, o ensino da língua alemã e a promoção de viagens em grupos por pessoas que se interessam e gostam da Alemanha<sup>349</sup>.

Segundo nossas percepções, a Associação de Amigos de Sponheim não é um marcador de identidade étnica “alemã” de São Lourenço. Em primeiro lugar, a cidade de Sponheim nos remete a cidade natal do fundador da Colônia São Lourenço que se situa no estado alemão Renânia-Palatinado, ora sabemos que a maioria dos imigrantes alemães de São Lourenço do Sul são provenientes da Pomerânia. Ainda que o discurso laudatório da história oficial consagre Jacob Rheingantz como o mito fundador de São Lourenço do Sul, podemos observar, por outro lado, que ele não era tão estimado por todos os imigrantes e seus descendentes com vimos no capítulo três<sup>350</sup>. A idéia de que Jacob Rheingantz é um símbolo para a comunidade “alemã” e/ou “pomerana” do município de São Lourenço do Sul é questionada por Loni Tessmer Hax:

Pelo que eu tenho conversado com pessoas mais antigas e que eu tenho visto de pessoas que conhecem mais antigamente, ele não era bem querido naquela época. Porque ele era um capitalista e ele visava lucro. Inclusive a distinção dele, que ele fez uma casa na Picada Moinhos, na Coxília do Barão, que pra época era uma

<sup>348</sup> De acordo com Edilberto Luiz Hammes, “[...] quando nós fomos ao cartório [...] para registrar [a entidade] o cartório falou que Círculo de Amigos não pode ser registrado [...] então teria que ser uma associação. Aí nós resolvemos [...] mudar o nome de Círculo de Amigos de Sponheim para Associação de Amigos de Sponheim.” Edilberto Luiz Hammes. *Ibid.*

<sup>349</sup> Edilberto Luiz Hammes. *Ibid.* Nesse contexto, precisamos ressaltar que o *Sängergruppe Heidelberg* (Grupo de Canções Folclóricas Alemãs Heidelberg) fundado em 1988 troca o seu nome em homenagem à cidade de Sponheim para *Sängergruppe Sponheim* (Grupo de Canções Folclóricas Alemãs Sponheim).

<sup>350</sup> Para mais informações sobre esse tema, ver Iepsen (2008).

mansão. Enquanto que os colonos, os alemães e pomeranos viviam, principalmente, os pomeranos, praticamente em choupanas. Então isso deixa bem o destaque, de pessoas que eu conversava, dos mais antigos e o que a gente sabe, do que se foi passando pra gente. Isso tudo oralmente. [...] se criou muito o mito dele. Foi uma coisa criada pela literatura, pelo governo talvez [...]. E o Jacob não era muito bem quisto. Tanto que ele foi obrigado depois a ir embora de São Lourenço, depois quando trouxeram os restos mortais dele pra cá, veio a urna pra cá, nem aquele ato foi bem visto pelos colonos, pelos alemães. Quem viveu lá fora e que sabe a tradição oral de sua família. Ele não é, mas procura se criar esse mito, mantê-lo, porque já faz tempo que ele existe como mito. Vai falar de migração, os alunos, a primeira coisa, Jacob Rheingantz foi quem trouxe, porque isso, porque aquilo. [...] Esse mito foi muito bem construído, eu acho, e ai pra cair esse mito não é tão fácil assim.

Na seqüência da entrevista, a depoente acima nos conta que Jacob Rheingantz “era um empreendedor que só via o lado dele.” Segundo a depoente, foi João Batista Scholl “que depois assumiu, foi quem mais investiu em escola, conseguiu doações dos terrenos para fazer as comunidades. O Scholl é que depois mudou um pouco essa estrutura [...]” Quando questionada sobre sua participação na Associação de Amigos de Sponheim, Loni Tessmer Hax nos diz que: “Eu não participo desse círculo, eu fui convidada, mas não cheguei a ir a nenhuma reunião [...]. Mas eu nem sei se eu gostaria de participar” e salienta que isso confirmará o mito Jacob Rheingantz. Loni Tessmer Hax ressalta ainda, no decorrer da entrevista, que não se destaca a história e a cultura de nenhuma família da Pomerânia, mas sempre do mito Jacob Rheingantz desde as comemorações dos “Cinquenta”, “Cem” e “Cento e Cinquenta Anos da Imigração”:

[...] E os outros que vieram. Os imigrantes que permaneceram aqui, que a família ficou aqui, que



realmente fizeram o município crescer. Não se destaca nenhuma família, não se fala em nenhuma família e não se busca a história dessas famílias<sup>351</sup>.

Nesse contexto, Carla Adriane Lübke, nos relata que o colono “alemão” e/ou “pomerano”.

[...] foi um desbravador aqui na região. Ele foi colocado nas piores terras. Se a gente observar o mapa do município, a gente vai perceber que as terras de planície, as terras férteis, que tinham possibilidade de grandes produções ficaram nas mãos do colonizador português. Os Ferreira, os Abreu, os Crespo, famílias tradicionais que se estabeleceram nessa região no início da colonização com suas charqueadas, com sua criação de gado e com toda essa produção que era voltada a grandes extensões. E [...] tinha uma parte que era o início da Serra dos Tapes, a parte mais íngreme cheia de mato [...]. Quando os alemães-pomeranos vieram para cá, eles não foram dividir o espaço com as grandes extensões de terra. Com as terras mais férteis [...] eles foram colocados na zona mais íngreme. [...] Então a princípio eles já foram escanteados. Com a tecnologia que eles tinham naquela época, produzir numa terra como aquela [...]. Então isso é uma realidade. E a gente está procurando contar essa história do ponto de vista do colonizador, da pessoa que trabalhou, da pessoa que veio para cá e desbravou a terra, Não da pessoa que veio para cá e explorou essa mão de obra. Isso a gente tem procurado sempre resgatar. A história tem que ser contada do ponto de vista de quem desbravou e não ser contada do ponto de vista de quem veio para cá e colocou os numa situação até de certa forma injusta. [...] E essa leitura tem que ser feita<sup>352</sup>.

No exposto acima, podemos verificar que a depoente reafirma e reforça a idéia do imigrante “alemão” e/ou “pomerano” como pioneiro, ou seja, como aquele que desbravou a mata virgem no Brasil, já

<sup>351</sup> Loni Tessmer Hax. Ibid.

<sup>352</sup> Carla Adriane Lübke. Ibid.

abordada anteriormente no capítulo dois e no decorrer deste capítulo. De acordo com Carla Adriane Lübke, esta é parte da história que precisa ser contada, isto é, valorizada e reafirmada no contexto da imigração e colonização “alemã” e/ou “pomerana” para São Lourenço do Sul.

Segundo nossas percepções, portanto, a relação Jacob Rheingantz-Associação de Amigos de Sponheim certamente fará com que o mito fundador de São Lourenço do Sul se reafirme. Aqui, chamamos a atenção para possibilidade de um acordo com alguma cidade do estado alemão Meckemburgo-Pomerânia Ocidental, ainda que a maioria dos imigrantes para São Lourenço do Sul tenha vindo da Pomerânia Oriental. Mesmo assim, acreditamos que um acordo com algum município daquele estado alemão viria mais ao encontro da identificação étnica dos descendentes de imigrantes “alemães” e/ou “pomeranos” de São Lourenço do Sul.

Em segundo lugar, participam da Associação de Amigos de Sponheim também muitas pessoas de outras etnias, que conforme Edilberto Luiz Hammes, criaram laços de amizade em uma viagem organizada por ele em 1996 à Alemanha e simpatizam com a cultura alemã, como podemos ver no seu depoimento abaixo:

Existem pessoas de origem alemã e pessoas que nada tem a ver com a origem alemã [...] que acabaram agora nessa última convocação indo em massa, porque gostaram de mais da Alemanha e dos amigos que acabaram fazendo com essa visita em maio de 1996. Eles foram nessa reunião de maio agora. E acabamos então fundando o “Circulo de Amigos de Sponheim”<sup>353</sup>.

Além disso, devemos sublinhar que, nenhum de nossos entrevistados mencionou a Associação de Amigos de Sponheim como um marcador de sua identidade étnica, assim como nenhum deles fez alguma referência ao fundador da Colônia São Lourenço Jacob Rheingantz<sup>354</sup>.

No que diz respeito à relação de proximidade entre descendentes de “alemães” e/ou “pomeranos” com outros grupos étnicos em São Lourenço do Sul, Edilberto Luiz Hammes salienta que o comportamento

<sup>353</sup> Edilberto Luiz Hammes. Ibid.

<sup>354</sup> Precisamos salientar que para os descendentes de imigrantes alemães para São Lourenço do Sul oriundos do estado alemão Renânia-Palatinado, no entanto, a Associação Amigos de Sponheim poderia ser um marcador de identidade étnica.

distanciado entre a etnia “alemã” e outras etnias está se modificando, como podemos ver a seguir:

E essas pessoas, por incrível que pareça, eu vi esses dias, pessoas que nada tem com a Alemanha com bandeiras nos autos, de tanto que eles se entusiasmaram pelos amigos que formaram lá. [...] A coisa está mudando um pouquinho, porque logo depois da Guerra havia uma distância muito grande entre alemães e os não alemães. Hoje, a coisa felizmente está apagada e a gente vê que, a gente tem amigos também de outras etnias que fazem parte da Associação<sup>355</sup>.

No entanto, precisamos relativizar a idéia acima, ou seja, ainda podemos observar certo distanciamento por parte de outras etnias para como os “alemães” e/ou “pomeranos”, pois segundo Edilberto Luiz Hammes, durante as comemorações do “Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana”, ele observou o seguinte:

Eu ouvi na rua uma pessoa que não é de origem alemã dizendo assim: “eu não sei porque essa gente veio para cá.” Isso dói. Eu penso assim, eles não gostam de ver o que nós, da nossa etnia, fazemos, que é continuar com esse vínculo com a pátria de nossos antepassados. Aí eu penso assim. Porque os portugueses não fazem um “círculo”. É bonito. É lindo. Eles têm músicas bonitas. Têm vinhos bonitos. E poderiam fazer, mas não fazem. Agora, quando a gente faz, o que é que a gente ouve. É isso aí. E os alemães têm essa coisa. Eles cultivam as raízes e eles cultivam a cultura. Isso faz parte do nosso sangue, é assim. Então eu acho que é por aí.

No depoimento acima, podemos verificar claramente o aspecto básico da etnicidade teuto-brasileira, isto é, a ascendência alemã/origem comum como um marcador de identidade étnica.

No final de sua entrevista, Jairo Scholl Costa chama a atenção para o fato de que a cultura “alemã” e/ou “pomerana”, assim com as

<sup>355</sup> Edilberto Luiz Hammes. *Ibid.*

demais culturas étnicas em São Lourenço do Sul, sofreu influências externas enormemente a partir do advento da televisão:

Isso prejudicou os bailes, certas tradições que tinham. Eles [os descendentes de imigrantes “alemães” e/ou “pomeranos”] acharam que aquilo era uma coisa ultrapassada, que aquilo era coisa dos antigos, que aquilo era coisa velha, enfim, não vou me meter nisso, eu sou jovem e isso é coisa do meu bisavô.

Mas logo em seguida, o depoente acima ressalta em sua fala, no entanto, que hoje há uma reafirmação da identidade étnica em São Lourenço do Sul, como podemos ver no relato abaixo:

[...] parece que a coisa é meio cíclica no mundo. Quando o pessoal vai agora dizendo, mas isso aqui tem importância [...] o rapaz com dezesseis anos, uma menina procurando falar o pomerano, querendo saber como é que eram os usos e costumes, os hábitos do bisavô, do avô, isso é interessante. Eu acho que isso é uma prova de que está dando certo esse processo. Não é de resgate, mas de reanimação dessa situação<sup>356</sup>.

Nesse sentido, podemos dizer que a Associação Caminho dos Pomeranos (2006), por exemplo, através do turismo histórico (rural) reforça a identidade local, ou seja, a identidade “pomerana” em São Lourenço do Sul.

As observações feitas nesta seção e o argumento acima nos mostram que identidades locais estão sendo influenciadas e conseqüentemente transformadas por outras culturas ou até mesmo recriadas, mas também que estão sendo reafirmadas pela comunidade local. Hall (1999) chama a atenção para essas duas tendências contraditórias que estão presente no mundo globalizado produzido pela pós-modernidade e examina três prováveis conseqüências sobre as identidades culturais:

As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da

<sup>356</sup> Jairo Scholl Costa. Ibid.

homogeneização cultural e do “pós-moderno global”.

As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização.

As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar. (HALL, 1999, p. 69).

O ponto forte do que está sendo discutido é a tensão entre o “global” e o “local” e a questão de que as identidades nacionais estão sendo homogeneizadas. No que diz respeito à primeira das três prováveis conseqüências da globalização, ou seja, à homogeneização cultural, Hall (1999, p. 80) analisa três características principais:

A globalização caminha em paralelo com o reforçamento das identidades locais, embora isso ainda esteja dentro da lógica da compressão espaço-tempo.

A globalização é um processo desigual e tem sua própria “geometria do poder”.

A globalização retém alguns aspectos da dominação global ocidental, mas as identidades culturais estão, em toda a parte, sendo relativizadas pelo impacto da compressão espaço-tempo.

Assim, as percepções de Jairo Scholl Costa, expostas mais acima nesta seção, corroboram com as observações feitas por Hall (1999, p. 77-78) com referência a primeira contratendência, ou seja, de que

[...] ao lado da tendência em direção à homogeneização global, há também a fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da “alteridade”. Há, juntamente com o impacto do “global”, um novo interesse pelo “local”. A globalização (na forma de especialização flexível e da estratégia da criação de “nichos” de mercado), na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como “substituindo” o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre o “global” e o “local”. Este “local” não deve, naturalmente, ser confundido com as velhas identidades,

firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, *novas* identificações “globais” e *novas* identificações “locais”.

Finalmente, ao interrogarmos uma depoente sobre a possibilidade do governo municipal estar se utilizando da “cultura alemã e/ou pomerana” com fins políticos-econômicos, ela nos diz o seguinte:

Eu acho que não tem nada a ver com política. Eu acho que realmente veio alguém que deu oportunidade de valorizar as pessoas que vivem na cidade, no interior. [...] Eu vejo nesse sentido, acho que não tem nada a ver com objetivo político. Não quero acreditar que seja, porque aí vai ser a maior decepção<sup>357</sup>.

Nos depoimentos desta seção, podemos observar opiniões contrárias à mercantilização da identidade, ou seja, favoráveis e desfavoráveis a respeito do papel do governo municipal no processo de construção e afirmação da identidade étnica “alemã” e/ou “pomerana” em São Lourenço do Sul. Ainda que a valorização, preservação e promoção de aspectos da cultura “alemã” e/ou “pomerana” em São Lourenço do Sul estejam relacionadas à mercantilização da cultura através do turismo local ou à “tradição inventada”, o fato é de que, segundo nossas percepções, a identidade “pomerana” começa a ser construída, reafirmada e ter mais visibilidade no município.

Diante do exposto nas quatro seções deste capítulo, podemos verificar que, embora a identidade e a cultura “pomerana” estejam sendo reforçadas e ressaltadas em São Lourenço do Sul, a maioria dos nossos entrevistados ainda não se assume plenamente como que pertencente ao grupo étnico “pomerano”, isto é, não se reconhece como tal. Segundo nossas percepções, o *revival* da etnia “pomerana” no município, ou seja, a tentativa de se recriar ou inventar uma identidade “pomerana” desvinculada da identidade “alemã” para São Lourenço do Sul ainda não atingiu a maioria dos entrevistados da nossa pesquisa (os descendentes

<sup>357</sup> Roselene Radmann. Ibid.

de “alemães” e/ou “pomeranos” que vivem na zona urbana do município). A maioria dos depoentes ainda está muito vinculada à identidade “alemã”, pois como podemos observar nas quatro seções deste capítulo, quando questionados sobre sua identidade étnica, a maioria dos entrevistados, ora se reconhece como “alemão”, ora como “pomerano”, ora parecendo que são coisas diferentes, ora parecendo que são coisas iguais. A identidade étnica “pomerana” está sendo atualmente recriada ou reinventada pelo poder público municipal, preponderantemente, e definida através da forma hifenizada “alemã-pomerana” pelo “olhar externo” do “coletivo pomerano”, como podemos verificar, especialmente, na imprensa local e regional por ocasião das comemorações do “Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana” em São Lourenço do Sul. Atualmente, parece que a forma hifenizada “alemã-pomerana” define melhor a identidade étnica dos descendentes de “alemães” e/ou “pomeranos” da cidade de São Lourenço do Sul, ou seja, uma identidade hifenizada. No entanto, devemos sublinhar que, segundo nossas percepções, trata-se aqui de uma mercantilização da identidade étnica, pois uma auto-compreensão e auto-definição do “coletivo pomerano” parece que, pelo menos para o objeto da pesquisa do nosso trabalho, o descendente de “alemães” e/ou “pomerano” da zona urbana de São Lourenço do Sul, ainda não está claro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho analisamos facetas da história do grupo étnico teuto-brasileiro em relação à construção e formação da sua identidade étnica, no município de São Lourenço do Sul (RS), no período histórico compreendido entre a década de 1980 e os dias de hoje, precisamente, a compreensão das diferentes representações e sentidos atribuídos a “ser teuto-brasileiro” nesse município. Para essa compreensão investigamos traços culturais e sociais objetivamente identificáveis e elementos subjetivos que os teuto-brasileiros residentes em São Lourenço do Sul identificam como características de sua identidade étnica, ou seja, da identidade teuto-brasileira.

A nossa pesquisa mostrou que a comunidade étnica teuto-brasileira de São Lourenço do Sul não apresenta, no geral, características próprias ou diferentes de comunidades étnicas teuto-brasileiras de outros municípios. No entanto, verificamos através das histórias de vida de cada um dos sujeitos entrevistados identificações diferentes e iguais, isto é, averiguamos marcadores de pertencimento étnico, de um lado, vivenciados individualmente e de outro lado, compartilhados por todos, o que evidencia uma unidade desse coletivo étnico.

A redefinição do seu conjunto de identificadores étnicos, ou seja, a forma de definição atual da etnicidade teuto-brasileira em São Lourenço do Sul está diretamente relacionada a apropriações simbólicas convencionais e à produção de novos sentidos que cada sujeito entrevistado vivenciou na família e na comunidade étnica teuto-brasileira a partir de suas experiências pessoais de acordo com valores afetivo-emocionais, intelectuais e morais e do contexto sócio-cultural. Nesse sentido, a auto-identificação de cada sujeito desta pesquisa apresenta uma natureza heterogênea desse coletivo étnico.

Os sujeitos entrevistados (histórias de vida), homens e mulheres (12 pessoas), entre 18 e 44 anos, descendentes de alemães, residem na zona urbana do município de São Lourenço do Sul. Os teuto-brasileiros de São Lourenço do Sul estão inseridos e integrados na comunidade lourenciana. Sendo assim, construíram também relações com outros grupos étnicos dentro desse contexto. Esse fato, portanto, não pode ser considerado como um desligamento e exclusão da comunidade étnica teuto-brasileira, pois os sujeitos desta pesquisa demonstram laços culturais e de solidariedade étnica e o desejo de valorizar, manter e divulgar aspectos da cultura “alemã” e/ou “pomerana”, assim como a



preservação da identidade étnica teuto-brasileira. Ainda que os entrevistados demonstrem identificações na igualdade e na diferença, assim como afirmações e contradições sobre o que é “ser teuto-brasileiro” em São Lourenço do Sul, este coletivo étnico apresenta, segundo nossas percepções, novos sentidos para a identidade étnica teuto-brasileira no geral. Isso comprova o caráter de permanência e transformação na identidade étnica e uma negociação de sentidos individuais e coletivos.

Os aspectos da cultura “alemã” e/ou “pomerana” através dos quais os sujeitos entrevistados identificam-se e são identificados na cidade de São Lourenço do Sul são afirmados pela comunidade étnica teuto-brasileira como um todo. Nesta pesquisa, analisamos como os entrevistados vivenciam a religião luterana, a língua alemã, a ascendência étnica/origem comum, assim como o Grupo de Danças Folclóricas Alemãs *Sonnenschein*, a *Südktoberfest*, o Caminho Pomerano, o Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana no contexto do poder público municipal.

No que diz respeito à religião luterana, verificamos que ela tem um papel importante na preservação da identidade étnica teuto-brasileira para a maioria dos depoentes. Ainda que eles não façam referências aos ensinamentos da doutrina luterana e a ritos de passagem, observamos que há uma tendência confessional luterana. Os entrevistados se apropriam do luteranismo para professar a fé cristã. Averiguamos também que, para alguns depoentes as congregações luteranas têm o papel de valorizar e preservar aspectos da cultura e da história “alemã” e/ou “pomerana” através de representações que identificam o grupo étnico, ainda que reinventadas, como a comida, a música e a dança, por exemplo, que encontramos nas festas dos casamentos e das comunidades luteranas. Nesse sentido, as celebrações e festas religiosas organizadas pelas congregações luteranas apresentam sentidos religiosos e culturais. Por fim, constatamos ainda que para outros entrevistados a vinculação à Igreja Luterana se concretiza através de laços afetivo-emocionais, assim como também da música religiosa. Assim, podemos afirmar que cada um dos depoentes vivencia e se apropria da religião luterana de modo individual.

Com relação à língua alemã e ao dialeto pomerano averiguamos que eles têm uma importância expressiva na manutenção da identidade étnica teuto-brasileira para todos os entrevistados, embora muitos deles não os falam mais. Ainda que a língua alemã e o dialeto pomerano não sejam mais marcadores incondicionais da identidade étnica dos depoentes, o alemão e o pomerano constituem-se, indiscutivelmente, em

um traço simbólico de sua identidade étnica ou que cumprem, provavelmente, uma função instrumental. A língua alemã volta atualmente no ensino formal e o dialeto pomerano, preponderantemente, é afirmado no privado e no público.

No que se refere à ascendência étnica/origem comum, constatamos que ela tem um papel fundamental na valorização da identidade étnica teuto-brasileira, pois a maioria dos entrevistados declarou um sentimento positivo em relação à sua pertença étnica, ou seja, eles sentem orgulho de sua origem étnica. O aspecto básico da etnicidade teuto-brasileira é valorizado ainda pela maioria dos depoentes nos dias de hoje. Nesta pesquisa, é importante destacarmos, portanto, que a questão da ascendência étnica/origem comum não está clara para o teuto-brasileiro de São Lourenço do Sul, ou seja, para muitos entrevistados, que ora se identificam como “alemães”, ora como “pomeranos”, parecendo que as duas categorias étnicas usadas pelos depoentes: “alemães” e “pomeranos”, ora definem coisas iguais, ora coisas diferentes.

Outro aspecto que é interessante considerarmos também na questão da ascendência étnica/origem comum refere-se à sua relação com o dialeto pomerano, ou seja, ele é que diferencia “alemães” de “pomeranos”. Todos os entrevistados reconhecem a diferença entre a língua alemã e o dialeto pomerano, no entanto, essa diferenciação mostra-se clara para alguns depoentes, enquanto que confusa para outros. Para esses entrevistados, a língua da comunidade de fala ora é o alemão, ora é o pomerano, parecendo que também aqui tudo é a mesma coisa. No que diz respeito à relação entre a ascendência alemã e o dialeto pomerano, parece que para os depoentes o termo “alemão” remete a um conceito político e o termo “pomerano” a um conceito lingüístico, uma vez que na época da imigração para o Brasil, os pomeranos eram cidadãos da Prússia, mas a língua falada no cotidiano desse coletivo étnico era o pomerano. Nesse sentido, parece que no interior do grupo étnico alemão, os pomeranos não se diferenciam de alemães, mas sim de imigrantes que vieram de outras regiões da Alemanha, por exemplo, da Renânia, do Palatinado, da Westfália, da Baviera.

A maioria dos entrevistados reporta à sua ascendência étnica/origem comum alguns aspectos objetivos e subjetivos importantes no processo de construção e afirmação de sua identidade étnica. Eles ressaltam sua vinculação à ascendência étnica/origem comum através de características culturais e sociais, assim como de afetivo-emocionais, biológicas e comportamentais. Alguns depoentes chamam a atenção

para o modo de vida compartilhado pelo descendente de “alemães” e/ou “pomerano” e sublinham a importância em compartilhar alguns elementos objetivos e subjetivos em comum. Eles salientam a valorização das relações afetivas e de afinidades no interior do grupo étnico “alemão” e/ou “pomerano” e ressaltam ainda algumas características objetivas e subjetivas que seriam próprias desse grupo étnico, ou seja, uma mesma concepção de vida. O convívio entre pessoas de um mesmo grupo étnico seria então para esses entrevistados mais “natural”. A vinculação desses depoentes ao grupo étnico “alemão” e/ou “pomerano” aparece então por meio de aspectos objetivos e subjetivos, ou seja, esses entrevistados se reconhecem pertencendo ao grupo étnico “alemão” e/ou “pomerano” através de sentimentos, virtudes e atitudes (valores afetivos, morais e intelectuais).

Verificamos aqui que a identidade étnica é um conjunto de crenças fundamentadas no sentimento de pertença étnica ao mesmo povo e em determinados critérios tais como religião, língua, ascendência, cultura, etc. que excluem algumas pessoas e incluem outras. Nesse sentido, a auto-identificação de cada sujeito desta pesquisa apresenta uma natureza homogênea desse coletivo étnico. A identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul enquadra com a perspectiva da identidade relacional que orienta esta pesquisa. Enfim, a nossa pesquisa mostrou, portanto, que a identidade étnica só existe no contato com o “outro”, ou seja, em relação à alteridade.

No que diz respeito ao Grupo de Danças Folclóricas Alemãs *Sonnenschein*, à *Süddoktoberfest*, ao Caminho Pomerano e ao Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana verificamos que tanto as manifestações folclóricas, as comemorações e solenidades “típicas” quanto à rota turística histórica (rural) estão inseridos no contexto político-econômico de São Lourenço do Sul. Mas de uma forma ou de outra, congregam também a população teuto-brasileira desse município e reconhecem, valorizam, preservam e promovem a cultura desse coletivo étnico, precisamente, constroem e afirmam sua identidade étnica.

Com relação ao Grupo de Danças Folclóricas Alemãs *Sonnenchein* (1983), averiguamos que ele é considerado pelos entrevistados um “movimento étnico” que marca o *revival* da etnia “alemã” e/ou “pomerana” em São Lourenço do Sul. Nesse sentido, constatamos que o *Sonnenschein* tem um papel expressivo no processo de construção da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul, particularmente, através da dança. Mas a entidade trata também de outros aspectos da cultura “alemã” e/ou “pomerana”, ou seja, ela se

apropriada de vários elementos da cultura “alemã” e/ou “pomerana” para reconstruir e reafirmar a cultura teuto-brasileira em São Lourenço do Sul.

No que se refere à *Südoctoberfest* (1988), observamos que ela é considerada pelos depoentes como o evento de maior expressão da cultura teuto-brasileira em São Lourenço do Sul. Nesse sentido, percebemos que ela tem um papel significativo no processo de construção da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul. Além da dança, da música e de trajes “típicos”, a *Südoctoberfest* também valoriza, mantém e divulga a cultura “alemã” através do canto, da gastronomia, de jogos germânicos, assim como do desfile temático, no qual são mostrados os usos e costumes da zona rural do município. Desse modo, recria-se e se reafirma aspectos da cultura “alemã” e/ou “pomerana” trazidos pelos imigrantes “alemães” e/ou “pomeranos”.

Verificamos ainda que para os entrevistados (ex-integrantes do *Sonnenschein*) a história do *Sonnenschein*, assim com a *Südoctoberfest* é marcada por dois períodos distintos. O Grupo de Dança e a Festa estariam se desviando, nos dias de hoje, do seu objetivo fundamental, ou seja, de valorizar, preservar e promover aspectos da cultura “alemã” e/ou “pomerana” em São Lourenço do Sul. Esses depoentes chamam a atenção para o fato de que o *Sonnenschein* estaria, nos dias atuais, privilegiando o lazer, as amizades e as viagens, por exemplo, assim como destacando elementos culturais de outros grupos étnicos, como, por exemplo, grupos e ritmos musicais. Enfim, eles sublinham a mercantilização da cultura. Os entrevistados (atuais integrantes do *Sonnenschein*) confirmam o exposto acima, mas mesmo assim, salientam que o *Sonnenschein* não estaria se desviando do seu objetivo principal.

Ainda que tenhamos opiniões contrárias a respeito do desvirtuamento do objetivo fundamental do *Sonnenschein* e da *Südoctoberfest*, parece que aspectos da cultura “alemã” e/ou “pomerana” ainda são valorizados, mantidos e divulgados nos dias de hoje, ou seja, que tanto o *Sonnenschein* quanto a *Südoctoberfest* ainda são marcadores da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul. Nesse sentido, analisamos os programas da quarta (1991) e da vigésima primeira (2008) edições da *Südoctoberfest*, que correspondem, de acordo com nossas observações, ao primeiro e segundo períodos do *Sonnenschein* e da *Südoctoberfest* respectivamente e verificamos que as atividades da *Südoctoberfest* permaneceram praticamente as mesmas ao longo do tempo. As mudanças se referem à ordem e a troca de algumas

atividades culturais por outras. Isso evidencia que os objetivos iniciais não se distanciaram tanto dos atuais.

Outro aspecto que é importante destacarmos também na relação *Sonnenschein/Südktoberfest*-identidade étnica refere-se à idéia de uma identidade “alemã” e/ou “pomerana”. O *Sonnenschein* apresentava no seu repertório aspectos do folclore de diversas etnias alemãs, como dança, música e trajés “típicos”. A partir de 1993 por meio do encontro com o Grupo de Danças Folclóricas Ihna do estado alemão Mecklenburgo-Pomerânia Ocidental, ele passa a apresentar também elementos “pomeranos”. Constatamos que, para alguns entrevistados, a idéia de uma “festa pomerana”, ou seja, de destacar elementos da cultura “pomerana” aparece, portanto, a partir da décima oitava edição da *Südktoberfest* (2002). Verificamos aqui, no entanto, que a idéia de uma “festa pomerana” aparece vinculada à de uma “festa alemã”, isto é, definir o “alemão” e o “pomerano” com se fossem um mesmo grupo étnico. Nesse sentido, aparece na vigésima primeira edição da *Südktoberfest* (2008) a forma hifenizada “alemã-pomerana”. Na vigésima terceira edição da Festa (2010), observamos que a Festa mostra agora expressivamente aspectos da cultura “pomerana” e não da “alemã” e que o jantar, por exemplo, passa a ser agora típico “pomerano” e não mais “alemão” como averiguado anteriormente. Nesse sentido, parece que temos agora a idéia de uma “festa pomerana” desvinculada da de uma “festa alemã”.

No que diz respeito ao Caminho Pomerano (2006), verificamos que ele tem uma importância significativa no processo de construção da identidade étnica teuto-brasileira. Ele conta a história do imigrante “pomerano” em São Lourenço do Sul através de uma rota turística rural, precisamente, através de elementos identitários como a tradição, hábitos e costumes, o artesanato e a gastronomia “típicos” e a agricultura familiar. Nesse contexto, averiguamos que na relação Caminho Pomerano-construção e afirmação da identidade “pomerana” temos opiniões contrárias.

A idéia de diferenciar o “ser alemão” do “ser pomerano”, ou seja, de construção e afirmação da identidade “pomerana” é, portanto, recente. Algumas situações são sublinhadas pelos entrevistados desta pesquisa, mas as solenidades do Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana (2008) marcam afinal definitivamente o *revival* da etnia “pomerana” em São Lourenço do Sul. A forma hifenizada “alemã-pomerana” aparece então pela primeira vez em janeiro de 2008 por ocasião das comemorações desse evento. Nesse sentido, analisamos o seu emprego em alguns artigos publicados em três edições do jornal **O**

**Lourenciano** e em um artigo em uma edição do jornal **Zero Hora**. Verificamos que as palavras “alemã” e “pomerana” aparecem indiscriminadamente nos títulos, nos textos e nas legendas das fotos, ou seja, temos os termos, ora “alemã-pomerana”, ora “alemã”, ora “pomerana”, ora “alemã e pomerana” para referir-se ao imigrante para São Lourenço do Sul.

Os termos “alemã” e “pomerana” ligados por “hifem” parece referirem-se, por um lado, a uma mesma etnia, isto é, a palavra “pomerana” qualifica a palavra “alemã”. Nesse caso, parece que todos seriam “alemães”, mas que ao mesmo tempo também seriam “pomeranos”, ou seja, “alemães que são pomeranos”, por analogia, teríamos então também, por exemplo, “alemã-renana”. A forma hifenizada “alemã-pomerana” parece que diz respeito, por outro lado, a duas etnias diferentes, ou seja, teríamos aqui “alemães” e “pomeranos”. Chamamos a atenção aqui para o fato de que a forma hifenizada “alemã-pomerana” não está clara para a maioria dos depoentes, incluindo os “especialistas” no tema imigração para São Lourenço do Sul.

Em relação ao uso dos termos ora “alemã”, ora “pomerana”, parece que as duas palavras são empregadas com o mesmo sentido, pois ora se usa uma palavra, ora se usa a outra indiscriminadamente para referir-se ao imigrante para São Lourenço do Sul.

Os termos “alemã” e “pomerana” ligados pela conjunção “e” parecem que dizem respeito a duas etnias diferentes, isto é, aqui teríamos novamente “alemães” e “pomeranos”. Ainda que se tente diferenciar “alemães” de “pomeranos”, parece que no fim tudo é a mesma coisa. Assim, continua confuso em saber o que é especificamente “alemão” e “pomerano”. A afirmação da identidade “alemã” em detrimento da “pomerana”, particularmente, com relação à língua e à ascendência étnica/origem comum, parece que está associado à estigmatização, ou seja, os “pomeranos” eram discriminados e inferiorizados pelos “alemães”.

Os marcadores de pertença étnica como a religião luterana, a língua alemã e o dialeto pomerano e a ascendência étnica/origem comum estão ligados, provavelmente, a uma história comum construída primeiramente na família e depois estendida a toda a comunidade étnica teuto-brasileira. Assim, a construção da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul parece ser aqui uma escolha feita pelo próprio sujeito entrevistado e não imposta pela comunidade étnica e/ou pelo poder público.

No que diz respeito ao papel do governo municipal, verificamos que ele tem um papel importante no processo de construção e afirmação

da identidade étnica “alemã” e/ou “pomerana” em São Lourenço do Sul para a maioria dos entrevistados, particularmente, no que se refere ao *Sonnenschein*, à *Südktoberfest*, ao Caminho Pomerano e ao Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana.

Assim, a valorização, a preservação e a promoção da cultura “alemã” e/ou “pomerana” parece que está, de um lado, relacionada ao próprio grupo étnico, ou seja, a uma auto-compreensão de sua identidade étnica, particularmente, com relação à religião luterana, à língua alemã e ao dialeto pomerano e à ascendência étnica/origem comum e, de outro lado, associada à mercantilização da identidade, isto é, a um apelo político-econômico pelo poder público, particularmente, com referência ao *Sonnenschein*, à *Südktoberfest*, ao Caminho Pomerano e ao Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana.

No que se refere à mercantilização da identidade, é importante destacarmos que aqui é enfatizada a cultura “pomerana”. Nesse sentido, chamamos a atenção para o Caminho Pomerano e as solenidades do Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana. Para alguns entrevistados as atividades turísticas do Caminho Pomerano e as comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã-Pomerana estão sendo desenvolvidas e organizadas por pessoas que não pertencem à comunidade “pomerana”, portanto, sem a participação dos “pomeranos”. Alguns pontos turísticos não têm relação com a cultura “pomerana” e produtos coloniais são comercializados no Caminho Pomerano como um meio para atrair turista e gerar renda ao pequeno agricultor.

Ainda que a valorização, a manutenção e a divulgação da cultura “pomerana” em São Lourenço do Sul esteja relacionada ao turismo local ou à “tradição inventada”, o fato é de que a identidade étnica “pomerana” começa a ser construída, afirmada e ter mais visibilidade no município. A identidade étnica “pomerana” está sendo atualmente recriada e reinventada pelo poder público municipal, isto é, pelo olhar externo do coletivo “pomerano” e defendida através da forma hifenizada “alemã-pomerana” preponderantemente. Assim, parece que os descendentes de “alemães” e/ou “pomeranos” da cidade de São Lourenço do Sul são definidos atualmente por uma identidade hifenizada: “alemães-pomeranos”. Nesse caso, poderíamos até usar o termo “teuto-pomerano-brasileiro”, por analogia ao termo teuto-brasileiro, para definir os descendentes de “alemães-pomeranos” em São Lourenço do Sul. Enfim, sublinhamos que se trata aqui de uma mercantilização da identidade étnica, pois uma auto-definição do coletivo “pomerano” parece que ainda não está clara.

A tentativa de se criar e inventar uma identidade “pomerana” desvinculada da identidade “alemã” para São Lourenço do Sul ainda não atingiu, no entanto, a maioria dos nossos entrevistados que não se reconhecem plenamente como que pertencentes ao grupo étnico “pomerano”. A maioria dos depoentes ainda está vinculada à identidade “alemã”, precisamente, ora se definem como “alemães”, ora como “pomeranos”, ora parecendo que são coisas iguais, ora que são coisas diferentes. Na nossa pesquisa, isso pode ser comprovado claramente, como podemos ver nos excertos das entrevistas, já anteriormente abordadas no decorrer do capítulo quatro, a seguir: “[...] eu me orgulho de ser ou pomerano ou alemão.” (p. 141). “Então, eu seria alemão-pomerano [...] é uma mistura, nem eu sei definir direito. Pois é uma coisa complicada [...]” (p. 168). “Alemão, sem pensar. Mas aí depois se a gente fosse conversar mais a fundo eu falaria pomerano.” (p. 182).

O apoio teórico no eixo etnicidade-identidade que utilizamos na análise desta pesquisa concebe a identidade como algo construído na relação com o “outro”, precisamente, como um movimento constante de “ser igual” e “ser diferente”. Da mesma forma que neste processo aberto de construção/desconstrução/reconstrução de identidade étnica, nossa pesquisa, ou seja, a análise das entrevistas de História Oral não pode ser considerada de modo algum fechada, pois o resultado alcançado aqui traz apenas um momento histórico do movimento constante do grupo étnico teuto-brasileiro em São Lourenço do Sul.

Assim, não podemos considerar esta pesquisa concluída, mas esperamos que ela possa ter levantado alguns questionamentos para futuros estudos sobre a construção e formação da identidade étnica em São Lourenço do Sul.

A nossa pesquisa aponta uma série de questionamentos, principalmente em relação à ascendência étnica/origem comum. Esta faceta não ficou clara neste trabalho, ou seja, os nossos entrevistados se reconhecem como “alemães” e/ou “pomeranos” e nunca justificam a identidade escolhida. A partir do pressuposto de que as categorias étnicas são subjetivas e que os grupos étnicos se identificam de acordo com a situação, necessitaríamos de um estudo mais aprofundado para saber em que momento as categorias “alemães” e/ou “pomeranas” são representadas, afirmadas ou ressaltadas pelos depoentes. Esta parte, portanto, deveria ser retomada em outro trabalho.

O fato de ter havido um *revival* da etnia teuto-brasileira em São Lourenço do Sul, no qual uma identidade étnica é reinventada ou, até mesmo, atribuída a esse grupo étnico pelo poder público municipal, poderia explicar, talvez, a confusão demonstrada nas entrevistas, nas



quais os depoentes ora se reconhecem como “alemães”, ora como “pomeranos”, ora parecendo que é tudo igual, ora que é tudo deferente. Nesse contexto, poderíamos perguntar ainda o seguinte: Como teria sido a compreensão da população teuto-brasileira de São Lourenço do Sul sobre a sua identidade étnica em períodos históricos anteriores ao do nosso trabalho?

Em outro desdobramento da nossa pesquisa, poderíamos aprofundar a questão da afirmação da identidade “alemã” em detrimento da “pomerana” no processo de construção da identidade étnica, complementando e/ou questionando o estudo de Thum (2009), que analisou os **silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes** no sul do Rio Grande do Sul em relação à opressão das instituições formativas (religiosas, escolares, comerciais). Dentro desse contexto, a nossa pesquisa poderia abrir a seguinte discussão: A imigração “pomerana” em São Lourenço do Sul diferencia-se de outros grupos de imigração alemã no Rio Grande do Sul? O silêncio da cultura “pomerana” é uma consequência da opressão das agências ideológicas (Igreja, Escola, “Venda”), ou seja, do germanismo, conforme apontado por Thum em seu estudo? Ou o processo de construção e afirmação de uma identidade “alemã” em São Lourenço do Sul é uma escolha do próprio coletivo “pomerano” e não uma imposição das agências ideológicas?

Sabemos que a cultura “pomerana” não está clara para o coletivo étnico “pomerano” no momento, mas o comprometimento e a intervenção do educador e da universidade no processo de formação e construção da identidade étnica “pomerana”, ou seja, sua emancipação, conforme defendido por Thum (2009), não seria também um processo de opressão cultural? Não teríamos aqui apenas a substituição do agente e da instituição formadora por outro (o professor universitário) no processo de formação e construção de identidade? A idéia de uma identidade “pomerana” separada da “alemã” deverá, portanto, partir do coletivo “pomerano”. Assim, permanece outro questionamento: o que o coletivo “pomerano” quer efetivamente?

As histórias de vida do grupo étnico teuto-brasileiro de São Lourenço do Sul poderão ser analisadas também com o viés da análise comparativa, como por exemplo, entre depoimentos de descendentes de “alemães” e/ou “pomeranos” da zona urbana e da rural e entre comunidades étnicas teuto-brasileiras, no caso, já temos coletados depoimentos de descendentes de “alemães” e/ou “pomeranos” do município de Pomerode (SC). Outra questão a verificar a partir dos relatos de História Oral diz respeito à autenticidade e à credibilidade de

aspectos da cultura “alemã” e/ou “pomerana”, pois sabemos através de pesquisas bibliográficas que alguns elementos desapareceram ao longo do tempo e não são mais vivenciados na comunidade teuto-brasileira ou estão se perdendo, como por exemplo, os bailes e as bandinhas, principalmente, entre os jovens.

Por fim, destacamos mais outra questão: Alguns marcadores de pertencimento étnico que não aparecem com muita frequência nas histórias de vida dos depoentes não foram analisados na nossa pesquisa, mas que poderão ser abordados em futuros estudos. Entre eles, aparecem aspectos objetivos e subjetivos, a saber: os hábitos alimentares, o lazer (a pescaria, o jogo de futebol, o jogo de cartas, o baile), a música (a bandinha, o canto-coral), as festas (as festas da Igreja Luterana, a Festa do Colono, a Festa dos Cantores), os feriados, os hábitos do vestuário, os hábitos da moradia (a casa pintada de branco e a janela de azul), o trabalho agrícola e o vínculo afetivo com a terra (o plantar, a horta, o pomar, o jardim), a “cultura do trabalho”, a “cultura do cemitério” e as relações afetivas (a amizade, o casamento) e traços de comportamento (a organização, a disciplina, a persistência).

## **FONTES**

### **Entrevistas (Histórias de Vida)**

Nome: Gilberto Falck  
Idade: 44 anos  
Escolaridade: Ensino Médio  
Profissão: Comerciante

Nome: Cristian Iepsen  
Idade: 25 anos  
Escolaridade: Ensino Universitário  
Profissão: Jornalista

Nome: Vanessa Wiegand Iockock  
Idade: 21 anos  
Escolaridade: Ensino Universitário  
Profissão: Estudante universitária

Nome: Luis Fernando Bergmann  
Idade: 19 anos  
Escolaridade: Ensino Médio  
Profissão: Estudante

Nome: Marilise Bierhals  
Idade: 25 anos  
Escolaridade: Ensino Médio  
Profissão: Técnica em enfermagem

Nome: Carlos José Tessmer Elias  
Idade: 39 anos  
Escolaridade: Ensino Universitário  
Profissão: Engenheiro Agrônomo

Nome: Régis Lüdke Frömming  
Idade: 18 anos  
Escolaridade: Ensino Médio  
Profissão: Estudante

Nome: Roselene Radmann  
Idade: 39 anos

Escolaridade: Ensino Universitário  
Profissão: Advogada

Nome: Beatriz Hellwig Neunfeld  
Idade: 33 anos  
Escolaridade: Ensino Médio  
Profissão: Empresária

Nome: Mônica Wetzel  
Idade: 38 anos  
Escolaridade: Ensino Médio  
Profissão: Comerciante

Nome: Héber Holz  
Idade: 28 anos  
Escolaridade: Ensino Universitário  
Profissão: Bancário

Nome: Günther Timm Beskow  
Idade: 24 anos  
Escolaridade: Ensino Universitário  
Profissão: Engenheiro Agrônomo

### **Entrevistas (Especialistas)**

Nome: Edilberto Luiz Hammes  
Profissão: Médico

Nome: Loni Tessmer Hax  
Profissão: Professora de História

Nome: Pedro Henrique de Gusmão Caldas  
Profissão: Jornalista, Radialista e Escritor

Nome: Jairo Scholl Costa  
Profissão: Advogado e Escritor (Assessor de Cultura)

Nome: Arthur Martinez Moraes Netto  
Profissão: Bancário, Publicitário, Artista Plástico e Fotógrafo

Nome: Rui Geri

Profissão: Professor (Vereador do Partido Progressista)

Nome: Arnildo Becker

Profissão: Radialista

Nome: Hélio Falck

Profissão: Aposentado

Nome: Carla Adriane Lübke

Profissão: Professora de Português (Secretária de Educação, Cultura e Esporte)

## **OUTRAS FONTES**

### **Livros**

COARACY, Vivaldo. **A colônia de São Lourenço e seu fundador Jacob Rheingantz**: notas para a história. Gravura de Mário Gruber Correia. São Paulo: Saraiva, 1957.

RHEINGANTZ, Carlos Guilherme. **Colônia de São Lourenço**: história de sua fundação por Jacob Rheingantz. Rio Grande: Oficina da Livraria Americana, 1907.

### **Cartilha**

COSTA, Jairo Scholl; Dietrich, Breno; ALMEIDA, José Sidney Nunes de. **150 anos de imigração alemã-pomerana em São Lourenço do Sul**: 1858-2008. [São Lourenço do Sul], 2008. 1. cartilha, color., 28 p.

### **Revista**

IHU on line: revista do Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo: UNISINOS, n. 271, 01 set. 2008. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1220298128.7707pdf.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2009

## Jornais

O LOURENCIANO. São Lourenço do Sul: [s. n.], n. 1613, 16 jan. 2008. Encarte especial Os 150 anos da imigração alemã-pomerana em São Lourenço do Sul.

O LOURENCIANO. São Lourenço do Sul:[s. n.], n. 1614, 23 jan. 2008. Encarte especial em homenagem aos 150 anos da imigração alemã-pomerana.

O LOURENCIANO. São Lourenço do Sul: [s. n.], n. 1626, 16 abr. 2008.

O LOURENCIANO. São Lourenço do Sul: [s. n.], n. 1630, 14 maio 2008.

CECCONI, Eduardo. 150 anos da colonização pomerana no Estado. **Zero Hora**, Porto Alegre, 17 jan. 2008.

HAMMES, Edilberto Luiz. 150 anos unem a aldeia alemã de Sponheim e São Lourenço do Sul. **Diário Popular**, Pelotas, 05 out. 2008. Zona Sul, p. 21-23.

KLUMB, Clara Catarina Schaun. A educação dos pomeranos. **O Lourenciano**, São Lourenço do Sul, ano 34, n. 1630, p. 12, 14 maio 2008.

IEPSEN, Cristian. A história do Sonnenschein. **Informativo Sonnenschein**, São Lourenço do Sul, p. 3, set./out. 2007. Edição especial.

INFORMATIVO SONNENSCHHEIN. São Lourenço do Sul: [s. n.], set./out. 2007. Edição Especial.

SOCIEDADE RECREATIVA SETE DE SETEMBRO. São Lourenço do Sul: Sociedade Recreativa Sete de Setembro, 12 jan. 1995.

UNIÃO cultural e agrícola: o patrimônio cultural continua vivo. **Correio da Lagoa**, São Lourenço do Sul, p. 7-14, 12 jun. 1992.

## **Palestras**

COSTA, Jairo Scholl. **[Colonização alemã em São Lourenço do Sul]**. São Lourenço do Sul: [s. n.], [entre 1990 e 2000]. Palestra proferida por Jairo Scholl Costa, durante as programações da XIV Feira Municipal do Livro.

DREHER, Martin Norberto. **Notas sobre os 150 anos de imigração alemã em São Lourenço do Sul**. São Lourenço do Sul: [s. n.], 2008. Palestra proferida por ocasião das comemorações dos 150 anos da imigração alemã em São Lourenço do Sul.

## **Folheto**

O FRITZ-JANTAR. São Lourenço do Sul: [s. n.], [2000?]. Folheto com dados históricos do Fritz-Jantar fornecidos pelo entrevistado Edilberto Luiz Hammes.

## **Apostilas**

HISTÓRICO cultural do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Sonnenschein. São Lourenço: [s. n.], [198-?]. Reprografia de apostila datilografada.

SÜDOKTOBERFEST: a festa alemã do Sul. São Lourenço: [s. n.], [198-?]. Reprografia de apostila datilografada.

## **Folder**

MUSEU Casa da imigração. São Lourenço do Sul: Instituto Cultural Educacional Casa da Imigração, 2008. Folder de divulgação do museu.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da literatura**. 2. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1968.

ALTENHOFEN, C.V. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul**: ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit Portugiesisch. Stuttgart: Steiner, 1996.

ANDERSON, Perry. **Passagens da Antigüidade ao feudalismo**. 2. ed. Porto: Afrontamento, 1982.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.) **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001. p. 15-36.

ARENDDT, Isabel Cristina. **Representações de germanidade, escola e professor na Allgemeine Lehrerzeitung für Rio Grande do Sul [Jornal geral para o professor no Rio Grande do Sul]**. 2005. 264 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2001.

BAHIA, Joana. A “lei da vida”: confirmação, evasão escolar e reinvenção da identidade entre os pomeranos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 69-82, jan./jun. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022001000100005&lng=pt&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100005&lng=pt&nrm=isso)>. Acesso em: 09 out. 2006.

\_\_\_\_\_. Magia e religião: heranças de outro mundo. **IHU on line**: Revista do Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo: UNISINOS, n. 271, p. 23-25, 01 set. 2008. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1220298128.7707pdf.pdf>>

Acesso em: 08 jun. 2009

\_\_\_\_\_. **O tiro da bruxa**: identidade, magia e religião entre camponeses pomeranos do Estado do Espírito Santo. 2000. 328 f. Tese



(Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

BALIBAR, Etienne. Culture and identity. In.: RAJCHMAN, J. (Ed.). **The identity in question**. London: Routledge, 1995.

BARTH, F. **Ethnic groups and boundaries**. London: Allen & Unwin, 1969.

BHABHA, Hommi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BERSCHIN, Helmut. **Deutschland – ein Name im Wandel**: Die deutsche Frage im Spiegel der Sprache. München: Günter Olzog, 1979. Band 1.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.) **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 183-191.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 311 p.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006. 116 p.

CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na Era Vargas**: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil. 1998. Tese (Doutorado em História) – Programa de pós-graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

COHEN, A. **Customs and politics in Urban Africa**: a study of Hausa migrants in Yoruba Towns. Berkeley: University of California press, 1969.

\_\_\_\_\_. The lessons of ethnicity. In: \_\_\_\_\_. **Urban ethnicity**. Londres: Tavistock, 1974. cap. 3.

CONZEN, Katheleen Nehls et al. The invention of ethnicity: a perspective from the USA. **Journal of American Ethnic History**, Bloomington, Fall 1992. p. 3-39.

COSTA, Jairo Scholl. **Navegadores da Lagoa dos Patos: a saga náutica de São Lourenço do Sul**. 4. ed. São Lourenço do Sul: Hofstätter, 2004.

\_\_\_\_\_. Origens históricas do município de São Lourenço do Sul. In: **São Lourenço do Sul: 1884-1984**. São Lourenço do Sul: Corag, 1984.

\_\_\_\_\_. **O pescador de arenques**. Pelotas: EDUCAT, 2007.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Jorge Luiz da. A Alemanha e seus emigrantes: questões nacionais. In.: CUNHA, Jorge Luiz da; GÄRTNER, A. (Org.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2003. p. 17-58.

\_\_\_\_\_. **Rio Grande do Sul und die Deutsche kolonisation: ein Beitrag zur Geschichte der deutsch-brasilianischen Auswanderung und der deutschen Siedlung in Südbrasilien zwischen 1824 und 1914**. Santa Cruz do Sul: UNISC/Gráfica Léo Quatke, 1995

DREHER, Martin Norberto. **Igreja e germanidade: estudo crítico da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. São Leopoldo: Sinodal; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.

DROOGERS, André. Religião, identidade e segurança entre imigrantes luteranos da Pomerânia, no Espírito Santo (1880-2005). **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 13-41, jul. 2008. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872008000100002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872008000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 25 ago. 2009.

ECHTERNKAMP, Jörg. **The nationalization of war in early 19th century "Germany"**. Hong Kong: Hong Kong Baptist University/Department of Government & International Studies, 2005. 18 p. (Working Paper Series, n. 12). Disponível em:

<<http://www.hkbu.ed>

ELIAS, Norbert. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus no século XIX e XX. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997. 431 p.

\_\_\_\_\_. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. Sociogênese da diferença entre “kultur” e “zivilization” no emprego alemão. In: \_\_\_\_\_. **O processo civilizador 1**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

ERNST, Peter. **Deutsche Sprachgeschichte**. Wien: Facultas, 2005. ISBN13: 9783825225834.

FERNANDES, Evandro. **S.O.S Europa Faminta**: comitê de Socorro à Europa Faminta – SEF. 2005. 180 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral e tempo presente. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. A colônia de São Lourenço. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 63-80, jul. 1982.

FONTANA, J. **A história dos homens**. Bauru: EDUSC, 2004.

FREUND, Michael. **Deutsche Geschichte – von den Anfängen bis zur Gegenwart**. München: C. Bertelsmann Verlag, 1985. 1693 p.

GEARY, Patrick J. **O mito das nações**: a invenção do nacionalismo. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005. 223 p.

GEERTZ, Clifford James. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

OS GERMANOS aos olhos dos Romanos. 2002? Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/Voltaire/artigos/germanos2.htm>>. Acesso em: 4 dez. 2008.

GERTZ, René E. A construção de uma nova cidadania. In.: MAUCH, Claudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.). **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas: Ed. da Ulbra, 1994. p. 29-40.

\_\_\_\_\_. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2005.

\_\_\_\_\_. Os luteranos no Brasil. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 9-33, inverno 2001. Disponível em:

<[http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op=view&path\[\]=56](http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op=view&path[]=56)>. Acesso em: out. 2009.

\_\_\_\_\_. **O perigo alemão**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.

GILLIS, John. Introduction: memory and identity: the history of a relationship. In: GILLIS, John R. (Ed.). **Comemmorations**: the politics of national identity. Princeton: Princeton University Press, 1994. p. 3-24.

GONÇALVES, Dilza Pôrto. **A memória na construção de identidades étnicas**: um estudo sobre as relações entre “alemães” e “negros” em Canguçu. 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

GRÜTZMANN, I. O carvalho entre palmeiras: representações e estratégias identitárias no germanismo. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 7, n. 8, p. 115-169, 2003.

\_\_\_\_\_. **A mágica flor azul**: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HAMMES, Edilberto Luiz. **São Lourenço do Sul**: radiografia de um município: das origens ao ano 2000. São Leopoldo: Studio Zeus, 2010. 4 v.

HACKBARTH, João Koeler. **A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito**. Disponível em: <[http://www.etnicidade.net/colonizacao\\_alema.htm](http://www.etnicidade.net/colonizacao_alema.htm)>. Acesso em: 4 dez. 2008.

HAUPT, Heinz-Gerhard. Religião e nação na Europa no século XIX: algumas notas comparativas. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 22, n. 62, jan./abr. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-01422008000100006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-01422008000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 14. set. 2009.

HOBBSAWM, Eric J. Etnia e nacionalismo na Europa. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 271-282.

\_\_\_\_\_. Introdução: a invenção das tradições. In.: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 9-23.

\_\_\_\_\_. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HOLANDA, Sérgio Buarque de; FAUSTO, Boris. **História geral da civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. v. 8-11.

IEPSEN, Eduardo. **Jacob Rheingantz e a colônia de São Lourenço**: da desconstrução de um mito à reconstrução de uma história. 2008. 280 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008. Disponível em: <[http://bdtd.unisinos.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=589](http://bdtd.unisinos.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=589)>. Acesso em: 20 nov. 2008

KLIEMANN, Luisa H. S. **Terra e poder**: história da questão agrária. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

KLUG, João. **A imigração alemã e a construção de uma identidade teuto-brasileira no sul do Brasil**. Trabalho apresentado na ADLAF – Jahrestagung/2003. Institut un dem Seminar für Wissenschaftliche Politik der Albert-Ludwigs Universität, Freiburg, DE, 13-15 nov. 2003.

KOCH, Walter. A escola evangélica teuto-brasileira. In: FIORI, Neide Almeida. **Etnia e educação**: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. p. 193-207.

KOLLING, Nilo Bidone. **Educação e escolas em contextos de imigração pomerana no sul do Rio Grande do Sul – Brasil**. 2000. 235 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2000.

KREUTZ, Lúcio. O professor paroquial católico teuto-brasileiro: função religiosa, sociocultural e política. In: FIORI, Neide Almeida. **Etnia e educação**: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. p. 157-192.

LESSER, Jeff. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: UNESP, 2001. 344 p.

LERAY, Christian. A língua como vetor identitário: o caso particular do gaulês na Bretanha. In: CORACINI, Maria José (Org.). **Identidade & Discurso**. Campinas: Ed. da Unicamp; ARGOS, 2004. p. 119-136.

LOT, Ferdinand. **O fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média**. Lisboa: Edições 70, 1952.

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. **Pangermanismo e nazismo**: a trajetória alemã rumo ao Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998. 258 p.

MALTZAHN, Gislaíne Maria. **Um casalzinho novo para a comunidade**: etnografia de um casamento pomerano, São Lourenço do Sul (RS). 2007. 58 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002. 246 p.

MEYER, Dagmar E. Estermann. “Alemão”, “estrangeiro” ou “teuto-brasileiro”? : representações de docência teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul. In.: Reunião Anual da Anped, 23., 2000, Caxambu. **Anais eletrônicos...** Disponível em:

<[www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0219t.PDF](http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0219t.PDF)>. Acesso em: 06 out. 2006.

\_\_\_\_\_. **Identidades traduzidas**: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul. 1999. 242 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

\_\_\_\_\_. Língua e religião como instituintes da nacionalidade: cultura teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul. In: CUNHA, Jorge Luiz da; GÄRTNER, Angelika (Org.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**: história, linguagem, educação. Santa Maria: Ed. UFSM, 2003. p. 187-213.

MORIN, Edgar. **Complexidade e transdisciplinaridade**: a reforma da universidade e do ensino fundamental. Natal: Editora da UFRN, 2000.

MÜLLER, Helena Isabel. História do tempo presente: algumas reflexões. In: PÔRTO JR., Gilson (Org.). **História do tempo presente**. Bauru: Edusc, 2007. p. 17-29.

MÜLLER, Helmut; KRIEGER, Karl Friedrich; VOLLRATH, Hanna. **Deutsche Geschichte in Schlaglichtern**. Mannheim: Wien: Zürich: Meyers Lexikonverlag, 1990. 480 p.

NODARI, Eunice Sueli.; VIEIRA, Alexandre Sardá. O Oeste de Santa Catarina: a renegociação das fronteiras étnicas. **Fronteiras**: Revista Catarinense de História, Florianópolis, n. 9, p. 29-50, 2001.

NORTH, Michael. **Geschichte Mecklenburg-Vorpommerns**. München: C. H. Beck Verlag, 2008. 127 p.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PAIVA, César. Escolas de língua alemã no Rio Grande do Sul: o nazismo e a política de nacionalização. In: FIORI, Neide Almeida.

**Etnia e educação:** a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. p. 103-125.

PAULA, João Antônio. A idéia de nação no século XIX e o marxismo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 22, n. 62, p. 219-235, jan./abr. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142008000100015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000100015&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 14. set. 2009.

POLENZ, Peter Von. **História da língua alemã**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973. 399 p.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, abr. 1997.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

PRADE, Helga Guttenkunst. O linguajar do alemão gaúcho. In: CUNHA, Jorge Luiz da; GÄRTNER, Angelika (Org.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul:** história, linguagem, educação. Santa Maria: Ed. UFSM, 2003. p. 81-100.

RAMBO, Athur Blasio. O teuto-brasileiro e sua identidade. In: FIORI, Neide Almeida. **Etnia e educação:** a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. 258 p.

\_\_\_\_\_. Teuto-argentino, teuto-brasileiro, teuto-chileno: identidades em debate. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 201-222, jun. 2005.

RANZI, Serlei Maria Fischer. Religião e identificação étnica. **Revista de Estudos Ibero Americanos**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 247-260, jul. 2000.



RICHÉ, Pierre. As invasões bárbaras. **Mem Martins: Europa-América, 1952.**

ROCHE, Jean. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

RÖLKE, Helmar Reinhard. **Descobrimos raízes:** aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia. Vitória: Ed. da UFES, 1996. 106 p.

ROST, Cláudia Andrea. A identidade do teuto-brasileiro na região sul do Brasil. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, ano 3, v. 5, n. 5, p. 215-236, ajn./jun. 2008. Disponível em:

<[http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ\\_INTER\\_5/INTER5\\_Pg\\_215\\_236.pdf](http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_5/INTER5_Pg_215_236.pdf)>. Acesso em: 05 maio 2011.

SALAMONI, Giancarla et. al. (Org.). **Os pomeranos:** valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul – Pelotas e São Lourenço do Sul. Pelotas: Editora da UFPEL, 1995. Inclui encarte.

SCHAMA, Simon. Der Holzweg: a trilha na floresta. In:\_\_\_\_\_. **Paisagem e memória.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996. cap. 2

SCHRÖDER, Ferdinand. **A imigração alemã para o sul do Brasil:** até 1859. Tradução e apresentação Martin N. Dreher. 2. ed. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.

SCHULZE, Hagen. Die Geburt der deutschen Nation. In: **Mitten in Europa:** Deutsche Geschichte. Berlin: Wolf Jobst Siedler, 1984. cap. 4.

SEYFERTH, Giralda. Os alemães no Brasil: uma síntese. **Com Ciência:** revista eletrônica de jornalismo científico, n. 16, dez. 2000b. Disponível em:

<<http://www.comciencia.br/reportagens/framereport.htm>>. Acesso em: 03 dez. 2008.

\_\_\_\_\_. O conceito de cultura teuto-catarinense. In: SIMPÓSIO SOBRE IMIGRAÇÃO E CULTURA ALEMÃS NA GRANDE FLORIANÓPOLIS: HISTÓRIA, LÍNGUA E CULTURA, 2., 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Instituto Carl Hoepcke, 2008. p. 241-276.

\_\_\_\_\_. A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira. In.: FIORI, Neide Almeida. **Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. p. 21-61.

\_\_\_\_\_. Etnicidade e cultura: a constituição da identidade teuto-brasileira. In.; ZARUR, George de Cerqueira Leite (Org.). **Etnia e nação na América Latina.** Washington; Secretaria Geral da OEA, 1996. v. 2, p. 17-36.

\_\_\_\_\_. A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 149-197, 2004.

\_\_\_\_\_. Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado Brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 9, n. 26, 1994a. Disponível em:

<[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_26/rbcs26\\_08.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm)>.

Acesso em: 3 dez. 2008.

\_\_\_\_\_. Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite. **Região e nação na América Latina.** Brasília: Editora da UnB, 2000a. p. 81-109.

\_\_\_\_\_. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In.: MAUCH, Claudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.). **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história.** Canoas: Ed. da Ulbra, 1994b. p. 12-27.

\_\_\_\_\_. Imigração no Brasil: os preceitos da exclusão. **Com Ciência: revista eletrônica de jornalismo científico**, n. 16, dez. 2000c. Disponível em:

<<http://www.comciencia.br/reportagens/framereport.htm>>. Acesso em: 03 dez. 2008.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. A identidade teuto-brasileira pensada pelo intelectual Aloys Friederichs. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p. 295-330, jan./dez. 2005a.

\_\_\_\_\_. **A trajetória de uma liderança étnica: J. Aloys Friederichs (1868-1950).** 2005. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005b.

SILVA SOBRINHO, Edson Fernando da. **Cavaleiros templários.** Disponível em: <<http://www.lojasmaconicas.com.br/artigo2/templar2.htm>>. Acesso em: 20 out. 2010.

SONSOLES GUERRA, M. **Os povos bárbaros.** São Paulo: Ática. 1987.

TÁCITO, Cornélio. **De origine, situ, moribus ac populis germanorum.** Wiesbaden: Friedr. Bassermann'sche Verlagsbuchhandlung im Falken-Verlag Erich Sicker KG., [198-]. Parte geral. Publicado no Brasil com patrocínio da Mercedes-Benz do Brasil S.A.

TATSACHEN über Deutschland. Frankfurt am Main: Societäts, 1996. 544 p.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.

\_\_\_\_\_. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 51-84, abr. 1997.

THUM, Carmo. **Educação, história e memória:** silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes. 2009. 383 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009. Disponível em: <[http://bdt.unisinos.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=812](http://bdt.unisinos.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=812)>. Acesso em: 25 jan. 2010.

\_\_\_\_\_. Silenciados pela hegemonia alemã. In: **IHU on line:** Revista do Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo: UNISINOS, n. 271, 01 set. 2008. Disponível em:

<[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2092&secao=271](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2092&secao=271)>. Acesso em: 08 jun. 2009.

TORNQUIST, Ingrid Margareta. “**Das hon ich von meiner Mama**”: zu Sprache und ethischen Konzepten unter Deutschstämmigen in Rio Grande do Sul. Uppsala: Swedish Science Press, 1997.

TRAMONTINI, Marcos Justo. **A colônia alemã de São Leopoldo**: organização social dos imigrantes na fase pioneira. 1997. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

\_\_\_\_\_. Etnicidade e política. In: SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA, 20., 1999, Florianópolis. **Anais...** São Paulo: Humanitas: ANPUH, 1999. p. 1159-1168.

UFLACKER, Cristina Marques. **As identidades negociadas na aula de alemão em ações que envolvem falantes de dialetos**. 2006. 170 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

VILELA, Soraia. O alemão lusitano no Sul do Brasil. **Deutsche Welle**, 20 abr. 2004. Disponível em: < [http://www.dw-world.de/popups/popup\\_printcontent/0,,1174391,00.html](http://www.dw-world.de/popups/popup_printcontent/0,,1174391,00.html)>. Acesso em: 15 jan. 2009.

VOIGT, André Fabiano. **A invenção do teuto-brasileiro**. Florianópolis, 2008. 203 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2008. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0300-T.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2009.

\_\_\_\_\_. Emílio Willems e a invenção do teuto-brasileiro, entre a aculturação e a assimilação (1940-1946). **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 46, p. 189-201.

VOLKAN, Vamik. Politik und Psyche. **Deutschland**, Frankfurt am Main, Nr. 5, Okt./Nov. 2004, p. 11.

WAIBEL, Leo. **Capítulos de geografia tropical e do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958

WEBER, Max. **Economia e sociedade, v. I**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. 422 p.

WEBER, Roswithia. **Mosaico identitário**: história, identidade e turismo nos municípios da Rota Romântica – RS. 310 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10242/000591383.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 05 maio 2011.

WIEGELS, Rainer. Wo siegt Arminius? **GEOEPOCHE**, Hamburg, n. 34, p. 46-48, Jan. 2009. Ed. especial: Die Germanen.

WILLEMS, Emilio. **Aculturação dos alemães no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora, 1946.

\_\_\_\_\_. **Assimilação e populações marginais no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

WILLIAMS, B. F. A class act: anthropology and the race to nation across ethnic terrain. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, CA, v. 18, Oct. 1989.

WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol**: anseios políticos no contexto da imigração e da colonização alemã (Rio Grande do Sul – século XIX). 2008. 428 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

WOLFF, Cristina Scheibe; FLORES, Maria Bernadete Ramos. A Oktobertfest de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição. In: MAUCH, Claudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.).

**Os alemães no sul do Brasil:** cultura, etnicidade, história. Canoas: Ed. da Ulbra, 1994. p. 209-220.

ZETTL, Erich. **Deutschland in Geschichte und Gegenwart:** ein Überblick. Ismaning: Max Hueber Verlag, 1997. 160 p.

**OBRAS CONSULTADAS**

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 1996.

BRUNNER, Otto; CONZE, Werner; KOSELLECK, Reinhart. **Geschichtliche Grundbegriffe**. Stuttgart: Klett-Cotta, [s.d.]. Band 5. Reprografia.

CUNHA, Jorge Luiz da; GÄRTNER, Angelika (Org.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2003.

DER SPIEGEL. Hamburg: Spiegel Verlag, n. 51, Dez. 2008.

FERREIRA, Lucia M. A.; ORRICO, Evelyn G. D. (Org.) **Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 120 p.

FISCHER, Luis; GERTZ, René (Org.). **Nós os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.

FUNES, Eurípedes A. Mocambos dos Trombetas: memória e etnicidade: séculos XIX e XX. In: PRIORE, Mary Del; GOMES, Flávio. **Os senhores dos rios: Amazônia, margens e histórias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. p. 227-257.

GRANZOW, Klaus. **Pommern unter dem Kreuz des Südens**: Deutsche Siedler. Tübingen und Basel: Horst Erdmann Verlag, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HAUS der Geschichte: viagem pela história alemã. Disponível em: <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,2795512,00.html>> Acesso em: 3 dez. 2008.

HEERS, Jacques. **História medieval**. 4. ed. São Paulo: Difel, 1985. 381 p.

LE GOFF, Jacques. **Reflexões sobre a história**. Lisboa: Edições 70, 1993.

MAZZA, Gabriela. Nas curvas do caminho pomerano. **Ecosul Revista**, Pelotas, Concessionária Ecosul, ano 1, v. 4, p. 4-6, jul./ago. 2009.

MUYSKEN, P. Code-switching and grammatical theory. In: MILROY, Lesley; PIETER (Ed.): **One speaker, two languages: cross-disciplinary perspectives on code-switching**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 177-198.

MYERS-SCOTTON, C. Constructing the frame of intrasentential codeswitching. **Multilingua: Journal of Cross-Cultural and Interlanguage Communication**, v. 11, p. 101-127, 1992.

NICOLAZZI, Fernando. História, nação e identidade: alguns comentários. **Diálogos**, Maringá, v. 8, n. 1, p. 67-76, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006.

POMMERN: Zeitschrift für Kultur und Geschite. Lübeck-Travemünde: Pommersche Landsmannschaft, 1963-

PÔRTO JR., Gilson (Org.). **História do tempo presente**. Bauru: Edusc, 2007. 358 p.

PREVITÉ-ORTON, W. **História da Idade Média**. Lisboa: Presença, 1972. 7 v.

RAFF, Diether. **Deutsche Geschichte: vom alten Reich zur zweiten Republik**. München: Hueber, 1985. 431 p.

RICHARD, Lionel. **A República de Weimar: 1919:1933**. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1988.

RÖMHILD, Regina. **Multi-, Trans- und Inter... Was ist eigentlich kultur?**. Disponível em:<<http://www.tudarmstadt.de/wusgermany/stube/seminare/bericht/RoemhildReferat.htm>>. Acesso em: 14 fev. 2006.



SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. **Mana - Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 95-131, 1997.

\_\_\_\_\_. Estudo sobre a reelaboração e segmentação da identidade étnica. **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 2, n. 13, p. 9-37, 2002.

\_\_\_\_\_. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. **Mana - Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 1999.

\_\_\_\_\_. Etnicidade e cidadania: algumas considerações sobre bases étnicas de mobilização política. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, v. 42, p. 1-16, 1983.

\_\_\_\_\_. Identidade, território, pertencimento. **Psicologia e Práticas Sociais**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 57-72, 1995.

\_\_\_\_\_. As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional. **Horizontes Antropológicos**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 143-176, 2000.

\_\_\_\_\_. Imigração, colonização e identidade étnica: notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem européia no sul do Brasil. **Revista de Antropologia**, v. 29, p. 57-71, 1987.

\_\_\_\_\_. Imigração e colonização alemã no Brasil: uma revisão da bibliografia. **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**, 25, p. 3-55, 1988.

\_\_\_\_\_. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora da UnB, 1990.

\_\_\_\_\_. **Nacionalismo e identidade étnica**: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. 1976. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOUSA, Celeste Ribeiro de. **Literatura brasileira de expressão alemã**: projeto de pesquisa coletiva. Disponível em : <[http://www.martiusstaden.org.br/Rellibra/plano\\_geral.asp](http://www.martiusstaden.org.br/Rellibra/plano_geral.asp)>. Acesso em: 22 jun. 2008.

VIEIRA, Jarbas Santos. **Qualidade total e trabalho docente**: um ensaio sobre o problema da identidade. Porto Alegre: [s. n.], 1997. Mimeografado.

VILA Pavão, o município mais pomerando do Norte do Espírito Santo. Disponível em:  
<[http://www.vilapavao.es.gov.br/banco\\_noticias/materia\\_municipio\\_pomerano.htm](http://www.vilapavao.es.gov.br/banco_noticias/materia_municipio_pomerano.htm)>. Acesso em: 05 maio 2008.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

WEHRMANN, Martin. **Geschichte von Pommern**: Deutsche Landesgeschichten. [S. l.]: Weidrich Verlag, 1982.

WENDEN. In: Wikipedia. Disponível em:  
<<http://de.wikipedia.org/wiki/Wenden#Ortsnamen>>. Acesso em: 09 jun 2009.

ZAHNOW, Ernst. **Pommersche Geschichte im Überblick**. Kiel: [s. n.], 1968.

## ANEXO A – PROJETO DE ENSINO DA LÍNGUA ALEMÃ



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
 PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DO SUL  
 SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTO.



### PROJETO DE ENSINO DA LÍNGUA ALEMÃ.

**ALLES GUT!**

#### **DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

PROponente: Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto.

Setor: Coordenação Pedagógica.

COORDENADORES DO PROJETO: Jacqueline Moreira Dieckmann,  
 Jorge Luiz Russo Boemeke,  
 Maristela Dutra.

#### ESCOLAS ATENDIDAS:

E.M.E.F. Castro Alves

E.M.E.F. Luis Antonio de Abreu Moraes

E.M.E.I. Raio de Sol Anexo

E.M.E.I. Recanto Feliz

E.M.E.I. Bem-me-quer Anexo

NÚMERO DE ALUNOS ATENDIDOS: 192

TURMAS ATENDIDAS: Jardim B, 1º e 2º anos

NÚMERO DE TURMAS ATENDIDAS: 12 turmas

CARGA HORÁRIA: 20 horas semanais

HORA AULA POR TURMA: 45 minutos semanais

PROFESSOR MINISTRANTE: Gisela Wienke Wachholz

DURAÇÃO DO PROJETO: abril a dezembro de 2008

As atividades do projeto serão realizadas de abril a dezembro de 2008 e atenderão 192 alunos em quatro escolas da zona urbana. Salienta-se que o ensino de Língua Alemã já faz parte do currículo dos anos finais de três escolas do meio rural, atendendo 253 estudantes.

#### **OBJETIVO GERAL:**

Desenvolver a competência comunicativa com foco no trabalho das habilidades oral, auditiva, gráfica e visual, ou seja, pretende-se que o aluno seja capaz de falar, ouvir, escrever, ler e compreender a língua alemã, bem como valorizar a cultura e a história da comunidade lourenciana.

#### **METODOLOGIA:**

O projeto pretende que o método de aprendizagem seja centrado no aluno, não só em termos de conteúdo, mas também de técnicas usadas em sala de aula. O professor exercerá o papel de facilitador da aprendizagem, visando trabalhar com aspectos afetivos e cognitivos, demonstrando interesse nos anseios dos alunos, encorajando-os a participação e acatando as sugestões.

No método a ser desenvolvido não existe ordem de preferência na apresentação das habilidades (ouvir, falar, ler, escrever e compreender) nem restrições quanto ao uso da língua materna. As habilidades serão trabalhadas de modo integrado, mas dependendo dos objetivos poderá haver concentração em uma só.

A metodologia utilizada nesse projeto pretende trabalhar com noções da organização do sentido das idéias, serão atividades voltadas à comunicação e situações de comunicação real, sendo interativas e adequadas à faixa etária dos alunos atendidos.

A aprendizagem da língua alemã não pode ser reduzida a um exercício intelectual de aprendizagem de formas e estruturas lingüísticas em um código diferente, mas precisa ser compreendida como experiência de vida, pois ela amplia as possibilidades de agir discursivamente no mundo.

#### **OPERACIONALIZAÇÃO:**

- disponibilizar um professor com carga horária de 20 horas/aula para ministrar as oficinas;

### JUSTIFICATIVA:

O município de São Lourenço do Sul apresenta como limites geográficos ao leste a Laguna dos Patos; a oeste o município de Canguçu; ao norte os municípios de Camaquã e Cristal ao sul Turmuçu e Pelotas.


Historicamente há duas realidades bastante definidas, uma da várzea e outra das terras dobradas da Serra dos Tapes, uma dos pequenos agricultores e outra dos pecuaristas e plantadores em extensão, uma colonial e outra dos grandes vazios de terra. O elemento étnico pomerano, germânico, afro-brasileiro e o descendente de portugueses constituem primordialmente a formação étnica da comunidade lourenciana.

O crescimento da colônia germânica, notadamente de elementos da etnia pomerana, em São Lourenço do Sul foi notável, destacando-se como a primeira entre as colônias agrícolas do país, apesar de ser a mais isolada e meridional de todas, obteve sucesso numa grande variedade de produtos típicos da pequena propriedade de origem européia no sul do Brasil.

A integração e a inclusão de todos os cidadãos do Município se torna um dos maiores desafios para o aprimoramento das atividades educacionais e culturais. A forte presença da etnia alemã-pomerana e as comemorações alusivas ao Sesquicentenário dessa imigração trazem a necessidade de fomentar a valorização de atividades que fortaleçam o estudo da cultura e da língua alemã.

Em vista disso, o ensino da língua alemã permite aos alunos entrarem em contato com outras culturas, com modos diferentes de ver e interpretar a realidade. Ele exerce um papel formativo semelhante às outras disciplinas e colabora para que os alunos desenvolvam uma consciência crítica sobre a sua própria cultura, numa concepção mais abrangente de aprendizagem como interação, entendimento e compreensão entre dois ou mais povos.

O projeto de ensino de Língua Alemã da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto para as turmas de Jardim B, 1º e 2º anos do Ensino Fundamental tem por finalidade atuar para despertar nas crianças a curiosidade acerca da aquisição de uma língua estrangeira. A escolha da Língua Alemã se deu em função dos Projetos Conhecer-Memória (Casa de Cultura) e Cidadão Consciente (Coordenação Pedagógica) os quais abordam a valorização da cultura local e o resgate da história da comunidade lourenciana, bem como a formação para a cidadania de nossos alunos.



- atender 165 alunos do Jardim B, 1º e 2º anos do Ensino Fundamental de quatro escolas urbanas;

- ministrar 1 hora aula de 45 minutos semanais em cada turma;
- realizar reuniões periódicas para avaliação do projeto;
- disponibilizar material necessário para a realização das aulas;
- acompanhar o cumprimento das ações do projeto.

#### **AVALIAÇÃO:**

O Projeto de Ensino de Língua Alemã será avaliado através de reuniões periódicas entre coordenadores, professora e escolas. A professora responsável pelo projeto também realizará a montagem de relatórios e portfólios, sendo considerado satisfatório se a maioria dos alunos envolvidos no projeto for capaz de desenvolver competência comunicativa dentro do nível de sua faixa etária e apresentar envolvimento efetivo com as tarefas desenvolvidas.

## **ANEXO B – PROJETOS DO GOVERNO MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DO SUL**



**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DO SUL  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTO  
CASA DE CULTURA**

### **ACÇÕES CULTURAIS**

#### **PROJETO CONHECER**

##### **OBJETIVO**

Percebe-se na população lourenciana uma grande desinformação a respeito de sua formação histórica e dos reflexos sociológicos e antropológicos que resultaram desta gênese histórica.

Existe uma completa falta de visão holística sobre o processo histórico que veio a gerar cultura de São Lourenço do Sul, compreendendo nela suas tradições, usos, costumes e modo de pensar. O lourenciano, via de regra, tem uma visão segmentada do processo histórico, observando-o sob o prisma de manifestações, que lhe são próximas, onde pode para alguns predominar a idéia de que a história se resume ao mundo campeiro, ao mundo do imigrante alemão ou ao mundo do pescador e marinheiro, conforme, repetimos o ângulo de visão de cada um e de sua aproximação com cada uma dessas linhas históricas.

A ausência de unicidade do contexto histórico na formação escolar, aliada à aculturação que sofrem nossos jovens e adultos, devido aos meios de comunicação de massa, invariavelmente globalizantes, levam à conclusão pueril, de que a história lourenciana é de menor importância, que os fatos acontecidos durante quase dois séculos neste município não são relevantes, e, enfim, que a "verdadeira história é a de outras terras", o que contribui significativamente para o sentimento de baixa auto-estima, comumente observável na comunidade.

Esta falta de valor por sua história – fruto do desconhecimento – ajuda a formar na psique coletiva, a idéia canhestra de que nada dará certo em São Lourenço do Sul, o que solapa importantes empreendimentos de ordem pública ou privada.

Quando de sua formação histórica, a vila portuária de São Lourenço do Sul e a Colônia de São Lourenço na Serra dos Tapes eram um eixo único, cujas pontas estava apoiadas no porto e a outra nas terras altas do Município. Eram

dois braços a erguer o município, um colono, o outro marinheiro. Um lavrava a terra, o outro lavrava as ondas. Havia notável aproximação entre ambos.

A falta de cultivo desta ligação fragmentou este eixo, praticamente rompendo a histórica ligação da cidade e da colônia, que era única, fazendo com que habitantes do mesmo Município, fossem ficando culturalmente separados e desta forma desintegrando-se a unidade que existia, unidade que levou a criação do Município.

Este abandono, esta quase ruptura, gerou no espírito lourenciano, uma idéia de desligamento, de exacerbado individualismo, e, sobretudo a ausência de pertencimento a sua própria terra. Passou a imaginar que aquilo que não estivesse no seu círculo próximo era estranho, por conseguinte fora da história lourenciana, quando na realidade, ela é única, resultado da amálgama de culturas de etnias diversas e formas de trabalho diferentes.

Nenhum governo poderá ser bem sucedido, se não promover a integração de todo o povo lourenciano e despertar nele a noção de pertencimento. Do contrário, para exemplificar, qualquer ação feita na colônia será olhada com desinteresse pelo cidadão e vice-versa. O caminho é integrar pelo conhecimento histórico, única forma de acordar o lourenciano para sua realidade, pois São Lourenço do Sul tem um arcabouço histórico fascinante, especialmente pelo cosmopolitismo que uma terra de marinheiros e imigrantes produziram.

## MÉTODO DE APLICAÇÃO

**FASE IMEDIATA:** É imperativo o envolvimento de todo o governo no processo de conhecimento histórico, incluindo-se aí secretários municipais, assessores, professores municipais e corpo discente.

A idéia é promover uma série de palestras pelo assessor de Cultura sobre a formação histórica dirigida ao público acima, o que poderá ser feita em etapas, transformando a todos em agentes de formação de opinião. Outrossim, a medida que este conhecimento for sendo assimilado, nenhuma ação governamental será considerada estranha, pois elas estarão sendo feitas dentro do caudal histórico, portanto, vocacionadas ao atendimento dos desejos de um povo multi-étnico.

As palestras poderão ser agendadas de acordo com as possibilidades das secretarias, especialmente da educação, a quem caberá a ação de maior amplitude.

**FASE IMEDIATA:** Concluído o trabalho de conferências, deverá se passar para o estágio das visitas *in loco*. Nesta fase, somente o corpo discente será alvo do projeto, o qual se aplicará a partir da terceira série (Nos anos



posteriores ao primeiro ano de aplicação do projeto, somente os alunos da terceira série participarão).

**Nesta fase haverá o intercâmbio por turmas; os alunos da cidade irão conhecer o interior do Município, e os do interior, a cidade.**

O que se pretende é que paulatinamente, turmas de alunos venham da colônia e conheçam como vive o pescador, como ele pesca, como conserva o pescado, quais seus equipamentos, como se constrói um barco, enfim, terão oportunidade de conhecerem por si mesmos através dessas visitas uma parte do município, que de outra maneira jamais viriam a saber, se não for pelo contato direto. Agregada a essas visitas, que deverão consumir um dia, é importante que haja oficinas de meio ambiente, para que seja reforçada a idéia de preservação do meio aquático. Também, poderão conhecer elementos da cultura afro-brasileira existente na cidade, como a música e a capoeira e dos elementos da cultura nativista e campeira, tais como a música, a dança e atividades ligadas ao gado.

De outra banda, os alunos da cidade visitarão a zona colonial. Conhecerão a vida do colono, como ele planta, como colhe, como conserva os seus produtos. Irão vivenciar atividades como a preparação da terra, tipos de lavouras, o cuidado com os animais, as técnicas de plantio e também conhecer todas as atividades que se relacionam ao trabalho rural. Igualmente na zona colonial, deverão haver oficinas de meio ambiente, onde permitam a participação dos alunos no conhecimento do que é feito para preservar as matas, a pureza do que é plantado, a conservação das nascentes e assim por diante. Ainda na Colônia, poderão ouvir a execução de cantos feitos por corais, conhecer o artesanato local e outras manifestações da cultura germânica, notadamente, a pomerana, que ainda estejam preservadas.

### ÓRGÃOS DE APOIO

Certamente, que além dos serviços do governo municipal como transporte e alimentação, deverá haver o envolvimento de parceiros não-governamentais, no caso da cidade, a Colônia de Pescadores Z-8, dos estaleiros locais, do Movimento Ambientalista Verdenovo, de cultura negra e cultura nativista, e no interior, preferencialmente COOPAR, por sua abrangência na colônia e suas bem sucedidas ações cooperativistas junto ao produtor familiar. Também, lá integrarão o projeto as sociedades de canto existentes e demais entidades que lidem com a cultura germânica.

### CONCLUSÃO

Este tipo de ação cultural é inédita em São Lourenço do Sul. Sua aplicação a contento reverterá numa maior ligação de todos os envolvidos com São Lourenço do Sul por inteiro. Cada participante adquirirá uma visão mais real e integral de sua própria terra. De outro, iniciar-se-á o verdadeiro processo

de integração de todos os munícipes, pois o conhecimento é libertador. À medida que aumenta o grau de conhecimento de um povo sobre sua gênese histórica e sua realidade, dissipam-se as desconfianças, os preconceitos e os receios, o que certamente aumentará não somente a auto-estima do povo, mas irá capacitá-lo a desenvolver sua criatividade e potencialidade a partir do que conhecer e assimilar. Em resumo, é o que diz o antigo adágio: "Somente se ama, aquilo que se conhece".

**OBSERVAÇÃO:** O projeto acima é flexível, no sentido de que poderá ser enriquecido com contribuições à execução do objetivo proposto, da mesma forma, que é bastante elástico para acomodar questões de logística, eventualmente, surgidas no momento de colocá-lo em operação.

Formulador: Jairo Scholl Costa. Coordenador de Cultura



**PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DO SUL**  
Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto  
Casa de Cultura



*Projeto: MusicArte*  
*Canto/Coral Nas Escolas*



## **I. JUSTIFICATIVA**

São Lourenço do Sul desmembrou-se de Pelotas em 1884 - em 1938 elevou-se à condição de cidade, hoje, uma população em torno de 46.000 habitantes distribui-se proporcionalmente entre zona rural e zona urbana formada pelo distrito sede e mais sete distritos.

A história de São Lourenço do Sul divide-se em dois grandes grupos humanos, os da planície e os da serra. Nas terras baixas que margeiam a Laguna dos Patos desde os primórdios da ocupação portuguesa nessas terras, através de datas e sesmarias, temos registrada a presença do índio, do luso-brasileiro e do afro-brasileiro, esses últimos dois grupos ligados a exploração pecuária que era a atividade predominante nas terras baixas. Na Serra dos Tapes, as matas fechadas tornaram essa região intransponível até 1858, quando para lá se dirigiram as levas de imigrantes germânicos, notadamente pomeranos que as desbravaram para o estabelecimento das colônias, nasceu assim à vila portuária de São Lourenço, às margens do rio do mesmo nome, local por onde escoava a exportação de produtos coloniais e se travaram os contatos entre os grupos acima citados.

Sabendo-se que a Escola é o grande palco do aprendizado, é imprescindível que façamos desta um núcleo comum para transformá-la em um ambiente de crescimento humano e profissional, fazer da Escola o lugar para unir educação, cultura e arte é o desafio que nos propomos. Em tempos de educação sem responsabilidade, arte descartável, e culturas regionais sendo exterminadas pela globalização, acreditamos ser isto possível e não utópico, mas, para a concretização deste projeto é imperioso que a comunidade escolar e a sociedade de modo geral, se unam em torno de um resgate étnico, cultural e social de valores musicais como, o encontrado no CANTO/CORAL, herança esta trazida por povos que contribuíram para a formação e desenvolvimento de nosso município, através de várias gerações, justifica-se assim o presente projeto.

O CANTO/CORAL é um dos mais importantes elementos da cultura germânica, desde a sua origem na terra pátria, através das SÄNGERVEREIN, pois os corais sempre representaram o espírito musical das comunidades. A Alemanha é uma terra de músicos e cantores, mas somente assim o é, porque existe uma infra-



**PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DO SUL**  
Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto  
Casa de Cultura



estrutura musical comunitária formada por pessoas dos mais diferentes estratos sociais e econômicos, portanto, não é incomum que num ambiente de valorização da música como elemento preponderante da cultura comunitária, venham a emergir verdadeiros expoentes e virtuosos, como um Brahms, um Beethoven, um Bach, um Litz ou um Mozart.

De modo que comunidades que preservem o CANTO/CORAL, como no caso lourenciano, corais formados, em sua maioria, por grupos de cantores oriundos do meio agrícola, é uma garantia de que haja uma permanente formação musical popular, de cujo manancial sempre verterão valores na arte musical seja nas canções ou nos instrumentos, circunstância verdadeiramente enriquecedora da cultura de São Lourenço do Sul.

Apoiar, incentivar e investir nos grupos de CANTO/CORAL, é ação que não pode ser desdenhada, uma vez que a existência desses grupos, não somente refletem uma herança Cultural imigratória, mas é fator dinamizador da cultura popular de São Lourenço do Sul, onde se percebe a diferenciação de nosso povo, cultuador da música e das artes, que é um dos estágios mais elevados de evolução de uma civilização, sem mencionarmos que a cada momento poderão destacar-se individualmente em nosso meio valores musicais cujo renome será inevitavelmente ligado ao nome do município de São Lourenço do Sul.

É interessante ressaltar que grupos musicais e de cantores atuam como fatores de harmonização social, diminuindo diferenças coletivas e individuais, e, ainda desenvolvendo as potencialidades artísticas intrínsecas no ser humano. Vale lembrar o célebre adágio do poeta Schiller que dizia: " Podemos ficar a vontade entre aqueles que gostam de música e de canto, porque os maus não sabem cantar".



**PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DO SUL**  
Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto  
Casa de Cultura



## II. OBJETIVOS

- Proporcionar uma inclusão social, onde crianças e adolescentes da comunidade escolar, bem como seus familiares, poderão participar de grupos CANTO/CORAL.
- Organizar oficinas de Canto, desenvolvidas por pessoas com conhecimento para recuperar e preservar uma herança cultural, encontrada na música trazidas pelos nossos colonizadores e imigrantes.
- Estimular a criança para que ela adquira o interesse pela música.
- Valorizar a expressão dos sentimentos e emoções, desenvolvendo a auto-estima.
- Organizar oficinas de canto, desenvolvidas por profissionais capacitados, para recuperar e preservar traços culturais, encontrados na música trazida pelos nossos colonizadores e imigrantes.
- Enfatizar o papel fundamental da música nas suas vertentes étnica, folclórica, clássica, contemporânea que visem representar a expressão da alma lourenciana, objetivando a formação de novos corais e ou incorporando aos grupos já existentes.
- Organizar apresentações de Corais em diferentes espaços, proporcionando assim um intercâmbio cultural.



### **III. DETALHAMENTO DA AÇÃO**

- O presente projeto será desenvolvido nas Dez Escolas Pólo da Rede Municipal de Ensino.
- As oficinas ocorrerão duas vezes por semana, em turno inverso, totalizando uma carga horária de quatro horas semanais por grupo.
- Os oficinairos deverão ser pessoas com conhecimento e identificadas com o trabalho e o grupo de atuação.
- O presente projeto vincula-se a SMECD e para ser realizado a contento, é indispensável que haja trabalho em equipe, sintonia entre os oficinairos e os grupos.
- O presente projeto estará sob a responsabilidade de um Coordenador Geral, com formação acadêmica.
- Para o bom andamento do mesmo, os oficinairos terão que ter o comprometimento de: ler música e conhecer partitura, conhecer a teoria solvejo e história da música.
- Está a cargo da coordenação geral que todos os grupos desenvolvam na primeira fase do projeto o aprendizado dos Hinos do Município, Riograndense, Nacional e da Independência.

\* Em anexo encontra-se o quadro resumo.



**PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DO SUL**  
Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto  
Casa de Cultura



#### **IV. RECURSOS**

##### **1. HUMANOS**

**1.1** Oficineiros: SMECD – 48 horas

**1.2** Público Alvo: 440 alunos

Obs.: 10% das vagas poderá ser destinada a ex- alunos.

##### **2. FINANCEIROS**

- Será gasto com uniformes o valor de R\$ 8.000,00 (oito mil reais), verba da SMECD.
- Os oficineiros que fazem parte do quadro de recursos humanos da SMECD, desempenharão as funções dentro de suas cargas de trabalho, cujos custos não constam no referido projeto.
- Os oficineiros que não fazem parte do quadro de recursos da SMECD serão contratados pela mesma.





**PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DO SUL**  
Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto  
Casa de Cultura



## **V. CONCLUSÃO**

Nosso trabalho está voltado à valorização da cultura de Canto/Coral de nosso município e a projetos isolados existentes nas escolas.

Desta forma reuniremos, em um único projeto, visando ao desenvolvimento da coletividade e a socialização de nossas crianças e jovens desenvolvendo nestes a veia poética, cultural e musical que faz parte da alma lourenciana.



**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**  
**PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DO SUL**  
**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTE**  
**CASA DE CULTURA**

## **Projeto MusicArte**

### **Apresentação:**

Cultura, lazer e educação são alguns dos direitos resguardados pela Constituição a todo cidadão brasileiro. No entanto nem todos usufruem desta prerrogativa, assistindo manifestações artísticas e/ou culturais passivamente. Outros tantos querem inserir-se no processo, mas lhe faltam os meios. Neste sentido, o presente Projeto visa oportunizar ao cidadão a inserção neste processo em que a arte leva a (re) descobrir valores, formas, caminhos de expressar suas alegrias, tristezas, buscas, descontentamentos, decepções através de suas mais variadas formas de manifestação.

### **Objetivos:**

Montar uma escola de música para, termos o elemento humano pronto para atuar na Banda Municipal (já existente) e no Coral Municipal (a ser formado), com análise, interpretação, sensibilidade, execução e técnica direcionando cada elemento para sua vertente musical. Demonstrar os caracteres religiosos das diversas comunidades que deram suas contribuições para o desenvolvimento social e cultural e exerceram papel preponderante na preservação da cultura local e regional.

Organizar oficinas de línguas através de professores da rede e voluntários para recuperar e preservar as diversas formas de linguagem utilizadas pelos colonizadores e imigrantes.

Organizar, montar e direcionar oficinas diversas de artesanato (madeira, couro, palha de milho, papel, ossos de peixes, barbatanas, escamas, macramé, palha,...), voltadas para preparar pessoas de todos os segmentos da sociedade, que estejam interessadas e empenhadas em utilizar-se deste aprendizado, para renda própria e/ou de cooperativas, preservando costumes de nossos antepassados e incentivando o intercâmbio cultural, contribuindo com a geração de renda.

Aproveitar o banco de dados que será formado através do Projeto Memória e direcionar as oficinas de artesanato para atividades de cunho local, contribuindo desta forma para o resgate da identidade, elevando a auto estima da comunidade.

Enfatizar o papel fundamental da dança, nas suas vertentes étnica, folclórica, clássica, contemporânea, que visem representar a expressão da alma lourenciana, objetivando a formação de um corpo de baile e incorporando os grupos já existentes.

Proporcionar aos artistas locais e pessoas da comunidade que possuem potencialidade artística, a oportunidade de se agruparem, organizando companhias que explorem as mais diversas artes: literatura, declamação, teatro...

Organizar exposições de artes, apresentando artistas que estão sendo preparados pelas oficinas, apoiados por artistas plásticos.

Oportunizar o conhecimento do espaço vivenciado como resultado do trabalho de diversas sociedades, para através destas explicar os atuais sistemas econômicos, sociais e culturais.

#### **Justificativa:**

A educação formal da maneira que foi proposta até pouco tempo atrás, não oferecia atrativos e garantia a presença do indivíduo na escola, tornando-o um receptor de conhecimento.

A globalização e a informatização permitem hoje que busquemos nosso conhecimento nos mais diversificados canais, afastando o aluno da escola formal.

A cultura global está extinguindo as culturas regionais, a informação massificada faz com que o indivíduo se afaste de seus valores pessoais.

A escola precisa exercer o papel que lhe compete, oportunizando ao aluno e seus familiares este aprendizado conjunto.

#### **Métodos de aplicação:**

A partir da rede escolar do município se dará a ação do projeto em suas variantes. Os professores de Arte, Geografia, Literatura, História, Português e os professores do Currículo por Atividades poderão integrar-se ao mesmo. Adaptação e a forma de executa-lo em cada escola será definido pela Supervisão e Direção, a partir de orientações prévias dadas pela supervisão Pedagógica da SMECD e da Casa de Cultura, através de sua Coordenação.

Os valores das etnias que participaram da colonização, povoamento e desenvolvimento deste Município deverão ser resgatados através deste envolvimento que ocorrerá num primeiro momento na comunidade escolar e envolverá toda a comunidade.

- \* A Secretaria de Educação, Cultura e desporto, juntamente com a Casa de Cultura conduzirá o Projeto.
- \* As Escolas da Rede Municipal ficam responsáveis em executar as diversas etapas do mesmo.
- \* A conclusão do mesmo se dará em data pré-estabelecida (dezembro/2005) em uma grande mostra cultural.
- \* Local: Galpão Crioulo.

#### **Necessitamos:**

- \* De uma entidade apoiadora que possa acreditar e financiar nosso projeto.
- \* Um professor de Educação Física com formação em dança.
- \* Um auxiliar administrativo.
- \* Reestruturação do espaço de que dispomos atualmente.

Jairo Scholl Costa  
Assessor de Cultura



**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DO SUL  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO  
CASA DE CULTURA**

O projeto conhecer através de palestras será apresentado à rede escolar do município e na seqüência a municipalidade no seu todo, a partir do interesse desta. As palestras serão agendadas, conforme forem sendo solicitadas pelas associações de bairros e organizações em geral, com o objetivo de informar a todos sobre as verdadeiras vertentes históricas do município.

Na rede escolar o objetivo difere pois estas têm por finalidade lançar os alicerces para o Projeto Memória e o Projeto Arte na Vida.

## **PROJETO MEMÓRIA**

### **Apresentação:**

Sabendo-se que a escola é o grande palco do aprendizado é imprescindível que façamos desta um núcleo comum para transformá-la em um ambiente de crescimento humano e profissional. Fazer da escola o grande palco para unir educação, cultura e arte é o desafio que propomos. Em tempos de educação sem responsabilidade, arte descartável e culturas regionais sendo exterminadas pela globalização, acreditamos ser isto possível e não utópico. Mas para a concretização destes projetos é imperioso que a comunidade escolar e a sociedade de modo geral se unam em torno de um resgate étnico, cultural e social de valores hoje tão esquecidos.

### **Objetivos:**

Projeto Memória- Visa reconstituir a história deste município que tanto contribui para o desenvolvimento do estado riograndense através de vultos eminentes e da contribuição de diversas etnias formadoras deste rincão assim como de quase toda a região.

Reescrever a história através de relatos de pessoas da comunidade ( pesquisa de campo, história oral).

Buscar as origens de cada família através de pesquisa e montagem da árvore genealógica.

Montar o museu fotográfico a partir de fotos das famílias que formaram a sociedade lourenciana.

Ampliar e reorganizar o acervo do Museu Histórico Municipal.

Reeditar os símbolos do município (bandeira, brasão);

Montar e organizar o Museu da localidade da Boa Vista, cujas peças foram recolhidas pela comunidade;

Montar e organizar a Biblioteca Comunitária da localidade da Boa Vista. (Projeto Anexo).

Juntar os diversos elementos que formaram a nossa diversificada gastronomia, valorizando a contribuição de todas as correntes migratórias.

Mostrar que o conceito de lugar está ligado a pessoas e coisas que marcaram nossa trajetória, antes mesmo de chegarmos a ele, e que é uma consequência da constante transformação que sofre o espaço geográfico pela ação da sociedade.

#### **Justificativa:**

A história de São Lourenço do Sul divide-se em dois grandes grupos humanos, os da planície e da serra. Nas terras baixas que margeiam a Laguna dos Patos desde os primórdios da ocupação portuguesa nessas terras, através de datas e sesmarias, temos registrado a presença do índio, do luso-brasileiro e do afro-brasileiro, esse últimos dois grupos ligados à exploração pecuária que era a atividade dominante nas terras baixas. Na Serra dos Tapes, as matas fechadas tornaram essa região intransponível até 1858, quando para lá se dirigiram as levadas de imigrantes germânicos, notadamente pomeranos que as desbravaram, para estabelecimentos de colônias.

Posteriormente com o desenvolvimento dessas colônias nasceu a vila portuária São Lourenço, às margens do rio o mesmo nome, local por onde escoava a exportação de produtos coloniais e se travaram os contatos entre os grupos acima citados.

#### **Métodos de aplicação:**

A partir da Rede Escolar do Município se dará a ação do Projeto em suas variantes. Os professores de Artes, Geografia, Literatura, História, Português e os professores de Currículo por Atividades, poderão integrar-se ao mesmo. A adaptação e a forma de executá-lo em cada escola será definida pela Supervisão e Direção, a partir de orientações prévias dadas pela Supervisão Pedagógica da SMECD e da Casa de Cultura, através de sua coordenação.

As etnias que participaram da colonização, povoamento e desenvolvimento deste município deverão ser resgatadas através deste envolvimento que ocorrerá num primeiro momento na comunidade escolar e envolverá toda a comunidade, pois a busca pela identidade cultural de um povo mexe com valores, ajuda a resgatar a auto-estima, conduz à releitura da vida e traz um acréscimo ao conhecimento de cada um e do todo.

**Oferecemos:**

- Toda a estrutura da Rede Escolar.
- Material humano.
- Unidade Móvel Cultural.
- Palestras e Esclarecimentos a partir de contatos feitos com Assessor de Cultura, Eventos e Pesquisa.
- A Estrutura e o Acervo da Biblioteca Pública Municipal e do Museu Histórico Municipal.

**Pedidos:**

- Assessoramento para reorganizar e recadastrar o Museu Histórico Municipal.
- Assessoramento para organizar e instalar o Museu da Imigração na localidade de Boa Vista.
- Assessoramento para instalar e organizar a Biblioteca Comunitária na localidade de Boa Vista.
- Material de apoio para imprimir fotografias que serão recolhidas através de contatos com pessoas da comunidade.
- Apoio para impressão de material relativo aos relatos de história oral.

Jairo School Costa  
Assessor de Cultura

## ANEXO C – A MENSAGEM DO PREFEITO MUNICIPAL, A AGENDA CUMPRIDA E OS RESULTADOS OBTIDOS NA VIAGEM À ALEMANHA (2007)



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DO SUL  
SECRETARIA ESPECIAL DE GABINETE



### **ENTREVISTA COLETIVA**

O Departamento de Comunicação da Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul tem a satisfação de apresentar **ENTREVISTA COLETIVA** sobre os resultados obtidos na viagem realizada à Alemanha, pelo prefeito José Nunes e comitiva, entre os dias 30 e agosto de 11 de setembro de 2007, visando o intercâmbio cultural, econômico e na área de projetos nos 150 anos da chegada de alemães e pomeranos em São Lourenço do Sul.

**Data: 14 de setembro de 2007 (sexta-feira)**

**Horário: 14h**

**Local: Gabinete do Prefeito (Rua Alfredo Born, 202)**

Mais informações podem ser obtidas pelo telefone 53-3251-3002, ramal 208.

### **MENSAGEM DO PREFEITO MUNICIPAL JOSÉ NUNES**

*"O resultado desta viagem de intercâmbio superou nossas expectativas, tanto no aspecto de cooperação internacional, como nas tratativas de projetos de desenvolvimento tecnológico, econômico e turístico. Mas o que mais nos chama a atenção e emocionou a nós e aos alemães e pomeranos, foi a aproximação do povo de São Lourenço do Sul com suas verdadeiras origens. Sentimo-nos orgulhosos de, depois de 150 anos da chegada deste povo, estabelecermos estes vínculos frateros com nossa história mais autêntica".*

### **PARTICIPANTES DA COMITIVA**

Prefeito Municipal de São Lourenço do Sul - José Nunes

Secretário de Turismo, Indústria e Comércio - Zelmute Oliveira

Presidente da Associação Pró-desenvolvimento do Turismo de São Lourenço do Sul (Adetur) Cleusa Vilela

Advogado, escritor e historiador - Jairo Scholl Costa

Tradutor, arquiteto, escritor e pescador profissional - Detlef Thiel

Engenheiro elétrico Sílvio.





### **São Lourenço do Sul e Alemanha, resultados conquistados**

A comitiva de São Lourenço do Sul que percorreu a Alemanha de 30 de agosto a 11 de setembro foi autodenominada no percurso de **“Comitiva Avalanche”** pela conquista de 100% de êxito na missão.

Entre estes dias foram realizados compromissos oficiais nos seguintes locais: Wolgast, Ummannz na Ilha de Rügen, Greifswalder, Berfim, Rüdeshheim, Sponheim, Stromberg, Bad Kreuznacher, Fürth e Frankfurth.

O grupo liderado pelo Prefeito Municipal de São Lourenço do Sul José Nunes contou com as presenças do secretário municipal de Turismo, Indústria e Comércio Zelmute Oliveira; empresária e Presidente da Associação Pró-desenvolvimento do Turismo de São Lourenço do Sul – ADETUR Cleusa Vilela; advogado, escritor e historiador Jairo Scholl Costa; tradutor, arquiteto, escritor e pescador profissional Detlef Thiel; e eletrotécnico Sílvio Luís Pinho de Oliveira. A presença da Comitiva de São Lourenço do Sul na Alemanha iniciou a ser organizada há 4 meses e contou com a colaboração de diversas pessoas, as quais agradecemos formalmente, e com o apoio da Embaixada da Alemanha em Brasília e do Consulado Geral da Alemanha no Rio Grande do Sul. Na bagagem da comitiva lourenciana os seguintes materiais para apresentação e distribuição: DVD em alemão de apresentação de São Lourenço do Sul; Folder do Caminho Pomerano em alemão; Folder de São Lourenço do Sul em alemão; Folder do Sesquicentenário da Colonização Alemã e Pomerana de São Lourenço do Sul bilingüe português/alemão; CD dos Corais da UCA; DVD do 22º Repte da Canção; DVD com depoimentos sobre o Sesquicentenário da Colonização Alemã e Pomerana de São Lourenço do Sul bilingüe português/alemão; Broches de São Lourenço do Sul/Brasil; Bombas de



chimarrão São Lourenço do Sul/Brasil; Produtos farmacêuticos a base de ervas das Farmácias Nativa; Maischnap's; Convites ao Sesquicentenário da Colonização Alemã e Pomerana de São Lourenço do Sul; Power Point com imagens e apresentação de dados sobre São Lourenço do Sul; e Bandeiras de São Lourenço do Sul estendidas de forma oficial em todos os municípios visitados.

Em Wolgast participação nas comemorações dos 750 anos da cidade. O Bürgermeister (Prefeito Municipal) Jürgen Kanehl organizou a programação na região do Mecklenburg-Vorpommern – [www.wolgast.de](http://www.wolgast.de) . Imediatamente percebemos as incríveis similaridades com a nossa região e a presença de muitas famílias com os mesmos sobrenomes das nossas. Entre os **resultados conquistados**: perspectiva de elaboração de termos de cooperação entre São Lourenço do Sul e Wolgast; possibilidade de comércio para produtos farmacêuticos em Wolgast; intercâmbio com estágio para estudo de jovens de São Lourenço do Sul em Wolgast; troca de espécies de gansos com a família Holger Kliewe de Rügen – [www.bauernhof-kliewe.de](http://www.bauernhof-kliewe.de); e convite para participação de Wolgast nas comemorações do Sesquicentenário da Colonização Alemã e Pomerana de São Lourenço do Sul.

Em Berlim reunião na Embaixada do Brasil na capital da Alemanha – [www.brasembertim.de](http://www.brasembertim.de) . Os executivos Roberto Colin e Paulo Fernando Dias Feres discutiram com a comitiva de São Lourenço do Sul aspectos relacionados com a pauta de exportações entre Brasil e Alemanha e seus produtos, questões relacionadas à política interna dos dois países, apoio a participação da Costa Doce na feira de turismo de Hannover, produção de cazeínas e energia solar, cônica, etanol e biocombustíveis. Foi definida a continuidade dos contatos entre a Embaixada do Brasil em Berlim e a Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul.



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
**PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DO SUL**  
 Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio



No Hunsrück o encontro com a aldeia do colonizador Jacob Rheingantz e a aldeia do continuador João Batista Scholl. No local de onde emigraram muitas famílias e os formadores da colônia de São Lourenço. Em Rüdesheim recepção pelo Bürgermeister (Prefeito Municipal) Wolfgang Ginz acompanhado do Bürgermeister (Prefeito Municipal) de Sponheim Michael Berghof. Encontro com o notável articulador e organizador do Círculo de Amigos de São Lourenço do Sul em Sponheim Erich Schauss. Na agenda visita a plantações de uvas e vinícolas, visitas a locais históricos, câmara de vereadores, reunião com o Círculo de Amigos de São Lourenço do Sul em Sponheim e participação no ensaio da Banda de Sponheim. **Resultados conquistados:** assinatura do termo oficial de cooperação entre Sponheim e São Lourenço do Sul; confirmação da participação da Banda de Sponheim no Sesquicentenário da Colonização Alemã e Pomerana de São Lourenço do Sul na 21º Südktoberfest em outubro de 2008; possibilidade de intercâmbio para jovens lourencianos estudarem e apreenderem o conhecimento da produção de vinhos; compromisso de articulação da Associação Círculo de Amigos de Sponheim em São Lourenço do Sul. [www.vg-ruedesheim.de](http://www.vg-ruedesheim.de)

A Prefeita de Stromberg Anker Denker recebeu a Comitiva de São Lourenço do Sul acompanhada de cavaleiros medievais vestidos com peças de época. Entre os compromissos visita ao centro da cidade, lugares históricos, museus administrados pela sociedade civil, castelos, escolas, florestas e unidades de produção de energia eólica. **Resultados conquistados:** intercâmbio para o conhecimento da tecnologia de energia eólica; interesse de apresentação nas Câmaras Municipais de Stromberg e São Lourenço do Sul de termos de cooperação entre as cidades; convite a participação de Stromberg nas comemorações do Sesquicentenário da Colonização Alemã e Pomerana de São Lourenço do Sul.



Em Bad Kreuznach recepção pelo Oberbürgermeister (Prefeito Superior) Andréas Ludwig acompanhado de assessores vinculados as finanças e ao turismo Karl-Heinz Gilsdorf e Dr. Michael Vesper – [www.bad-kreuznach-tourist.de](http://www.bad-kreuznach-tourist.de). Na agenda visita ao centro histórico do município e participação no torneio de cutucadão dos pescadores. **Resultados conquistados:** discussão sobre a formalização de cooperação entre Bad Kreuznach e São Lourenço do Sul; compromisso de Bad Kreuznach na divulgação de São Lourenço do Sul na região com a proposta de que São Lourenço do Sul se credencie como porta de entrada de alemães no Brasil e na América do Sul; convite para participação de Bad Kreuznach no Sesquicentenário da Colonização Alemã e Pomerana de São Lourenço do Sul.

Na cidade de Fürth recepção oficial do Bürgermeister (Prefeito Municipal) Dr. Thomas Jung acompanhado do secretário de meio ambiente, diplomata Johann Gerdenitsch, secretária de turismo Renate Schneider e chefe de gabinete Angelika Schäff – [www.fuerth.de](http://www.fuerth.de) entre os compromissos em Fürth visita a piscicultura no Die Fischerei – [www.fischerei-oberle.de](http://www.fischerei-oberle.de) a indústria de energia solar IBA – [www.iba-ag.com](http://www.iba-ag.com) com recepção de seu proprietário Horst Anhaus ao Instituto de Energia Solar SOLID – [www.solid.de](http://www.solid.de) através de seu coordenador Michael Vogtmann e a Operadora Westphal Touristik com a proprietária Annemarie Westphal para promoção da Costa Doce e colocação de São Lourenço do Sul como porta de entrada de alemães no Brasil e na América do Sul. **Resultados conquistados:** discussão de projeto de resfriamento através de energia solar em São Lourenço do Sul; implantação de solução ilha em local sem energia elétrica; troca de espécies de peixes Zander por peixe rei; intercâmbio no turismo; possibilidade de assinatura de termo de cooperação entre São Lourenço do Sul e Fürth; e possibilidade de estágio para jovem de São



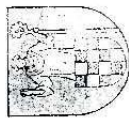
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DO SUL  
Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio



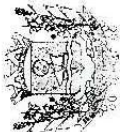
Lourenço do Sul em Fürth; convite a participação de Fürth no Sesquicentenário da Colonização Alemã e Pomerana de São Lourenço do Sul.

No dia 11 de setembro foi instalada a *“Operação Rio Grande Amado”*. O retorno para a querência. O início de uma operação de retorno para atenuar o cansaço e dissipar a saudade. Entre um encontro inusitado com neo-nazistas e as ameaças terroristas na cidade aeroportuária de Frankfurth, uma agenda consolidada com 100% de êxito que inicia a construção de uma nova história nas relações entre São Lourenço do Sul e a Alemanha. Agora, com resultados conquistados pela primeira Comitiva Oficial da história do município, damos consequência a um resgate histórico com vistas ao desenvolvimento econômico sustentável e a valorização do ser humano brasileiro e alemão, de São Lourenço do Sul e da Alemanha.

# ANEXO D – A FORMALIZAÇÃO DA PARCERIA SPONHEIM-SÃO LOURENÇO DO SUL



## Partnerschaftsurkunde



Mit dieser Urkunde dokumentieren

die Gemeinde Sponheim/Bundesrepublik Deutschland aufgrund des Beschlusses des Gemeinderats vom 28. August 2007

und  
die Stadt São Lourenço do Sul / Brasilien aufgrund des Gesetzes der Stadtverordnetenversammlung Nr. 1961 vom 6. April 1994

die Begründung partnerschaftlicher Beziehungen.

Die Verbindung von Sponheim zu São Lourenço do Sul findet ihren Ursprung in dem Wirken des aus Sponheim in den Süden Brasiliens ausgewanderten Jacob Rheingantz, der im Dezember 1856 von der kaiserlichen Regierung Brasiliens unerschlossenes Land erwarb und es zu einer Musterkolonie ausbaute.

Die Unterzeichner dieser Urkunde versprechen einander namens ihrer Beschlussgremien, die partnerschaftlichen Beziehungen und Aktivitäten der Bürger beider Gemeinden nach Kräften zu fördern.

Die Partnerschaft soll geprägt sein von einem menschlichen Miteinander und dem Willen, zum Wohle der Menschen zu wirken.

Unterzeichnet zu Sponheim am 5. September 2007

Für die Stadt São Lourenço do Sul

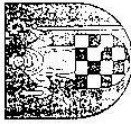
  
José Sidney Nunes de Almeida  
Bürgermeister

Für die Gemeinde Sponheim

  
Michael Berghof  
Bürgermeister



## *Através deste documento declaram*



a cidade de São Lourenço do Sul/Brasil com base no decreto-lei n.º 1961 de 6. de Abril 1884 da câmara municipal

e

o município de Sponheim/República Federal da Alemanha com base na resolução da câmara municipal do 28. de Agosto 2007  
a iniciação de relações como parceiros

A ligação entre Sponheim e São Lourenço do Sul tem sua origem na atividade do emigrante Jacob Rheingantz que imigrou para o sul do Brasil e comprou no dezembro 1856 do governo imperial do Brasil uma área de terra virgem que ele desenvolveu ao nível duma colônia exemplar. Os assinantes deste documento prometem um ao outro em nome de suas câmaras municipais de sustentar com vigor as relações entre os parceiros e as atividades das cidadãos de ambos os municípios.

A relação entre os parceiros deve ser caracterizada pela colaboração humana e a vontade de agir pelo bem das pessoas.

Assinado em Sponheim no dia 5.º de Setembro 2007

Para a cidade de São Lourenço do Sul

  
José Sidnei Nunes de Almeida  
prefeito

Para o município de Sponheim

  
Michael Bergnot  
prefeito